

Domínio dos Deuses

Lynn Bartlett



Movido por uma fúria mais forte do que a paixão, Cedric encostou o punhal no peito de Lívia, pronto para liquidar a mulher que lhe invadia os sonhos e excitava seus sentidos.

Não, não podia matá-la

Lívia agora pertencia a seu povo, um penhor de guerra que cada homem de sua tribo iria querer para si.

Digitalização: Projeto Rm

Formatação: Cyntya D.

PROJETO REVISORAS



O SONHO

A luz que se filtrava pelas folhas do carvalho sagrado caía sobre os ombros, o pescoço e o colo alvo da jovem ajoelhada junto ao arroio, envolvendo-a numa dourada opalescência.

Ela estava com os braços mergulhados na água fresca, e os luminosos reflexos de tons rosados desciam-lhe ao longo dos pulsos. Parecia distraída. Mas, quando uma corça e sua cria aproximaram-se cautelosamente da margem relvosa, estendeu impulsivamente as mãos transbordantes e deu-lhes de beber.

Depois, ao sentir o contato macio do focinho dos animais, riu com a cabeça tombada para trás e, sob a carícia do sol, seus cabelos vermelho-dourados pareceram feitos de luz.

O homem que a observava, oculto pelos ramos das árvores, descobriu uma felicidade intensa na quietude da cena deliciosa. Permaneceu imóvel, sem outro pensamento que não o de contemplar a própria beleza através daquela graciosa criatura. Depois, tomado do desejo ardente de ouvir sua voz, saiu das sombras e aproximou-se com o andar furtivo que herdara do pai.

A jovem não pressentiu sua presença até o instante em que ele mergulhou os dedos em seus cabelos cor de bronze. Voltou-se então com ar de surpresa, mas logo começou a sorrir, numa irradiação interior que subiu gradualmente a seus imensos olhos cor de ametista.

— Bretão... — disse com voz suave e melodiosa, enquanto a corça e seu filhote fugiam, assustados.

Seu rosto estava iluminado pelo sol, e ela parecia tão linda que ele mal conseguiu murmurar:

— Nobre romana... Esperei demais.

Ela se levantou, num frêmito de exaltação, e entreabriu os lábios cheios e doces como os de uma criança.

— Eu também.

Ele a puxou para si, enlaçou-a e beijou-lhe profundamente a boca, até fazê-la ofegar. Quando se separaram, os olhos dela, agora um profundo abismo azul, encontraram e prenderam os dele, num encantamento pelo qual o tempo correu, sem limites.

Cedric acordou e permaneceu por alguns minutos sob as peles de carneiro que o protegiam do ar da noite, fitando o céu cravejado de estrelas. Deuses imortais, sempre o mesmo sonho! Nunca ficaria livre do doce tormento que o afligia havia aproximadamente duas décadas?

Subitamente tenso, arremessou a pelica para o lado e levantou-se. Não haveria mais repouso naquela noite. Não para ele.

"O poderoso guerreiro deixando-se apanhar nas ciladas de um sonho!", pensou com amargura, enquanto avançava com cuidado no escuro para não pisar nos corpos de

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

seus homens adormecidos.

O cortante ar noturno clareou-lhe as idéias e esfriou os seus sentidos inflamados, precisava de uma mulher. Não de uma romana, mas de uma de sua própria tribo. Uma mulher icênia, que tomaria por esposa, como deveria ter feito anos antes, e que apaziguaria a febre de seu sangue e aliviaria seu tormento.

— Madrugou, Cedric?

A voz trouxe-o de volta à realidade. Virou-se e viu diante de si uma forma que parecia ter-se materializado das sombras.

— Onde estava, Clydach? Conversando com os seus deuses?

— São também os seus. Por que não os invoca de vez em quando e não lhes oferece dádivas?

Cedric fez um gesto de impaciência.

— Não sou um druida. Os deuses não falam comigo.

— Falam. Você é que não sabe ouvi-los — afirmou o outro. — Venha aproveitar o calor do fogo e conte-me o seu sonho.

— Que sonho? — Cedric fitou-o com ar perturbado, mas o seguiu e sentou-se a seu lado, junto à pequena fogueira.

— Esse que põe sombras em seus olhos e entristece o seu coração.

— Como é que consegue entender a alma dos homens, velho druida?

Clydach colocou a mão no ombro dele.

— Por que está tão surpreso? Você é meu filho. Carne de minha própria carne. Posso sentir quando está sofrendo.

Cedric nada disse. O velho homem jogou alguns ramos na fogueira e depois continuou:

— Meu filho é um guerreiro valente, nobre de formas e de espírito. Não compreendo por que deva temer a verdade.

— Como posso explicar-lhe se nem mesmo eu compreendo? É uma mulher. Sonho sempre com a mesma mulher, pai.

— Ela é bonita e lhe dará filhos fortes. Tenho certeza. — Cedric suspirou.

— Nunca nos encontramos, a não ser em sonhos. E, nos sonhos, ela é uma cidadã de Roma.

— Oh!...

Clydach extraiu um punhado de ervas de uma bolsa de couro e colocou-as numa taça de cobre. Levou depois o recipiente ao fogo e, quando as ervas queimaram, transformando-se em chamas vermelhas, azuis e ambarinas, ele balançou a cabeça, satisfeito.

— Faz muito tempo que ela está a seu lado, filho. Desde o momento em que você se tornou homem. Os deuses concederam-me o privilégio de assistir ao seu nascimento há dezoito anos. Mas, até agora, eu não sabia a razão de tamanha honra.

— Acho que ficarei louco, se continuar a sonhar com ela — suspirou Cedric, aceitando as palavras de seu pai sem questionar. — Eu a vi pela primeira vez em sonhos, quando tinha doze anos. A partir daí, a vi crescer e tornar-se mulher...

Ele fez uma longa pausa e depois acrescentou:

— Não é possível que ela exista, É um castigo que os deuses me infligiram porque sabem que trai o meu povo, lutando por algum tempo ao lado dos romanos.

Clydach fitou-o com olhos graves.

— Não houve traição... Isso também foi determinado pelos deuses. O que você aprendeu com os romanos será em breve usado contra eles.

— Então eles virão, velho sábio?

— Tão certo como os dias se seguem às noites. — O rosto de Cedric anuviou-se.

— Se ela for mesmo uma mulher romana, então só pode haver uma solução.

— Que solução?

— Quando os icênios se livrarem do jugo de Roma, ninguém desse povo será poupado. E se essa mulher existe, deverá morrer.

— Não! A mulher não deve morrer! — disse Clydach com súbita veemência. — Alguns romanos serão poupados e essa jovem estará entre eles.

Cedric franziu os cenhos.

— Por quê?

— Não percebeu ainda? — murmurou Clydach, ouvindo o vento perpassar por entre as folhas do carvalho. — Ela é seu destino, Cedric.

O velho homem voltou a fitar de modo absorto as chamas, e Cedric agarrou-o pelo braço.

— Diga-me o que está vendo, então! Sei que há mais do que isso!

Clydach despreendeu-se de suas mãos com brandura e levantou-se.

— Quando for o momento, meu filho. Mas, lembre-se: a destruição dela significaria também a sua. E isso é tudo o que lhe posso dizer. Resguarde o seu futuro, jovem guerreiro.

Dito isso, o velho druida levantou-se e, com um farfalhar de seu manto negro, embrenhou-se novamente nas sombras do bosque.

Cedric observou-o afastar-se com ar pensativo e então vasculhou o conteúdo da taça com seus longos dedos.

— Cinzas... Nada mais do que cinzas - murmurou com desprezo.

CAPÍTULO I

Lívia Augusta Basilius, filha mais velha do mercador Marcus Basilius, cavalgava mergulhada em cismas. As folhagens espessas do bosque de pinheiros e carvalhos que ela atravessava turbilhonavam, inclinavam-se e afastavam-se à sua passagem.

Na vila sentia-se sem defesa, mas, ali, uma força estranha apoderava-se dela e lhe dava a impressão de ser completamente livre. Um sentimento ao mesmo tempo puro e excitante que fazia seus olhos brilharem e seus lábios entreabrirem-se. Dominada por uma sensação de bem-estar, de leveza do coração, com a sua voz ecoando no silêncio do bosque, gritou:

— Livre! Estou livre!

Ofuscada por aquela emoção, estimulou o cavalo, que passou do trote para o galope. O movimento rápido fazia seus cabelos desmancharem-se à brisa carregada com o odor de pinho e seu rosto brilhar de contentamento.

Quando atingiu a clareira, puxou suavemente a rédea, para que, a agitação do animal se abrandasse aos poucos, e depois desmontou. Esticou então sensualmente os braços, deliciando-se com os primeiros raios de sol que atravessavam a densa folhagem escura. Por um instante ainda, permitiu-se saborear esse encantamento no fundo de si mesma. Subitamente, outras lembranças afloraram-lhe à mente. Seu sorriso desvaneceu-se e, suspirando, ela deixou cair os braços ao longo do corpo, sentindo-se instintivamente envergonhada de seu bem-estar.

Depois de alguns dias, iria casar-se com o nobre tribuno Lucius Quintus, e seus momentos de liberdade estariam acabados para sempre. Seu noivo era ambicioso e não fazia segredo de que o melhor meio de alcançar a glória era seguir a carreira militar. Estava pensando em voltar para Roma, onde seu pai era senador, para provar que, à diferença de outros tribunos, era também um soldado valente e um hábil condutor de homens.

Lívia angustiava-se com a idéia da nova vida que iria levar: uma vida completamente estranha a ela. Para escapar a esse futuro que não conseguia imaginar, curvou-se para apanhar algumas flores silvestres, suas preferidas.

Aceitava o amor de Lucius e esforçava-se para lhe corresponder, mas não o amava. No entanto, não era isso que a fazia perder a serenidade de espírito, mas a idéia de que, algum dia, ele a levaria para longe dessa Ilha que era o seu lar.

Diferentemente de Cláudia, sua jovem irmã, Lívia nunca fora a Roma. Nascera e se criara na Britânia, onde seus pais haviam se estabelecido para comerciar com os bretões, muitos anos antes que o imperador Claudius ordenasse o assalto fiscal para subjugar esse povo. Falava a língua britânica com a mesma facilidade com que falava a sua própria, e detestava a idéia de ir morar na Capital do império, onde tudo lhe seria pouco familiar.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Oh! Divina Juno — Invocou em voz alta. — Por que Lucius não escolheu Cláudia?

Sua irmã, que chegara recentemente de Roma, seria a esposa perfeita para o tribuno. Charmosa e tão ambiciosa quanto ele, era no entanto fútil e destituída de qualquer bondade. O ano que passara em Roma contribuíra para acentuar essas características, e Livia estremeceu diante da idéia de ter de conviver com outras jovens igualmente inescrupulosas.

Lágrimas de autopiedade umedeceram-lhe os cílios. Era, apesar de tudo, uma súdita de Roma. E, embora não fosse loira e de olhos negros como a bela Claudia, Lucius a achava encantadora. No momento, isso era suficiente. Com o tempo, aprenderia a comportar-se como ele queria.

— Saúdo-a, senhora.

Livia voltou-se com um sobressalto e ergueu os olhos para o guerreiro que chegava do bosque, como quem desperta de um sonho. Ele usava o uniforme de centurião e falava a sua língua, mas isso não ajudava a acalmar as frenéticas batidas do seu coração. E quando o viu encaminhar-se para ela, apertou as flores contra o peito, invadida por uma sensação de queda vertiginosa...

Cedric fitou o rosto pálido, uma imagem que ele conhecia e não conhecia, e sentiu-se como que ofuscado por uma luz. Seu sonho tornava-se realidade. E, como no seu sonho, ouviu-se dizer:

— Nobre romana...

Parou para estudá-la melhor, restando o ardente impulso de atraí-la para si. "Ela é seu destino". As palavras de Clydach vieram-lhe à mente, e ele contemplou a mulher que estava à sua frente com um respeito mesclado ao temor.

Ah, aquele rosto oval e diáfano, aqueles lábios feitos para beijos, aquele corpo flexível de flor! Mas eram os olhos que o fascinavam: cor de ametista como o mar dos gregos e os mais sedutores que já tinha visto até então!

O sangue pulsou em suas têmporas. Desejava torná-la nos braços, mergulhar os dedos na fofura sedosa de seus cabelos dourados e beijá-la até ouvi-la implorar por piedade.

Livia empalideceu, inesperadamente intimidada pela presença poderosa daquele homem de braços de soldado afeito ao gládio e ao escudo. Cada fibra de seu ser gritava para que ela escapasse, mas estranhamente suas pernas recusavam-se a obedecê-la.

Vendo o medo aflorar nos seus olhos imensos, ele disse:

— Não pretendia assustá-la, nobre dama. Queria apenas oferecer a minha ajuda. Está perdida?

— Oh, não! — exclamou Livia com uma veemência que fez o centurião sorrir. — Venho sempre aqui. Não é você que está perdido? Nunca encontrei ninguém nesta parte da ilha.

Cedric sorriu.

— Um soldado deve conhecer a região que está sob seus cuidados, senhora.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Meus amigos e eu costumamos vir a estes bosques para caçar javalis. Hoje, perseguindo um deles, chegamos até aqui. Para sua segurança, seria melhor que voltasse para apanhar flores outro dia, senhora...

— Lívia — disse ela, mais tranqüila. — Mas você não é romano...

A expressão de Cedric tornou-se sombria.

— Não?

— Fala muito bem a minha língua, mas com um leve sotaque.

— É muito inteligente, senhora — respondeu Cedric, com suavidade. — Na verdade, faço parte do grupo auxiliar, não da legião propriamente dita.

— Não sabia que as forças auxiliares estavam acampadas aqui. É novo na cidade?

— Cheguei há apenas dois dias.

— Estranho... Lucius não nos disse nada a esse respeito. — Lívia permaneceu pensativa por alguns momentos e então deu de ombros. O dia estava muito bonito para que ela o estragasse, pensando em Lucius. Sorrindo, fitou com seus esplêndidos olhos de ametista o homem que estava diante dela e que, subitamente, pareceu-lhe o mais belo dos homens. Mais belo mesmo do que os deuses cujas estátuas via nos frontões dos templos.

— Bem-vindo, centurião. Vai achar o patrulhamento de Venta Icenorum uma tarefa muito agradável.

Cedric sorriu.

— Faz parte de minha tarefa proteger as jovens do perigo. Não me perdoaria se o javali que estamos caçando investisse sobre sua pessoa. Permita-me que a leve para fora destes bosques.

Ela assentiu com um longo suspiro e o seguiu até onde seu cavalo pastava tranqüilamente. Mas, quando ele quis ajudá-la a montar, sacudiu a cabeça.

— Gostaria de caminhar um pouco.

— Como quiser, senhora.

Lívia puxou o cavalo pelas rédeas e penetrou na trilha que corria entre pinheiros e carvalhos de ramos nodosos, seguida pelo centurião. Involuntariamente, ela pôs-se a examiná-lo. Primeiro, fitou-lhe os pés, calçados com sandálias, depois admirou as longas pernas e os braços musculosos, cobertos por uma leve camada de pêlos claros.

"Como ele é diferente de Lucius!", pensou, sentindo uma onda de calor subir-lhe ao rosto e uma confusa sentindo uma onda de calor invadir seu corpo.

Depois, caindo em si, desviou os olhos, amedrontada. Não podia haver comparação entre um tribuno da gloriosa legião romana e um obscuro centurião estrangeiro das forças auxiliares!

Caminharam em silêncio por um longo tempo. Quando o escuro da mata ficou às suas costas e a claridade do sol brilhou em seus rostos, Cedric estacou. À distância, erguiam-se os muros de Venta Icenorum, a cidade tribal dos icemos. E ele sentia remorso de devolver aquela jovem a um lugar que logo se tornaria mais perigoso do que os bosques que acabavam de atravessar.

— Correm rumores de que haverá problemas com os icênios — advertiu-a com

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

suavidade, fitando-lhe o belo rosto. — Com a morte do rei Prasutagus, que não deixou herdeiros masculinos, César ordenou que seu povo seja levado a Roma como escravo. Atrevo-me a insinuar que a rainha Boadicea não se submeterá a tamanha humilhação.

Lívia voltou para ele os brilhantes olhos cor de ametista.

— Chegou há pouco tempo, centurião, no entanto, já está a par dos problemas que agitam Venta Icenorum...

Ele não respondeu de imediato. Parecia perdido em pensamentos.

— Receio que tenha me entendido mal, senhora. Sou um simples soldado e sei apenas o que devo ordenar a meus homens — disse por fim.

Lívia ficou em silêncio, considerando pensativamente o rosto forte e bronzeado à sua frente.

— Você fala muito bem, centurião. Acho que é mais do que um simples soldado.

Cedric abriu a boca para retrucar, mas ela o advertiu com um sorriso.

— Se quiser que eu acredite nisso, farei a sua vontade. Mas esteja certo de que algum dia saberei a verdade.

— Se os deuses assim o desejarem...

Cedric colocou as mãos na cintura dela, ergueu-a e a acomodou na sela. Mas, quando seus olhos se encontraram, ele teve que fazer força para não arrancá-la dali e levá-la para um lugar seguro dentro da floresta.

— Não vai me acompanhar? — perguntou Lívia, sem outro pensamento que não o de prolongar por mais alguns instantes aquela maravilhosa aventura.

— Não, senhora. Tenho que reunir meus homens.

Ela escondeu a sua decepção e sorriu, oferecendo-lhe algumas flores do buquê que ainda conservava nas mãos.

— Aceite-as como lembrança deste encontro. Acha que nos tornaremos a ver?

Cedric pegou as flores e reteve a mão delicada de Lívia entre as suas.

— A cidade é pequena, senhora.

Subitamente envergonhada por sua ousadia, Lívia desprendeu a mão, murmurando:

— Esqueça o que eu disse. Adeus, centurião.

Seus olhos voltaram a encontrar-se, antes que ela partisse, e uma chama percorreu o corpo de Cedric. Se ela era mesmo o seu destino, por que os deuses permitiam que a encontrasse para logo depois perdê-la?

— Cedric...

A mão de alguém pousou em seu ombro e ele sobressaltou-se. Instintivamente, deixou cair as flores e levou a mão à espada. Mas, ao voltar-se, viu-se diante do mais velho de seus homens.

— Vamos entrar na cidade?

Cedric assentiu lentamente e abarcou com o olhar o pequeno bando que emergia das sombras do bosque.

— Apenas eu e você, para sabermos em que pé nos encontramos. Os demais ficarão à espera dos chefes das outras tribos que ainda não chegaram.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Diante do murmúrio de protesto que se elevou do grupo, ele levantou a mão.

— Ainda não sabemos qual é a situação da rainha Boadicea. Catus Decianus, o procurador que Roma nos enviou, pode reconsiderar sua decisão e permitir que nossa rainha e suas filhas permaneçam aqui. Se isso acontecer, voltaremos para nossas aldeias e enterraremos mais uma vez nossas armas.

— E se os romanos cumprirem sua ameaça de destronar Boadicea? — perguntou um dos jovens.

— Você sabe a resposta. Somos icênios. Não permitiremos que nos expulsem daqui.

— Cedric fala com sabedoria — disse o velho guerreiro — Ele conhece os romanos.

— Obrigado, Heall — disse Cedric, dispensando a ele um olhar reconhecido.

O velho homem deu de ombros e observou:

— É necessário um pouco de disciplina, se quisermos nos manter fortes e unidos para lutar contra os romanos.

— Acha então que eu estou certo?

A sombra de um sorriso perpassou pelos lábios de Heall.

— Se não acreditasse nisso, ninguém jamais teria me obrigado a usar este detestável uniforme romano.

— Isso nos dá a possibilidade de entrar e sair da cidade sem levantar suspeitas.

Heall assentiu nitidamente, e Cedric virou-se para seus homens.

— Voltem à floresta e aguardem, meus amigos. Logo saberão o que devemos fazer.

Os guerreiros dispersaram-se silenciosamente e, um momento depois, Clydach emergia das sombras.

— Salve, homem sábio — saudou-o Cedric. — Estava implorando a proteção de seus deuses para a nossa causa?

Clydach sacudiu a cabeça, exasperado.

— Não entendo como pode menosprezar os deuses, se eles o favorecem. Já não lhe enviaram a mulher que desejava?

Cedric empalideceu e disse com voz embargada.

— Não me diga que foi um milagre causado por intervenção divina! Não confunda as coisas, druida.

— Não, meu filho, eu vejo tudo claramente. É você que está confuso. Por que a deixou ir, se podia tomá-la para si?

— Não era o momento — disse ele laconicamente.

Depois, ajustando o tiracolo no qual estava preso o gládio, deu um passo na direção de Heall.

— Vamos, o tempo corre. Não podemos permitir que nossa entrada na cidade atraia a atenção dos romanos.

Clydach olhou para o filho, e uma névoa toldou-lhe a visão.

— Por que a desconfiança que sente pelos nossos deuses não se estende também

Lynn Bartlett
a essa mulher?

Domínio dos Deuses

— Por onde andou até agora?

Lívia estacou a entrada da villa, ao ouvir aquelas palavras, ditas num tom peremptório. Voltou-se e defrontou-se com Cláudia, que a olhava com hostilidade.

— Estávamos à sua espera. Lucius já chegou.

Os olhos claros de Lívia anuviaram-se, preocupados.

— Lucius está aqui?

— Faz tempo — disse Cláudia com irritação. — Pelos deuses, Lívia, por que insiste em comportar-se como se fosse uma bárbara, em vez de uma romana?

— Isso não é de sua conta!

— Veremos!

Cláudia virou-se e entrou na villa correndo.

— Papai! Mamãe! Lívia chegou.

Suspirando resignadamente, ela seguiu a irmã através do átrio de mosaico. O encontro com o centurião deixara-a perturbada. Nunca experimentara antes emoção tão excitante! Mas devia estar doida para permitir que aquela estranha magia se insinuasse em seu coração, alvoroçando-lhe o sangue. Logo, seria esposa de Lucius, e era por ele que devia sentir o ardor que o guerreiro lhe despertara!

"Não pensarei mais nele", disse a si mesma. "Em breve esta loucura passará e eu me sentirei de novo tranqüila na companhia de Lucius".

— Lívia!

Ela sobressaltou-se, ao ouvir o imperioso chamado de seu pai, e o buquê de flores silvestres tremeu em suas mãos. Percorreu com vagar a tapeçaria que separava o átrio da sala contígua e corou fortemente, ao deparar com quatro pares de olhos fixos nela.

— Venha cá, Lívia — disse Marcus Basilius, convidando-a a entrar com um gesto da mão.

Ela obedeceu e atravessou a espaçosa sala, onde um chafariz espargia em torno um aroma de flores. Parou diante de Marcus, sentado num divã acolchoado de seda, e ergueu os luminosos olhos cor de ametista.

— Sim, pai?

— Explique-me, filha, onde esteve até agora e por que não disse a ninguém que ia sair.

— Pai, eu...

Lívia interrompeu-se e mostrou o buquê.

— Fui cavalgar e parei no bosque para colher estas flores. Acho que me distraí e não percebi o tempo passar.

— O que vamos fazer com você, Lívia? — disse seu pai com um suspiro. — Sabe que não pode sair da cidade sem companhia, mas insiste em me desafiar. Por quê?

Lívia baixou os olhos. Como poderia explicar que se sentia mais à vontade nos bosques do que na villa? Lá, na verdade, as horas transcorriam numa calma

ininterrupta, que apaziguava seu coração.

— Não quis desafiá-lo, pai.

— Mas desafiou, apesar de tudo.

— Olhe-a, pai! Veja em que trajes ela foi cavalgar! — escarneceu Cláudia, apontando para a curta túnica ametista de Lívia — Trajes de bárbara, não de uma romana!

Ela sentiu seu rosto arder de vergonha, ao perceber os olhos negros de Lucius fixarem-se em suas pernas longas e bem-feitas, mas ficou calada.

— Não tem nada a dizer? — perguntou-lhe Marcus.

Lívia mergulhou o rosto em fogo nas flores e permaneceu de olhos postos no chão.

— Não, pai.

A expressão de Marcus abrandou-se.

— Fui duro com você, filha, e não pretendia sê-lo. Mas você não é mais uma criança. Precisa aceitar as responsabilidades de sua posição.

Sua mulher assentiu e pousou na filha um olhar de censura.

— Você nos assustou, Lívia. Foi muita imprudência sua.

Ela baixou o olhar para a altiva e elegante figura sentada à borda do divã e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Perdoe-me, mãe.

Augusta comoveu-se com seu olhar implorante e abriu-lhe os braços. Lívia apertou-se de encontro ao seio materno.

— Isso não tornará a acontecer, mãe. Prometo!

— Diga isso também a seu pai.

— Prometo, pai.

Marcus sorriu, evidentemente desejoso de pôr fim àquela cena.

— Vá mudar de roupa. Temos de sair imediatamente.

— Sim, pai.

Quando Lívia desapareceu por trás do reposteiro que separara a sala do átrio, Lucius voltou-se para Marcus.

— O senhor é muito complacente. Lívia é uma jovem linda, mas irresponsável.

— Quer que a mande açoitar, Lucius? Ou que a encerre em seus aposentos para limitar seu desejo de liberdade?

Lucius dispôs-se a retrucar, mas Marcus calou-o com um gesto.

— Logo ela será a sua esposa. Espero que consiga entendê-la melhor do que eu.

— Ele se voltou para a filha. — Cláudia, vá com Lucius até o jardim. Sua mãe e eu iremos em seguida.

Ao ficarem a sós, Augusta aproximou-se do marido e tomou-lhe a mão.

— Lucius Quintus é um jovem valente, mas acho que exige demais de Lívia. Estou começando a pensar se esse casamento fará nossa filha feliz.

Marcus beijou ternamente a testa da esposa.

— Não se preocupe. Tudo vai dar certo... Embora Lívia seja tão impetuosa

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

quanto o pai.

Augusta sufocou um suspiro.

— Ela precisa sentir-se livre... Como ele. — Seus olhos cor de ametista anuviaram-se. — Oh, Marcus, se eu não fosse tão jovem naquela ocasião, tão revoltada porque você me trouxe para cá, longe de Roma e de meus amigos, Livia seria sua filha, em vez de...

Marcus selou-lhe os lábios com o dedo.

— Casamo-nos por conveniência, para consolidar uma aliança entre nossas famílias. Mas, com o passar do tempo, tudo mudou. E, quando Livia nasceu, passei a amá-la como se fosse a minha própria filha.

— Não acha que deveríamos contar-lhe a verdade, Marcus? Ela tem o direito de saber.

— Não.

Ele lançou um olhar preocupado para o átrio e levou-a para o jardim.

— Já me esqueci de seu amante bretão. A verdade sobre a origem de Livia é um segredo só nosso e que devemos levar para o túmulo.

Augusta não pôde deixar de tremer, pois outra pessoa, além deles, sabia da verdade. O bretão notara as sutis mudanças de seu corpo e percebera que ela carregava um filho no ventre. Lembrava-se de como ele lhe beijara os seios, os joelhos e as palmas das mãos, cheio de uma alegria quase sagrada.

Mas, quando ela lhe dissera que não iria abandonar o marido e que criaria a criança como uma verdadeira romana, a alegria dele transformara-se em incredulidade, depois em raiva.

Augusta assustara-se. Mas, apesar de tudo, o bretão não dera vazão à sua raiva. Recolhera-se dentro de si mesmo, e o único sinal de sofrimento eram as ondas de tensão que se irradiavam de seu corpo forte e musculoso.

Profundamente tocada com aquela doçura, aquela adoração e a cega humildade daquele amor, ela percebera que o amava também. Não obstante, sabia que não teria coragem de at uma existência confortável para ir viver com aquele icênio em alguma aldeia remota da Britânia.

Ele lera a determinação em seu rosto. Apoderara-se de mão, beijara-a e depois dera-lhe as costas, afastando-se para sempre.

Agora, Augusta perguntava-se se ele estaria ainda vivo. Nunca mais o vira e, passados alguns anos, cessara de temer que ele reaparecesse de repente, para perturbar sua vida ordenada.

Mas, mesmo que o bretão reaparecesse agora, era impossível que a reconhecesse, ou à filha que nunca vira.

"Sim", pensou. "Marcus tem razão. É melhor deixar o passado enterrado".

Livia apareceu nesse momento, um ser que parecia a criação da própria divindade, e Augusta olhou-a com agrado. Dessa não havia nenhuma falha na sua aparência. Seus cabelos dourados, com reflexos de âmbar e bronze, estavam impecavelmente penteados, e o pelo branco caía em graciosas pregas dos ombros até

as ancas de seu corpo flexível e esbelto.

Até Lucius, sempre severo em seus julgamentos, não pôde resistir à sua radiante beleza e ao ar implorante de seus admiráveis olhos. Sem cerimônia, deixou Cláudia de lado e foi ao encontro de Livia com as mãos estendidas.

— Espero que não esteja aborrecido comigo, Lucius — murmurou ela, corando ao sentir-se admirada.

Os olhos dele brilharam de orgulho ao fitarem-na.

— Não fiquei aborrecido. Mas escolher logo o dia de hoje para ir cavalgar sozinha... — E sacudiu a cabeça. — Quando for esposa, cuidarei para que não se exponha ao perigo sem necessidade.

— Você me confunde, Lucius. Não estava correndo perigo algum!

— É muito inocente, minha doce Livia — disse ele com suspiro. — Ontem, Catus Decianus destronou a rainha dos icênios e proclamou sua autoridade sobre esse povo. Se estivesse presente, teria visto a reação irada dos bretões. Poderemos ser obrigados a usar a força, se eles se recusarem a aceitar a vontade de César. — Livia lembrava-se da rainha Boadicea cavalcando ao lado marido pelos campos que rodeavam Venta Icenorum, e coração encheu-se de tristeza.

— Por que os icênios devem se curvar vontade de César? Não poderíamos ao menos poupá-los dessa humilhação?

— Não seja absurda! — replicou Lucius asperamente. — É motivo de orgulho fazer parte do glorioso império romano!

— Para nós, talvez. Mas, e para os bretões?

— Se eu fosse você, teria cuidado com a língua e não ousaria questionar as ordens de César. Sua cólera é grande e costuma estender-se aos romanos desleais.

— Não estou sendo desleal!

— Vai ter a oportunidade de provar isso logo. Vamos.

Lucius tomou-a pelo braço e levou-a para junto de sua família.

— Estamos prontos, Marcus. Podemos ir.

— Para onde? — perguntou Livia, quando chegaram aos portões.

Cláudia ouviu a pergunta e disse-lhe por cima do ombro:

— Os bretões vão se inteirar hoje das ordens de César.

— Não entendo...

Livia voltou-se para Lucius e percebeu então que ele usava a couraça, era vez da toga. Do seu ombro esquerdo pendia o tiracolo no qual estava inserido o gládio, e uma adaga estava enfiada no lado direito de seu cinturão. O elmo caía-lhe às costas, e seus fartos cabelos negros brilhavam a luz radiosa do sol matinal.

Repentinamente assustada, ela pousou a mão em seu braço,

— Por que está armado, Lucius? Não estamos em guerra...

— Vamos assistir à deposição de Boadicea. E a vontade de César. Dentro de algumas horas, ela perderá o título, o palácio e todos os seus bens. Depois disso, será expulsa da cidade junto com as filhas e enviada de volta à choça, de onde nunca devia ter saído.

Lívia empalideceu.

— E se a rainha resistir?

— As ordens serão cumpridas, custe o que custar — disse Lucius mais suavemente. — Nenhuma resistência será tolerada.

Puseram-se a caminho e, a medida que se aproximavam das ruas contíguas as muralhas da cidade, começaram a ouvir um clamor generalizado: gritos, súplicas desesperadas e imprecções mesclavam-se ao choro das crianças, num lamento quase inumano.

Lucius estacou e tomou ternamente o rosto pálido de Lívia entre as mãos.

— É a vontade de César, coração. Todas as propriedades dos icênios estão sendo confiscadas e passarão às mãos de nosso imperador. Assim foi ordenado.

— Não é justo... — murmurou ela.

— Seria rematada loucura ir contra as ordens de César. Eu as cumpro sem questionar, e você deve fazer o mesmo.

Lívia sacudiu a cabeça.

— Não! Não quero tomar parte nessa farsa!

A expressão de Lucius tornou-se sombria, e toda ternura desvaneceu-se de seus olhos.

— Você é romana por nascimento! E irá testemunhar a glorificação de César nem que eu tenha de levá-la a força até o palácio de Boadicea!

Dito isso, ele passou-lhe o braço pela cintura e forçou-a a seguir a multidão que se tornava cada vez mais compacta. Ela o fitou com olhos suplicantes.

— Como pode ser tão cruel, Lucius? Deixe-me ir!

— Não! Seu pai tem sido indulgente demais. Você é uma cidadã de Roma, embora pareça ter se esquecido disso! Mas, desta vez irá se comportar de acordo com a sua posição. Não quero que ninguém diga que minha futura esposa recusou-se a mostrar sua fidelidade a César.

— Eu imploro, Lucius! Não me force a...

Os protestos morreram abruptamente em sua garganta. Estavam penetrando na parte bretã da cidade e, por onde quer que olhasse, cenas de carnificina desenrolavam-se diante de seus olhos já atônitos. À sua direita, alguns bretões jaziam por terra com as túnicas ensangüentadas, enquanto outros eram arrastados pelos cabelos por soldados romanos. A sua frente, uma mulher com um punhal mergulhado no peito estava encolhida junto ao cadáver de uma criança, que fora arremessada de cabeça contra pedras da calçada.

Insensivelmente, suas pálpebras fecharam-se. Lívia perdeu consciência de tudo e tombou contra o peito de Lucius.

Ele empalideceu, chocado com o massacre que as tropas romanas infligiram aos que tinham ousado opor resistência. Sangue... Sangue icênio, não duvidava disso, corria pelas ruas de Venta Icenorum.

"Não é isso o que César pretende, ao reclamar as propriedades dos icênios", pensou, enquanto conduzia Lívia quase desmaiada por aquela pavorosa devastação.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Encontraram Marcus, Augusta e Cláudia a espera deles junto ao portão arrombado do palácio de Boadicea. Ao vê-los, desvencilhou-se dele e jogou-se nos braços do pai.

— Eu sei, filha, eu sei... — murmurou Marcus, afagando-lhe os cabelos. — Passaram pelos bairros dos icênios, não foi?

— Não tivemos outra escolha. Fomos empurrados pela multidão — justificou-se Lucius. — Vou deixar Livia aqui. Tenho que me reunir à guarda pretoriana.

Cláudia observou, com amargura, a loira cabeça de seu pai inclinar-se amorosamente para Livia. Era sempre assim. Apesar de seu comportamento estranho, sua irmã merecia mais atenções do que ela, que se conduzia como uma perfeita romana! Ferinamente, comentou:

— Parece até que Livia importa-se mais com a sorte dos icênios do que com as ordens do nosso imperador. Como pode tolerar essa vergonhosa explosão, pai?

— Eu a tolero porque posso entender o que sua irmã está sentindo.

Cláudia ergueu desafiadoramente o queixo e voltou-se para Augusta.

— Vamos entrar, mãe. Não quero perder o espetáculo da humilhação da rainha bárbara.

Augusta olhou para a filha com mal disfarçado desgosto e depois voltou ao marido um rosto preocupado:

— Marcus?...

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Vá com ela. Eu e Livia iremos logo em seguida.

Marcus esperou que as duas mulheres passassem pelo portão abatido e atravessassem os magníficos jardins devastados, uma evidência de que os icênios haviam tentado defender o palácio de sua rainha, e depois ergueu a cabeça de Livia.

— Sinto muito, minha filha. Preferia que não tivesse assistido a sede de vingança do procurador.

— É vontade de César que se derrame sangue inocente? — perguntou ela com um fio de voz. — Os icênios eram nossos aliados. É desse modo que Roma trata os seus amigos?

— Falaremos a esse respeito na privacidade de nossa casa, ao abrigo de ouvidos indiscretos. Mas, agora, temos de obedecer a ordens superiores e assistir à abdicação de Boadicea.

— Não posso, pai. Permita que eu volte à villa. Marcus pousou as mãos em seus ombros:

— Não quero que a cidade fale que minha filha é desleal a Roma. Olhe, mas não veja! Ouça, mas procure não sentir!

Livia seguiu-o obedientemente através do pátio de honra, por onde corria, ininterrupta, a vaga de homens e mulheres que ali haviam comparecido, menos para dar a César uma prova de lealdade do que pela intenção de assistir à humilhação da rainha bárbara.

Seu pai enlaçou-a pela cintura e encorajou-a:

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Não será tão terrível assim, Lívia. O procurador proclamará as ordens de César, e Boadicea e as filhas deixarão o palácio sem serem molestadas.

— Oh, não! — exclamou Cláudia, que seguia à frente deles com Augusta. — Haverá mais do que isso! Boadicea desafiou o nosso imperador, ao ordenar que os portões do palácio fossem barrados à guarda pretoriana. E Catus Decianus não irá tolerar tamanha ofensa. Veja! Os legionários estão chegando!

Lívia engoliu o nó que se formara em sua garganta e virou a cabeça, em tempo de ver um grupo de legionários destacar-se do manípulo e marchar na direção das portas do palácio, enquanto Catus Decianus, acompanhado de sua guarda pessoal, postava-se à frente da multidão.

— Romanos!

A voz do procurador ecoou através do pátio subitamente silencioso, e Lívia sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

— Atrás dos muros desse palácio está uma mulher que desafiou o poder de Roma e zombou do nosso divino imperador Nero! Ela me chamou de mentiroso, quando eu anunciei a vontade de César acerca do destino de seu povo! Lamentamos a morte de nosso amigo e aliado, o rei Prasutagus. Mas ele não deixou descendentes masculinos para sucedê-lo. E rejeitamos a pretensão dessa rainha prostituta, que exige os mesmos direitos que o império, tão generosamente, concedeu a seu marido. Não há herdeiros masculinos! Portanto, a linhagem de Prasutagus está encerrada!

Catus Decianus fez uma pausa e lançou um olhar em torno.

— A Britânia foi conquistada e anexada ao império há dezoito anos! Fomos generosos. Não perseguimos nem crucificamos o que lutaram contra nós. Roma, em boa fé, concluiu tratados com os reis bárbaros e vê agora como sua generosidade foi recompensada! Fomos insultados, cobriram-nos de ridículo!

Gritos de cólera ressoaram, fundindo-se, minutos depois, num imenso e unânime clamor. Catus, muito composto na sua toga branca bordada de escarlate, permaneceu imóvel, dando tempo para que a multidão expressasse a sua indignação.

— Ele mente! — De seu lugar, junto à colunata que rodeava o pátio, Heall fez a acusação por entre os dentes cerrados.

Cedric assentiu imperceptivelmente e replicou com voz igualmente baixa:

— Isto nós sabemos, mas o procurador tem de justificar as suas ações perante o povo romano.

— Não podemos fazer nada para desmascará-lo?

— Somos apenas dois — disse Cedric, sufocando o ímpeto de atirar-se contra o representante de César. — O sacrifício de nossas vidas, neste momento, não teria propósito. Mas chegará a hora de vingarmos essa ofensa! E agora cale-se, se não quiser atrair a atenção dos romanos!

Os clamores de indignação tinham crescido de intensidade, e a multidão transformara-se numa massa compacta de olhos inflamados e de bocas ululantes. Finalmente, Catus Decianus estendeu a mão e, no mesmo instante, produziu-se silêncio.

— Cidadãos de Roma! Ouçam a vontade de César e vejam como o imperador se

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

desfaz dos traidores! Os icênios não são mais nossos aliados, embora a Britânia continue sendo uma província romana. Os bens desses bárbaros serão confiscados, e todos os que estiverem ligados a Prasutagus por laços de sangue serão aprisionados e depois vendidos como escravos.

Uma tempestade de assobios e de berros saudou seu anúncio. Catus Decianus esperou até que a multidão se acalmasse e então continuou:

— Agora, mostraremos a todo o país de que modo serão tratados os desleais a César e os perturbadores da ordem! A mulher que se proclama rainha será açoitada para que não se esqueça jamais da cólera de nosso amado imperador.

A um gesto de sua mão, o grupo de legionários ergueu um enorme tronco e começou a golpear as portas do palácio.

Os sons cavernosos ecoaram acima do fragor da multidão, que incentivava os soldados com assobios e gritos de aprovação, e abalaram os nervos frágeis de Livia. Profundamente envergonhada, ela mordeu os lábios para impedir-se de gritar o seu protesto. Sempre acreditara que os legionários romanos lutassem apenas contra outros soldados e não contra gente desarmada!

Sua irmã, era óbvio, pensava diferentemente. Quando a porta do palácio foi finalmente derrubada, ela bateu alegremente as mãos e gritou:

— Tragam para fora a rainha depravada! Façam os icênios experimentarem o gosto da justiça romana!

A massa humana respondeu com um rugido que se ampliou poderosamente e ondulou, estendendo as mãos para o alto. Profundamente chocada, Livia baixou os olhos. Não iria assistir ao espetáculo degradante nem que o próprio César lhe ordenasse!

— Livia! Livia!

A voz aguda de Cláudia forçou-a a esquadrihar a multidão. A poucos passos dela, sua irmã sorria de orgulho e apontava para a porta arrebitada.

— Veja! É Lucius! Ele vai ter a honra de trazer a prostituta para fora!

Pálida, Livia virou a cabeça e estremeceu, à vista do noivo escoltando uma mulher alta, de cabelos vermelhos. Boadicea! Comportando-se como uma verdadeira rainha, ela caminhou majestosamente na direção de Catus e o olhou friamente. E então, sem nenhuma intenção evidente de se humilhar perante o procurador, falou com voz sonora:

— Veio muito cedo, romano.

Depois, jogando os cabelos para trás, ela percorreu com o olhar a multidão subitamente silenciosa.

— Serão suas vidas tão vazias a ponto de encontrarem prazer com o espetáculo de uma mulher prostrada?

— Silêncio! — ordenou-lhe Catus. — Está aqui para ser punida, não para zombar dos romanos leais!

Boadicea enfrentou-o sem medo.

— Mataram meus guardas, invadiram o meu palácio! E posso imaginar o que

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

fizeram com o meu povo, além desses muros. Estou sem poder para resistir às armadilhas que me prepararam. Mas não refrearei minha língua apenas porque você assim o ordenou, verme!

A tal insulto, proferido diante de todo seu povo, um relâmpago de furor brilhou nos olhos de Catus.

— Seria melhor que implorasse misericórdia, mulher! — Boadicea mediu-o com um olhar em que se lia todo o seu desprezo.

— A quem? A você? — perguntou ela, rompendo numa risada.

Furioso, o procurador voltou-se para Lucius e ordenou:

— Leve-a para o poste da flagelação, tribuno!

Com o rosto impassível, Lucius saudou-o e ordenou a homens que amarrassem a rainha dos icemos alta coluna pedra, peça obrigatória nos pátios dos chefes celtas, que aí costumavam afiar as suas armas.

Todos os olhares se voltaram, numa insistência ávida, para infortunada Livia que muito pálida, achou difícil obedecer às instruções de seu pai de nada ver nem sentir. Quando o vestido Boadicea foi rasgado pela mão rude de um soldado romano suas costas ficaram expostas, ela mal conseguiu abafar um grito. E quando o acoite sibilou no ar, pronto para vergastar a pele da rainha, ela enterrou as unhas nas palmas das mãos.

Com o rosto apoiado nos braços, Boadicea suportava a flagelação em silêncio, sem implorar a clemência de Catus e sem gemer.

— Desamarrem-na — ordenou por fim o procurador, quando julgou que o castigo fora suficiente.

Um pequeno grito escapou então dos lábios da rainha, escorregou e tombou ao chão como massa inerte. O procurador olhou-a com ar de triunfo e ordenou a Lucius:

— Tribuno, vá com os seus homens ao palácio e retire de tudo o que for de valor.

A multidão delirou e avançou alegremente para o meio pátio a fim de ver melhor a rainha caída. Vaías e risos acompanhavam suas inúteis tentativas de se levantar. Contra a própria vontade, Livia viu-se abrindo caminho por entre a turba desvairada, até ficar frente a frente com Boadicea.

A rainha ergueu o rosto pálido e inundado de suor e, depois seus brilhantes olhos azuis encontraram os olhos de ametista.

— Oh, não! — murmurou Marcus, que vira a cena de longe imaginava o que iria acontecer.

Com a respiração suspensa. Augusta agarrou-lhe o braço.

— Temos de impedi-la, Marcus!

— É muito tarde. Augusta. Só os deuses podem protegê-la agora.

Inconsciente do tumulto que causava, Livia estendeu a mão rainha.

— Permita-me ajudá-la, senhora.

E, apesar dos gritos de protesto que irrompiam de todos lados, ela passou o braço em volta dos ombros de Boadicea ajudou-a a erguer-se. Depois, sem se importar

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

com os insultos, que a seguiam a cada passo, conduziu-a na direção do palácio.

— Deixe-me, filha — murmurou a rainha com suavidade.

— Não. Quero que saiba que ao menos uma romana tem coragem de protestar contra essa covardia.

Tinham avançado apenas alguns metros quando a multidão silenciou bruscamente e afastou-se para dar passagem a Catus Decianus.

— Como ousa contrariar a vontade de Nero, mulher? — perguntou o procurador, fitando Lúvia com um olhar ameaçador. — Essa icênia será levada a Roma para servir ao imperador!

— Como poderá servi-lo, se ficar seriamente doente?

O rosto de Catus Decianus era uma máscara irreconhecível de fúria descontrolada, e Lucius, que o acompanhava, deu um passo na direção dela.

— Sua preocupação com Boadicea não tem propósito, Lúvia! — Catus voltou-se para ele, surpreso.

— Conhece esta jovem, tribuno?

Lucius enrubesceu, mas respondeu com firmeza.

— Sim, senhor. Ela é minha noiva.

— Ah... Agora me lembro. É filha de Marcus Basilius! — O procurador voltou-se para Lúvia. — Você é muito jovem e cometeu um erro de julgamento. Deixe a bárbara e volte para casa.

Lúvia ficou calada, mas não se moveu, sua fisionomia não mostrou a menor inquietação. Impaciente, Catus olhou em torno. Seus olhos fitaram um soldado que estava na primeira fileira.

— Venha cá, centurião.

Quando o soldado aproximou-se, ele apontou para Boadicea com desdém.

— Leve a mulher icênia ao palácio. Imediatamente!

— Farei como me ordenou, senhor — disse o soldado com voz firme.

Ao ouvir a voz profunda e familiar, Lúvia ergueu os olhos e deparou com os olhos azuis do centurião que encontrara na clareira fixos nela.

— A rainha Boadicea será devidamente cuidada, senhora. — Ela o considerou por um momento e então segurou a mão da rainha.

— Gostaria de enviar-lhe um unguento para seus ferimentos, feito pelo médico de meu pai.

Boadicea voltou para ela os olhos tristes.

— Não, filha. Não faça mais nada. Agradeço a sua bondade. — Lúvia deixou-a ir e permaneceu no pátio até vê-la entrar no palácio, amparada pelo centurião. Depois tomou o caminho de sua casa, admirada de que a manhã ainda não houvesse terminado,

Boadicea manteve-se em silêncio até alcançar a privacidade de seus aposentos, ainda inviolados pelos soldados romanos. Depois que Cedric a deitou no divã, ela disse, respirando com dificuldade:

— O uniforme romano assenta-lhe muito bem, Cedric. Quase o tomei por um verdadeiro centurião.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Perdoe-me, minha rainha — disse ele, dobrando um dos joelhos. — Eu a teria servido melhor se tivesse mergulhado minha adaga no peito do centurião.

— Não, Cedric Isso teria significado a sua morte. Você agiu com prudência.

Boadicea gemeu baixinho, e Cedric ergueu-se de um pulo.

— Vou levá-la para casa, para que alguém possa cuidar de ferimentos.

— Espere, Cedric.

Da galeria chegavam agora os ruídos cadenciados de passos de soldados que o procurador encarregara de saquear o palácio. Lágrimas de humilhação afluíram aos olhos da rainha, e também de preocupação pelo que poderia estar ocorrendo com o povo.

— Represento uma ameaça tão grande para os romanos a ponto de não me permitirem conservar o que é meu por direito?

Cedric caminhou para a porta e, depois de certificar-se de que ninguém os ouvia, voltou para junto do divã.

— Nossos homens responderam ao seu apelo. Quando a noite chegar, virão buscá-la e a levarão para longe de Venta Icenorum junto com suas filhas. Dentro de um mês, estarão preparados para enfrentar os romanos e derrotá-los. Aí, então, será conduzida para um lugar seguro ao norte da ilha.

Boadicea soergueu-se com os olhos fagulhando.

— Não, Cedric! Não fugirei! Há guerreiros em número suficiente para me darem proteção por esta noite?

Cedric hesitou.

— Esta noite, minha rainha?

— Dentro de dois dias os romanos me enviarão a Londinium e de lá para Roma. Não tenho tempo a perder, Cedric! — Boadicea baixou a voz e tornou a perguntar: — São suficientes?

— Talvez. Esta tarde, os chefes dos clãs deverão reunir-se às nossas forças, acampadas na floresta. — Cedric fez uma pausa; antes de acrescentar: — Qual é o seu plano?

— Um ataque de surpresa. Os romanos passarão a noite comemorando a vitória. Ficarão embriagados não só de vinho, mas também de sangue icênio derramado. Não esperarão que ousemos atacá-los. — Boadicea apertou-lhe a mão. — Vá ter com os chefes dos clãs e diga-lhes qual é a minha vontade!

— E se o seu desejo for impossível de realizar?

— Irei então para o norte. Mas preferiria morrer lutando contra os romanos a fugir deles!

Boadicea reclinou-se com um suspiro e o deixou ir.

— Vá, Cedric. Sei que encontrará um meio de me trazer resposta.

— Se for de seu agrado, minha rainha, mandarei Heall em meu lugar e ficarei aqui para protegê-la.

Boadicea sacudiu a cabeça.

— Vão os dois. Os romanos não ousarão fazer mais nada. As mulheres cuidarão

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

de meus ferimentos. Observem o ponto fraco do inimigo e depois reúnam os homens.

Cedric ia protestar, mas Boadicea silenciou-o com um olhar imperioso.

— Vá, meu bravo guerreiro, e volte com boas notícias.

Ele se inclinou respeitosamente e deixou os aposentos da rainha. O palácio fervilhava de vida, com a chegada dos soldados romanos. Mas Cedric, depois de seguir furtivamente pela colunata, enveredou por um pórtico lateral, dando saída não para o pátio de honra, mas para os jardins onde Heall o esperava.

— Pensei que o tivessem apanhado — murmurou o companheiro. — Mas por que estamos indo embora? Não deveríamos ficar para dar proteção à rainha?

Com poucas palavras, Cedric colocou-o a par do plano de Boadicea.

— Temos de localizar nossos depósitos de armas e depois verificar a força da guarnição romana. Em seguida, aguardaremos juntos com Clydach a chegada dos chefes celtas para transmitir-lhes as ordens da rainha.

Nesse mesmo instante, Livia seguia pela alameda de ciprestes de seu jardim, rumo à vila. Ao atravessar o peristilo de mármore, a voz zangada de Cláudia chegou até ela.

— Como Livia teve a coragem de comportar-se daquela maneira? — estava dizendo a irmã quando ela ergueu o reposteiro.

— Foi horrível vê-la ajudar aquela bárbara. Mas foi ainda pior vê-la reconhecida pelo procurador. Não sei se poderei suportar tamanha humilhação!

— Por que deve sentir-se humilhada? — perguntou ela do limiar, o mais calmamente que pôde. — Não foi você quem ergueu Boadicea do solo. A responsabilidade é unicamente minha, Cláudia.

— Todos nós iremos sofrer as conseqüências de seu ato irresponsável! Catus Decianus certamente mencionará isso no relatório que enviará a Roma. Os negócios de papai serão afetados, e eu não terei mais chances de fazer um bom casamento!

Livia sorriu com ironia.

— Estamos muito longe de Roma, minha cara irmã. Duvido que alguém de lá, nosso imperador incluído, esteja muito interessado no que está acontecendo aqui. — Ela lançou um olhar em torno. — Onde está mamãe?

— Nos aposentos dela. Ficou muito aborrecida com o seu comportamento — disse ferinamente Cláudia.

— Os acontecimentos desta manhã abalaram os nervos de Augusta — disse Marcus, olhando para Livia com ar de censura.

— Os guardas do procurador escoltaram-nos até aqui, mas não permitiram que esperássemos por você. Sua mãe temia que a tivessem aprisionado.

— Sinto muito, papai. Não por ter auxiliado a rainha, mas por preocupá-los.

— Ela não é nenhuma rainha! — disse Cláudia com zombaria. — É uma escrava. A escrava de César! Você manchou o nosso nome com a sua loucura. Se meus amigos de Roma souberem do ocorrido, acho que morrerei de vergonha!

Livia olhou-a com desdém.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Um povo inteiro perdeu seus bens e foi reduzido à escravidão, e você ainda se importa com a opinião de algumas pessoas que moram na outra extremidade do império?

— Quando for morar em Roma, vai perceber como a opinião dessas pessoas é importante — explicou Cláudia. — Espero que receba o repúdio de todos!

— Todos nós sabemos quais são as suas opiniões, Cláudia. Você já as expôs inúmeras vezes, e com muita clareza — suspirou Marcus. — Deixe-nos a sós, agora. Preciso falar com Livia em particular.

Cláudia obedeceu. Mas, antes de levantar o cortinado, pode furtar-se ao prazer de lançar uma última farpa:

— Lucius não deve ter gostado nem um pouco de seu gesto. Vai censurá-la, mesmo que papai a perdoe.

Quando a irmã saía, Livia caminhou lentamente para Marcus.

— Vai me castigar, papai?

— Acha que merece castigo? — perguntou Marcus.

— Cláudia acha que sim, e essa deve ser também a opinião de Catus Decianus e, provavelmente, a de seus amigos — disse Livia pensativamente, embora seus olhos não traduzissem nenhum remorso. — Quanto a mim... Segui o caminho que minha consciência me ditou. Mas submeto-me a sua decisão.

Um leve sorriso franziu os cantos da boca de Marcus.

— Minha criança... Lembra-se da última vez em que a castiguei?

— Claro! Foi no dia em que libertei o seu falcão premiado — respondeu ela prontamente. — Achava uma crueldade que pobrezinho pudesse voar somente quando você permitia, eu tinha apenas seis anos naquela ocasião!

— E agora, em vez de um falcão, você quis ajudar a escrava de Nero! Foi um gesto muito perigoso, Livia. E espero que leve a sério a minha advertência.

Livia baixou a cabeça.

— Sim, papai.

Desconfiado de sua súbita submissão, Marcus ergueu-lhe queixo e obrigou-a a encará-lo.

— Lamento o que aconteceu com os icênios e com a sua rainha. Mas nada fará mudar a vontade de César. Somos romanos e devemos conviver com a nossa cidadania. Algum dia, quando Lucius alcançar o posto que tanto deseja, talvez vocês dois possam suavizar alguns excessos. Mas essa hora ainda não chegou. Portanto, não arrisque sua vida sem propósito.

Algo na voz de Marcus e na sua expressão oprimiu o coração de Livia.

— Cláudia tinha razão, pai? Causei problemas a toda a família?

— Cláudia exagera — disse Marcus gentilmente. — Haverá alguns comentários, mas com o tempo ninguém falará mais nisso.

— Lucius saberá esquecer?

— Sim, se você não tornar a preocupá-lo. O primeiro passo para que tudo seja esquecido vai ser dado amanhã a noite. O procurador virá jantar conosco.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Lívia teve um estremecimento involuntário. Porém Marcus tomou-lhe a mão e sorriu novamente, com seu doce e irônico sorriso.

— Não se preocupe, não precisará adúl-lo. Cláudia se encarregará disso.

— E o que espera que eu faça?

— Comporte-se cortesmente e mantenha-se sempre ao lado de Lucius. Seu noivo se encarregará de responder a qualquer pergunta que Catus Decianus lhe fizer. Quando a boa educação o permitir, pretexto uma dor de cabeça, desculpe-se com o procurador e recolha-se a seus aposentos.

— Sim, papai — disse Lívia obedientemente. Depois, antes de dirigir-se para o átrio, ela ajuntou:

— Não esperava que o compromisso chegasse tão cedo. Marcus olhou-a pensativo.

— Vá ver sua mãe. Fale com ela sobre esse jantar. Ninguém melhor do que Augusta para contornar situações delicadas. — As feições dele suavizaram-se. — Saiba que senti muito orgulho de você, filha.

A noite caiu suavemente sobre Venta Icenorum. Os contornos da cidade eram suaves sob as estrelas, um violento contraste com as terríveis cenas que as ordens de Catus haviam provocado naquela manhã. Na parte romana da cidade, as luzes estavam acesas, e havia risos e conversas no interior das casas. Nos bairros icênios, no entanto, o silêncio era total.

A sentinela romana que vigiava o palácio icênio, em desconforto diante daquele estranho silêncio, rompido apenas pelos ruídos intermitentes dos grilos, recomeçou sua ronda ao longo do muro externo. No instante em que fez meia-volta, uma forma destacou-se das sombras e dirigiu-se para o interior do palácio.

Boadicea distinguiu os passos furtivos e fez um sinal às suas damas para que abrissem a porta de seus aposentos.

— Entre, Cedric — ordenou ela em voz baixa. — E diga-me o que conseguiu até agora.

A alta e musculosa figura de Cedric permaneceu um instante recostada no limiar.

— Perdoe-me, minha rainha — disse ele, avançando para dar-lhe a mão. — Mas somos poucos para cumprir as suas ordens. Será necessário mais um dia, até reunirmos forças suficientes para enfrentar os romanos.

Boadicea suspirou.

— Temos tão pouco tempo, Cedric... Meu coração clama vingança e você diz que devo esperar mais um dia! — As nobres feições da rainha endureceram-se. — Diga a meus chefes quero ver sangue romano correndo pelas ruas de Venta Icenorum! Diga-lhes também que tragam o procurador romano e seus guardas pessoais vivos. Quero vê-los morrer diante de olhos!

— Será como deseja, minha rainha.

Boadicea calou-se e ficou contemplando por alguns momentos as sombras que se

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

amontoavam nos cantos do quarto. Depois, revelou com tristeza:

— Ultrajaram as minhas filhas, Cedric. Não se contentaram em privá-las da herança e tomaram-lhe também a virgindade. Quero que o meu povo saiba disso.

Cedric cerrou fortemente os punhos e disse com ardor:

— Suas filhas serão vingadas, minha rainha! Ninguém escapará de nossa vingança.

— Aquela jovem que me ajudou... Lembra-se dela?

— Sim, minha rainha — disse ele apertando com força o da adaga. Como poderia esquecê-la, se a visão dela ao lado do homem que proclamava ser seu noivo ainda o atormentava?

— Ela e a família deverão ser poupadas. Encarregue-se disso Cedric. Serão feitos escravos, mas a jovem será dada como compensa ao guerreiro que me trouxer Catus Decianus.

— Suas ordens serão cumpridas, rainha.

Minutos depois, ele deixava a cidade e embrenhava-se na resta. Sentia-a viva com a presença dos guerreiros e de suas companheiras, embora seus olhos perscrutadores não pudessem distingui-los. E, apesar de preocupado com o que pudesse acontecer no dia seguinte, seu coração encheu-se de orgulho por seu bravo povo.

Clydach, envolto em seu manto negro, saiu mais uma vez sombras e veio ao encontro dele.

— Revolta?

Cedric fez um sinal afirmativo.

— Não há outra escolha, druida. Você, melhor do que ninguém deve saber que não podemos lutar contra os desígnios deuses.

Clydach voltou-se com um suspiro.

— Os chefes estão esperando. Venha, vou levá-lo à deles.

Depois de transmitir as ordens da rainha aos chefes das tribos, Cedric dirigiu-se para a clareira onde encontrara Livia. Livia! Seu coração pulsou dolorosamente, enquanto a imagem dela formava-se com nitidez em sua mente! Os sedosos cabelos dourados caindo-lhe pelas costas, o rosto de tão suave brancura e de feições delicadas, a voz musical...

Mas eram os seus olhos que mais o encantavam. Seus profundos e cristalinos olhos de ametista, transparentes num momento e no seguinte, insondáveis, como o mais profundo dos abismos. Olhos que lhe punham fogo nas veias e lhe provocavam um estranho arrebatamento.

Não esperava sentir esse insuportável desejo de possuí-la, como não esperava que ela fosse tão corajosa a ponto de afrontar os poderosos de seu país. Um leve sorriso curvou-lhe os lábios à lembrança de sua coragem, e ele esticou os braços com um suspiro de satisfação.

As mulheres icênias, principalmente as que combatiam ao lado dos guerreiros, eram destemidas, ansiosas por uma morte gloriosa nos campos de batalha. Mas

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

encontrar essa mesma qualidade em Livia, uma romana, acendia uma chama de admiração em seu coração de soldado.

Seus olhos azuis velaram-se, enquanto ele se permitia contemplar o futuro. Como Livia seria dada em prêmio ao guerreiro que capturasse Catus Decianus, precisava fazer de tudo, até mesmo o impossível, para merecê-la.

Mas, em primeiro lugar, teria que pô-la a salvo das lutas entre icênios e romanos que iriam se travar no dia seguinte. Quanto à família dela e ao noivo... Os maxilares de Cedric contraíram-se numa linha inflexível.

Apesar das ordens da rainha, não iria permitir que o tribuno e a família permanecessem ali. Para aceitar Livia como companheira, queria que ela esquecesse sua herança romana. Livia iria começar uma nova vida ao lado dele e, para isso, teria que deixar seu passado para trás.

Ainda uma vez, como havia feito antes, olhou com inenarrável ansiedade para o ponto da clareira onde ela lhe aparecera pela primeira vez. Sabia que, como soldado, era seu dever morrer no campo de batalha. Isso era um fato que jamais o preocupara. Iria morrer um dia, então preferia que fosse uma morte limpa, no calor da luta!

Mas, nesse instante, como uma revelação, ocorreu-lhe ao espírito que, se os deuses o haviam poupado, da morte e o atormentado com sonhos, era para que encontrasse a mulher que iria ser a mãe de seus filhos.

"Felizmente", pensou, com sua habitual ironia, "os deuses são suficientemente poderosos para me concederem um interlúdio agradável ao lado de Livia. O tempo que for necessário para deixar minha semente dentro dela".

CAPÍTULO II

O dia seguinte à deposição de Boadicea amanheceu frio e cinzento. Lívia deslizou para fora da cama quando as últimas sombras da noite se desvaneceram e vestiu sua túnica de montaria.

Enquanto afivelava o longo cinturão de couro, sentiu uma pontada de remorso. Estava desobedecendo novamente as ordens expressas de seus pais e as recomendações de Lucius. Depois do tumulto que causara no palácio icênio, seu noivo dera-lhe instruções para que não saísse da villa até que Catus Decianus partisse de Venta Icenorum. Instruções que seus pais haviam prontamente endossado.

Não sabia o que a levava a desobedecê-los, nem o que pretendia. Talvez, sabendo que iria ficar encerrada em casa o dia todo, preparando-se para a visita do procurador, quisesse apenas permanecer alguns momentos em solitária meditação, analisando os acontecimentos do dia anterior.

Vestiu um longo e quente manto de lã branca e saiu. A quietude reinava tanto dentro de casa como fora. O terraço, o espaço em torno, o relvado, os jardins, bem como a parte do parque que seus olhos podiam abarcar, estavam vazios. Os servos deviam estar na imensa cozinha, ocupados em preparar a refeição matinal, e o fato de não encontrar ninguém a animou a prosseguir.

Percorreu o caminho de cascalho ladeado por árvores copadas que levava à estrebaria. Ali, tirou da baia a sua égua preferida e acariciou-a, antes de selá-la e montá-la. Depois, deixou a villa pelo portão lateral.

Já fora dos muros da cidade, pressionou os flancos do animal com os calcanhares e atravessou a galope os campos que ficavam entre a cidade e a floresta. Sem ter plena consciência do que fazia, dirigiu-se diretamente para a clareira e desmontou no mesmo lugar em que encontrara o misterioso centurião.

Sentou-se na relva ainda úmida de orvalho e pôs-se a perscrutar as sombras dos velhos carvalhos nodosos com olhos anormalmente aguçados. Foi um minuto profundo, silencioso, durante o qual esperou que ele se materializasse das sombras.

— Centurião... — chamou por fim, suavemente.

A resposta ao seu apelo veio sob a forma de uma violenta rajada de vento que a obrigou a enrolar-se no manto de lã. Seus sentidos excitados lhe diziam que ele estava ali, mas não sozinho. Sentia o bosque envenenado por outra presença dominante e opressora, cujo ódio destruía a serenidade de seu recanto preferido.

"Não devia ter vindo aqui", pensou, levantando-se de um pulo.

O vento suspirou entre as folhagens, aumentando a sua angústia. Tinha a impressão de que uma horda de demônios estava prestes a lançar-se sobre ela! Com um grito agoniado, montou rapidamente a égua e conduziu-a a galope pela trilha que serpenteava por entre os bosques.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Cedric chegou logo depois à clareira, acompanhado de Heall e de Clydach, e observou-a desaparecer no meio das árvores.

— Uma mulher muito bonita — murmurou o pai, com evidente satisfação. — Devia ter respondido ao seu chamado, Cedric.

— Para quê, druida? Não quero arriscar a vida antes de ter a possibilidade de vingar nossa rainha.

Clydach e Heall trocaram um olhar cético e ele ajuntou:

— Não estariam duvidando de minhas palavras se tivessem sido seguidos como eu fui nas últimas horas.

Depois, virando-se, chamou:

— Venha, Edith! A detestável romana já foi embora.

Seu tom zombeteiro provocou um alto grito de protesto de alguém escondido atrás das árvores. Segundos depois, uma jovem alta e esbelta apareceu na clareira.

— Detestável romana! Ora, Cedric... Ela não passa de uma criança! Uma criança frágil e assustada — disse Edith.

Ele encolheu os ombros com displicência, e os olhos verdes da guerreira brilharam de curiosidade.

— Quem é a jovem romana? E por que ela saiu da segurança da cidade e veio até aqui, à sua procura?

Cedric sorriu, divertido.

— Admite então que ela é uma mulher? Alegro-me com isso. Se você a chamasse outra vez de criança, eu a teria deixado para trás esta noite. Não quero lutar ao lado de alguém que não sabe distinguir uma criança de uma mulher feita.

Edith permaneceu séria.

— Quem é ela, Cedric?

— Uma romana. A mesma que estendeu a mão para Boadicea e que, por isso, vai ter sua vida poupada.

— E a mesma que ofertou flores a nosso bravo Cedric — acrescentou Heall com uma ponta de malícia.

Edith levou a mão ao cabo do punhal.

— Pelos deuses! Vou matá-la com as minhas próprias mãos!

Clydach interveio conciliadoramente.

— Não! É vontade da rainha que ela seja poupada. Irá servir ao guerreiro que capturar o procurador romano.

Cedric trocou um olhar de entendimento com seu pai, que se afastou discretamente acompanhado de Heall, e então voltou-se para jovem.

— Ouviu, Edith?

Os olhos verdes fagulharam perigosamente.

— Vou capturar o procurador! Isso convém a você, Cedric? Ele a fitou com ironia.

— Agrada-lhe a idéia de ter uma escrava romana? Duvido que Livia tenha a capacidade de acender-lhe o fogo ou de sua espada.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ao ouvir o nome da detestada romana, a fúria de Edith aumentou de intensidade.

— Eu o conheço, Cedric! Quer essa mulher para si mesmo, já vi esse brilho de caçador nos seus olhos inúmeras vezes, para me enganar com o seu significado. Você saberia aproveitar melhor os serviços dela, não?

— Sem dúvida!

Um gemido escapou da garganta da jovem guerreira.

— Por que sente prazer em me torturar, Cedric?

Diante das lágrimas que enchiam os seus olhos, a voz dele suavizou-se.

— Edith... Está tudo acabado entre nós. Estamos separados há mais de seis meses.

— Você me amava — queixou-se ela, com os lábios trêmulos.

— Por um certo tempo... Talvez. — Cedric tomou a mão dela entre as suas. — Você é uma mulher maravilhosa, mas nunca poderia tomá-la como esposa. No tempo que passamos juntos seus ciúmes envenenaram cada instante de minha vida.

— Se você me tivesse tomado por esposa diante dos habitantes de nossa aldeia e de seu pai, eu...

— Não, Edith, você não mudaria. Nem eu. Escolha outro. Qualquer um de nossos guerreiros ficaria feliz em tê-la como companheira, se você o honrasse como me honrou.

Edith afastou-se dele bruscamente.

— Não quero mais ninguém. Jurei a mim mesma, desde criança, que um dia seria sua esposa. Se para isso eu tenho destruir aquela vagabunda, então...

Cedric silenciou-a com uma bofetada e depois avisou-a friamente:

— Toque um só fio de cabelo de Livia e terá que se haver comigo. Ela será minha, entendeu? Minha! Não tolerarei interferência!

Ele a observou fugir, soluçando, com um misto de piedade e alívio. Não tencionara ser cruel, mas não tivera outro remédio.

Quando a noite caiu novamente sobre Venta Icenorum, forças icênias deixaram o abrigo da floresta, escalaram os muros cidade sem ser pressentidas e internaram-se pelas ruas desertas.

Nesse mesmo instante, Lucius saía da villa e dirigia-se para os jardins onde Livia, sentada num dos bancos de mármore, esperava. Enquanto cobria a distância que os separava, ela se voltou e ele a fitou com a respiração suspensa.

A lua, que tornava a noite extraordinariamente clara, mostrava-a mais deslumbrante do que nunca. O peplo, preso a um dos ombros por um broche, não era mais do que uma nuvem transparente sobre a túnica dourada. E os cabelos admiráveis e entremeados por fios de pérolas eram um halo de luz em volta do rosto de deusa.

Contemplou-a com um misto de adoração e de desejo. Ela se apoiara nele, naquela noite, submetendo-se à sua orientação. E, embora soubesse que aquela doçura era devida principalmente à presença de Catus Decianus, esperava que um dia ela

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

aceitasse de boa vontade as responsabilidades de sua posição.

Parou diante dela e anunciou com um sorriso:

— O procurador já se retirou. Deixou a villa junto com seus guardas pessoais e deve estar a caminho de Londinium.

— Graças aos deuses! — disse ela, com um suspiro de alívio.

— Não vai entrar?

— Ainda não. Quero aproveitar a beleza da noite. Não quer sentar-se a meu lado?

— Tenho que me apresentar à guarnição.

Lívia riu suavemente, estimulada pelas boas notícias que acabara de receber e pelo vinho que bebera durante o jantar.

— Por que deve ser sempre assim tão sério, Lucius? As jovens gostam de ser cortejadas.

— Eu...

— A princípio, quando você manifestou interesse por mim, meu pai preocupou-se. Você tinha a fama de ser um grande sedutor de mulheres. Papai chegou a prevenir-me a esse respeito, mas logo ficou evidente que ele estava se preocupando à toa.

— Lívia... Não quero falar nisso — disse Lucius rousadamente.

— Por que não? — perguntou ela ousadamente.

Ele enrubesceu. Amava Lívia com uma intensidade que beirava a reverência. Mas isso não diminuía o desejo que sentia por ela.

— Vamos entrar, Lívia.

— Não.

Ela se levantou e aproximou-se dele ondulando sedutoramente os quadris, mais bela e mais desejável do que nunca.

— Sou ainda virgem, Lucius. Sabia?

Sentiu-a junto de si, sentiu-lhe o perfume dos cabelos e o calor do corpo e teve receio de sucumbir.

— Era o que eu esperava — disse em voz baixa, enquanto dava um passo para trás.

Lívia o fitou com um misto de coquetismo e mania.

— Muitas mulheres de minha idade não são mais virgens. A própria Cláudia confessou-me que deixou um amante em Roma.

Lucius ficou chocado e não soube o que responder.

— Dentro de alguns dias, seremos marido e mulher e eu não senti o gosto de seus lábios de encontro aos meus — queixou-se ela, fitando-o diretamente nos olhos. — Cláudia falou-me do prazer que sentia nos braços de seu amante. É assim com as mulheres?

— Eu... Eu não sei. Talvez.

— Suas amantes encontravam prazer em sua companhia? Tornou ela, aproximando-se novamente.

O hálito perfumado daquela boca, a poucos milímetros da envolvia-o cada vez

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

mais. Lucius abafou um gemido e permaneceu com os braços rigidamente colados de encontro ao corpo.

— Foi o que elas disseram.

— E eu? Preciso implorar a caridade dos deuses para você diga que me ama?

— O meu amor não tem nada de divino, Lívia. É o, de homem por uma mulher.

— Beije-me, então. Beije-me depressa!

Ela a olhou com um sorriso de ternura e deleitou-se com sua beleza. Depois, tomou-a nos braços, encostou-a contra peito e, com a boca ávida, principiou a beijar-lhe os lábios.

Lívia fechou os olhos, procurando sentir o mesmo arrepio de prazer que experimentara ao lado do centurião. O beijo de noivo era agradável, mas não lhe provocou emoção alguma e ela ficou aliviada quando terminou.

Lucius deixou-a ir subitamente. Não ousava tocá-la novamente. Se quisesse preservar sua honra, deveria entregá-la ao pai e então procurar uma mulher que lhe acalmasse o ardor.

— Não vai entrar, meu amor? Tenho pouco tempo.

— Eu o espero aqui. Vá despedir-se de meus pais que depois, eu o acompanharei até o portão.

Enquanto ele se dirigia para a villa, Lívia seguiu-o com o olhos, tentando entender por que não sentia nada pelo homem que desposar, quando um simples toque do centurião fizera seu coração vibrar de alegria.

— Lívia!

Ela perscrutou a noite, querendo descobrir de onde viera voz.

— Aqui! Junto ao muro do jardim! — tornou a ouvir. Quando viu o homem meio oculto nas sombras, Lívia ficou com a respiração suspensa, sem se convencer do milagre daquela presença ali.

— Centurião?...

— Sim, sou eu — disse Cedric com suavidade. Lívia correu para ele.

— Pensei que não o veria nunca mais. Como me encontrou? E por que veio?

— Não foi difícil achá-la, senhora. Seu pai é um homem muito conhecido.

— Veio aqui para me repreender?

— Por que motivo?

— Parece que todo mundo, em Venta Icenorum, faz questão lembrar de meus deveres de cidadã romana. Mandaram-no aqui para fazer o mesmo?

— Não, senhora — disse Cedric com secreto divertimento. — Seu noivo também a censurou?

Lívia olhou-o com ar de surpresa.

— Conhece Lucius Quintus?

— Estava a seu lado, quando ele disse ao procurador que era seu noivo.

— Serei sua esposa dentro de cinco dias. E quando ele tiver terminado seu período de serviço em Venta Icenorum, iremos para Roma. Aí, estarão terminadas as cavalgadas matinais pelos campos.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— O mundo dá muitas voltas — observou Cedric, enquanto via quatro guerreiros icênios entrarem sorrateiramente na villa.

— O que está querendo dizer?

— Desculpe, Lívia...

A confusão dela não teve limites, ao vê-lo expressar-se na língua dos bárbaros.

— Você é bretão?

— Icênio. E esta noite nossos mundos vão sofrer uma reviravolta total — disse ele, com o olhar brilhando com um estranho fulgor.

Tomada por um pressentimento angustiante, Lívia voltou os olhos para a villa.

— Papai! Mamãe!

Seu grito foi seguido por outro, vindo do interior da residência. Ela fez menção de correr, mas ele a agarrou pelos ombros.

— Não grite — avisou-a. — E não lute comigo, se tem amor à vida. Você será poupada.

— Minha família... — soluçou ela, debatendo-se nos braços dele. — Deixe-me ir, traidor!

Cedric sacudiu-a rudemente.

— Não provoque a ira dos deuses!

Mas ela conseguiu libertar-se com um safanão e, antes que ele pudesse recobrar-se da surpresa, entrou correndo na villa, onde um espetáculo horrível a aguardava: os servos da casa jaziam sem vida ou agonizantes no chão de mosaico do átrio.

Gritou, dando vazão a um selvagem desespero. Onde estariam seus pais... Lucius... Cláudia? Teriam conseguido escapar? Subiu as escadas de um só fôlego e procurou-os nos quartos do andar superior.

— Lívia!

Ela gelou, ao reconhecer a voz do centurião que a chamava do átrio, e implorou baixinho:

— Proteja-me, Juno.

Mas ele voltou a insistir:

— Ouça, Lívia. Não adianta fugir. Os icênios iriam no seu encalço e a matariam. Os legionários romanos foram rendidos. Agora, só eu tenho condições de protegê-la.

Cedric parou no meio do átrio, alerta a qualquer sinal de movimento. O espetáculo dos servos mortos não absorveu sua atenção. Sua única preocupação era a mulher de seus sonhos. Tinha que colocá-la sob sua proteção até achar Canis Decianus. Pelo bem dela e também pelo seu, pois jamais desejara mulher alguma com tanto empenho como a desejava.

Os minutos passaram-se e ele começou a perder a paciência. Era a primeira vez que a sua natureza imperiosa ia contra uma vontade hostil.

— Volte, Lívia! Não procure sua própria destruição!

Naquele momento, no estado de nervos em que se encontrava ela teve absoluta certeza de que o centurião mentia.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

"É preferível morrer nas mãos de meus inimigos a passar por essa vergonha", pensou, contendo a respiração diante de todo horror que isso significava.

Permaneceu ainda um momento no topo da escada, à escuta e depois voltou ao seu quarto, fechando a porta silenciosamente. Havia outra que dava para uma galeria de colunatas, e foi para lá que ela se dirigiu.

Antes de atravessá-la, perscrutou o pátio, no andar inferior. Não viu nenhum sinal de vida, mas um leve raio de luz filtrava-se da janela das estrebarias. Seu coração encheu-se de esperanças. Certamente, sua família havia escapado à carnificina e refugiara-se ali até encontrar um meio de iludir o inimigo. Arrancou as sandálias e deslizou cautelosamente pelo chão mármore. Antes de alcançar o patamar, invocou novamente Juno, a deusa protetora das mulheres, e ofereceu-lhe uma prece silenciosa.

— Lívia.

A mão de um homem pousou em seu ombro, e ela se viu presença detestada de Cedric.

— Avisei-a de que não adiantaria fugir. Venha...

Impelida pela força do desespero, ela ergueu o braço e o atingiu no rosto com as sandálias. Enquanto ele cambaleava, atordoadado pela pancada, ela pôs-se a descer os degraus de dois em dois, mergulhando nas sombras em que se perdia a curva escada.

Uma vez no pátio, correu para a estrebaria, onde esperava encontrar a sua salvação. Pensava ter-lhe escapado quando, na precipitação, escorregou, perdeu o equilíbrio e caiu. Sua cabeça resvalou pelo muro que circundava o pátio.

Cedric alcançou-a e amparou-lhe a cabeça, para que não batesse no chão.

— Sua doida!

— Deixe-me, por favor! — implorou ela, quase se arrastando. — Se acha que devo ser poupada, por que não me deixa ir? Ninguém vai saber! Pegarei um cavalo e, pela manhã, já estarei longe daqui!

— Tenho ordens de levá-la à presença da rainha Boadicea. — A voz dele suavizou-se, ao vê-la toda em lágrimas. — É mesmo que eu a libertasse, iria encontrar a morte pela mão do primeiro guerreiro icênio que a encontrasse.

Lívia olhou-o sem compreender.

— Qual é a razão de tanto ódio? Meu pai era justo e humano com os icênios! Por que matou os servos da casa e os membros de minha família?

O rosto de Cedric tornou-se sombrio.

— Será que não percebe o que está acontecendo? Não foi apenas a sua villa que foi invadida! Os icênios se revoltaram contra o jugo de Roma. E, pela primeira vez desde a sua fundação, Venta Icenorum pertencerá apenas a meu povo!

— Revolta!

A voz de Lívia não era mais do que um sussurro de horror. Os romanos temiam as rebeliões, especialmente as que explodiam em províncias longínquas como a Britânia, onde os reforços do império não podiam chegar rapidamente. Os civis eram os que

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

mais sofriam com essas insurreições, e ela se lembrava, com terrível clareza, de atos de atrocidades cometidos em villas isoladas.

Cedric já ouvira falar nessas histórias e entendeu o medo que se espelhava em seus olhos arregalados. Mas não estava preparado para as palavras que ela disse a seguir:

— Então mate-me! Eu lhe imploro! Se houver alguma bondade em seu coração, enterre seu punhal em meu peito e termine com a minha vida! Não quero viver, quando todos os que eu amava morreram.

Nesse instante, Cedric esqueceu-se do pai e da irmã de Livia e visualizou apenas o noivo, com quem a vira abraçada no jardim. Imaginou que, achando impossível viver sem ele, Livia quisesse segui-lo na morte. E sentiu-se oprimido por uma dor física tão pungente que teve de sufocar a vontade de arrastá-la pelos cabelos até o interior da estrebaria e de torturá-la. Compreendeu a possibilidade de endoidecer e a empurrou para longe de si.

Livia fitou-o com os olhos cheios de lágrimas.

— O que vai fazer comigo agora?

— Sossegue, não vou matá-la, embora tenha muita vontade de torcer esse seu lindo pescoço — disse ele, tenso. — Tenho de obedecer às ordens da rainha.

Depois, voltando-se para a estrebaria, chamou:

— Clydach! Preciso de sua ajuda.

O coração de Livia quase parou de bater quando a porta da estrebaria entreabriu-se. Mas, ao ver o homem de manto negro que saía de seu interior, sufocou um grito de decepção.

— Leve-a para a villa — disse Cedric ao pai. — E conserve-a lá até que eu possa ir buscá-la.

Clydach assentiu.

— O trabalho na estrebaria já está quase terminado. Cedric silenciou-o com um olhar, consciente do súbito interesse de Livia, e disse:

— Leve-a. Eu completarei a tarefa.

Quando o viu encaminhar-se para a estrebaria, Livia correu atrás dele.

— Que tarefa? O que está acontecendo na estrebaria? Responda-me, bretão!

— Vou terminar o que os meus homens começaram — disse ele laconicamente.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Encontramos muitos romanos refugiados em sua estrebaria. Covardemente, deixaram a seus servos a incumbência defenderem suas casas e nós os tratamos como mereciam, acompanhar-me e ver com os seus próprios olhos que destino que lhes reservamos?

Livia empalideceu, entendendo muito bem o que o bretão estava querendo dizer. Seus familiares e Lucius estavam mortos, vítimas da revolta dos icênios. Os vizinhos e os amigos também deviam ter perecido, sacrificados pelos bretões. Seu mundo desmoronava, e o flagelo parecia irreprimível, completo e inexorável como o destino.

Sentiu como se o solo ondulasse sob seus pés. E, antes de cair desmaiada, a

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

última coisa que viu foi a expressão zombeteira belos olhos do bretão e a alvura de seus dentes a brilhar escuridão.

Cedric amparou-a e, com inesperada ternura, ergueu-a nos braços e a passou para Clydach.

— Leve-a para seu quarto. E fique com ela até a minha volta.

— Não era necessário ser tão cruel! Você podia ter-lhe poupado muito sofrimento, meu filho.

Os lábios de Cedric crispavam-se.

— Eu não o ensino a falar com seus deuses, druida. Não diga como devo tratar esta mulher.

— Está se arriscando demais, filho — advertiu-o Clydach severa gravidade. — Se algo do que está acontecendo aqui transpirar, a rainha poderá ver nisso uma prova de desobediência!

— Chega! Faço o que achar melhor.

Ainda sufocado pela emoção, ele permaneceu no mesmo lugar até ver Clydach entrar na villa. Embora lhe desagradasse obedecer às ordens da rainha no que se referia àquela família romana, não lamentava a decisão tomada. Lívia era forte e saberia suportar o peso da escravidão. Mas ver seus próprios nessas condições certamente lhe seria intolerável.

Com determinação, voltou-se e entrou na estrebaria, onde Heall e mais dois guerreiros o aguardavam. Precisava desincumbir-se rapidamente daquela tarefa para em seguida capturar Catus Decianus e assim ter Lívia para si.

Lívia recobrou os sentidos somente na manhã seguinte. Quando abriu os olhos e deparou com o cenário familiar de seu quarto acreditou ter sido vítima de um pesadelo. Havia fogo no braseiro de ferro, e ela esticou languidamente os braços, deliciando-se com o calor agradável e o conforto de sua cama. Certamente, nenhum icênio tomaria o trabalho de lhe assegurar aquele bem-estar!

Do andar inferior chegavam sons de risos, o que significava que, após alguns minutos, sua serva entraria nos aposentos para pentear-lhe os cabelos e ajudá-la a vestir-se. Logo em seguida, desceria para tomar a refeição matinal com seus pais e possivelmente com Lucius e depois desfrutaria da beleza daquela manhã de primavera.

Tudo estava em ordem: a rebelião dos bárbaros existira apenas na sua imaginação!

Essa certeza despertou-lhe uma inesperada alegria. Sorrindo, jogou as cobertas para o lado e colocou os pés no chão. E a mudança que se operou em seu íntimo, à vista do sangue que manchava o seu peplo, foi como o salto de uma fera. Cenas da noite anterior passaram-lhe velozmente pela memória, fazendo-a cambalear.

— Beba isto, filha.

Uma taça apareceu diante dela, forçando-a a erguer os olhos para o homem que havia falado: um icênio alto, forte, com claros olhos azuis brilhando num rosto sem idade.

— Tome. É apenas uma poção que a fará recuperar as forças — tornou ele

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

brandamente.

Lívia sacudiu energicamente a cabeça e refugiou-se do outro lado da cama com a respiração presa na garganta. Lembrava-se agora: era um druida, o sacerdote dos bretões! Druidas ofereciam sacrifícios humanos aos deuses, e ela estremeceu de horror. Não aceitaria nada daquele homem!

Clydach pôs a taça de lado e sentou-se no divã colocado junto à cama.

— Não quero fazer-lhe nenhum mal, filha. — disse ele com um sorriso. — Você foi poupada, e há um motivo para isso. Nunca questiono nem desafio o desejo dos deuses, entendeu?

A romana não deu nenhuma indicação de ter entendido suas palavras, e ele as repetiu na língua dela.

Mas Lívia recebeu-as com desconfiança. Era prisioneira, sem nenhuma possibilidade de escapar, e sabia muito bem o destino reservado às prisioneiras. Seria morta ou passada de um homem para outro, até que todos fossem saciados! "Mil vezes a morte à desonra!", pensou.

Tinha de provocar a ira daquele sacerdote, até que ele fosse forçado a matá-la. Ou, então, pensar num meio de ficar sozinha para ter a oportunidade de abrir as veias dos pulsos!

Levantando os olhos chamejantes, disse com voz clara e desafiadora:

— Desprezo seus deuses, sacerdote!

Um pequeno tremor no canto da boca do druida foi a indicação de que o insulto tinha atingido o alvo. Mas ele respondeu calmamente, como se não quisesse aceitar a provocação.

— Diga isso a Cedric, quando ele vier. Na verdade, filha, dois são muito parecidos.

Apesar de profundamente inquieta, Lívia teve sua curiosidade espicaçada.

— Cedric?...

— O guerreiro que mandou trazê-la para cá.

— É um doido, velho druida, se pensa que vou falar com aquele assassino! — disse ela, com os olhos de ametista ardendo indignação. — Vou pedir aos deuses que o amaldiçoem por toda a eternidade!

— Que deuses vai invocar: os seus ou os dele?

Antes que Lívia pudesse responder, houve uma batida na porta e, ainda sorrindo de seu desafio, o sacerdote levantou-se abrir a porta. Ao ver Cedric irromper nos aposentos, ela deu, conscientemente, um passo para trás. O centurião que a havia encantado na clareira havia desaparecido e em seu lugar havia um guerreiro icênio, cuja expressão fria transformava seu sangue em gelo.

— A rainha manifestou o desejo de falar a seu povo. — ouviu dizer ao druida, embora os claros olhos azuis não deixassem dela. — Desça e avise os guerreiros e suas mulheres que deve se reunir no palácio.

— Você está ferido — disse Clydach com ansiedade ao ver corte que atravessava a face esquerda do filho.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Não se preocupe, é apenas um arranhão superficial. E agora vá, Clydach, e me deixe a sós com Livia.

Quando a porta fechou-se atrás dele, Cedric arrancou o tiracolo com movimentos deliberadamente lentos e, depois de apoiar o gládio na parede, aproximou-se de Livia. Pegou a taça que estava na mesinha, cheirou o seu conteúdo e fez um gesto de aprovação com a cabeça.

— Beba isto, antes. Depois mandarei trazer-lhe algum alimento. — Livia virou o rosto. Não aceitaria nada daquele homem! Preferia morrer de fome! Mas ele pegou seu queixo e obrigou-a a encará-lo.

— Veja, não é veneno — disse, tomando um gole do líquido. — É amargo, mas não é mortal. Tome-o e...

Num assomo de ódio, Livia afastou-lhe bruscamente a mão conteúdo da taça esparramou-se no chão. Sua atitude de recusa deixou-o fora de si.

— Nunca mais faça isso! — disse ele, agarrando-a raivosamente pelos braços.

Ela se livrou com um rápido safanão e deu-lhe as costas. "Juno", implorou, "faça com que o icênio me mate agora!" Mas ele se limitou a dizer:

— Já que não quer beber nem comer, vou tomar banho. Depois, você tratará de meu ferimento. Não quero que a rainha Boadicea me veja neste estado.

Livia engoliu o insulto que lhe subiu aos lábios. Invocando silenciosamente todos os deuses romanos, ela o amaldiçoou, desejando-lhe uma morte longa e terrível.

Diante de seu obstinado silêncio, a ira de Cedric não teve limites. Agarrando-a pelo pulso com mão de ferro, virou-a brutalmente para si.

— Sei que me detesta cordialmente, Livia. Mas vai me obedecer por bem ou por mal!

— Não! Nem que César me ordenasse!

— Seu imperador está em Roma. E você está aqui em meu poder. Não diga sempre "não"!

— Sim, em seu poder! — exclamou ela amargamente. — Tenho consciência disso, bretão!

— Meu nome é Cedric.

Ela ignorou o aparte e continuou:

— Pensei que fosse um soldado valente, que lutasse contra seus inimigos de igual para igual. Mas você não passa de um assassino que se esconde nas sombras e que se compraz com o derramamento de sangue inocente.

Cedric fuzilou-a com o olhar, duro como aço.

— Está à procura da morte? Então é uma doida ainda maior do que eu supunha. Pior do que isso: você é um perigo! Não apenas para mim, mas para todos os icênios!

Livia não se deixou intimidar e explodiu:

— Tem razão! Sou uma ameaça, bretão. Se tiver oportunidade, eu o matarei tão impiedosamente como você matou meus entes queridos!

Cedric não conseguiu dominar o seu furor por mais tempo. Afastando-a de si com um safanão, tirou o punhal do cinto e o apoiou no peito dela.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ao ver a expressão implacável do rosto dele, Livia sentiu a esperança encher o seu coração. Os deuses tinham ouvido suas preces! Soltando um suspiro de alívio, ela fechou os olhos.

— Uma morte rápida. Eu lhe imploro, Cedric!

Por um momento que lhe pareceu uma eternidade, ele fitou o rosto delicado bem próximo do seu. Livia havia jurado vingança, sua inimiga. Mas era também o seu destino. E, embora o seu instinto de soldado lhe dissesse o contrário, não podia matá-la. Como poderia conceber o futuro sem ela?

Com uma exclamação de desgosto diante de sua própria fraqueza, ele colocou o punhal na bainha.

— Por quê? — disse ela, abrindo desconsoladamente os olhos. — Por quê?...

— Sua vida não me pertence. A rainha Boadicea ordenou você seja doada como recompensa ao guerreiro que capturar Catus Decianus.

— Mas o procurador...

— Silêncio! — ordenou Cedric secamente.

Ele correria a cidade em busca de Catus Decianus e não o encontrara. Logo, seria forçado a entregar Livia a outro guerreiro. E renunciar à sua posse, perdê-la definitivamente, chegava a ser tão intolerável que a simples idéia bastava para que seu coração se enchesse de raiva.

— Aonde vai? — perguntou Livia ao vê-lo dirigir-se para a

— Tomar banho. Temos de ir ao palácio. Prepare-se. Quando a porta se fechou atrás do bretão, ela se deixou cair de joelhos. Fora-lhe negada uma morte honrosa. Era um penhor guerra e, como tal, a dariam como escrava ao homem que proclamasse o mérito de ter capturado Catus Decianus.

Mas o procurador escapara do massacre. Lembrava-se claramente das palavras de Lucius, anunciando que ele partira Londinium. Então, como podia um guerreiro oferecer provas do impossível?

Sentia-se terrivelmente desamparada. Sua família morreria, e seus amigos, com certeza, haviam tido o mesmo destino. Estava isolada de tudo o que lhe era familiar e rodeada por gente a odiava. Mas não iria dar o espetáculo de uma romana alquebrada e implorante! Iria ao encontro de seu destino com o mesmo orgulho e a mesma dignidade que haviam sustentado Boadicea.

Encorajada por esse pensamento, arrancou a túnica manchada de sangue e lavou-se como pôde, com a ajuda de um jarro de água, uma bacia e um pano de linho. Depois, tremendo de enxugou-se e vestiu uma fina túnica branca bordada de retângulos verdes, a cor da casa de seu pai.

A casa de seu pai! Sentiu as lágrimas queimarem-lhe os olhos, mas fez força para que não escorressem. Choraria mais quando não houvesse possibilidade de nenhum bárbaro assistir ao espetáculo de sua dor!

Com a garganta quente e dolorida pela pressão das lágrimas engolidas, sentou-se diante do espelho. Removeu cuidadosamente os fios de pérola dos cabelos e, depois de escová-los até brilhar como seda, sacudiu-os para que eles se enrolassem em pequenos

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

cachos em volta do rosto.

Inconsciente da visão sedutora que proporcionava, viu pelo espelho Cedric entrar no quarto e fitá-la como se quisesse possuí-la e desviou timidamente os olhos.

"Pelos deuses, como ela é linda", pensou ele, enquanto enfiava a adaga no cinturão.

Cenas de seus sonhos encheram-lhe a mente e, incapaz de resistir à tentação da beleza dela, aproximou-se, murmurando:

— Feiticeira!

Lívia apertou convulsivamente a escova e suspendeu a respiração, enquanto o bretão mergulhava voluptuosamente os dedos em seus cabelos.

"Ele está fora de si", pensou.

Não havia outra explicação para o estranho fulgor que se irradiava daqueles profundos olhos azuis. Com certeza, Cedric pretendia violentá-la, puni-la pelo crime de ser romana!

Quando ele se inclinou para tomar-lhe a boca, pensou em resistir. Mas, diante da inesperada gentileza de seu beijo, fez exatamente o contrário, não se retraindo nem mesmo quando ele forçou-lhe os lábios, à procura de sua língua.

Cedric ficou surpreso ao ver que ela não resistia e permitiu que seu sonho se materializasse. Cingiu-lhe a cintura e puxou-a para junto de si, sugando com crescente urgência a doçura de sua boca.

— Lívia... — murmurou-lhe ao ouvido com voz rouca.

Sensações desconhecidas inflamaram o corpo de Lívia, imagens extasiantes formaram-se em sua mente quando ela sentiu a musculatura daquele peito forte. Um impulso suave e ao mesmo tempo arrebatador dominou-a por completo, e ela abandonou-se àqueles lábios quentes sem pensar em mais nada.

Aquela emoção não durou mais do que alguns minutos. Com um gemido que exprimia repulsa, ela voltou à realidade: aquele era o bretão que assassinara sua família! Ofegante e medrosa, conseguiu desprender-se de seus braços e foi refugiar-se no canto mais afastado do quarto.

Cedric fitou tristemente a mulher assustada que recuava cada vez mais para as sombras e censurou-se por seu impulso. Ela era o seu destino. Agora não duvidava mais da profecia de Clydach. Mas, ao lembrar que logo deveria cedê-la a outro, sentiu um sofrimento próximo da loucura.

— Calce as sandálias — ordenou-lhe secamente. — Temos de ir ao palácio.

Lívia obedeceu, prometendo-se manter em absoluto silêncio durante o percurso. Mas, quando um longo e sinistro cortejo de carretas que continha corpos de cidadãos romanos passou por eles, não se conteve:

— Bretão?

Os intensos olhos azuis fixaram-na com tanta severidade que ela empalideceu:

— Mataram todos os meus compatriotas? — balbuciou.

— Todos não. Alguns escaparam.

— E as crianças?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— As pequenas foram poupadas, serão criadas como bretãs. As maiores... — Cedric balançou a cabeça, num gesto significativo.

— Mataram-nas? — gritou ela, sentindo seu horror transbordar como um dilúvio. — Eram criaturas inocentes!

Ele parou e encarou-a com firmeza.

— As filhas da rainha são ainda crianças e também inocentes. E, no entanto, foram ultrajadas por seus nobres soldados romanos!

Lívia lançou um profundo gemido.

— Eu... Eu não sabia...

Cedric agarrou-a pelo braço e a empurrou para frente.

— A guerra não é agradável, Lívia. Todos sofrem suas conseqüências, inclusive a população civil. Essa é uma realidade ninguém pode mudar.

Correndo para acompanhar-lhe os passos, Lívia olhou em volta. A cidade sofrera uma transformação brutal. Muitas casas haviam sido destruídas, e as que restavam eram devassadas e os tesouros acumulados por seus donos entregues à voracidade da multidão de icênios que enchia as ruas. Enquanto isso, as carretas os corpos dos romanos sucediam-se umas às outras, e sangue romano empapava o solo coberto de escombros.

"É uma profanação!", pensou, cega de ódio.

— Está se divertindo, bretão? — gritou, desvencilhando o braço raivosamente. — Sente prazer em ver toda essa destruição?

Cedric sorriu desdenhosamente e, antes que Lívia pudesse perceber o que estava acontecendo, passou-lhe o braço pela cintura e a ergueu, até que os olhos de ambos ficassem no mesmo nível. Durante alguns segundos, que pareceram horas, enfrentaram-se silenciosamente, como inimigos. Mas, de repente, o rosto dele s anuviou-se.

— Não ouvi você gritar, quando a beijei. E somente agora a sua consciência romana a atormenta?

Ao vê-la enrubescer, ele soltou uma risada zombeteira e a colocou no chão.

— Dobre sua língua, romana. O guerreiro a quem será dada não terá tanta paciência quanto eu.

O gesto impetuoso de um segundo antes exauriu-lhe as forças e ela o seguiu pelos jardins de Boadicea. Uma plataforma havia sido erguida em frente ao palácio, e Cedric abriu caminho entre a multidão que acorrera ao chamado da rainha, até que ambos ficassem na primeira fileira, rigidamente atentos.

Olhares curiosos eram-lhe dirigidos de todos os lados, e ela perdeu parte de sua coragem. Nunca se sentira tão só e tão desprotegida! Até a véspera, seu mundo havia sido amistoso e gentil. Agora, via-se rodeada por um bando de gente desconhecida e hostil.

Engolindo as lágrimas que insistiam em subir-lhe aos olhos, viu, com espanto, um guerreiro de cabelos claros olhá-la com insistência e depois caminhar na direção deles.

— Cedric!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ele abafou uma imprecação e inclinou-se para ela.

— Não fale com, esse homem. Fique de olhos baixos e deixe que eu responda às perguntas que ele fizer.

A inflexão daquela voz disse-lhe que era mais prudente fazer o que ele lhe ordenava, e Lívia baixou submissamente os olhos para o chão.

Grato por sua inesperada cooperação, Cedric voltou-se amistosamente para o recém-chegado.

— Salve, Artair.

Enquanto se apertavam os braços, o guerreiro icênio observou:

— Você está com ótima aparência, Cedric. Espero que o ferimento em sua perna não o esteja incomodando.

— Não se preocupe com isso, Artair.

— Mas você foi ferido por minha culpa — insistiu o outro. — Se eu não tivesse recuado, o inimigo não teria a oportunidade de feri-lo com a adaga.

— Clydach tratará de meu ferimento — disse Cedric secamente, percebendo que a chegada de Artair não tinha nada a ver com os seus ferimentos.

Efetivamente, confirmando suas suspeitas, ele se voltou para Lívia e, antes que pudesse impedi-lo, agarrou-a pelos cabelos, obrigando-a a erguer o rosto.

Os olhos de Lívia arderam de indignação, mas ela forçou-se a não protestar quando Artair explorou-lhe as curvas do corpo, embora tivesse vontade de mergulhar um punhal no coração do atrevido!

Artair leu-lhe os pensamentos e riu, acariciando-lhe o rosto com o dorso da mão. Depois, olhando para Cedric, ele perguntou:

— Já a levou para a cama, meu amigo? Cedric olhou-o com severidade.

— A rainha confiou-a a minha guarda, e eu me limitei a obedecê-la.

— Você tem um excelente autocontrole — observou Artair. — Eu não entregaria esse prêmio sem antes experimentar seus encantos!

— Talvez seja por isso que a tarefa foi confiada a mim e não a você — disse Cedric, o mais calmamente que pôde.

Artair acolheu a observação com uma risada.

— Não seja sempre tão sério, Cedric. Este é um momento de celebração. Alcançamos uma grande vitória, meu amigo. Acho que isso deveria alegrá-lo.

Dito isso, ele voltou-se para Lívia.

— Cedric não lhe disse? Você será dada como recompensa ao guerreiro que capturou o procurador.

— Sim, já sei — disse ela, por entre os dentes cerrados.

— Ela fala a nossa língua! — exclamou Artair, deliciando-se com a descoberta. — Eu não podia querer mais de uma escrava romana!

Cedric empalideceu,

— "Sua" escrava, Artair?

— Sim, Cedric. Minha! Os deuses estavam comigo ontem a noite. Guiaram-me diretamente ao esconderijo do procurador!

Cedric olhou-o pensativamente.

— Onde está Decianus, Artair?

O guerreiro icênio encolheu os ombros.

— Tive de matá-lo: ele preferiu lutar, em vez de se render, acredito que a rainha não irá me negar o prêmio prometido. Artair deu um passo na direção de Livia.

— Acho que vou levá-la agora mesmo.

Cedric interpôs-se entre os dois.

— Não vai, não. Livia ficará comigo até o momento em que rainha decidir o que fazer com ela.

— Livia? Ah... Livia! — Um sorriso iluminou as feições de Artair. — Muito bem, Cedric. Cumpra as ordens da rainha, mas lembre-se: ela é minha! Não deixe que nada lhe aconteça enquanto estiver sob sua guarda.

Cheia de apreensão, Livia observou-o voltar para junto de amigos. Artair devia estar habituado a usar de qualquer meio para obter o que desejava. E, nesse momento, era evidente ele a desejava!

Aflita diante da possibilidade de tornar-se a sua escrava lançou um olhar a Cedric. Ele acreditaria, se lhe dissesse Artair estava mentindo a respeito do procurador? Vacilou, por fim, venceu sua relutância:

— Cedric...

Nesse instante houve uma movimentação na porta do logo a seguir, Boadicea fez a sua entrada, saudada por gritos entusiasmo e palmas da multidão que lotava os jardins.

Enquanto durou a ovação, ela não pôde fazer outra coisa observar a cena, e o fez intensamente, até ver os olhos de Cedric fixarem-se nela com seriedade.

— Quando receber o chamado da rainha, suba no estrado ajoelhe-se diante dela. Permaneça ajoelhada até que ela lhe ordene para levantar-se. Fale apenas quando lhe dirigirem a palavra, e faça-o em tom respeitoso — falou ele em voz com uma nota de impaciência estampada no rosto.

Livia sentiu a segurança esvanecer-se e a dúvida sobre próprias forças insinuar-se em sua cabeça latejante e confusa. Começava a tornar-se plenamente consciente de que, em minutos, sua vida e seu bem-estar não constituiriam mais problemas para ninguém. Seu novo amo poderia usar e abusar dela como bem lhe aprouvesse, não haveria ninguém para acudir em seu auxílio.

Engolindo o nó que se formara em sua garganta, voltou-se. Boadicea galgava as escadas da plataforma coberta por um velário de púrpura com as mãos estendidas, pedindo silêncio.

— Meu povo, a vitória é nossa! Demos o primeiro passo para expulsarmos os romanos de nossa terra. Nossos esforços nesse sentido não cessarão até que o sangue do último deles sature o nosso solo!

Rugidos de aprovação irromperam da multidão. Armas e escudos ainda ensangüentados foram erguidos no ar, junto com as cabeças de soldados romanos espetadas na ponta das lanças.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Lívia desviou a vista, enjoada, e surpreendeu-se ao ver aos olhos de Cedric uma profunda tristeza.

"Ele devia estar alegre como os outros", pensou. "Mas dá a impressão de que foram os icênios que sofreram uma derrota e não os romanos!"

— Meu povo... — falou novamente Boadicea, quando o tumulto diminuiu. — Hoje foi o primeiro de muitos dias de luta. Perdemos muitas vidas. Mas nós, icênios, sabemos que morrer no campo de batalha é uma glória que os deuses nos oferecem.

A rainha fez uma pausa e seus olhos, depois de percorrerem a multidão, pousaram-se em Lívia.

— Nem todas as recompensas serão igualmente intangíveis. Para o guerreiro ou a guerreira que capturar o procurador romano, Catus Decianus, há um prêmio especial!

A um gesto dela, Cedric conduziu Lívia à sua presença e depois ajoelhou-se, inclinando a cabeça em sinal de respeito. Ao erguê-la, viu a romana ainda de pé e fulminou-a com o olhar.

— Ajoelhe-se. Depressa! — ordenou-lhe.

Lívia não se moveu. Diante das palavras de Boadicea, afastara qualquer idéia de compromisso, e seu medo foi substituído por uma calma determinação: não iria dobrar-se diante do inimigo.

Um dos conselheiros da rainha deu um passo para frente e puxou um punhal do cinto.

— Ajoelhe-se, romana, e preste homenagem à nossa rainha!

— Nunca — disse ela, sem mostrar o mais leve sinal de abatimento.

O homem ergueu a arma ameaçadoramente.

— De joelhos, se não quiser que mergulhe este punhal em seu pescoço!

Ela o enfrentou, impassível e serena.

— Meus pais foram assassinados. Minha irmã, meu noivo e meus amigos tiveram a mesma sorte. Acha que tenho medo de sentir o fio de seu punhal?

Depois, voltando-se para Boadicea, acrescentou com uma súbita vibração de coragem:

— Faça comigo o que quiser, rainha, mas não me ajoelharei. A senhora não é minha soberana. É a chefe de uma nação rebelde e eu não me inclinarei diante dos inimigos de meu povo.

Gritos de "matem-na" e "degolem a devassa romana" nos ouvidos de Lívia, vagamente consciente de que Cedric levantava-se e postava-se ao seu lado. Mas ela manteve a calma e o sangue-frio.

Boadicea ergueu a mão e a turba silenciou.

— Por que me desafia, romana? Você me estendeu a mão e ofereceu algum conforto na hora da desgraça. Em troca, eu ordenei que você e sua família fossem poupadas. É assim que demonstra a sua gratidão?

— É impossível sentir gratidão quando a vida só me faz desejar a morte!

A expressão de Boadicea suavizou-se. Aquela romana era como suas próprias filhas, que preferiam a morte em vez de uma de vergonha. Mas não podia sentenciá-la

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

à morte, assim como não pudera acolher o pedido de suas filhas, permitindo que tomassem veneno.

Fazendo um sinal a seu conselheiro para que voltasse a seu lugar, ela disse com voz emocionada:

— Lamento a perda de seus entes queridos. Disseram-me sua família preferiu lutar em vez de render-se.

Mas sua emoção não durou mais do que alguns segundos. Voltando-se para Artair, postado diante da plataforma, fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— Eu esperava vingar-me pessoalmente do procurador. Não dei ordens para que o matassem.

— Eu sei, minha rainha. Quis obedecer às suas ordens, quando Catus Decianus avançou para mim com a adaga desembainhada, fui obrigado a me defender — disse o guerreiro, ajoelhando-se diante dela. — Perdoe-me, senhora, por ter fracassado. Não mereço o seu generoso presente.

Diante do tom servil de Artair, Lívia sentiu o coração bater furiosamente no peito. Ele mentia, mas acreditariam nela, se o denunciasse? A rainha estava confabulando com os seus conselheiros, sem dúvida resolvendo se a entregaria ou não ao guerreiro que desobedecera às suas ordens.

Decidiu tentar um meio extremo para escapar de seu jugo, e abriu a boca para protestar. Mas, no mesmo instante, a mão ferro de Cedric abateu-se sobre seu ombro. E quando, ainda tentou falar, ele enterrou-lhe os dedos na carne, provocando uma dor tão grande que seus olhos se encheram de lágrimas.

Cedric tinha consciência disso, e a dor que sentiu não foi menor do que a dela. Não sabia o que ela tinha em mente, mas sabia que precisava silenciá-la para seu próprio bem.

Entrementes, a rainha, que chegara a uma conclusão, fez gesto para que Artair se levantasse.

— A vida de meu guerreiro vale muito mais do que a do procurador romano. Portanto, como você encontrou Catus Decianus e procurou obedecer às minhas ordens, a romana é sua.

Enquanto ele sorria triunfalmente, Boadicea dirigiu-se a seu povo.

— Enviamos mensageiros a nossas aldeias mais distantes para transmitir as notícias a todos. Antes do cair da noite, receberemos mais adesões e o número de guerreiros se multiplicará. Poderemos então enfrentar o inimigo em igualdade de condições. — Ela fez uma pausa. — Repousem e recobrem o vigor, meus bravos, porque nosso sucesso dependerá da força de seus braços!

Uma trovoadade aplausos saudou as palavras de Boadicea, que preparava para deixar a plataforma. Cedric deixou então o braço de Lívia com um suspiro de alívio. Agora não havia mais perigo.

Mas ao ver Artair aproximar-se, com o evidente intuito de reivindicar sua posse, ela se desesperou. E, antes que alguém pudesse impedi-la, precipitou-se para a rainha, que se afastava seguida de seus conselheiros.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Rainha! Ouça-me, eu lhe imploro!

Boadicea estacou, surpresa, e depois voltou-se lentamente.

— Deixem-na — disse a Cedric e a Artair, que tentavam afastar Livia. — Deixem-na falar.

Ela umedeceu os lábios subitamente secos e disse com voz sumida:

— Eu... Eu não posso ir com Artair.

— Sua vontade nada significa — replicou Boadicea friamente. — Minha ordem será cumprida. Você pertence a ele.

— Mas Artair não matou Catus Decianus...

O guerreiro, sentiu-se enrubescer até a raiz dos cabelos e avançou para ela.

— Não adianta chamar-me de mentiroso diante de minha rainha! Isso não irá mudar o seu destino, romana!

— Não o chamei de mentiroso — disse Livia, em tom mais cortante do que pretendia — Quero apenas saber como tem tanta certeza de que o homem que matou era mesmo Catus Decianus.

Enquanto Livia falava, Cedric lembrou-se de que Artair não pusera os pés em Venta Icenorum no dia anterior. Não testemunhara a humilhação de Boadicea. Portanto, não vira o procurador romano. Mas, à noite, participara do assalto à villa e vira Clydach carregar Livia para o quarto, um olhar breve mas suficiente para notar que a jovem romana era linda.

— Não tenho de dar satisfação a uma escrava! — ouviu-o dizer orgulhosamente.

— Então dê satisfação a mim! — falou Cedric, em tom ameaçador. — Tenho quase certeza de que você nunca viu Catus Decianus. Como pôde, então, identificá-lo?

Boadicea olhava para os dois homens com impaciência. Uma escrava, mesmo bonita, não valia tamanho tumulto. Depois de poucas semanas, haveria mulheres romanas em número suficiente para satisfazer todos os guerreiros icênios. Mas a honra dois de seus melhores guerreiros estava em jogo, e ela precisava ouvi-los. Sabia que Cedric era de uma honestidade a toda prova e que não iria pôr em dúvida a do outro, se não tivesse razões para isso.

— Eu também quero saber, Artair: como tem certeza de que matou o procurador?

O jovem empertigou-se.

— Encontrei um homem na guarnição romana vestido como um civil de alta posição. Degolei-o e trouxe sua cabeça.

— Mostre-a! — ordenou a rainha imperiosamente. Enquanto Artair apressava-se em obedecer à rainha, Cedric lançou um olhar perscrutador para Livia. Ela sabia alguma coisa que ele não tinha conhecimento, ou então os acontecimentos noite anterior haviam perturbado a sua mente.

Nesse instante, Artair chegou e exibiu, triunfante, o troféu espetado na ponta de sua lança.

— Artair... — disse a rainha, decepcionada. — Não é o procurador!

Depois, voltando-se para Livia, ela perguntou, irada:

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Onde está o procurador, romana? Onde o escondeu?

Lívia ergueu o queixo com ar de desafio.

— Catus Decianus deixou Venta Icenorum ontem à noite, rumo a Londinium. Seus guerreiros mataram todos os romanos, menos o homem que a humilhou!

Mas, antes que ela pudesse prosseguir com o seu violento que, Cedric deu um passo para frente e esbofeteou-a duramente na face direita, depois na esquerda. Ela caiu ao chão, com braços à altura do rosto para aparar os golpes, e seus olhos encheram-se de lágrimas.

Boadicea fez um gesto de aprovação. Sua simpatia pela cativa desvanecera-se. E sentiu satisfação, ao ver que seu guerreiro sabia como dobrar a arrogância de uma romana.

— Leve-a, Cedric — disse com impaciência. — Ela é sua pelos serviços que me prestou até agora.

Depois voltou-se para silenciar com um olhar os protestos de Artair, dizendo:

— É justo, Artair. Não reclame.

— Eu a terei de volta! — disse ele belicosamente a Cedric, quando Boadicea se afastou. — Não importa o que a rainha ordenou: essa romana será minha!

Cedric olhou-o zombeteiramente.

— Só depois de minha morte, não antes!

Artair voltou-se para Lívia, e seu belo rosto tornou-se uma cara de fúria descontrolada.

— Quando ele se cansar de você ou morrer, será minha, romana! E então verá como eu trato aqueles que me desafiam.

Os olhos de Lívia arderam de indignação.

— Se tiver de pertencer a você, abrirei os pulsos!

— Antes, eu abrirei as suas coxas! Pense nisso, escrava! — Disse Artair, rindo de modo grosseiro.

Cedric observou-o retirar-se, com olhar preocupado. Artair sempre fora um fanfarrão, mas, agora, sentia nele uma nova determinação. Se Lívia fosse uma escrava comum ou uma presa de guerra qualquer, ele a teria cedido de boa vontade, como fizera inúmeras vezes no passado. Mas Lívia era o seu destino, a mãe do filho que ainda não concebera. Não podia dividi-la com ninguém, nem mesmo com um amigo!

Quando viu o alto icênio olhá-la intensamente, Lívia, ainda de rastos, encolheu-se. Certamente, depois da cena que armara, ele iria espancá-la. Ou arrancar-lhe a língua! Era sua inimiga declarada e sabia, instintivamente, que Cedric estava longe de ser tolerante com aqueles que se opunham à sua vontade. Seu rosto em brasa era prova disso!

Mas, surpreendentemente, ele se limitou a debruçar-se sobre ela e a colocá-lhe a mão no ombro.

— Venha. Vou levá-la para casa.

Lívia ignorou sua mão estendida e levantou-se. Não pôde impedir que ele a tomasse pelo braço e a conduzisse através do pátio, mas manteve-se em silêncio

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

durante o percurso. Pensava num meio de escapar e de realizar sua vingança quando uma carreta, conduzindo mais mortos, passou ao lado deles.

Ao ver o corpo de uma mulher, cujos cabelos castanho-escuros tombavam quase até o chão, um grito estrangulado escapou-lhe da garganta.

Cedric estacou abruptamente.

— O que foi?

— Minha mãe... — murmurou ela com um fio de voz. — Eu... Eu vi minha mãe.

Ele lançou um olhar à carreta que se afastava lentamente e depois disse de modo lacônico:

— Vamos.

Lívia manteve-se obstinadamente parada e ele se irritou.

— Está abusando de minha paciência, romana. Continue a comportar-se assim e serei obrigado a mostrar como trato os escravos desobedientes.

Ela o fitou com os olhos rasos d'água.

— Preciso encontrá-los, bretão. Meus pais, Cláudia, Lucius... Não posso permitir que sejam enterrados sem estarem devidamente preparados para enfrentar o julgamento dos deuses.

O rosto de Cedric tornou-se sombrio.

— Impossível!

— Por quê?

— Seja razoável, Lívia. Foram abertas muitas sepulturas. Não há meio de saber em qual delas está sua família. Podem até não estar todos juntos!

— Não importa! — gritou ela selvagememente. — Preciso encontrá-los e os encontrarei, nem que para isso eu tenha de vasculhar todos os túmulos! Você os matou, isso não é suficiente? Quer negar também o conforto de vê-los purificados, antes de comparecerem diante dos deuses?

— Entendo a sua preocupação, mas o que você pede é impossível.

Lívia empalideceu.

— Degolou-os, para que eu não pudesse reconhecê-los. Foi isso?

A voz dele suavizou-se.

— Não, Lívia. Mas eu a observei no pátio. Você quase desmaiou quando viu aquelas cabeças espetadas nas lanças. Como vai encontrar forças para examinar centenas de cadáveres?

— Sinto que estou mais forte agora, e preparada para o que devo enfrentar. — E invocou-lhe apaixonadamente a aprovação. — Em meu lugar, não faria a mesma coisa?

Cedric olhou-a com uma expressão de fria e severa gravidade.

— É muita arrogância da parte de uma escrava! Se não perder esse orgulho e não aceitar o seu destino, farei uso de métodos desagradáveis para torná-la mais mansa!

Lívia não desanimou, apesar da certeza de que teria de lutar contra um grande obstáculo. Não podia abandonar sua família e Lucius! E, para conseguir a imortalidade de suas almas, o que não havia feito até então, iria humilhar-se diante do homem que

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

os matara e que a escravizara. Seguiria o conselho de seu pai, aceitaria um compromisso!

Reprimindo todo sentimento que pudesse traí-la, pegou Cedric pela mão e o puxou para uma viela deserta.

— Pelos deuses! O que está pretendendo?... — Ele se interrompeu bruscamente, ao vê-la ajoelhar-se a seus pés.

— Perdoe-me, senhor, se o aborreci. Tenha paciência comigo e desculpe minhas maneiras. Ainda não me acostumei ao meu papel de escrava.

Desconcertado diante daquela atitude que não previra, uma atitude absolutamente nova e perturbadora, ele a ergueu:

— Não sou nenhum imbecil, romana. Está me agradando para que eu permita que procure seus familiares.

Lívia fitou os duros olhos azuis e percebeu que não tinha nada a temer.

— É verdade, senhor. Quero encontrá-los. Mas juro que serei uma escrava devotada e que me curvarei a seus menores desejos. Eu lhe imploro, senhor, conceda-me essa graça:

— Você é minha, romana. Foi-me ofertada pela rainha. Sua sorte está em minhas mãos.

— Certo, senhor.

Havia tanta dignidade em sua resposta que, depois de refletir um momento, Cedric concordou:

— Muito bem. Levarei você até o cemitério, mas não espere que a ajude.

— Permita apenas que eu os procure. Isso é suficiente — disse Lívia, apoiando a testa na mão dele, em sinal de obediência. — É muito generoso, senhor, e eu lhe agradeço.

— Chega! — disse Cedric com rudeza. — Quando tiver terminado sua busca, não irá me achar tão generoso. Pelo contrário, irá me achar odioso e cruel!

Dito isso, ele a levou para uma pequena colina, fora dos limites da cidade. Ali haviam sido abertas centenas de tumbas, onde os cadáveres dos romanos eram arremessados ao acaso. Sem dizer uma palavra, Cedric mostrou-lhe os corpos inertes e depois abrigou-se à sombra de uma árvore copada.

Viu Lívia permanecer imóvel por um longo momento e, embora não pudesse ver-lhe o rosto, pôde imaginar o horror que se espelhava nos seus olhos de ametista. Depois, quando ela se curvou para examinar os primeiros corpos, teve de admitir que tinha coragem, uma qualidade admirável na mulher que ia ser a mãe de seus filhos.

Não acreditava absolutamente no seu ato de submissão e de arrependimento. Quando sua busca tivesse terminado, ela voltaria a mostrar as garras.

Satisfeito com o rumo dos acontecimentos, deitou-se na grama e permitiu que o sono tomasse conta de seu corpo exausto.

Lívia olhou em torno. O cálido sol de primavera banhava a relva e as árvores copadas sobre as quais revolteavam as gralhas, no céu dourado. O cenário tinha uma grandeza que contrastava, quase como uma zombaria, com toda aquela devastação.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

O espetáculo daquela carnificina ofuscava-a, mas não podia perder tempo: o sol se encarregava de trabalhar depressa. Assim, prendeu a respiração e começou a revolver aquela massa sangrenta e nauseabunda.

Camadas e mais camadas de cadáveres empilhavam-se nas covas, e mais carretas continuavam a chegar, uma nova camada sobrepunha-se às anteriores. Oprimiu-a então a certeza de que jamais iria encontrar sua família, mas persistiu, inconsciente da passagem do tempo.

Quando olhou por cima do ombro para medir a extensão do seu esforço, viu, com desânimo, que seu progresso havia sido mínimo. Lágrimas de frustração escorreram-lhe dos olhos, e ela não pôde conter-se: Lançou-se de bruços ao chão, dando vazão a um selvagem desespero. Ficou ali muito tempo, a chorar e a soluçar, e, quando ergueu a cabeça, viu que o dia estava quase no fim.

Cedric acordou no instante em que a viu desabafar sobre o relvado e ficou, a observá-la, enquanto ela deixava transbordar a sua dor. Esperou sem dar um passo. Quando a viu calma, caminhou para ela.

Lívia percebeu sua presença apenas quando ele a tomou gentilmente pelo braço e a ajudou a levantar-se. Fitou-o então através das lágrimas, lutando para controlar seu sofrimento.

— Já chega, Lívia — disse ele, com uma pontada de remorso.

— Não! Você prometeu que me deixaria procurar até...

— O dia terminou e os mortos devem ser enterrados antes que a noite desça, para que os animais selvagens não se banqueteiem com os restos. — A voz dele suavizou-se. — Não vai encontrá-los, Lívia.

Ele tornou-lhe as mãos.

— Ajude-me, então! Juntos poderíamos...

— Não, Lívia. Eu disse que não a ajudaria, e minha decisão é definitiva. Vamos, antes que eu perca a paciência.

Esforçando-se ao máximo para não chorar, ela o seguiu sem proferir palavra. Ao transporem as portas da cidade, tomou rápida decisão.

— Gostaria de ir ao templo de Astréia — disse a Cedric um fio de voz.

Ele a olhou com estranheza.

— A deusa da justiça? Que necessidade você tem de pedir sua ajuda?

— Talvez ela possa interceder junto aos outros deuses que as almas de meus familiares sejam julgadas com justiça. Por favor, senhor, é a última coisa que lhe peço. Não é muito, é?

— É um pedido enorme — disse ele rudemente.

Mas, ao observar-lhe o rosto pálido, a própria imagem doçura, foi possuído por um sentimento estranho, algo que não podia explicar. Por que não permitir que da chorasse seus mortos à sua maneira? Por que não contentá-la, se falar com deuses lhe traria algum conforto?

Concordou com um vago aceno de cabeça e a acompanhou a porta do templo.

— Vá ver sua deusa sozinha. Não quero ser um intruso.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Lívia sorriu, reconhecida, e ele retribuiu o sorriso. Os raios do sol poente refletiam-se nos cabelos dela, criando uma radiossidade translúcida em torno do rosto puro. Sentiu uma vontade louca de mergulhar os dedos naquela massa sedosa e pelos ombros e pelas costas, e, inconscientemente, deu um passo para frente.

Lívia percebeu instantaneamente as suas intenções e, soltou um pequeno grito, voltou-se e subiu as escadas do templo correndo.

Cedric suspirou. Precisava ser paciente. Lívia não sabia que eram destinados um para o outro. E, enquanto não entendesse e não aceitasse o seu destino, ele devia proceder com cautela e não insistir. Queria que ela caminhasse para seus braços voluntariamente.

Lívia cruzou o umbral do templo com o coração batendo descontroladamente e foi ajoelhar-se diante do altar da deusa.

— Minha família não recebeu os cuidados apropriados, Astréia. E eu imploro sua ajuda para que os deuses os julguem justamente. A rainha dos icênios deu-me a um guerreiro que tirou a vida de meus entes queridos e que agora reclama também a minha virgindade! Peço justiça, Astréia. Ouça a minha prece e me dê a oportunidade de vingar o crime cometido contra a minha casa!

Lívia ergueu os olhos para a imagem de Astréia e pensou estar sonhando. No altar, à fraca luz das tochas em extinção, julgou entrever o brilho de uma adaga. Prendeu a respiração e subiu os três degraus.

Não, não estava louca nem vendo coisas imaginárias! A adaga estava ali, defronte dela. Alcançou-a e cerrou os dedos em volta do cabo de marfim esculpido. Astréia ouvira suas preces e a atendera!

Sua esperança cresceu e, enquanto experimentava o fio com o polegar, um sorriso de satisfação entreabriu-lhe os lábios. Agora, não estava mais sem defesa contra o ataque de Cedric. Quando ele fosse reclamar sua virgindade, teria uma surpresa!

— Romana! Costumava invocar os seus deuses na escuridão?

Ela conseguiu dominar um sobressalto e virou-se calmamente para Cedric, que estava parado no umbral do templo.

— Sua gente deve ter assassinado a sacerdotisa e seus assistentes. — disse, com voz trêmula. — Não sobrou ninguém para acender novos archotes votivos.

Cedric franziu os cenhos.

— Já terminou de rezar?

— Ainda não. Pode me deixar mais alguns momentos sozinha? Ou teme que eu invoque a maldição da deusa sobre sua cabeça?

Ele a olhou furioso.

— Já fui amaldiçoado muitas vezes, romana. Mas, como vê, ainda estou vivo. Seja rápida, ou a deixarei à mercê dos guardas que patrulham as ruas.

Uma vez sozinha, Lívia rasgou uma tira de sua túnica e amarrou a adaga na parte interna da coxa. Depois, ajeitou as pregas prostrou-se novamente diante do altar de mármore.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Agradeço-lhe, poderosa Astréia, por ter me mostrado um meio de fazer justiça. O bretão pagará caro por seus crimes, juro!

— O que é isso, romana? Algum truque novo, ou espera obter outro favor?

Ele a ergueu, mas ela permaneceu com os olhos pregados no chão.

— Não, senhor. Embora meu coração chore pela morte meus familiares e pelo derramamento de sangue romano, eu o servirei. Astréia disse-me que é meu destino restabelecer a paz entre sua rainha e meus compatriotas.

Cedric rompeu numa risada sonora e pôs-se a caminhar rapidamente, deixando-a para trás.

Intrigada, ela correu para alcançá-lo. Procurara justificar atitude, atribuindo-a a inspiração de Astréia, mas ele parecia duvidar de sua docilidade.

"Exagerei na submissão?", pensou enquanto se mantinha a uma distância de três passos dele.

Precisava fingir inocência, esforçar-se para que seu rosto nada revelasse! E mostrar-se naturalmente amável, até que Cedric começasse a confiar nela. Aí, quando ele menos esperasse, enterraria a adaga até o cabo em seu coração!

"Esse bretão de alma insensível vai cair na armadilha!", pensou com uma curiosa sensação de triunfo.

Perdida em idéias de vingança, seu único alívio, não percebeu que Cedric havia parado e foi chocar-se contra seu peito. Teria caído, se braços fortes não a amparassem.

— Que está tramando? — perguntou ele, fitando-lhe os olhos de ametista. — Vingança?

— Não, senhor — disse ela, afastando o corpo para que não sentisse o volume da adaga. — Deixe-me, eu lhe peço.

— Sossegue. Não vou tomá-la à força, a menos que lute contra mim. Você conheceu muitos homens e deve saber que nós preferimos a complacência à resistência.

— Não sei quais são seus propósitos.

— Serei um amante gentil, se você me agradar, embora eu a preferisse virgem. E também um amo tolerante. Pode até ser que depois de um certo tempo, eu lhe dê a liberdade de voltar a Roma, onde esquecerá tudo o que aconteceu aqui.

Lívia fitou-o com um olhar de puro ódio diante da dúvida que ele lançara sobre sua castidade.

— Nunca estive em Roma, nem chego a sonhar com essa possibilidade, já que só sua morte poria fim ao meu cativeiro.

— Deseja a minha morte, romana?

— É o que mais desejo! — disse Lívia com ardor. — Isso salvaria a minha vida e a minha honra!

Cedric não se deixou perturbar e sorriu.

— Está achando tudo muito engraçado, não é? Não podia esperar outra coisa de um bárbaro!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ele acariciou-lhe o rosto com o dorso da mão.

— Você é uma víbora, Lívia, mas admiravelmente talhada para o papel que deverá desempenhar.

Diante de seu olhar confuso, o sorriso dele ampliou-se.

— Esconda suas garras, feiticeira. Não me importo que me insulte quando estamos a sós, mas, em público, não posso tolerar!

Os olhos de Lívia arregalaram-se diante da suavidade daquela voz.

— Eu não...

— Vai me obedecer? Não sabe que a salvação de seu lindo corpo depende de sua submissão?

Ela esteve a ponto de estourar, mas a lembrança da arma que trazia consigo acalmou-a.

— Eu o obedecerei, senhor — disse de cabeça baixa para que ele não notasse o lampejo de ira que brilhou em seus olhos. Ele ergueu-lhe o queixo com dois dedos. — Não gosto quando você fala sem me olhar.

— Eu o obedecerei, senhor.

Cedric sorriu, satisfeito, e passou-lhe o braço pelo ombro, conduzindo-a até a villa. Mas, diante do arco de entrada, ela deparou, num relance, com algo que a fez recuar, vacilante, e lançar mão de toda a sua resistência.

A casa de seus pais, seu lar, tornara-se um acampamento bárbaro. Os archotes crepitavam, sua chama avermelhada enegrecia as paredes incrustadas de mármore vermelho, e candeeiros tremulavam sobre as mesinhas baixas. Achas de pinho queimavam nos braseiros, colocados a intervalos regulares no chão de mosaico do átrio, onde os guerreiros icênios e suas companheiras limpavam as armas, enquanto comiam e conversavam.

A tapeçaria que separava o átrio da galeria fora erguida, e um sentimento de angústia dominou-a, ao ver que as riquezas e as esplêndidas obras de arte de sua família estavam sendo avidamente disputadas.

Seguiu Cedric com o coração oprimido, engolindo as lágrimas que lhe subiam aos olhos. Observou com indiferença a entrada de Artair, que chegava com o druida e outro homem que não conhecia. Mas, ao reconhecer o manto novo de seu pai nos ombros do jovem guerreiro seu ódio por ele cresceu impetuosamente.

Cedric também lamentou o saque á villa. E, embora soubesse que não podia negar este direito aos seus companheiros, lançou em torno um olhar reprovador.

— Não pudemos impedi-los — explicou Clydach, entendendo o ar de pesar de seu filho. — Heall e eu fizemos o impossível, mas não é fácil prevenir a desordem quando os ânimos estão exaltados.

Cedric assentiu pensativamente e então voltou-se para Artair.

— Parece que você não perdeu tempo.

O jovem fez menção de e tirar o manto.

— Gosta? É seu! Não, me importo de dividir meus tesouros com você — disse ele com os olhos fixos em Lívia.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Fique com ele — disse Cedric ironicamente. — Assenta-lhe bem e irá abrigá-lo durante as noites frias que virão.

Artair enfureceu-se.

— Naturalmente, você não irá precisar de nenhum manto para se aquecer!

Cedric olhou para Livia, que havia corado profundamente.

— Não. Irei aquecer-me de modo mais agradável. — Ela lançou-lhe um olhar carregado de ódio, e ele deu uma risadinha.

— Paciência, meu bichinho de estimação, não chegou o momento.

Livia o teria estrangulado se, naquele momento, uma jovem e alta que avançara rapidamente para ele não tivesse lançado os braços em torno de seu pescoço.

Cedric quis afastá-la, mas Edith o mantinha tão junto de si e o beijava tão furiosamente que ele não teve outro remédio capitular.

— Já terminou? — disse, irritado, quando a viu ofegante.

— O dia foi longo na sua ausência — disse ela, com ousadia. — Por que demorou tanto?

— Estamos em guerra contra os romanos, Edith, já se esqueceu? Tenho deveres a cumprir.

— Não acredito que foram os seus deveres que o mantiveram ocupado o dia todo! Artair disse que você encontrou um meio de reclamar essa mulher para si. Naturalmente, estava com ela.

Edith voltou-se para Livia e lançou-lhe um olhar de ódio.

— Vou arrancar seu coração, romana!

Livia olhou-a com curiosidade, pensando que a bretã seria incrivelmente linda, se suas feições não estivessem contorcidas pelo ódio.

— Minha vida está nas mãos de meu amo. É ele quem decide se eu devo morrer ou não.

Sua resposta calma deixou Edith sem fala. Clydach e Heall contiveram a custo o riso, enquanto o rosto de Cedric era uma máscara de impassibilidade.

— Avisei-o de que Edith não iria gostar. — disse Artair recuperando o bom humor. — Duas mulheres na vida de um homem são demais.

Cedric mediu-o com um olhar glacial.

— Se eu fosse você, não me meteria na vida dos outros.

— A romana é uma escrava! — disse Edith belicosamente. — Terá a obrigação de facilitar as nossas vidas quando iniciarmos a marcha através do país!

Um coro de risadas acolheu sua ingênua tentativa de amenizar os fatos, e alguém atrás deles observou:

— A romana vai facilitar as noites de Cedric, tornando-as mais agradáveis. Nossa única esperança é que ela lhe deixe forças suficientes para marchar e lutar durante o dia!

Mais risadas explodiram e, sem lançar sequer um olhar a Livia, Cedric pegou Edith pelo braço e levou-a para um canto afastado.

— Ficou embaraçado por minha causa? — perguntou ela, inquieta.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Onde está seu orgulho, Edith? — disse ele friamente. — se jogou nos meus braços diante de todos, que sabem bem que não há mais nada entre nós.

— Não me importo com os outros! Eu o vi com a romana nos jardins do palácio. Você a trata não como uma escrava, mas como se ela fosse um tesouro. Cuidado para que ela não o domine!

Cedric olhou-a enigmaticamente.

— Artair lhe agrada, não, Edith?

Ela corou fortemente diante dessa inesperada reviravolta da conversa:

— Achou que eu não soubesse? — continuou ele. — Há poucos segredos em nossa aldeia. Mas gostei que o tenha escolhido. Ele a tratará bem, se você lhe der uma oportunidade. — Edith sacudiu energicamente a cabeça.

— Artair está enfeitiçado pela escrava romana. Ontem à noite, ele não falou de outra coisa. Veja — disse ela, apontando para o guerreiro que, afastado, dos outros, não tirava os olhos de cima de Lívia.

— Você gosta dele?

— Ele sabe agradar uma mulher na cama.

Cedric afagou-lhe os cabelos, lembrando vagamente os momentos de prazer que haviam tido juntos.

— Quer me fazer ciúme, Edith?

Ela cingiu-o pela cintura, e suas mãos ávidas desceram vagarosamente até suas virilhas.

— Nossas noites foram cheias de paixão, Cedric. Por que não dá a romana de presente a Artair?

Uma suspeita através a mente de Cedric, e, com cruel deliberação, ele a puxou pelos cabelos para fitá-la nos olhos.

— Foi você quem aconselhou Artair a reclamar Lívia, não foi? Fale, Edith, ou eu lhe arranco a verdade à força!

Clydach, que assistia cena de longe, comentou:

— Essa mulher é praga. Não quer deixar Cedric em paz.

Lívia sorriu, satisfeita. O bretão tinha uma mulher ciumenta que, obviamente, não tinha a intenção de dividi-lo com ninguém. Aquilo era um motivo alívio tão grande que, mais calma, ela voltou a atenção para o druida e seu companheiro.

— Este é Heall — Clydach apresentou-os. Seu rosto revelava grande interesse.

O guerreiro olhou-a dos pés a cabeça, mas Lívia sustentou seu exame minucioso com orgulhosa firmeza.

— O senhor parece ter as mesmas intenções que o nobre Cedric. Há uma ligação de sangue entre vocês dois? Serei compartilhada por pai e filho?

— Amo Cedric como um filho, mas não temos nenhum parentesco. Entendeu mal meu interesse — disse o velho guerreiro com voz rouca. — Clydach e eu notamos que está cansada. E, como conseguimos preservar seu quarto da pilhagem, pensamos se não gostaria de mudar de roupa e descansar um pouco:

Lívia sentiu-se confusa diante da inesperada gentileza e vagamente

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

envergonhada.

— Eu... Eu pensei... Desculpe, mas acho que o bretão ficará zangado se eu me retirar sem a sua permissão.

Clydach olhou-a fixamente.

— Está com medo de Cedric, quando esta manhã invocou seus deuses para amaldiçoá-lo?

Ela ergueu orgulhosamente o queixo.

— Não tenho medo de ninguém!

O druida sorriu, satisfeito.

— Ótimo! Então acompanhe Heall e dê um pouco de paz a seu espírito.

— Ele é vidente? — perguntou Lívia, enquanto seguia Heall pelo átrio apinhado.

— Clydach sempre honrou os deuses, em troca, eles lhe deram poderes especiais. Às vezes, ele consegue antever o futuro e, outras, ler a mente e o coração dos homens.

Lívia estremeceu. Se Heall estava dizendo a verdade, o druida podia ser um perigo quando a idéia de vingança dominasse sua mente. Perplexa e confusa, percorreu ao lado do icênio o corredor vazio. Antes de entrarem no dormitório, ele avisou:

— Chegamos tarde demais para impedir que Edith revolvesse suas coisas. Acho que ela apoderou-se de algumas roupas e das jóias...

— Não é de estranhar — interrompeu Lívia. — Afinal, Edith é a esposa de Cedric.

Heall quis contar-lhe a verdade, mas ela se mantinha de cabeça baixa, numa atitude de tão doloroso abandono que todos os outros sentimentos se dissiparam para dar lugar apenas a uma espécie de profunda ternura.

— Descanse, como Clydach recomendou. — disse, ao vê-la cambalear.

— Não posso. Tenho medo de fechar meus olhos e ver minha família... — A voz dela quebrou-se. — Preferia ter morrido eles.

Incerto sobre o que fazer ou dizer, ele se limitou a afagar-lhe ternamente os cabelos.

— Veja — disse Lívia, ajoelhando-se para apanhar um pedaço de gaze cor de púrpura. — É meu véu de noiva.

Ela o alisou com carinho e depois cobriu com ele os cabelos.

— Agora, irá me servir de mortalha.

Heall ajoelhou-se a seu lado e tomou-lhe o rosto delicado entre as mãos.

— Não diga isso. Há sempre um motivo para viver, embora nesse momento, isso lhe pareça impossível.

— Eu não tenho essa coragem — murmurou ela, comovida pela bondade que o guerreiro lhe manifestava, — Meu mundo era gentil.

— Mas você tem coragem... — Heall tocou-lhe gentilmente o peito. — Aqui, no seu coração, encontrará toda a força de que precisar. Terá apenas que descobri-la a então usá-la.

— Como pode ter tanta certeza?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Eu sei — disse ele com um sorriso. — Você não se curvou diante da rainha, como não se curvou diante do poder de Roma. É um erro pensar que seja fraca.

— E é um erro ainda maior confortar o inimigo — disse uma voz, da porta.

Os dois voltaram-se a um só tempo. Cedric estava no limiar, e havia algo no seu jeito que anunciava tempestade. Lívia sentiu a tensão e teve vontade de sair correndo dali.

— Compartilharei essa mulher com você, Heall, com o maior prazer. Mas só depois de ter me servido dela — disse Cedric, olhando-o desafiadoramente.

Heall levantou-se lentamente. Seus olhos exprimiam preocupação.

— Ela não passa de uma criança, Cedric.

— Não, é mulher feita — disse ele com os olhos fixos em Lívia. — Venha cá, romana.

Lívia obedeceu-o a contragosto.

— Foi para a cama com Heall?

Ela o encarou, posses de raiva à insolente insinuação, mas não disse nada.

Heall respondeu por ela.

— Está cometendo um grave erro, Cedric.

Ele ignorou seu tímido protesto.

— Quero que a escrava responda.

— Heall estava apenas me confortando. — Disse Lívia com uma frieza de dignidade ofendida.

Cedric voltou-se para o velho companheiro.

— Deixe-nos a sós, Heall.

— Está bem, Cedric. Mas, antes... — A voz morreu na garganta de Heall, diante da frieza do amigo. E sem proferir palavra, ele deixou o quarto.

Lívia e Cedric permaneceram um momento calados. Por fim, sem receio do que ele pudesse fazer, ela o enfrentou:

— Por que foi tão desnecessariamente cruel com Heall?

— Não quero ver meus guerreiros correndo atrás de você quando há coisas mais importantes para fazer.

— Ele não estava correndo atrás de mim! — explodiu ela, indignada — Estava apenas sendo bondoso!

Cedric agarrou-a com rudeza pelos pulsos, fazendo-a gritar de surpresa e dor.

— Cale-se! Está ficando histérica!

Lívia tremeu de medo e tentou escapar, mas ele a apertou mãos de ferro. Como último recurso, ela o esmurrou no com os punhos fechados.

— Nunca mais faça isso! — rugiu ele, empurrando-a para de si. — Será a única a sofrer, se eu perder o controle.

Fitaram-se como lutadores que não ousavam aproximar-se do adversário, cada um deles temendo pelo outro. Finalmente, se viu compelida a perguntar.

— Onde está sua esposa? Edith, parece-me...

— Não tenho esposa.

— Mas eu ouvi, quando...

— Não tenho esposa — tornou Cedric, com o olhar volta para o véu que ela tinha na cabeça. — E você não tem nada que usar esse véu de casamento. Tire-o!

Lívia tirou o véu da cabeça e o dobrou cuidadosamente.

— Como sabe que é meu véu de casamento?

Cedric sorriu, superior.

— Passei boa parte de minha vida combatendo ao lado de compatriotas. Cheguei a morar em Roma por um certo tempo. Conheço os seus costumes, Lívia. Você não tem segredos para mim.

Ele correu os olhos pelo quarto e sacudiu a cabeça.

— Nós lhe deixamos muito pouco. Mas irá aprender os costumes icênios.

— Nunca! — disse Lívia. — Sou romana, jamais esquecerei meus costumes.

— Veremos!

Nesse instante, houve uma batida na porta e, logo depois, uma fila de icênios entrou no quarto com Clydach à frente. Duas mulheres depositaram uma banheira de madeira diante de Lívia enquanto outra acendia o fogo no braseiro. Água fervente foi despejada no recipiente, enquanto tigelas de comida e taças de vinho eram colocadas numa mesinha baixa.

Quando os preparativos terminaram, Cedric avisou:

— Aproveitem os festejos desta noite, e manhã deixem a villa em ordem. Digam isso aos que estão se divertindo lá embaixo. Avise-os também de que este quarto, e tudo o que ele contém é meu. Podem ir.

Quando todos saíram, ele voltou-se para Clydach.

— Isso vale também para você, druida.

Clydach sorriu.

— Irei embora assim que tiver tratado de seu ferimento.

— Cuidarei dele eu mesmo, como costumava fazer na legião.

Ao ver a expressão de sofrimento que estampava no rosto do pai, ele acrescentou:

— Dentro de dois dias, três no máximo, começaremos os treinamentos militares. No momento, peço apenas um pouco de paz e de privacidade. Dê-me seus ungüentos, Clydach, e depois siga o seu caminho.

O druida pareceu indeciso.

— Artair disse-me que você está seriamente ferido. Se houver alguma infecção, você poderá perder a perna e talvez a vida.

— Está bem, Clydach. E o chamarei, se precisar de seus poderes. Até lá, tenha a bondade de satisfazer o meu pedido.

Clydach suspirou, resignado. Tirou do manto a bolsa de couro que continha o ungüento e as ervas e saiu. Lívia olhou-o com curiosidade.

— Por que você interrompeu a pilhagem? Venta Icenorum está em ruínas. Todos os que podiam cuidar de suas casas e de seus haveres morreram.

— Os tesouros dos romanos não me interessam. Guerreiros precisam ter

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

disciplina. É a disciplina que torna as legiões romanas imbatíveis. Os soldados obedecem às ordens de seus superiores sem questionar, mesmo quando a situação parece sem esperança. Meu povo precisa aprender a fazer o mesmo, e sua educação deve começar agora, antes de enfrentar o inimigo.

Ele sorriu, diante dos olhos atônitos de Livia.

— Certamente, seu noivo, o bravo tribuno, discutia com você a necessidade de disciplina.

— Sou uma mulher, não um soldado, e Lucius sempre me tratou como tal. Deixo os problemas da guerra para os homens.

— Era um sábio esse nobre Lucius! E agora prepare-se: o banho é para você, romana.

Livia olhou-o com desdém.

— Vou tomar banho do modo como sempre fiz: numa banheira apropriada!

— Talvez não tenha notado que a caldeira de calefação não foi acesa. A menos que queira dar-se ao trabalho de acendê-la, aconselho-a a aproveitar meu generoso presente, embora ele lhe pareça um tanto rudimentar.

— Vai ficar me olhando? — perguntou ela, pensando na arma que escondia debaixo da túnica.

— Uma preocupação de virgem virtuosa — disse ele com ironia. — Infelizmente, sua sensibilidade não me preocupa tanto quanto a possibilidade de um contágio. Tire as roupas de uma vez e livre-se do odor fétido da morte!

Livia percorreu o quarto com os olhos, em busca de um canto onde pudesse esconder-se dos olhos ávidos de Cedric. Quando a busca revelou-se inútil, suplicou com voz trêmula:

— Não quer ao menos virar-se de costas?

— E negar-me o único prazer do dia? Não, romana! Imagine que eu seja o seu amado Lucius e isso tornará tudo mais fácil — A voz dele endureceu subitamente. — Faça o que eu disse, sem perda de tempo! Ela lançou um olhar furtivo à porta. — Nem pense em fugir — disse ele, percebendo sua intenção. — Há um guarda aí fora, e as portas da galeria estão fechadas por fora. Vai me obedecer ou quer que a dispa eu mesmo?

Acuada, Livia decidiu pôr em prática seu plano sem perda de tempo. Virou-se e deixou que a túnica escorregasse de seus ombros. Depois, segurando-a de encontro ao peito para impedir caísse ao chão, cerrou os dedos em volta do cabo da adaga. Sentiu a arma sair facilmente da bainha, e invocou mentalmente Marte para que guiasse sua mão.

— Não perca tempo, romana — disse Cedric imperiosamente — Já lhe disse que...

Ele não chegou a terminar a frase. Livia deixou a túnica escorregar até o chão e, depois de voltar-se para ele com um grito rouco, correu através do quarto com o braço erguido, pronta desfechar-lhe um golpe mortal.

Um ar de incredulidade estampou-se no rosto de Cedric, ver-se atacado por uma

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

mulher armada apenas de uma pequena adaga de sacrifício. Se não fosse pelo brilho de ódio que via cintilar nos olhos dela, teria rido de sua infantil tentativa de vingança. Sem nenhum esforço, agarrou-lhe os pulsos e torceu-os para trás.

— Você está louca! — disse, tirando-lhe a adaga e atirando-a no chão.

Lívia procurou desvencilhar-se de suas mãos de ferro, atacando-o a socos e a pontapés. Ouviu-o gemer, quando lhe atingiu a coxa ferida, e alegrou-se. Mas, irritado, ele ergueu-a pela cintura e jogou-a em cima do ombro, como se ela fosse um saco de batatas.

— Largue-me, seu bárbaro insolente! — gritou ela esperneando.

Os insultos terminaram num grito de dor, quando a mão pesada de Cedric desceu com força sobre suas nádegas nuas. Lágrimas de humilhação saltaram-lhe dos olhos, mas, antes que pudesse protestar, foi jogada dentro da bandeira.

— Agora lave-se! — ordenou ele, com olhos azuis escuros de raiva.

Lívia fervia de ódio. Se pudesse, arrancaria a expressão sarcástica do rosto dele com as unhas.

— Não vou obedecê-lo. Sua arrogância é simplesmente revoltante!

Cedric colocou-lhe as mãos sobre os ombros.

— Faça o que lhe ordenei, antes que eu mude de idéia e a afogue pelo aborrecimento que me causou.

Vencida, ela mergulhou na água fumegante. Fracassara! O inimigo ainda vivia, e ela estava à sua completa mercê! Pôs-se a esfregar vigorosamente o corpo sob seu olhar observador e, quando do terminou, ficou de pé na banheira. Com a água a brilhar no corpo jovem, fitou-o desafiadoramente, esperando um comentário irônico.

Percebeu que Cedric não se mostrava indiferente à sua nudez. Seus olhos azuis percorriam-lhe o corpo com desejo intenso. Mas, para seu espanto, ele limitou-se a estender-lhe uma toalha de linho.

— Enxugue-se e vista-se logo. Talvez eu devesse cortar sua língua. Você é mais suportável quando fica em silêncio.

Algo ao brilho de seu olhar disse a Lívia que ele não brincava, e ela deu um passo para trás, deixando cair a toalha.

Cedric sorriu, divertido, mas seu sorriso desvaneceu-se quando a porta abriu-se inesperadamente. Um grupo de seis romanos entrou no quarto, precedido por Artair, que ficou olhando para Lívia como em transe. Seu olhar parecia querer devorá-la.

Numa ação reflexa, Cedric apanhou a toalha e envolveu nela o corpo trêmulo da moça. Depois voltou-se para o companheiro.

— O que significa isso, Artair?

Os olhos de Artair deixaram Lívia com relutância e voltaram-se para de.

— Vim oferecer os serviços de meus escravos. Eles retirarão a banheira e farão tudo o que lhes for ordenado.

Dirigindo-se ao primeiro deles, o jovem guerreiro ordenou:

— Faça o que eu disse.

O homem olhou-o amedrontado, mas permaneceu no mesmo lugar.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— O romano não entende a sua língua — disse Cedric com ironia. — E duvido que algum deles entenda. Se quiser que esses homens o obedeçam, deve falar com eles na sua própria língua ou então ensinar-lhes a nossa.

— Não farei isso! — gritou Artair. — Não vou desperdiçar meu tempo com escravos! Se não quiserem me obedecer, eu os mandarei reunirem-se a seus antepassados!

Lívia adiantou-se dando um grito de protesto.

— Não o deixe fazer isso! — implorou ela a Cedric. — Por favor!

— Os escravos não são meus. Não posso decidir o destino deles — disse Cedric puxando-a para o lado.

Depois, dirigindo-se a Artair, ele acrescentou:

— Já que você pretende dispor da vida desses homens, faça isso em outro lugar! Quero que deixem o meu quarto imediatamente!

Artair não perdeu o sangue-frio:

— O que me diz de uma troca, Cedric? Meus seis escravos pela sua. Ambos sairíamos ganhando com isso. Teríamos serviais obedientes à nossa disposição.

— Nada feito, Artair. Mas vou permitir que Lívia sirva de intérprete.

Cedric voltou-se para ela.

— Diga à sua gente o que lhes foi ordenado, romana.

Lívia obedeceu e ficou aliviada quando seus compatriotas obedeceram sem protestar.

— Veja, Artair, eles são obedientes — atreveu-se ela a dizer. — Se lhes mostrar o que deseja ou permitir que eu lhes ensine língua britânica...

— Cale-se! — disse o guerreiro, com o rosto vermelho de raiva. — Se ousar insultar-me novamente, terá sua cabeça numa ponta de lança!

Instintivamente, Lívia buscou refúgio nos braços de Cedric sua única proteção. Se Artair se considerasse insultado, estaria perdida! Escravos não tinham direitos, um fato amargo que devia aceitar, se desejasse viver para vingar a sua família!

Quando os escravos se retiraram, Cedric deu vazão a toda sua raiva.

— Você arriscou muito com esse truque sujo, Artair! Inclusive sua vida. Na próxima vez que quiser me ver, apresente cortesmente. E agora vá!

Artair já havia alcançado a porta quando ele acrescentou:

— E não se atreva a ameaçar minha escrava! Somente eu tenho direitos sobre ela!

Essas palavras foram ditas com tamanha dureza que, quando ficaram a sós, Lívia viu-se na obrigação de dizer:

— Obrigada, senhor.

— De que valem os agradecimentos de uma escrava que tentou enfiar-me uma adaga no coração? Tenho de agradecer aos deuses de Clydach, que realizaram um verdadeiro milagre! — Cedric olhou-a demoradamente e então sorriu. — Há um modo melhor de mostrar sua gratidão.

Ele tomou Lívia pelo braço, fazendo-a sentir-se estranhamente medrosa,

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

embora não houvesse nada ameaçador em seus modos.

"Chegou a minha hora", pensou ela, enquanto o seguia obedientemente até a cama.

— Não vai ser difícil — disse Cedric, sentando-se na beirada passando sua adaga às mãos dela. — Mas precisa ser feito com rapidez e habilidade. Ponha a lâmina sobre os carvões do braseiro, enquanto começamos.

Lívia empalideceu.

"Grande Juno, ajude-me", rezou, desesperada. "Esse bárbaro louco! Vai me fazer sofrer mais do que eu pensava!"

Se pudesse convencê-lo de que não iria oferecer resistência talvez ele desistisse de agir tão cruelmente. Tinha uma vaga idéia do que acontecia entre um homem e uma mulher na intimidade e estava certa de que adagas não faziam parte do ato normal!

Cedric impacientou-se.

— Vamos depressa com isso, Lívia. É uma coisa que deve feita.

— Mas, senhor... Não há outro meio? — balbuciou ela.

— Há, mas é mais longo e doloroso. Quer que eu sofra desnecessariamente?

Ela sacudiu a cabeça com tristeza, e ele continuou:

— Ótimo! Agora ponha a adaga no braseiro e enrole isso no braço para não se queimar — disse, passando-lhe uma estola. — Na volta, traga a bolsa que Clydach deixou aqui.

Lívia obedeceu-o em estado de choque. Quando voltou paia junto da cama, viu que ele havia retirado a túnica e que estava só de tanga.

— Espero que você seja mais forte do que parece — ouviu-o dizer, enquanto abria a bolsa de Clydach e remexia em seu interior. — Não me ajudará, se desmaiar à vista de sangue.

Um arrepio percorreu a espinha de Lívia.

— Não sei por que deseja torturar-se dessa maneira, bretão. Mas prefiro morrer antes a desmaiar em seus braços.

— Em meus braços? Você está falando por enigmas — disse ele com impaciência.

— Ah, aqui está o bálsamo.

Ele colocou o pote a seu lado e puxou Lívia para junto de si.

— E agora tire a faixa, para que eu possa ver o estrago que você fez.

Enquanto retirava a faixa que lhe cobria a coxa direita, ela o olhou com um misto de piedade e de alívio diante da própria cegueira.

"Ele está ferido e precisa de minha ajuda!", pensou. "Interpretei mal sua intenção".

Prendendo a respiração, acabou de remover a faixa e examinou o ferimento. Era uma meia incisão aberta, de bordas irregulares, de onde um tênue fio vermelho começou a escorrer assustadoramente, formando uma poça no chão.

Parecendo indiferente à dor que devia sentir, ele ordenou:

— Agora traga um jarro de água limpa.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Lívia obedeceu sem hesitação. Naquele momento, o bretão não era mais um inimigo odiado, mas um ser humano precisando de seu auxílio.

— Deixe-me ajudá-lo — disse, despejando um pouco de água na tira de linho e removendo com cuidado o chumaço de sangue seco, encrostado em volta da ferida.

— Parece que não está infeccionada — observou ele com alívio.

Lívia foi assaltada pelo remorso, ao perceber que o pontapé que lhe desfechara reabriria o ferimento.

— A culpa foi minha — desculpou-se.

Ele a fitou com ar de zombaria.

— É preferível perder um pouco de sangue a morrer nas suas mãos. Traga a adaga.

Quando ela voltou com a arma, instruiu-a:

— Pressione a lâmina sobre os dois lados da ferida. Faça isso rapidamente, para que a carne não grude no metal, mas dando tempo para que as veias se cauterizem. Em seguida, limpe a incisão, aplique o bálsamo do druida e volte a enfaixar a coxa suavemente, mas com firmeza. Entendeu?

Lívia protestou.

— O druida ou Heall podiam fazer isso melhor do que eu. Minha mão pode tremer ou fraquejar.

Um estranho fulgor fez cintilar os olhos azuis de Cedric, que ele os fechasse.

— Eu a conheço bem, Lívia. Você não vai fraquejar.

Ela pensou que seria simples matá-lo agora e depois abrir suas próprias veias e acabar com tudo aquilo de uma vez.

Mas não fez nada disso. Seu medo desapareceu, substituído por um estranho sentimento que não soube definir. Ele parecia tão desamparado! Seus lábios estavam agora quase brancos, e os olhos azuis mergulhados nas sombras das órbitas profundas.

Desgostosa de sua própria fraqueza, pousou-lhe a lâmina incandescente sobre a coxa, com espantosa segurança. O cheiro de carne chamuscada encheu o aposento, revolvendo-lhe o estômago. Quando ergueu os olhos, encontrou os de Cedric fixos nela.

— Está feito, bretão.

Ele sorriu levemente.

— Excelente. Os deuses sabiam o que faziam quando a escolheram, minha feiticeira.

Enquanto ela o observava, viu uma névoa velar-lhe os olhos e seu tronco oscilar para frente. Foi-lhe necessário recolher as forças para ampará-lo e depois deitá-lo. Mas precisava de ajuda para ajeitar-lhe as longas pernas vigorosas.

No instante em que abriu a porta, Heall ergueu-se de um pulo da cadeira onde estava sentado e adiantou-se, seguido pelo druida.

— Preciso de ajuda — disse ela, antes que qualquer um dos tivesse a oportunidade de falar. — Cedric desmaiou.

Os dois icênios precipitaram-se para o interior do quarto e, com uma facilidade

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

que deixou Livia consciente de sua própria fraqueza, acomodaram o guerreiro inconsciente no meio da cama.

Cedric soltou um débil gemido, e Livia gritou:

— Tenham cuidado!

Dois pares de olhos curiosos fixaram-na e ela corou. Não tinha nenhuma explicação plausível para a sua reação. Permaneceu em silêncio, enquanto Clydach examinava Cedric. Quando ele alcançou o pote de unguento para passar no ferimento, disse:

— Deixe que eu mesma faça isso.

Clydach observou-a fazer o curativo com admiração.

— Você tem uma mão leve.

Livia encolheu os ombros, enquanto cobria Cedric com um lençol de linho.

— Segui as ordens dele, como uma boa escrava.

— Acho que você o teria ajudado, mesmo que ele não tivesse ordenado — disse o druida, pensativo.

Suas palavras perturbaram Livia. Mas ela se limitou a dizer:

— Sou uma escrava. Não tenho outra escolha senão obedecer ao meu amo.

Um leve sorriso curvou os lábios de Clydach.

— Talvez... Se Cedric piorar, chame-nos. Ficaremos de vigília no corredor.

Ela permaneceu em silêncio e imóvel até que os dois homens se retirassem. Então, curvou-se sobre o bretão adormecido, fonte de todo o seu tormento. A idéia de vingança atravessou-lhe de novo a mente. Ergueu a adaga do chão e apoiou-a na sua jugular. Depois de um momento, deixou cair o braço.

— Não, não o matarei ainda — sussurrou. — Pelo contrário, vou cuidar de você com todo o carinho, bretão. E quando tiver recuperado as forças, nem mesmo os deuses o protegerão de meu braço!

Ficou ainda um momento curvada sobre ele e por fim beijou-lhe os lábios exangues, um beijo que prometia a morte, não o amor. Depois, endireitando-se, enrolou-se num manto e foi deitar-se no divã, mergulhando num sono sem sonhos.

— Acha que ela não fará nenhum mal a Cedric? — perguntou Heall, preocupado, do lado de fora da porta. — Está com a adaga dele nas mãos.

Clydach riu baixinho.

— Ainda não aprendeu a confiar em seu velho amigo?

— Em você eu confio — afirmou o outro solenemente. — Mas Livia me preocupa.

O druida pegou-o pelo braço.

— Você, melhor do que ninguém, sabe que o ódio pode transformar-se rapidamente em outro sentimento.

Com voz tranqüila, ele contou-lhe as visões que tivera e os sonhos premonitórios de Cedric.

— Os deuses já selaram seus destinos. Os dois estão ligados para sempre, embora não queiram admiti-lo. Daqui em diante, seguirão juntos ou cairão juntos. Você

CAPÍTULO III

Cedric caminhava para a villa, que era agora o seu abrigo temporário, dobrado sob o peso de maus pressentimentos. Passara-se quase uma semana da revolta icênia, durante a qual não haviam feito nada senão aguardar a volta dos mensageiros que a rainha e seus generais tinham enviado a outras tribos, com propostas de uma aliança armada contra Roma.

Atormentara-se diante de tantas dificuldades e obstáculos. Seu instinto de soldado lhe dizia que a demora aumentava o perigo de fracasso. A única esperança de vitória dos icênios firmava-se na surpresa e na rapidez. Tinham de marchar imediatamente sobre o inimigo, para impedir que os sobreviventes do massacre de Venta Icenorum alcançassem uma guarnição romana e contassem o que havia sucedido. E, logo em seguida, expulsar todos os romanos da ilha, tanto os civis quanto os militares, antes que Roma enviasse suas legiões para esmagá-los.

Soubera, havia poucos instantes, que os mensageiros acabavam de voltar. Mas as notícias eram desanimadoras. A rainha Boadicea e seu povo teriam de enfrentar o poder de Roma sozinhos. As outras tribos se haviam recusado a auxiliá-los. O fato perturbara-o, mas aceitara-o filosoficamente. O que o chocara sobremaneira era a informação trazida pelo anunciador ordoviciano. Informação que lhe suscitara o horror e o ódio que agora enchiam o coração. Tinha que transmiti-la a Clydach, mas vacilava. Como podia contar a seu pai aquela derradeira atrocidade. Como explicar a um druida que seu místico templo não existia mais?

Subiu ao andar superior e parou, perturbado, diante da porta de seu quarto. Mas, ao ouvir o som de vozes alegres que chegavam do interior, sua boca endureceu-se. Como podia uma jovem frágil, e inimiga declarada de seu povo, atrair todos os homens que lhe punham os olhos em cima? Heall e Clydach achavam-se debaixo de seu fascínio. O velho companheiro curvava a cabeça diante dela, e o pai obedecia a seus menores desejos: um absurdo que punha os nervos de Cedric à flor da pele. Afinal, Livia era uma escrava, não uma visitante de sangue real!

Naquele instante, uma risada que ele conhecia muito ecoou-lhe nos ouvidos, e sua raiva não teve limites. Raiva que não tinha nada a ver com o fato de não ser contemplado com único sorriso, quanto mais com aquela risada tão suavemente modulada! Pelos deuses, era tempo de pôr fim àquela insensatez!

O sorriso morreu nos lábios de Livia quando Cedric irrompeu no quarto, mostrando um semblante em que se lia uma profunda reprovação. Como sempre, ela sentiu o frio toque do medo gelar-lhe o sangue.

Inconscientemente, recordou o primeiro encontro que haviam tido. Ele a impressionara pelo seu aspecto físico, mas o que mais a seduzira nele, inspirando-lhe

confiança, foram seus modos gentis.

Agora, não podia esquecer que Cedric era a odioso autor de seu infortúnio: escravizara-a e tomara parte na chacina que exterminara a sua família. E, para não trair até que ponto a presença dele a perturbava, baixou os olhos.

Cedric fitou-a. Lívia estava sentada no chão, com os pés dobrados sob o corpo, a mão contra o seio: o sol envolvia-a toda, e ela parecia a graça tomada à própria luz. E vê-la daquela maneira, sem sequer fingir olhar na sua direção, irritou-o ainda mais.

— E desse modo que os guerreiros icênios passam os dias? — explodiu.

Heall olhou-o com surpresa.

— Você nos recomendou que guardássemos Lívia!

— Guardar não significa entreter — disse ele, com sua raiva aumentando de intensidade. — Enquanto vocês se distraem aqui, os jovens correm atrás das mulheres. Como poderemos enfrentar as legiões romanas, se a única coisa que nossos guerreiros sabem fazer é derramar o sangue das virgens?

— Você os está treinando regularmente — interveio Clydach. — Não tem do que se queixar.

Cedric percebeu imediatamente que tinha ido longe demais. As notícias que iria dar já eram suficientemente ruins para que ele as tornasse ainda piores com seu temperamento descontrolado.

— Tem razão, druida.

Com um único olhar a Lívia, ele voltou-se para Heall, que o fitava com fria dignidade.

— Ninguém tem culpa de estarmos com as mãos atadas. Minhas palavras foram precipitadas e injustas. Desculpe-me, velho amigo.

Os olhos de Lívia se arregalaram de espanto. Era a primeira vez que via o seu captor pedir desculpas ou admitir que estava enganado. Habitualmente, ele andava pela villa com ar irritado, despejando seu mau humor no primeiro coitado que tivesse a infelicidade de atrair a sua atenção. Nunca vira ninguém tão frio e desumano!

— Estou com sede, Lívia. Traga-me vinho — ouviu-o dizer subitamente, enquanto se sentava na única cadeira disponível e esticava suas longas e vigorosas pernas.

Nem por favor, nem obrigado... Ele simplesmente ordenava! Lívia teve vontade de não obedecer, mas descartou rapidamente a idéia. Não queria se arriscar a ser o objeto de sua zombaria diante dos outros. Levantou-se e momentos depois apresentou-lhe uma bandeja com uma taça cheia de vinho. Cedric tomou um gole longo e voltou-se para os dois homens.

— Os mensageiros chegaram esta manhã.

A atmosfera descontraída que reinava no aposento foi substituída por um silêncio tão carregado de tensão, que ele viu-se obrigado de acrescentar:

— Temos aliados.

Heall deixou escapar um suspiro de alívio.

— Finalmente! Quem, Cedric? Siluros... Ordovicianos... Brigantes?... — perguntou ele, enumerando rapidamente as tribos a que a rainha recorrera.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Os ordovicianos — disse Cedric. — Não toda a nação, apenas alguns homens de cada aldeia.

— Apenas alguns homens... Quantos precisamente, Cedric?

— Cerca de mil. Talvez um pouco mais.

— Traidores! — vociferou o velho guerreiro com amargura.

— Não, Heall. Não são traidores. As tribos do oeste lutaram contra as legiões romanas durante anos. Foram derrotadas e buscaram refúgio nas montanhas, onde Caratacus começou a treiná-los. No momento, seus chefes não vêem razão para se engajar na guerra dos outros, mesmo porque Roma nunca conquistou inteiramente os seus territórios.

Cedric encolheu filosoficamente os ombros.

— Não se lembram da invasão ordenada pelo imperador Claudius? Nós, icênios, não ajudamos os catuvelaunos a repelir o ataque das legiões romanas. E, agora, eles estão retribuindo com a mesma moeda.

— É verdade — suspirou Heall. — Alguma outra tribo respondeu ao apelo da rainha?

— Os trinovantes estão conosco. Somados aos ordovicianos e às nossas duas tribos, formarão um contingente de quarenta mil homens. Um número igual a quatro legiões de Suetonius. Então, quando a notícia de nossa vitória tiver se espalhado, conseguiremos outros aliados.

Heall ergueu-se.

— Temos de proteger nossa retaguarda. Aquela brigante devassa, Cartamândua, nos trairá como fez com Caratacus, se souber de nossos planos.

Cheia de curiosidade, Lívia intrometeu-se na conversa.

— Quem é esse Caratacus? Vocês falam dele como se ele fosse um deus!

— Quanta ignorância! — disse Cedric com desprezo.

Ela sentiu o rosto arder e fitou-o com raiva.

— Não sou ignorante! E estou querendo entender o motivo dessa rebelião que destruiu a minha vida!

Cedric olhou-a, divertido; uma ferinha raivosa, mas impotente. Seus olhos fixaram-se nos pequenos seios redondos que freavam sob a túnica, e um calor correu por suas veias, ameaçando abalar o rígido controle que se havia imposto nos últimos dias. Ergueu o olhar e o deteve nos lábios cheios, e o quente convite daquela boca acelerou as batidas de seu coração. Finalmente, quando seu silêncio começou a tornar-se suspeito, explicou, com voz embargada pela emoção:

— Caratacus podia ser o salvador da Britânia. Seus guerreiros, os catuvelaunos, opuseram resistência a Aulus Plautus quando o general romano invadiu nossa ilha, há dezessete anos. Mas os catuvelaunos foram derrotados e Caratacus reuniu sua família e refugiou-se no lado oeste da ilha.

Os olhos de Cedric tornaram-se remissivos:

— Ali, ele reuniu os ordovicianos, siluros e os deceanglos e formou um exército que ameaçou o poder das legiões não apenas no oeste, mas em toda a ilha. Durante

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

anos, Caratacus e seus adeptos atormentaram as milícias romanas em escaramuças que terminaram com a expulsão dos romanos de seus territórios. Então, e só os deuses sabem por quê, Caratacus mudou de tática e aventurou-se numa batalha regular. Foi derrotado e teve suas forças dizimadas. Sua mulher e seus filhos foram capturados pelo inimigo, mas ele conseguiu escapar para a Brigância.

— Mas a rainha da Brigância é leal a Roma — interrompeu-o Livia. — Ela é nossa mais fiel aliada!

— Porque foi graças ao apoio de Roma que Cartamândua conseguiu manter-se no trono, contra a vontade de seu povo e de seu marido, que não a julgavam talhada para o cargo. E assim, para mostrar a sua gratidão, ela traiu Caratacus e o entregou ao governador geral.

Livia não pôde conter sua curiosidade.

— E o que aconteceu então?

— Caratacus e sua família foram levados a Roma, onde foram magnanimamente perdoados pelo imperador Claudius. — Cedric fez uma pausa. — Um homem sábio, esse Claudius. Em vez de fazer de Caratacus um mártir, deu-lhe a vida, tornando-o objeto da piedade geral.

— Como assim?

— O perdão foi concedido sob a condição de que Caratacus permanecesse em Roma, como exilado. — Cedric tomou mais um gole de vinho. — Afinal, de que vale a vida, quando se deve viver e morrer em terra estrangeira?

Ele estendeu a taça a Livia e ordenou rudemente:

— Traga mais vinho.

Heall, que durante a exposição de Cedric ficara olhando para Livia com ar de evidente adoração, revoltou-se.

— Ela não é responsável pelo destino de Caratacus. Não a maltrate tanto, Cedric.

— Não fiz outra coisa senão responder a sua pergunta — defendeu-se ele. — Não podia mentir.

— Mas ela é uma criança e está muito confusa. Não deve punida pelo que não fez!

— Ela é romana, Heall. Quer que lhe agradeça por tudo que aconteceu nesta ilha?

Livia voltou com uma nova taça de vinho e ofereceu-a a Cedric com mãos trêmulas, e ele aceitou-a sem dizer palavra.

— Conte-nos as outras notícias, Cedric — disse Clydach, rompendo o penoso silêncio. — Há mais, não há?

Ele estremeceu. Aquelas palavras sacudiram num segundo, como o rápido brilho de uma espada desembainhada, o relativo controle que estivera se impondo até aquele momento.

— Eu direi... — murmurou, ouvindo o tremor de sua própria voz.

Mas ele não falou imediatamente, e um frio arrepio de apreensão percorreu a

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

espinha de Livia. Visões do pesadelo que tivera naquela noite voltaram ao seu espírito confuso, e ela soube, com desesperada certeza, o que Cedric iria dizer.

— Druida... — começou ele, hesitante, como se tivesse dificuldade em prosseguir. — Suetonius Paulinus arrasou o mosteiro de Mona. Os sacerdotes foram exterminados. As famílias que haviam procurado refúgio tiveram um fim trágico. Os legionários profanaram os altares e arrasaram o bosque de carvalhos sagrados.

Cedric fitou, absorto, o vinho escuro que tinha em sua taça. Depois prosseguiu:

— Quer que descreva como se processou o ataque romano?

Os olhos de Clydach foram de seu filho para Livia.

— Não. Você não irá me dizer nada que eu já não saiba.

Cedric olhou-o com ironia.

— Ah, entendo! Esqueci que você tem o dom da clarividência. Quanta bondade dos deuses, que permitiram que você testemunhasse a chacina de seus companheiros sacerdotes!

O rosto de Clydach contorceu-se num espasmo de dor.

— Não foi bondade, mas uma provação a que os deuses me submeteram. O fato de ser um druida não me torna menos humano, Cedric! Sinto e sofro com a mesma intensidade que você! — Ele estendeu as mãos num gesto como que de súplica — Acha que senti prazer com a destruição de Mona? Acha que ri, quando vi os druidas serem rendidos pelas armas romanas e as pessoas serem transformadas em postas de carne sangrenta?

Levantando-se, ele caminhou para Cedric, trêmulo de indignação.

— Você tinha doze anos quando fui aprisionado e vendido como escravo, e vinte e dois quando comprou minha liberdade. Sabe o que eu fiz em cada dia daqueles dez anos? Usei esse poder que você tanto menospreza para saber o destino de minha família. E agradei aos deuses que permitiram que ao menos um de meus filhos sobrevivesse! — Fez Um gesto rápido na direção de Cedric.

— Vi você crescer e tornar-se homem sob os cuidados de Heall e chorei porque não estava a seu lado. Morri um pouco a cada dia, quando você se afastou de nossos deuses, porque não podia acorrer em seu auxílio. Ainda assim, estou agradecido porque você cresceu inteiro de corpo e de mente.

Clydach moveu gravemente a cabeça.

— O dom da clarividência não é sempre agradável, mas foi meu único conforto durante aqueles dez anos. No dia em que você comprou a minha liberdade, chorei de alegria porque meu filho, embora frio e indiferente, tinha voltado para mim guiado pelos deuses. — Ele fez uma pausa para acrescentar: — Embora eu tenha permissão para ver o futuro, Cedric, não posso alterar o que deve ser. E esse conhecimento constitui meu próprio e particular tormento.

Cedric empalideceu. As revelações de Clydach, ditas com voz emocionada, tocaram-no a fundo, considerando-se a natureza calma e simples do druida. Foi preciso um longo momento para que ele recuperasse a voz.

— Eu não sabia... Pai.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Porque nunca me perguntou — foi a áspera resposta de Clydach.— Se tivesse perguntado, teria sabido há muito tempo que esse dom me proporciona conforto, mas também um sofrimento incomparável.

A raiva de Cedric desapareceu rapidamente, e Clydach se dirigiu para as portas quer davam para a galeria.

— Espere, pai. Quero... Preciso falar com você.

Clydach estacou, mas sacudiu negativamente a cabeça.

— Tenho muito que fazer. Preces e sacrifícios devem ser oferecidos aos deuses pela destruição de Mona.

Ele se curvou para Livia e falou-lhe em voz baixa, de modo que só ela pudesse ouvi-lo.

— A clarividência é um dom sagrado, filha. Abra seu espírito e seu coração. Não tenha medo do que verá neles.

Ela abriu a boca para replicar, mas Clydach afastou-se com um farfalhar do manto, deixando-a perplexa.

"Não sou profetisa", pensou, com um arrepio de apreensão, "Não tenho visões, apenas pesadelos banais, compreensíveis sonhos de vingança do povo romano contra os icênios..."

Voltou sua atenção a Cedric, que estava conversando com Heall e ouviu, com crescente horror, a descrição do assalto romano ao mosteiro de Mona, tal como ele a ouvira do guerreiro ordoviciano.

Cenas de seu pesadelo, cenas estranhas... terríveis, desfilaram diante de seus olhos, e ela não precisou mais ouvi-lo para adivinhar até que ponto havia participado em sonhos e para convencer-se de que Mona era agora uma lenda.

Sacerdotes vestidos de negro alinhavam-se na praia de Mona, iluminada pela plúmbea claridade do dia nascente. As terríveis maldições que lançavam misturavam-se aos gritos estridentes da sacerdotisa e as advertências dos oficiais romanos que chegavam através do estreito. Os religiosos eram apoiados pelos guerreiros celtas, que erguiam suas lanças e seus gládios, e seus gritos guerra eram tão terríveis que rompiam o tênue véu de neblina que envolvia a ilha.

A ousada demonstração da rebeldia céltica causava apreensão nos soldados romanos, que permaneciam silenciosos e imóveis ao longo da margem oposta. Mas, quando uma ordem enérgica lhes foi transmitida por seus oficiais, todo vestígio de dúvida desvaneceu-se. A infantaria marchou em perfeita ordem para os barcos, os cavalarianos acomodaram-se nas selas de seus ginetes, impelindo-os até a linha da água. Houve uma segunda e enérgica voz de comando e os legionários avançaram em bloco.

Livia fechou os olhos e enterrou as unhas nas palmas das mãos como se quisesse esquecer a visão dos dois grupos que lutavam um encarniçamento feroz, dos gládios que se afundavam no peito dos sacerdotes, da areia que se misturava com o sangue que minava dos ferimentos, dos gritos aterrorizados das crianças cujas famílias haviam se refugiado em Mona.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Lívia! Lívia!

Mãos rudes prenderam-lhe os braços e sacudiram-na energicamente, afastando o pavor daquele mar desconhecido que sobre ela.

— Pelos deuses, mulher! Está abusando de minha paciência! Hoje não estou com disposição para suportar seus atos de rebeldia!

Cedric deixou-a tão bruscamente que ela cambaleou para trás.

— Nunca vi ninguém tão mal-humorado! Você devia fazer companhia aos escorpiões. Não é de estranhar que Clydach não o chame de filho na frente dos outros!

Cedric ergueu o braço, mas, ao olhá-la, ficou magnetizado pela sua fúria. Os olhos de ametista fuzilavam, as narinas aflavam e os lábios comprimiam-se duros na raiva que a consumia. Fitaram-se por um longo momento, durante o qual o ar carregou-se eletricidade. Então, soltando uma praga, ele baixou lentamente o braço.

— Meu humor não diz respeito a ninguém! Nem a meu pai! E você não esqueça que está aqui apenas para me servir e satisfazer meus desejos!

Uma loucura selvagem tomou conta de Lívia, que se inchou para ele com as mãos em garra, pronta a cravar-lhe as unhas rosto sardônico.

Ele riu, semicerrando os olhos, e torceu-lhe os braços para trás.

— É inútil lutar — murmurou, aproximando os lábios dos dela.

— Solte-me, seu bruto arrogante!

Ela se esforçou para escapar, mesmo sabendo que toda a sua força jamais seria suficiente para afastar aquele gigante um só milímetro.

— Largue-me, ou juro pelos deuses que...

— Vai me arrancar, os olhos? — disse ele com uma risadinha zombeteira.

— Afaste-se! Você ainda vai me pagar caro pelo modo como está me tratando!

— Foi maltratada? Acho que não. Suas refeições são servidas no quarto, e não a privamos de seus banhos diários.

— Banhos a que você insiste em assistir!

Um brilho divertido animou os olhos de Cedric, que disse irônico:

— Tenho certeza de que outros já tiveram esse privilégio. Lucius por exemplo. Portanto, não banque a virgem violada!

— Você é desprezível!

— Minha pequena feiticeira... Admita que sua vida não mudou tanto como quer insinuar.

— Não esqueça que estou pagando sua "bondade" — disse ela, sarcástica.

— Como?

— Tratando de sua perna ferida!

Ele começou a acariciar-lhe as costas num movimento incessante.

— Não é um trabalho tão mau assim. Afinal, eu poderia enviá-la à cozinha para fazer companhia às outras cativas.

— Faça isso, então!

Era uma ameaça arrogante. Lívia tinha se encontrado com as outras cativas

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

apenas uma vez, quando Cedric permitira que desse um passeio no pátio. E guardava desse encontro uma recordação amarga. Fora objeto de escárnio e desprezo. As romanas haviam-na chamado de prostituta, cortesã icênia. Uma vagabunda que se agarra desesperadamente à vida, esquentando a cama do inimigo!

Quando quisera explicar-se, fora agarrada pelos cabelos e jogada ao chão. Estremeceu ao pensar no que poderia ter acontecido, se Heall não tivesse aparecido para resgatá-la das mãos das mulheres enfurecidas.

Com os olhos semicerrados, Cedric estudou a reação dela. Não ignorava o que havia acontecido entre Livia e as outras mulheres, mas não quis tirar vantagem disso.

— Não, não farei isso. Você é uma mulher encantadora, mas duvido que seja capaz de cozinhar qualquer coisa que preste.

Livia desvencilhou-se de suas mãos com um safanão e correu para longe dele.

— Já que não tenho nenhuma serventia, por que não me liberta?

Cedric alcançou-a com duas passadas.

— Nunca! Quero que você compreenda de uma vez por todas que é minha até eu decidir o contrário, romana! — Olhou-a intensamente, antes de puxá-la para si. — Tome cuidado, feiticeira. Se não acabar com essa rebeldia, vou cometer uma loucura.

Livia estremeceu. Uma veia pôs-se a latejar em seu pescoço e ele a comprimiu com os dedos, sentindo-lhe as batidas frenéticas.

"Como ela é delicada", pensou.

Lembrou-se dela erguendo-se esplendidamente nua da banheira, com o corpo gotejando água e os cabelos chamejando em torno do rosto. Uma linda mulher, feita para a luxúria e o amor. E foi a sua vez de sentir o sangue correr mais depressa nas veias, provocando-lhe uma onda de calor incontrolável.

Tinha se controlado durante os últimos dias, com a finalidade de dar a Livia o tempo necessário para que ela se adaptasse a nova situação e a aceitasse. Mas o tempo corria. Boadicea empreenderia logo sua marcha vingadora, e ele teria de enfrentar mais uma vez a morte. A trégua terminara com a volta dos mensageiros icênios.

Nesse instante, ouviu-se um ruído de passos atrás deles, e percebeu que Heall deixava discretamente o quarto. Teve consciência do que Cedric esperava dela e colocou as mãos no peito viril.

— Não, bretão.

Ele passou-lhe a mão devagarinho pela nuca e não resistiu tentação de desfazer-lhe a trança apertada e soltar-lhe os cabelos macios.

Ela tentou ganhar tempo.

— Heall não vai voltar?

— Não.

— As portas da galeria...

— Não há ninguém. A villa está vazia — disse ele mergulhando os dedos naquela fofura de seda dourada.

— Não devia estar com seus homens?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Cedric pôs-se a passear a boca sobre seu rosto ardente, brindando-a com beijos leves e acariciantes.

— Meus homens... sabem que eu preciso de companhia mais agradável do que a deles. — Sussurrou ele.

— Por que não vai procurar Edith? — replicou Lívia com um fio de voz. — Ela lhe dará o conforto que não vai encontrar aqui.

Cedric beijou-lhe de leve a nuca.

— Acha mesmo que não?

Ao sentir o leve calor dos lábios dele, Lívia fez força para não sucumbir à onda de desejo que lhe agitava o corpo, numa emoção inteiramente nova.

— Cedric... Deixe-me. Não quero ser a sua amante!

— Que temperamento exaltado! Você está sempre pronta a julgar, a acusar...

Ele enterrou o rosto nos seus cabelos, aspirando-lhes o perfume, e então circundou-a com os braços.

— Não quero que seja apenas a minha amante. Você me ofereceu flores, certo dia.

— Isso foi antes de conhecê-lo. — Cedric virou-a lentamente para si.

— E agora, feiticeira? Agora você me conhece?

Diante de seu assentimento trêmulo, ele segurou-lhe o queixo e obrigou-a a encará-lo.

— O que sou para você, Lívia?

A súbita gentileza de Cedric era inexplicável. Ela ficou um momento sem saber o que dizer e então murmurou:

— Meu inimigo... Meu inimigo.

— Não a tratei como inimiga — observou ele, enquanto perigosamente aproximava os lábios dos dela. — Por que temos de brigar o tempo todo?

Intimamente, Lívia concordou. Era desgastante estar sempre em guarda quando Cedric estava por perto. Mas não tinha outra escolha. Ele subjugava sua vontade e fazia ironias com o seu orgulho. Mas foi a lembrança de sua família que, lhe deu forças para arrancar-se de seus braços e correr para o canto oposto do quarto.

— Lívia! — chamou ele, surpreso com a sua inesperada resistência.

— Fique longe de mim! — gritou ela, quando ele deu um passo na sua direção.

"Ah, Juno!", pensou. "Como fui permitir que o assassino de meus pais me tocasse tão intimamente?"

— Você é minha, e eu seria um louco se não a possuísse.

— Não se atreva a me tocar!

— Vou tocar em você sempre que tiver vontade. E do jeito que eu quiser.

— Será um ato de violência!

Cedric ergueu as sobrancelhas e quase sorriu.

— Verdade? Nunca tive de usar a força para ter uma mulher.

Lívia achatou-se contra a parede, mas ele se aproximou, rindo como um louco.

— Eu o odeio — disse ela em voz baixa. — Bárbaro! Assassino!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Isso foi a gota final. Agarrando-a selvagememente pelos pulsos,
Cedric puxou-a para si.

— Não sou assassino!

— Mentiroso! O sangue de minha família ainda mancha as suas mãos!

Ele a olhou fixamente.

— Sua família está perdida para você.

— Eu o odeio! — ela voltou a gritar.

— Não me importo com o seu ódio. Você já esgotou a minha paciência, romana.

Não vou esperar mais para obter o que é meu por direito.

Lívia girou o corpo e tentou escapar, mas, num movimento ágil e inesperado, ele a ergueu nos braços e carregou-a para a cama.

— Solte-me! — ordenou ela, debatendo-se inutilmente. Cedric deitou-a e jogou-se sobre ela, prendendo-a com o próprio corpo. Sua voz era um sussurro rouco:

— Solto quando bem entender.

— Nunca me submeterei voluntariamente a você!

Um lampejo de ira brilhou nos olhos dele, e a pressão de corpo tornou-se mais forte.

— Engana-se, se pensa que isso me importa!

Ela se debateu, mas seus movimentos desconexos, sua respiração ofegante estimulavam-no a agarrá-la com maior ardor.

— É inútil lutar. Você me pertence e eu vou tê-la — murmurou Cedric. Ato contínuo, arrancou a túnica num gesto inesperado e chegou mais perto de Lívia.

Ela baixou medrosamente os olhos. "Estou perdida", pensou.

— Olhe para mim, Lívia!

A segunda ordem foi dada com tanta dureza que ela atreveu a desobedecê-lo. Seus olhos deslizaram pelo peito amplo coberto por uma camada espessa de pêlos loiros, detiveram-se no pescoço forte de nervos tensos e por fim ergueram-se para o rosto bronzeado e duro. Ao fitar-lhe os olhos, soltou um suspiro fundo.

Azuis, tão azuis! Foi o seu primeiro pensamento. E tão turbulentos como o mar que cercava a Britânia. Mas não pareciam triunfantes como tinha julgado. Ao contrário, espelhavam tamanha tristeza que, alarmada, ela procurou reagir.

"Não irei me enternecer por esse homem! Ele é meu inimigo, responsável pela perda de tudo o que me era caro!"

Intrigado pela confusão de sentimentos que se refletia olhos cor de ametista, Cedric murmurou:

— Quero um pouco de paz, Lívia. É pedir muito?

Seu brando apelo abalou as últimas defesas de Lívia. Ela sabia o que Cedric queria e sabia que deveria odiá-lo por isso. Mas não tinha mais forças para lutar contra o clima de encantamento que começava a instalar-se.

— Não, bretão. Não é pedir muito — murmurou, tomada de ligeira vertigem.

Sua voz era tão baixa que, num primeiro momento, Cedric não teve certeza se ela havia realmente falado. Debruçou-se sobre ela e mirou-a cuidadosamente.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

"O que dizem seus olhos neste instante?", perguntou-se. "Exprimem..."

Com um gemido de júbilo, estreitou-a fortemente de encontro ao peito e, enquanto a tinha junto de si, pôde sentir-lhe a maciez dos seios e o aroma leve e casto, docemente poderoso, que se desprendia de seu corpo jovem,

Pôs-se a acariciá-la, beijando-lhe os ombros, o pescoço e os lábios, que se entreabriam timidamente. Depois, mais seguro de si, tomou-lhe a boca com beijos profundos e possessivos que a faziam fremir.

"Pelos deuses, como ela é doce!", pensou, quando suas línguas se tocaram com suavidade.

Pouco a pouco, Livia cedia ao anseio incontável de abandonar-se àquelas carícias deliciosas, àquele apelo ardente que era mais forte do que a sua consciência. Como se esperasse por isso, os lábios, de Cedric deixaram sua boca e iniciaram um passeio erótico pelo lóbulo de sua orelha, por seu pescoço, descendo depois pela carne suave e palpitante de seu colo.

A sensação que a língua quente e úmida lhe provocava era tão eletrizante que, envergonhada, ela quis esconder o rosto nos braços.

— Não, feiticeira, não vai se negar a mim — murmurou ele, começando a massagear os bicos de seus seios nas rudes palmas masculinas.

Livia sentiu-se desfalecer. Sucessivas ondas de prazer irradiavam-se de cada nervo de seu corpo, concentrando-se em seu sexo ardente. Não podia... Não queria resistir.

Cedric sentiu-a acordar para a volúpia sob seus toques experientes e excitou-se ainda mais. Percorreu-lhe a graciosa linha da espinha com os dedos, descendo até o quadril, e quando a ouviu suspirar de prazer, perguntou-lhe com voz enrouquecida:

— Por que você não corresponde? Por que não me toca? — Mergulhada num mundo de puro prazer físico, Livia fez força para encontrar algum sentido em suas palavras. Corresponder? Tocar? Entreabriu as pálpebras e encontrou os escuros olhos de Cedric fixos nela.

— Você quer que eu o toque?

— Sim...

Livia ficou ainda um momento a olhá-lo e, por fim, cedeu ao impulso de seus dedos, que pareciam ter vontade própria. Passou-lhe as mãos cautelosamente nos ásperos cabelos escuros e logo deslizou-as pelo peito forte e vigoroso, deliciando-se sensualmente com o aveludado contato dos pêlos loiros e com as batidas violentas que sentia em seu coração.

"Como ele é quente", pensou. "Até a corrente em volta de seu pescoço parece uma brasa!"

Cedric experimentou um prazer intenso, mas permaneceu imóvel. As tímidas carícias de Livia falavam de sua inocência, e ele obrigou-se a ser paciente. Mas quando sentiu os dedos deslizarem por seu peito e, timidamente, pararem diante da barreira de sua tanga, não se conteve e começou a rolar o corpo por cima dela.

Livia encontrou-se com as pernas firmemente entrelaçadas às dele. Sentiu o

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

contato de sua volumosa masculinidade, e o sangue correu mais rápido em suas veias, aquecendo-lhe o sangue num delírio que a assustava.

— Lívia... — murmurou ele, apertando-a contra si. — Não quer me beijar?

— Sim...

Foi um sussurro leve, quase inaudível. Mas Cedric a ouviu e exultou quando os lábios macios desceram sobre os dele.

— Minha divina...

Suas mãos voltaram a explorar os recantos mais secretos daquele corpo sedutor. Quando encontraram o macio triângulo aveludado entre as coxas, acariciaram-no com suavidade, iniciando Lívia nas delícias do prazer.

Ela estremeceu, diante daquela mágica que fazia seu sexo pulsar e, sem forças para evitar sensações que a sufocavam, apoiou-se, arquejante, contra ele.

Cedric abriu os olhos para espiar-lhe o rosto encantador e gelou. De pé, à porta da galeria, silhuetado pela luz às costas e com o sol a brilhar em seus cabelos claros, estava Artair.

Por alguns momentos, ficou sem ação diante de tanta ousadia. Então, com a súbita fúria de uma tempestade de verão, pôs-se de pé de um salto e voou para ele, soltando uma torrente pragas.

— Ah, espírito maligno...

Artair esperou-o, sorrindo, com a mão sobre a empunhadura do gládio.

Lívia só ergueu-se a tempo de ver Cedric estacar diante da arma desembainhada do guerreiro, que parecia mais alto e maior do ângulo em que ela estava. Soltou um grito de medo, mas nenhum dos dois pareceu ouvi-la.

— Não tente nada, Cedric — avisou-o o outro, pressionando suavemente a ponta da lâmina na garganta dele.

— Miserável!

— Vim aqui a pedido de seu pai. A rainha vai reunir o Conselho e Clydach quer que você tome parte.

Um músculo do canto da boca de Cedric tremeu diante sorriso de Artair, mas a pressão da lâmina em sua garganta impedia-o de tentar qualquer coisa.

— Quando? — perguntou ele com voz baixa e tensa.

— Imediatamente, foi o que recomendou Clydach. Mas... — Os olhos de Artair voltaram-se para Lívia. — Tenho certeza de que ele entenderá, se você não comparecer.

— Eu irei! — disse Cedric com os olhos soltando faíscas ódio. — E agora caia fora!

Depois de fechar a porta com um pontapé, ele voltou-se para Lívia.

— Artair pagará por esta intrusão! Eu juro!

Seus olhos azuis fulguravam de raiva ao ver-lhe a curva exposta do seio e a brancura das coxas que a túnica arregaçada deixava entrever.

— Cubra-se! Ou agrada-lhe a idéia de se exhibir diante dos outros?

Lívia levantou-se de um pulo e alisou nervosamente a túnica. De repente, sentia-

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

se como se estivesse nua e culpou-o por aquela humilhação.

— Não pedi para ser violentada em plena luz do dia! Se está lembrado...

— Violentada? Pelos deuses, você se atreve a chamar aquilo de violação?

Ela mordeu os lábios, lamentando as palavras que proferira. Mas era orgulhosa demais para retratar-se e continuou:

— Você me ameaçou, tomou-me à força...

— Violação! — voltou ele a dizer, sentindo-se como se lhe houvessem mergulhado uma espada no coração.

Revelara-lhe ternura, mais ternura do que jamais manifestara a outro ser humano qualquer, homem ou mulher. E ela chamava isso de violação!

Sem acrescentar palavra, pegou a túnica e enfiou-a. Depois retirou de sua arca um par de macias botas de couro e sentou-se na beirada da cama para calçá-las. Trançou rapidamente os cordões e amarrou as pontas, para que o couro aderisse com firmeza nas pernas musculosas.

Quando se levantou, a mágoa que guardava no peito estava bem oculta sob suas feições impassíveis.

— Durante minha ausência, arrume o quarto — ordenou num tom destituído de qualquer emoção.

Ela fez que sim com a cabeça, e seus cabelos de ouro vermelho brilharam como fogo. Sufocando o desejo de tomá-los em suas mãos, ele girou nos calcanhares e retirou-se, fechando a porta com mais firmeza do que era necessário.

Lívia sentiu um estranho alívio e deixou-se cair de bruços sobre a cama. Os lençóis amarrotados lembraram-lhe a loucura que a havia possuído, a ânsia com que correspondera às carícias íntimas de Cedric, e seu rosto ficou em chamas. Que poder tinha ele para despertar-lhe tais emoções com o simples toque de suas mãos? E qual era a causa da tristeza extraordinariamente doce que ela sentia?

Cedric estava sentado ao lado de Clydach, na grande Câmara do Conselho, ouvindo Boadicea expor seus planos com voz forte e clara. Mas sua mente divagava, maquinando um meio de ministrar a Artair um castigo à altura do seu odioso comportamento.

Esqueceu tudo, no entanto, quando a rainha pôs-se a falar da iminente marcha vingadora contra os romanos. Era uma estratégia que aprovava, mas uma inquietação começou a atormentá-lo, à medida que Boadicea descrevia a composição da coluna.

Seu rosto devia certamente revelar aflição, porque os olhos da rainha estreitaram-se quando resvalaram por ele.

— Estes planos foram cuidadosamente elaborados por conselheiros sob a minha orientação — ela explicou. — No entanto, se alguém tiver alguma dúvida, eu gostaria de vê-la manifestada.

Boadicea percorreu todo o recinto com o olhar e depois voltou-se novamente para Cedric.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Cedric, seu pai insistiu muito para que você tomasse parte neste Conselho — Disse ela, recostando-se na cadeira de espaldar alto. — Tem alguma sugestão a dar?

Depois de ligeira hesitação, ele se levantou.

— Os planos parecem perfeitos, minha rainha. Mas eu acredito que seria mais prudente deixar as mulheres e as crianças para trás.

Os protestos que ele previra irromperam de todos os lados. Recebeu-os com alívio. A interrupção lhe daria o tempo necessário para pensar nas palavras que deveria dizer à rainha.

Duas manchas vermelhas coloriram as faces de Boadicea. Clydach era o conselheiro em quem mais confiava, o único druida de quem se permitia ouvir os conselhos. Cedric gozava também de sua total confiança. Mas ela prezava demais sua autoridade para aceitar qualquer crítica com facilidade.

— Quero que se explique, Cedric.

Ele distinguiu uma gota de irritação na voz dela. E desejou ser um orador, em vez de um rude soldado. Talvez, assim, a rainha desse às suas palavras a importância que elas mereciam.

— Teremos de nos movimentar rapidamente e atrair os romanos para o combate, antes que eles tenham tempo de convocar reforços da Gália.

— Você diz o óbvio — interrompeu-o Boadicea com impaciência. — Não se esqueça de que Suetonius, o governador geral, encontra-se em Mona, ocupado em arrasá-la. Muito longe para que tenha conhecimento de nossa revolta.

— Se o enviado da Nona Legião Hispânia ouvir falar de nossa revolta, certamente pedirá reforços — objetou Cedric, contrafeito. — O tempo é essencial, diria mesmo vital, para que a movimentação não seja pressentida de maneira alguma. Seria loucura deixar que nossas mulheres e crianças nos seguissem. Temos de deixá-las para trás. Temos que...

— ... Lutar como os romanos? — completou uma voz atrás dele. — Somos icênios. Nossas mulheres nos seguirão e algumas lutarão a nosso lado. E nossos filhos nos verão lutar e aprenderão o que significa ser um guerreiro icênio!

Cedric aprumou-se, mas não se virou para olhar o seu oponente.

— E, por causa deles, teremos de avançar mais lentamente que as legiões romanas. Desta vez, não podemos nos permitir tal luxo!

— Estamos muito longe de Roma — disse outra voz com ironia. — Já se esqueceu de nossos costumes? Ou sua escrava romana dobrou sua coragem, do mesmo modo que dobrou sua virilidade?

Diante daquela insinuação, Cedric enfureceu-se. Dessa vez virou-se instantaneamente e sua mão baixou, rápida, para o cabo da espada.

Em questão de segundos, abriu-se um espaço entre os dois homens, que, depois de se medirem cuidadosamente, enfrentaram-se com habilidade e precisão de gestos. Cedric atacou primeiro. Sua arma descreveu uma curva ampla e foi chocar-se com a de seu adversário, com forte ruído. Sua intenção era desarmá-lo, não matá-lo, como era o propósito do outro. E quando a espada dele brilhou, num arco mortal, foi obrigado a

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

guardar-se.

Anos de treinamento somados ao seu próprio instinto de conservação ameaçaram levar a melhor, e ele pensou com amargura:

"Estamos lutando uns com os outros, em vez de lutarmos contra os romanos!"

Seu lapso momentâneo deu vantagem ao adversário. E, embora furtasse o corpo com presteza vertiginosa à sua espada, sentiu uma sensação de ardência ao longo do braço direito que, de súbito, inundou-se de sangue.

Deu um passo para trás e depois simulou um ataque pela direita. Quando seu oponente concentrou toda a força para atacá-lo, retesou os músculos e preparou-se para vibrar o derradeiro golpe. Sua espada desceu com força, obrigando o outro a baixar a mão desfalecida, de onde a arma escapou.

— Agradeça aos deuses por não ser romano — disse, apoiando a ponta da lâmina no coração do adversário — Se fosse, você seria um homem morto.

Um silêncio de morte desceu sobre o recinto. Cedric guardou sua arma no cinturão e depois voltou-se para enfrentar Boadicea, esquecendo a dor que o afligia.

— Quando as legiões chegarem, minha rainha, não virão sobrecarregadas com crianças e carretas de bagagem. Caius Suetonius Paulinus é antes de tudo um soldado. Está agora em Mona, mas, quando souber de nossa rebelião, virá em marcha acelerada através da ilha para nos esmagar. Para derrotá-lo, precisaremos estar preparados para contra-atacar rapidamente. Caso contrário, estaremos perdidos.

— Não estaremos perdidos — replicou Boadicea com desdenhosa majestade. — Quando a notícia da liberação de Venta Icenorum se espalhar, outras tribos virão juntar-se às nossas. Então, poderemos enfrentar as legiões de Suetonius de igual para igual e vencê-las!

Ela fez uma pausa dramática, antes de continuar:

— Nossa vitória final sobre os romanos será lembrada pelas gerações futuras e imortalizada por nossos bardos. — Sua voz elevou-se de tom. — Nossos mortos e os mortos de Mona clamam por vingança, e iremos atender a seu clamor! Não precisamos de cétricos em nossas fileiras, Cedric.

Aquelas palavras contundentes estimularam o orgulho Cedric. Ele se adiantou rapidamente na direção da rainha, enquanto retirava a espada do tiracolo com o braço ferido. Não precisou olhar em torno para saber que os guardas da rainha haviam também desembainhado suas armas.

"Serei assim tão diferente dos outros?", pensou com amargura. "Os anos que passei longe de minha tribo mudaram-me tanto que até minha lealdade é posta em dúvida?"

Parou diante de Boadicea e arremessou a espada aos pés de um gesto que significava promessa de lealdade do guerreiro à sua soberana.

— Nossas leis dizem que todos podem falar livremente no Conselho. Sim, eu tenho dúvida, minha rainha, mas ela diz respeito à estratégia a ser empregada nesta guerra e não lealdade que lhe devo. Pus minha espada a serviço de sua família desde que voltei à Britânia. E, a menos que me renegue, serei dos seus até a morte.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Boadicea baixou lentamente os olhos para ele.

"Camulos", invocou silenciosamente, "como podemos empreender uma guerra contra Roma se nos desentendemos no próprio recinto do Conselho?"

Depois, levantando-se, ela empunhou a arma de Cedric com as duas mãos.

— Já chega! — disse, encarando os chefes das tribos. — Muito sangue icênio será derramado pelos romanos nos dias que virão. Não podemos derramar mais com disputas e rixas internas!

Descrevendo com a arma um arco que abarcava todos os conselheiros, continuou:

— Como chefes, eu os considero responsáveis pelo comportamento de meu povo. Quero que façam respeitar a minha vontade. A punição para os que desobedecerem será o banimento!

Um pesado silêncio acolheu suas palavras, durante o qual ofereceu uma prece silenciosa à Mãe Terra. Banimento era uma sentença de morte em vida: as armas do guerreiro em desgraça eram tomadas, e seus bens confiscados. A seguir, ele era escoltado do até as fronteiras do território e exortado, sob pena de morte, a não voltar.

Os boatos corriam depressa entre as tribos célticas da Britânia. O condenado errava pelo resto de sua vida. Jamais seria aceito por qualquer delas; era olhado com suspeita por onde quer que fosse.

"Se ao menos Prasutagus estivesse vivo...", pensou.

Mas Prasutagus morrera, e ela detinha nas mãos o destino de seu povo. Com um suspiro, baixou a espada e ofereceu-a a Cedric.

— Tome-a de volta e mantenha o voto de fidelidade à minha estirpe. Preciso de um guerreiro como você.

Boadicea esperou até que ele retornasse a seu lugar, ao lado de Clydach, e tivesse seu ferimento prensado por uma faixa de linho. Depois, acomodou-se em sua poltrona e dirigiu-se à assembléia, em tom calmo e firme.

— As mulheres e as crianças irão conosco. Nesse ponto, não temos escolha. A legião está acampada ao norte, com seus quadros completos. Como Cedric observou, quando Petilius Cerealis, o enviado de Roma, tomar conhecimento da revolta icênia, empreenderá uma ação contra nós. Não poderemos deixar nossas mulheres e nossos filhos à mercê da represália de seus soldados.

— E o que acontecerá com as nossas colheitas? — quis saber um dos chefes. — O fogo de Beltane ainda não foi aceso.

Beltane, "o fogo de deus", celebrava a volta da primavera e significava o começo de uma nova estação. Os romanos não permitiam o culto druídico, julgando-o como de provocações ao império. Mas as tribos não haviam esquecido os rituais de sua religião e, privadamente, continuavam a reverenciar os deuses de seus pais.

Desse modo, a família real tinha assumido a responsabilidade de realizar os três maiores festivais: Beltane, na primavera, Lughnasadah em homenagem a Lugh, o deus do sol, que acontecia no verão, e Samh'in, o festival da morte, celebrado no outono.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Iremos festejar Beltane — Boadicea assegurou aos chefes.

— Mas não aqui. Não podemos perder tempo. Quando a primavera chegar, estaremos em marcha. E agradará aos deuses ver brilhar as luzes do fogo druida nas ruínas do forte romano. Quanto às colheitas... — Ela encolheu os ombros, como se isso não tivesse realmente importância. — É questão de tempo. Não poderemos cultivar nossos campos, mas encheremos os paióis para a marcha. Tomaremos o que for necessário dos celeiros de nossos inimigos, à medida que conquistarmos suas cidades. Estaremos bem abastecidos quando voltarmos, não temam.

Dito isso, ela se levantou.

— Esta noite, celebraremos nossas alianças com os trinovantes. Haverá uma grande festa. Quando a lua aparecer, os druidas oferecerão sacrifícios a Morrigan, a deusa da batalha, a Camulos, o deus da guerra, e à Andraste, a deusa da vitória.

O culto público aos velhos deuses significaria o rompimento final com a autoridade romana. Todos os conselheiros puseram-se de pé para exprimir sua aprovação, e Boadicea deixou a Câmara do Conselho debaixo de aplausos. Cedric curvou-se quando ela passou a seu lado e depois voltou-se para seu pai.

— Você não parece contente, Clydach. Não deseja ver o povo voltar a reverenciar os seus próprios deuses?

Clydach sorriu.

— O povo nunca esqueceu seus deuses, Cedric. O pronunciamento da rainha muda apenas o modo de reverenciá-lo, não muda a substância. — Ele tomou o filho pelo braço guiou para fora do recinto. — Boadicea mostrou sabedoria ao servir-se dos druidas para os festejos.

— Boadicea serviu-se dos druidas?... — disse Cedric, exprimindo dúvida.

— Quanto tempo vai ser necessário para que as notícias sob Mona se espalhem pela cidade e pelos campos dos aliados?

— Não muito. Certamente, antes que a noite caia todos saberão o que aconteceu.

— E qual será a reação a isso?

— Horror, ódio...

Cedric franziu os cenhos e o olhou fixamente.

— Por que me pergunta, se já sabe as respostas?

— Para que você aprenda que a guerra é mais do que ordens e matar o inimigo — disse Clydach secamente. — Quando nosso povo souber das atrocidades cometidas em Mona, se encherá de horror e ódio, como você disse. Mas os últimos a chegar, os que abraçaram a nossa causa ainda hesitantes, poderão ficar temerosos. E talvez comecem a pensar se não deviam ter ficado em suas aldeias, onde o máximo que os romanos fariam seria confiscar-lhes os alimentos. De repente, Boadicea anuncia que há sacerdotes em nosso meio. E que eles são dedicados a ela e oferecerão sacrifícios à sua causa. O que acontecerá então com esses que ainda duvidam?

Cedric ficou em pensativo silêncio durante alguns instantes depois disse:

— Verão a guerra com um duplo propósito: vingar Boadicea e a destruição de

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Mona.

O ataque romano a Mona iria tocar fundo o coração de todo os celtas. Com a sua existência, as tribos podiam alegar que não estavam totalmente dominadas por Roma e que, um dia, os invasores iriam embora e tudo tornaria a ser como fora antes.

A destruição do mosteiro terminara com essa pretensão. Os romanos haviam-no destruído por julgarem-no um símbolo de revolta e para pôr fim à agitação política que partia do clero druida, sem entretanto levar em conta a mística reverência que a população céltica devotava a Mona e as conseqüências desse ato.

— Não haverá cétricos — concluiu Cedric. — Depois disso, esqueceremos as rivalidades para dar curso à vingança.

Clydach assentiu.

— E quando a notícia se espalhar entre as outras tribos, Boadicea terá mais aliados do que pretende. O destino dotou a nossa rainha com a única arma capaz de unir todas as tribos da Britânia. Vamos pedir aos deuses que lhe dêem a sabedoria necessária para usar esse poder apropriadamente.

Quando deixaram o pátio de honra do palácio, Cedric ergueu o rosto para receber a carícia do sol.

— É possível... — murmurou.

— O quê, meu filho?

— Que Boadicea alcance o seu intento.

Lívia estava sentada diante do espelho de aço, com os braços erguidos, desfazendo as tranças. Contemplava-se, pensando nas drásticas mudanças que haviam ocorrido em sua vida.

O ódio que a animara, fazendo-a alimentar propósitos de vingança contra os icênios, dissipara-se lentamente, depois que conhecera Clydach e Heall. Os dois lhe haviam contado como era a vida na Britânia antes do domínio de Roma: as perdas eram tantas, e não apenas de coisas tangíveis, que davam a impressão de uma esmagadora derrota.

O orgulho do povo recebera um rude golpe quando o rei Prasutagus preferira uma paz negociada com o imperador Claudius em vez de engajar seus guerreiros numa batalha contra os invasores.

Mas os chefes das tribos haviam recebido garantias de que os icênios continuariam livres e, com o tempo, passaram a aceitar a decisão de seu rei. De fato, tudo levava a crer que fora uma decisão sábia: o povo comerciava com Roma, os ricos iam buscar na capital do império tudo o que necessitavam para as suas casas, e os mais jovens adotavam as roupas, o modo de falar e os costumes dos intrusos. Tornavam-se "romanófilos": parte romanos, parte celtas, sem pertencerem, na realidade, a nenhum dos dois mundos.

E, satisfeito, o povo mostrava gratidão ao seu rei, que os poupava do castigo infligido aos catuvelaunos, a única tribo da Britânia a resistir verdadeiramente às legiões romanas.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Mas, à medida que os impostos subiam, os jovens eram chamados a servir nas legiões romanas auxiliares, e a autoridade de Prasutagus era preterida pela do governador geral; os icênios começaram a ver claro: sua liberdade era apenas nominal.

A morte de Prasutagus e a subsequente humilhação da rainha haviam sido a gota d'água: a revolta explodira com violência e, como bem observara Heall, Livia sofrera as consequências.

Ela voltou-se de repente e olhou para a porta por onde Cedric devia entrar, acreditando ter ouvido seus passos. Mas enganara-se. E, enquanto terminava de escovar os cabelos que lhe caíam pelas costas, pensou em como ele era severo, destituído da alegre espontaneidade que observara em outros icênios. Achava-o triste. E, mesmo nas raras ocasiões em que podia rir com Heall e Clydach, notava-lhe um traço amargo na risada.

Mas, apesar de sua gravidade, ele a tratava bem. Não abusara fisicamente dela e a protegia da curiosidade dos guerreiros e do antagonismo das mulheres, mandando trazer suas refeições no quarto e servindo-se dos escravos de Artair para que ela banhar-se em relativa privacidade.

O extraordinário era que, vivendo tão isolados como viviam, e com tanta intimidade, Cedric raramente puxava conversa que envolvesse assuntos pessoais. Ele parecia determinado a não se dar a conhecer. Ela, por sua vez, apesar da inexperiência e timidez, via crescer dentro de si a percepção dele como homem. Sua virilidade perturbava-lhe os sentidos despertando sensações novas e nunca antes imaginadas. Os fatos acontecidos havia poucas horas confirmavam tudo: não podia confiar em si mesma.

Cedric não precisaria espancá-la para conseguir o que desejava: atingiria seus propósitos sem ter de forçá-la. E se, em momentos de raiva, ela dizia que o desprezava e o odiava, seus sentimentos, seu coração, seu corpo diziam coisas muito diferentes!

Quando Cedric abriu subitamente a porta do quarto, estava ainda se lembrando de seus beijos carinhosos e do toque e cheio de calor de seus dedos. Precisou de alguns minutos para retomar o domínio de si mesma. Então, pensou tê-lo ouvido gemer e perguntou:

— Está sentindo dores? E sua perna?

Ele deixou-se cair cansadamente no divã e soltou um suspiro fundo.

— Não é a perna. Onde está a bolsa de medicamentos de Clydach?

— Guardei-a na arca.

Livia ouviu-o abrir e depois fechar a arca e voltou-se, cheia curiosidade.

— Você está ferido! — disse, com ar consternado. Cedric colocou a bolsa junto do divã e levantou-se para buscar água.

— Coisa leve...

Livia levantou-se prontamente.

— Deixe que eu faça isso. Sente-se no divã.

— Tem tanta sede assim de sangue? — ironizou ele, quando a viu chegar com a

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

bacia de água.

Ela o olhou com ar de surpresa.

— Não costumo alegrar-me com o sofrimento dos outros.

— Nem mesmo com o meu?

Ela respondeu a sua pergunta com outra, que formulou com voz embargada pela emoção.

— Você disse que não exterminou a minha família. É verdade!

Surpreso com as lágrimas que via brilhar em seus olhos, Cedric assentiu.

— Minha consciência está tranqüila. Não tive nada a ver com essas mortes. Juro pela minha honra e pela minha espada.

— Acredito em você — disse ela com voz sumida. — E, agora deixe-me tratar de seu braço... Senhor.

Cedric olhou-a, curioso, sem querer acreditar na mudança que verificava em sua atitude. Certamente, Livia aceitava seu destino, concordava em ser dele! Sentindo que havia triunfado o bastante, fez uma concessão que lhe devolvia parte do orgulho.

— Não precisa se dirigir a mim nesses termos. Pode me chamar pelo nome.

— Pensei que a rainha fosse presidir o Conselho, não comandar uma batalha — disse ela com suavidade, enquanto retirava a faixa manchada de sangue.

— Um dos chefes ficou ofendido com o tipo de estratégia que sugeri. Discutimos.

Livia não pôde deixar de sorrir.

— Com espadas?

— É desse modo que nós, icênios, costumamos resolver uma disputa. — Cedric baixou a voz. — Gostaria que não fosse assim.

— Mas os icênios são gente pacífica. Nunca soube...

Ela se interrompeu. Estava a ponto de dizer "nunca soube que eles resolvessem seus problemas com as armas". E então lembrou-se de que os guerreiros estavam novamente de posse das armas que os romanos lhes haviam tomado.

— Nenhuma das tribos desta ilha era pacífica — explicou Cedric, imperturbável. — Foi Claudius que, ao invadir nossos territórios, impôs a lei romana e nos tomou as armas. Antes disso, costumávamos fazer ataques de surpresa, à procura de gado para aumentar nossas riquezas, ou exercer represálias contra outras tribos. Não nos contentávamos com o gado ou com a terra que possuíamos.

Livia sacudiu a cabeça, incapaz de compreender esse modo de vida, e Cedric perguntou:

— Você acha isso uma selvageria?

— Acho estranho. Por que arriscar a vida por tão pouco? É infantil!

— Talvez — concedeu Cedric. — Mas não é mais infantil do que querer conquistar outras nações para ter um contínuo suprimento de escravos, gladiadores e soldados para proteger, entreter e servir cidadãos mimados.

Ela não soube o que responder. Intimamente, concordava que aquilo era certamente verdade.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— O curativo está pronto — disse, por fim, fazendo menção de levantar-se.

Ele a agarrou imediatamente pelos pulsos.

— Está zangada?

— Que importa?

Cedric esfregou-lhe a pele acetinada com o polegar.

— Talvez nosso modo de viver seja infantil, até mesmo grosseiro para você.

Lutávamos, mas, triunfando ou fracassando, dávamos valor à vida. Os romanos pensam diferentemente e costumam tomar com facilidade esse bem tão precioso.

Suas palavras traduziam sofrimento, um amargo tormento que Lívia sentia, sem, todavia adivinhar-lhe a causa. Lembrou-se que ele lhe dissera na noite de seu aprisionamento: "não tenha ânsia em procurar sua própria destruição".

Será que não havia contradição nisso? Como podia ser que um homem habituado a matar por profissão tivesse um conceito tão alto da vida? Quis perguntar-lhe, mas a trégua que se estabelecera entre ambos era ainda muito frágil para suportar o peso de uma conversa perturbadora.

Com a mente confusa com uma mistura de sentimentos e emoções, desprendeuse delicadamente de Cedric e, rápida, como tivesse asas nos pés, foi guardar a bolsa de medicamentos arca.

Ele a seguiu com os olhos. À claridade que se derramava das amplas janelas, a estola tomava-se quase invisível, revelando-lhe as formas perfeitas. Lembrou-se dela saindo do banho, gloriosamente nua, e o sangue correu mais rápido em suas veias.

Reclinou-se no divã com um suspiro e anunciou:

— Vai haver uma festa hoje à noite, em homenagem a nossos aliados. Os druidas oferecerão dádivas aos deuses. Gostaria que você me acompanhasse.

Lívia fitou-o com olhos perturbados. Desagradava-lhe a idéia de ser novamente o objeto da curiosidade da multidão que certamente iria comparecer.

— Não posso ficar?

— Impossível. Não haverá ninguém para montar guarda à porta e eu não me atrevo a deixá-la sozinha. Você é muito astuciosa.

Lívia baixou os olhos, vencida, e ele se comoveu.

— Sinto muito, feiticeira. Não tenho outra escolha — disse curvando-se e acariciando-lhe os cabelos.

O leve sorriso que ela lhe lançou não fez mais do que aumentar o seu remorso. Quebrara a trégua, lembrando-a de sua escravidão, e agora tinha de achar uma maneira de compensá-la.

— Gostaria de tomar um banho de verdade?

Os olhos de Lívia arregalaram-se, e ele apressou-se em explicar:

— Os homens de Artair estão ocupados com a festa. Não terão tempo de preparar seu banho noturno. Pensei se você não gostaria...

Cedric hesitou e ela o fitou com a respiração suspensa:

— Sim?...

— A casa de banhos não está aquecida, mas encontra-se em boas condições. E a

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

água da piscina deve estar agradavelmente fresca. Se quiser, posso levá-la até lá.

A excitação fez brilhar os olhos de ametista de Livia. Seria simplesmente divino banhar-se na ampla piscina da casa banhos!

Ele a olhou, surpreso com a sua evidente alegria. Era preciso tão pouco para fazê-la feliz...

— Pegue o que for preciso — disse em tom rude para esconder a sua perturbação. — Ficarei à sua espera na varanda da galeria.

Quando ele saiu, Livia pôs-se a dançar alegremente pelo quarto. Depois ajoelhou-se diante de sua arca e examinou o conteúdo. Após a pilhagem de Edith, salvara-se pouca coisa: três estolas, duas de linho e uma de macia lã azul, algumas túnicas curtas, uma pesada capa com capuz de lã branca, um precioso frasco de óleo de rosas, um par de sandálias, um par de sapatos e o véu da noiva.

Escolheu a estola azul, pegou o pente e o frasco de óleo e por fim calçou os sapatos de couro macio e leve, com bordados de filigrana de ouro. Segundos depois, fechava a porta do quarto e ia ao encontro de Cedric.

Encontrou-o debruçado na varanda, espiando o pátio que fervilhava de vida. A brisa desmanchava-lhe os crespos cabelos castanho-claros, e quando ele se voltou, com uma mecha caindo na testa ampla, sentiu uma irresistível vontade de tocá-lo.

Experimentava a mesma emoção do primeiro encontro, mas Cedric não dava nenhuma indicação de lembrar-se da antiga solicitude. Tomou a direção das escadas sem se preocupar se ela o seguia ou não, obrigando-a a correr para alcançá-lo. Ao chegarem ao pátio, teve consciência dos olhares abertamente curiosos dos homens e, instintivamente, colocou-se ao lado dele.

Cedric não pôde deixar de sorrir. Não ignorava o que seus compatriotas pensavam de Livia: julgavam-na uma feiticeira! Não era possível, diziam, confundindo a realidade com a fantasia, que uma simples mortal pudesse enfiar uma adaga no ombro de um homem no exato momento em que era possuída! Devia ser uma feiticeira de poderes extraordinários, porque depois fizera desaparecer o ferimento do ombro de seu amante! Afirmavam isso sem levar em conta que, se ela tivesse tais poderes, os usaria para escapar do inimigo.

Ele preferia não desmenti-los. Uma feiticeira era olhada não só com curiosidade, mas também com receio. E aqueles valentes guerreiros, mesmo achando Livia sedutora, pensariam duas vezes, antes de pôr as mãos em cima dela!

Atravessaram o pátio em silêncio e chegaram aos jardins. No fundo, descansando à sombra da tarde, havia um edifício pequeno, coberto de hera, videiras e madressilva. Fora construído com um propósito: Augusta, mãe de Livia, sentia falta das graciosas salas de banho de Roma, e seu marido, Marcus, quisera agradá-la, proporcionando-lhe aquele conforto.

Como não existiam banhos públicos em Venta Icenorum, Augusta costumava convidar suas amigas para se reunirem ali, todas as tardes. As mulheres entravam no tepidarium, de ar morno, em seguida no calidarium, de ar quente, e afinal, para obterem uma viva reação do sangue, mergulhavam na água fria da piscina.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Terminado o banho, deitavam-se nos bancos de mármore, para que as atendentes massageassem seus músculos com as mãos embebidas em óleo, antes de remoçadas e felizes, vestirem-se, e voltarem para suas casas.

Era um ritual que Livia compartilhava com sua mãe desde os oito anos, e lembranças desse tempo acudiram-lhe à mente quando Cedric abriu as pesadas portas. Havia um estranho ar de abandono ali, como se a casa estivesse fechada havia meses.

Atravessou com ele o átrio da entrada de paredes guarnecidas de pinturas de aves e plantas aquáticas e passou para o segundo átrio. Ali, flanqueada por pinturas que representavam Vênus e Hilos, ficava a porta que dava acesso à piscina. À esquerda e à direita ficavam as respectivas entradas para os camarins dos homens e das mulheres.

— Posso mudar de roupa e ir me encontrar com você piscina?

Cedric assentiu. Esperou que ela entrasse no camarim das mulheres e fechasse a porta para, depois, virar-se e entrar no camarim dos homens. O aposento era pequeno, mas bem iluminado pelas janelas retangulares. Havia bancos de mármore, e o chão era de mosaico figurando Hera. Nas estantes que corriam longo de uma das paredes achou toalhas limpas e um frasco de óleo que, sem dúvida, devia ter pertencido ao pai de Livia.

Ao ouvir uma porta abrir-se e fechar-se, deduziu que Livia se encaminhara para a piscina. Arrancou a túnica sem perda de tempo, a tanga, pegou uma toalha da prateleira e o frasco óleo e foi reunir-se a ela.

Livia reclinou-se na piscina, e apoiou a cabeça na borda mármore. A água, agradavelmente fresca como Cedric disse parecia abraçar seu corpo nu com um toque acariciante e amoroso. De pálpebras semicerradas, deixou que lhe inundasse todos poros e a libertasse de toda a espécie de cansaço.

Estava para mergulhar mais fundo quando a porta abriu e Cedric apareceu no limiar, inteiramente nu. Virou rapidamente a cabeça e fechou os olhos, para assegurar-lhe o direito de completa privacidade.

Escolhera propositadamente o lado oposto pela mesma razão. A piscina tinha cerca de sete metros de comprimento e, depois que Cedric imergisse, ambos poderiam compartilhar o banho sem se embaraçarem mutuamente.

— Feiticeira...

A voz, tão perto dela, assustou-a. Abriu os olhos e encontrou a seu lado. Tinha um dos braços apoiado na borda da piscina. Podia até sentir o leve fluxo e refluxo da respiração dele contra seus cabelos. Mas o que a incomodava de fato era a expressão nada tranqüilizadora do rosto dele.

Afastou-se; cada músculo de seu corpo tenso estava pronto para reagir. Mas Cedric permaneceu onde estava, com a cabeça apoiada no mármore, os olhos fechados, mergulhando ocasionalmente as mãos em concha na água e jogando-a sobre o peito.

Nesse instante, um raio de sol entrou pela ampla janela, iluminando-lhe os cabelos claros, e ela notou como a luz viva do dia combinava com sua beleza severa. A excitação que tomou conta dela tornou-a consciente de que se achava sem defesa

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

perto dele. Sentia escaparem, inexoravelmente, sua força de vontade e o orgulho de uma educação casta...

Jogou água no rosto ardente e fechou os olhos. Os terríveis acontecimentos da semana anterior e o desamparo em que vivia eram, sem dúvida, a causa daquela estranha emoção que ameaçava explodir em soluços. Precisava conter-se!

Cautelosamente, Cedric abriu os olhos e virou a cabeça na direção de Lívia. Ela estava de olhos fechados, com o pescoço delicadamente arqueado sobre a beirada da piscina, numa atitude que parecia um convite às carícias. Sua grossa trança estava enrolada em volta da cabeça, como uma coroa gloriosa, mas alguns caracóis haviam escapado da prisão dos grampos e anelavam-se, úmidos, sobre suas têmporas e sua nuca.

"Terá consciência da visão encantadora que proporciona?", pensou Cedric, com um frêmito. "Não", decidiu depois de alguns minutos de reflexão. "É uma deusa, e as deusas são absolutamente indiferentes às reações que produzem nos mortais!"

Lamentava as forças que haviam decretado que Lívia deveria ser sua escrava. Mas, se não fosse isso, de que outra maneira ela poderia ser sua? Àquela hora, estaria certamente casada com Lucius e, se não estivesse, sua família jamais iria permitir que fosse cortejada por alguém que desertara da legião em que servia para poder comprar a liberdade do pai das mãos de um general romano!

Um sorriso amargo repuxou-lhe os lábios, enquanto pensava nela e em sua família. Sim, o destino fora cruel com Lívia, mas a trouxera para ele e não devia enganar-se com falsos argumentos.

O sorriso amargo desvaneceu-se quando voltou a contemplá-la, deixando crescer a emoção que o dominava.

"Quando tudo mudou?", pensava com espanto.

Até aquela tarde, teria jurado que queria Lívia apenas pelo seu corpo, para satisfazer seu desejo carnal e para ter dela um fruto dessa união. E uma semana atrás teria se contentado com sua complacência na cama.

Mas agora, depois de lhe ter experimentado o ímpeto apaixonado, não podia contentar-se com uma emoção passageira. Ele a queria inteiramente, dócil e enamorada ou forte e desafiadora, mas tomada de um sentimento que ultrapassasse o ardor dos sentidos. E, acima de tudo, queria acabar com o ódio que ainda subsistia entre eles. Queria que Lívia corresse para ele confiante!

Baixou os olhos para as suas próprias mãos. Fortes, quadradas, com dedos longos e grossos. Rudes mãos de um guerreiro habituado ao exercício da guerra, não ao trato com mulheres. E mulheres, especialmente romanas, gostavam de ser mimadas e cortejadas com palavras, uma arte na qual não era muito versado.

As mulheres que conhecera durante o seu tempo na legião estavam mais interessadas em dinheiro do que em conversa. E Edith, que conhecera depois, era uma guerreira. Com ela podia eventualmente discutir a qualidade de uma arma durante o dia e, à noite, podia levá-la para a cama sem necessidade de vencê-la com belas e doces palavras sussurradas baixinho!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Lívia, tão suave e feminina, era diferente de todas as outras. Não podia tomá-la como a uma prostituta ou tratá-la com a casual indiferença com que tratara Edith. Para torná-la verdadeiramente sua, teria de possuir-lhe não só o corpo, mas o espírito. E isso significava doar-se, revelar a parte secreta de ser, intocada desde os tempos de Claudius.

Subitamente, um sentimento de frustração dominou-o: comparado a Lucius, era desajeitado e vulgar, um verdadeiro bárbaro! Como podia conquistar o amor de uma criatura tão bela e feminina como Lívia?

"Mas ainda assim tenho de tentar!", pensou, com sua obstinação de soldado.

Procurou freneticamente na mente algo que pudesse interessá-la.

— Esse lugar me lembra um banho público que visitei Roma.

Lívia abriu os olhos e fitou-o em silêncio por alguns instantes. Estava tão ansiosa quanto ele para por fim à estranha tensão que se instalara entre ambos.

— Verdade? Eu nunca estive em Roma.

— Era um pouco diferente, claro. Havia um frigidarium que me lembrou dos tempos que passei acampado junto ao Reno.

Ele se interrompeu bruscamente, recordando que depois do gelo do Reno conhecera o calor infernal de um deserto chamado Judéia. Fora lá que acontecera a morte de seus irmãos e sua conseqüente deserção.

— Cláudia falava sempre desses banhos — disse Lívia, agradecida pelo esforço que ele fazia para estabelecer um elo entre eles.

— Cláudia?...

Os lábios de Lívia tremeram.

— Minha irmã. Ela foi a Roma com minha mãe quando tinha treze anos. Ia passar lá uma curta temporada, mas apaixonou-se pela cidade e resolveu prolongar a estada. Mamãe voltou, e Cláudia ficou em casa de minha tia. Quando voltou, três anos depois, estava mudada. Muito diferente da irmã que eu conheci.

Lívia suspirou tristemente.

— Ela ria de nossa casa de banhos. Julgava-a modesta, comparada às de Roma e Pompéia. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Cláudia não era feita para a vida rude de Venta Icenorum. Era delicada demais.

Cedric ergueu os cenhos.

— Eu a vi no dia em que a rainha foi humilhada publicamente. Ele não me pareceu tão delicada assim. Pedia o sangue de Boadicea e alegrava-se quando via o chicote descer sobre as costas nuas de nossa soberana.

Ele comprimiu os lábios com desdém.

— Sem dúvida, devia gostar do espetáculo proporcionado pelos gladiadores nos circos de Roma!

— Você não sabe nada! — explodiu Lívia, em defesa da irmã. — Nada!

Mas sabia que ele dissera a verdade. Cláudia descrevera o combate mortal dos gladiadores com uma excitação que não fora capaz de entender. No entanto, não podia tolerar que Cedric ousasse falar dela nesses termos.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

As lágrimas que lhe enchiam os olhos transbordaram e escorreram por suas faces. Mas ela não se importou.

— Cláudia era minha irmã! Como se atreve...

Sua voz quebrou-se num soluço, e ela se virou para alcançar a borda da piscina e fugir daquele bárbaro e de suas detestáveis verdades.

-Não vá, Lívia.

Mãos fortes agarraram-na pelos pulsos, imobilizando-a, e ela se viu presa aos braços dele.

— Eu o odeio!

— Sim, eu sei — disse ele, afagando-lhe os cabelos.

— Cláudia era minha irmã — repetiu Lívia, sentindo um sofrimento tão agudo que um soluço escapou de sua garganta.

— Está bem, Lívia. Deixe as lágrimas correrem. Chorar faz bem.

Sem forças para resistir, ela se deixou embalar no conforto de seu peito musculoso, enquanto toda a sua dor extravasava numa torrente de lágrimas amargas.

Cedric envolveu-a pelos ombros com muita ternura e a manteve em seus braços até que toda aquela tensão se dissipasse. Sua dor tocava-o fundo, abrindo-lhe feridas frescas no coração.

— Sei o que é perder quem se ama, Lívia. Meus irmãos caíram no campo de batalha, debaixo de meus olhos, e eu não pude fazer nada para ajudá-los. Eram icênios, mas morreram lutando pelos romanos que invadiram militarmente a Judéia.

Ele cerrou momentaneamente os olhos, ofuscado pela recordação. Depois prosseguiu:

— Quando a batalha terminou, recolhi seus corpos, lavei-os e preparei-os da melhor maneira que pude. Não havia carvalhos sagrados por lá nem sacerdotes druidas para orar por eles. E, mesmo que eu tivesse dinheiro, nenhum sacerdote romano iria permitir que eu fizesse sacrifícios a meus deuses para aplacar-lhes o julgamento.

— Onde os enterrou?

— Enterrei-os na areia do deserto. Enterrei-os bem fundo para que os chacais e as hienas não pudessem encontrá-los e devorar seus restos.

Por um momento, Lívia esqueceu os próprios sofrimentos e acariciou-lhe ternamente o rosto, participando de seu sofrimento como ele participara do dela.

— Minha mãe e minhas irmãs haviam sido mortas quando Claudius invadiu a nossa ilha — continuou Cedric. — Meu pai era escravo de um general romano e, de repente, eu me encontrei sozinho no mundo. Não tinha mais família.

— Como você deve odiar os romanos! — sussurrou ela. — E a mim também.

Ele ergueu-lhe o queixo, e Lívia pode ver-se refletida na clara superfície azulada de seus olhos.

— Está enganada, feiticeira. Eu não a odeio.

Um sentimento de conforto invadiu-a, e ele a fitou com um olhar cheio de doçura e gratidão.

— Não?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Antes que pudesse perceber-lhe a intenção, ele beijou-a de leve na boca e, entre medrosa e excitada, Lívia deslizou numa inconsciência, em que havia apenas a sensação de lábios macios movendo-se suavemente sobre os seus.

— Lívia... — ouviu-o murmurar roucamente, enquanto lhe beijava as pálpebras, as faces, as têmporas — Lívia...

Ela suspirou e entreabriu os lábios, entregando-lhe novamente a boca fresca, que ele tomou com avidez, fazendo-a sentir uma explosão de alegria seguida por uma onda de calor incontrolável.

Cedric sentiu-a estremecer quando lhe explorou o interior macio da boca, que tinha gosto de mel, e murmurou-lhe palavras suaves e cheias de ternura, até senti-la calma e confortável em seus braços. Então cobriu-lhe as pálpebras de beijos apaixonados.

Uma estranha excitação percorreu o corpo de Lívia. Estimulada pelo calor daquela boca que voltava a empolgar a sua e pelas carícias ousadas daquelas mãos hábeis, sentiu todas barreiras caírem e desabrochou como uma flor. Hesitante a princípio, depois com mais confiança, devolveu-lhe as carícias, correndo os dedos pelo contorno daquela boca sensual que tinha tanto poder sobre os seus sentidos.

— Você é adorável — murmurou ele, fazendo uma pausa para olhar-lhe o corpo juvenil e esplêndido.

Depois, seus dedos fortes tomaram a moldar-lhe a carne, subindo e descendo com voluptuosa lentidão, e ela fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, perdida naquela tensão sensual que lhe fazia vibrar os nervos.

Não percebeu que ele a erguia nos braços e a carregava para fora da piscina. Quando voltou à consciência, disse a si mesma:

"Não está certo. Preciso resistir".

Cedric sentiu o seu retraimento e beijou-a na boca, voltando a acender-lhe a chama interior.

— Não se preocupe — sussurrou ele ao seu ouvido. — Farei de tudo para não machucá-la.

Lívia sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

— Você vai me violar?

Ele sorriu de sua ingenuidade.

— Não, Lívia. Não a violarei. Não vai ser preciso. Terei apenas de beijá-la e acariciá-la para que você seja minha.

Eram palavras fortes, mas verdadeiras, e Lívia impressionou-se: Cedric podia ter mentido e ela teria acreditado para sufocar seu sentimento de culpa, resultado da rígida moralidade romana sob a qual fora criada. Mas ele preferira ser honesto.

E então seus receios se desvaneceram, e foi como se desabrochasse nela uma segunda vida, mais cálida, mais fácil, sem limitações e sem passado, sem a mínima sobra de culpa, formada apenas do presente. Não eram uma romana e um icênio, mas um homem e uma mulher em busca de um pouco de encantamento.

— Não vou lutar com você — disse com voz suave, porém firme.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Era tudo o que ele queria ouvir. Virou-a de costas e, um a um, lentamente, retirou-lhe os grampos dos cabelos. Desfez-lhe as tranças grossas e, quando a massa de seda chamejante desceu-lhe pelas costas, rodeou-a com os braços e beijou-lhe a nuca.

Lívia voltou-se para ele, lânguida e sensual, mas, ao olhá-lo de frente, não pôde esconder uma preocupação. Cedric era tão grande...

— Lembre-se: você prometeu que não me machucaria...

Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos, fascinado pela beleza que seus olhos irradiavam.

— Tomarei todo o cuidado, feiticeira. Não tenha medo.

Deitando-a no chão de mármore, ajoelhou-se a seu lado e levantou-a para si. Depois, desceu a boca sobre os lábios dela, esmagando-lhe os seios de encontro ao corpo.

Lívia sentiu um fogo líquido escorrer-lhe pelo corpo, ao contato de suas peles nuas, e estremeceu.

— Está com frio?

— Não... Beije-me mais.

— Nunca vi uma mulher tão apaixonada — disse ele com os olhos escuros de desejo. — Mas há mais, muito mais...

Rolando por cima dela, ele a prendeu com as coxas rijas e tomou-lhe os seios de bicos rosados com as mãos em concha. Sugou-os avidamente, primeiro um, depois o outro, até vê-la gemer, em profundo abandono:

— Oh, Cedric... Cedric...

As palavras saíam-lhe incoerentes dos lábios, enquanto ele lhe separava as pernas para encontrar seu ponto mais íntimo. Ao sentir a mão sobre seu sexo úmido pela premência do desejo, experimentou um prazer tão grande e inesperado que, instantaneamente, arqueou os quadris para facilitar-lhe a ação.

Excitado, Cedric voltou a tomar-lhe a boca entreaberta, num longo beijo explorador. Suas línguas se encontraram e se acariciaram, num jogo erótico e cheio de embriaguez.

— Levante seus quadris para mim — murmurou ele, com voz irreconhecível.

Quando, acordada para a volúpia, Lívia obedeceu, ele agarrou-a pelas nádegas e, cuidadosamente, guiou seu sexo rígido para dentro dela. Parou, ao encontrar a esperada barreira, mas, logo em seguida, empurrou-a delicadamente.

Sentiu as unhas de Lívia cravarem-se em suas costas, e, quando um grito escapou-lhe da garganta, selou sua boca com um beijo que durou uma eternidade.

Ao senti-lo todo dentro de si, ela ficou paralisada por momento e, depois, quis afastar o corpo.

— Espere... — disse-lhe Cedric com voz arquejante. — Está doendo muito?

— Um pouco...

— É só a primeira vez. Agora não vai doer mais. Prometo.

Cedric começou a mexer-se lentamente, cuidadosamente a princípio. Depois,

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

com arremetidas longas e suaves. Quando a sentiu erguer os quadris, tentando acompanhá-lo, acelerou o ritmo, impetuosamente.

Lívia sentiu o fôlego preso na garganta e arqueou-se para ele, acompanhando-o no seu ardor. Gemeu e se contorceu, enquanto ele a possuía cada vez mais arrebatadamente, dominada por prazer tão intenso que o coração parecia querer explodir dentro do peito.

Quando a ouviu gritar de êxtase, Cedric perdeu todo o controle. Penetrou-a com todo o seu peso e inundou-a com a torrente de sua paixão. Depois, estremecendo num espasmo vigoroso e inextinguível, deixou-se escorregar docemente para o lado.

Normalmente, ele não ficava junto à mulher depois de consumado o ato de amor e também não gostava que ela se enroscasse nele, como uma cobra sinuosa. Mas com Lívia era diferente. Nunca se sentira tão bem, tão relaxado. Lançou-lhe um olhar. Ela descansava quietamente, com os olhos fechados e os braços cruzados sobre os seios. Mas não dormia.

Entrelaçou seus dedos com os dela, num gesto de carinho, e soltando um profundo suspiro de satisfação, fechou os olhos. Seu mundo estava completo.

Lívia permaneceu imóvel. Só ao ouvir a respiração calma e compassada de Cedric, sinal de que ele dormia, ousou olhá-lo. Ele parecia muito jovem no sono. Sorriu, dominada por uma sensação de ternura, e permitiu-se olhá-lo todo. Teve vontade de tocá-lo, de acariciar-lhe as coxas musculosas, de enredar os dedos naquela camada de pêlos sedosos que lhe cobria o peito. Mas receava perturbar-lhe o sono e ficou quieta a seu lado.

Nunca imaginara que os momentos de intimidade entre um homem e uma mulher pudessem ser tão tumultuosamente apaixonantes. Fechou os olhos e lembrou-se do instante em que quase explodira de prazer. Ele fora tão terno, tão paciente! E não se aborrecera quando tentara furtar-se à dor que ele lhe causava. Sorriu novamente e aninhou-se no seu corpo quente, experimentando uma doce sensação de conforto.

"Como tive a coragem de ter medo de um homem tão terno, gentil e apaixonado?", pensou, antes de deslizar para a suave sonolência do amor.

Cedric foi o primeiro a acordar. Sentiu contra si o peso do corpo de Lívia e não fez nenhum movimento, para não perturbá-la.

Reparou no perfeito oval de seu rosto e sentiu de novo a mesma ardente vibração física que os fizera submergir numa onda de êxtase inacreditável. Proporcionara-lhe prazer, tinha certeza, e esse conhecimento o enchia de orgulho. Mas seu orgulho desvaneceu-se rapidamente, ao lembrar da dor que lhe causara. Ela fora virgem para seus braços, e a prova de sua virgindade ainda, lhe manchava as coxas brancas. Não a censuraria se ela o odiasse depois. Tomara-lhe de assalto a última barreira, símbolo de sua vida anterior!

Sufocando um gemido, ergueu os olhos e ficou olhando para a luz que jorrava das amplas janelas junto ao teto. Aos poucos, a luz ficou dourada, as sombras alongaram-se e ele tornou-se consciente da frieza do mármore e da passagem do tempo. Com um suspiro resignado, ergueu a mão para despertá-la.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ela se agitou, abriu os olhos maravilhosos lentamente e sorriu.

— Dormi demais? — perguntou, apreensiva com seu ar preocupado.

Aquelas palavras foram um bálsamo para seu coração torturado.

— Bastante. Está na hora de terminar o banho. Temos de nos preparar para a festa.

Cedric ergueu-a nos braços de um só golpe e, antes que ela pudesse perceber suas intenções, levou-a para a piscina e a fez submergir na água fria.

Lívia voltou à tona ofegante.

— Não é justo!

— Você estava ainda tonta de sono. Tinha de acordá-la. E agora tome — disse ele, passando-lhe à mão um pano de linho.

Ela ficou de pé, com a água chegando-lhe até os seios, e pôs-se a esfregar o corpo vigorosamente. Sentia suas partes genitais ainda doloridas, e espantou-se quando viu o pano tingir-se de vermelho. Ficou um momento paralisada e então compreendeu.

Cedric percebeu sua perturbação e voltou-se discretamente. Saiu da piscina, enrolou-se numa toalha e ficou à espera dela com uma outra com que a envolveu. Lívia enxugou-se rapidamente, evitando olhá-lo, e ele preocupou-se.

— Está zangada?

— Não..., Não é nada. — A voz dela era uma queixa, uma doce queixa sem censura.

Cedric fitou-a; seu rosto bronzeado estampava tristeza.

— Preciso saber. É muito importante para mim! Acho que devia ter tido mais cuidado. Não devia tê-la tomado daquele jeito!

Lívia ficou chocada.

— Está arrependido? Desejaria não ter...

— Não, não é isso. Lamento apenas a rudeza com que a tomei — Ele a olhou ansiosamente. — E você? Lamenta alguma coisa?

Um sorriso tremulou nos lábios de Lívia.

— Não.

Com um grito de júbilo, ele a tomou nos braços e a apertou-a fortemente de encontro ao peito.

— Você é minha! De agora em diante, vai dormir na minha cama!

Ela afastou o corpo, decepcionada.

— Já que ordena...

Ele a fitou com estranheza.

— Você disse que não lamentava...

— E não lamento. Mas nunca lhe ocorreu que você podia pedir, em vez de mandar? — disse Lívia, encaminhando-se para a porta.

Os olhos de Cedric lançaram chispas.

— Você é muito impertinente! — Ela abriu a porta sem voltar-se.

— Eu sei.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

A raiva dele explodiu numa torrente de pragas. O que ela estava pensando? Que podia manipulá-lo a seu bel-prazer? Conhecia os truques das mulheres romanas; permitiam que o homem usasse seu corpo para, depois, cobrar o favor! Lívia não iria fazer isso com ele! Era o senhor da situação. Dominava-a. Podia tomá-la ou recusá-la, como e quando quisesse. Ela era coisa sua!

Saiu do recinto da piscina pisando firme. Iria atacá-la de frente. Demonstrar-lhe que ele é que era o dominador e que não irias permitir que ela o chantageasse com o seu desejo.

Lívia estava à sua espera quando ele saiu do vestiário dos homens e sorriu-lhe como se nada houvesse acontecido. Cedric colocou-lhe o frasco de óleo nas mãos quase raivosamente e explodiu:

— Não irei implorar para que durma comigo, romana. Sou seu senhor. E você fará o que eu mandar!

Ela arregalou os olhos, atônita. O sorriso desvaneceu-se em seus lábios.

— Cedric, eu...

— Não sou nenhum nobre romano que você pode pôr de joelhos para implorar seus favores. Lembre-se: você é minha!

Lívia o fitou, firme, numa atitude de desafio, com os olhos fagulhando:

— Como posso esquecer se você está me lembrando disso a toda hora?

Ele riu, um riso de escárnio que a deixou cega de ódio, e, sem pensar duas vezes, ela arremessou o frasco de cristal em sua direção.

— Tome-o! Não preciso de seu óleo.

A bela peça de cristal egípcio atingiu violentamente a mão de Cedric e depois foi espatifar-se no chão.

— Desculpe... — murmurou, espantada com a violenta reação que tivera.

Cedric avançou para ela e a sacudiu pelos ombros.

— O que está querendo provar?! Diga!

— Eu... Eu...

— Você tem a mão muito rápida. E a língua também! Refreie-se e, no futuro, não diga como devo me comportar!

— Não fiz isso!

— Fez! — Ele a afastou de si com um safanão. — Considere-se uma mulher de sorte, se o máximo que fiz até agora foi dar-lhe ordens!

— Oh, Juno... Então é por isso que você está com tanta raiva?

— Não estou com raiva!

— Estava brincando, Cedric. Foi um gracejo. Juro que é verdade! Quis provocá-lo para ver como você reagia!

Cedric guardou silêncio durante alguns segundos, considerando a sua explicação. Depois, evidentemente convencido, tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Você está bem?

Sua preocupação era tão genuína que Lívia não pôde deixar de sorrir.

— Estou bem. E sua mão?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

A área em volta do lugar atingido estava ficando vermelha e, confusa, ela a comprimiu com a ponta da estola, que havia desistido de vestir.

— Sinto muito — desculpou-se. — Mas você me faz sair do sério.

— E você é muito impertinente!

— Tem razão — disse ela, submissa.

Ele sorriu e alisou-lhe os cabelos, ainda úmidos.

— Tenho a impressão de que você vai me dar muito trabalho, feiticeira.

— Não tinha a intenção de ofendê-lo.

— Está certo.

Cedric passou o braço pelos ombros dela e levou-a para fora. Em contraste com a luz difusa da casa de banhos, o sol da tarde parecia particularmente brilhante. Livia sacudiu os cabelos que secassem mais depressa e então lembrou-se:

— Meu pente... Deixei-o no vestiário.

— Espere aqui. Vou buscá-lo para você.

Uma vez sozinha, ela foi sentar-se num canto ensolarado pátio e ficou longo tempo a olhar o gramado mosqueado de se que se estendia em direção à villa.

Vozes chegavam da cozinha, trazidas pelo vento, mas ela não prestou atenção à conversa. Fechou os olhos e deixou que o sol banhasse o seu rosto. Não viu o homem alto e emaciado, vestido de branco, que cruzava o pátio com um grupo de seis guerreiros icênios e entrava na cozinha. E não percebeu que as vozes, depois de se tornarem inesperadamente agudas e estridentes, silenciaram.

Estava pensando em Cedric, imaginando se ele iria permitir que fosse à estrebaria para dar uma olhada em sua égua favorita. Quem sabe, se lhe pedisse, ele permitiria que cavalgasse. Não longe, claro. Talvez até a floresta. Havia de decidi-lo e convencê-lo. Mas tinha de fazer isso com cuidado para que ele não pensasse que estava querendo manipulá-lo.

Estranhamente, percebeu que não estava preocupada com o futuro. Pertencia a Cedric. Ele tinha todos os direitos sobre ela. No entanto, apesar de suas afirmativas em contrário, achava que a rebelião icênia iria terminar logo. Era questão de semanas, de alguns meses, no máximo.

Uma vez informadas, as legiões romanas marchariam sobre Venta Icenorum e ela seria resgatada. Sentiu uma estranha pontada no coração, diante dessa possibilidade. Mas... Não era isso o que queria? Até lá, porém, tinha de manter um acordo com Cedric, e sua submissão, nessa tarde, fora o primeiro passo nesse sentido. Oferecera-lhe a liberdade de usar o seu corpo em troca da proteção que ele lhe dava.

Sentiu um estremecimento diante da idéia e ficou imaginando como as coisas podiam ter sido diferentes, se não tivesse acontecido a rebelião icênia. Provavelmente, ela e Cedric teriam se conhecido como iguais. Ele a teria cortejado com a aprovação de seu pai. Teriam se casado e depois ele a teria levado para morar em sua aldeia.

"Oh, Juno", implorou. "Não permita que meu coração amoleça!"

Era por isso e não por causa de algum compromisso tolo que havia se abandonado

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

tão confiantemente em seus braços. Não podia ignorar a imutável verdade se a situação fosse diferente, Cedric era o homem que podia ter amado!

— Escrava.

A voz que a arrancou de suas divagações era profunda e melodiosa e estava muito perto dela. Lívia abriu os olhos e viu-se diante de um homem vestido de branco, excessivamente magro. As carnes quase haviam abandonado seu corpo, e a pele estava esticada sobre os ossos do rosto. Seus longos cabelos loiros caíam-lhe sobre os ombros e brilhavam à luz do sol.

Ela ficou intrigada pelo que nele havia de estranho mas, de repente, uma vaga lembrança aflorou-lhe à mente. Aquele homem não era um estranho! Sentia que já o havia encontrado antes, Ele era jovem então, não havia linhas fundas no seu rosto bronzeado, e suas feições eram tão finamente esculpidas quanto as de Apoio, se o deus tivesse descido mais uma vez entre os mortais.

Fitou seus olhos, hipnotizada. Eram verdes e pareciam duas brasas engastadas profundamente nas órbitas, mas seu brilho era tão perturbador que lhe provocou uma arrepiante sensação de frio na boca do estômago.

— Levante-se, escrava. Venha conosco.

Lívia desviou os olhos dele e só então percebeu o grupo de guerreiros icênios guardando alguns prisioneiros romanos. O rosto de seus compatriotas refletia o mesmo terror que ela sentia. Teve vontade de recusar, de fugir dele e ocultar-se em seu quarto. Mas tinha medo de desafiar aquele homem estranho e perguntou-lhe numa voz que não parecia a dela:

— Para... Para onde?...

As palavras morreram-lhe na garganta. O brilho malévolo dos olhos verdes do homem intensificara-se. Mas, quando ele falou, o fez com estranha e distante suavidade:

— Vamos reverenciar a deusa.

Havia tal satisfação em suas palavras que alguma coisa no íntimo de Lívia avisou-a de que ele mentia. Mas estava sem forças para resistir a seu estranho poder. Como em um sonho, viu-se dando um passo para a frente e depois outro. Subitamente, ouviu o eco de uma voz conhecida que parecia vir de longe, muito longe. Isso foi suficiente para fazê-la estacar.

— Não, Rhys, essa não. Recebi-a de presente da rainha, com a sua bênção.

Os olhos verdes desviaram-se de Lívia para se fixarem no intruso.

— Ah, Cedric... — A voz de Rhys era cheia de doçura. — Como vai seu honrado pai?

— Muito bem — Cedric adiantou-se e colocou-se entre o druida e Lívia. — O que quer dela?

— Seu pai é um druida — observou Rhys. — E você, mais do que ninguém, deve entender a importância dos sacrifícios aos deuses.

Cedric lançou-lhe um de seus raros e irônicos sorrisos.

— Não entendo nada, Rhys. Nem seus deuses nem seu modo de agir, e muito

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

menos os seus ritos. — Ele apontou para os romanos. — Não me importo que leve esses. Mas essa de cabelos dourados é para mim, não para seus altares de pedra.

Um pequeno tremor no canto da boca do druida foi a única indicação de que o sarcasmo de Cedric atingira o alvo.

— Não é você quem deve decidir. Isso é assunto da deusa, ela decidiu assim.

— Foi você quem decidiu assim — disse Cedric rudemente. — É a sua interpretação dos oráculos, e você costuma influenciar o povo com isso.

— Mas não você! — A voz de Rhys perdeu a metódica doçura. — O guerreiro Cedric costuma fazer as coisas a seu modo e não se envergonha disso!

— Por que deveria envergonhar-me? A desonra está na sua cabeça e na cabeça de sua irmã! Nunca menti a Edith.

— Você lhe deu esperanças, quando não tinha nenhuma intenção de cumprir sua promessa! Alguns dizem que isso é mentir.

Quando Rhys viu a mão de Cedric tombar sobre a empunhadura da espada, ajuntou friamente:

— Druidas não lutam, não se esqueça.

— Mas saciam sua sede de sangue com sacrifícios — retrucou Cedric. — Deixe a moça em paz, Rhys. Você a quer não para ofertá-la a Morrigan, mas para satisfazer a vaidade de Edith.

Para ele, o caso estava encerrado. Sem se importar com o outro, pegou tranqüilamente Livia pelo braço e a conduziu em direção à villa.

— Não pode fazer isso! — gritou Rhys atrás dele. — Sou druida, Cedric. Minha palavra é lei!

Cedric estacou e voltou-se para ele.

— Devo levar o caso ao julgamento de Boadicea?

Rhys permaneceu um instante imóvel. Depois, deu-lhe as costas e afastou-se, seguido dos guerreiros e dos romanos.

O pleno horror daquilo explodiu repentinamente no entendimento de Livia, e, quando entraram no quarto, ela se deixou cair sem forças no divã.

— Esse homem vai sacrificar meu povo a seu deus?

— Vai — disse Cedric, arrancando a túnica. — Mas Morrigan é uma deusa. Nossa deusa da batalha. A face guerreira da Mãe Terra.

Sua resposta desesperou-a.

— Ele é irmão de Edith?

Cedric acenou afirmativamente com a cabeça, mas nada respondeu.

— Acha que foi ela que pediu a Rhys que me sacrificasse?

Ele guardou silêncio, e os nervos dela explodiram.

— Pelos deuses, Cedric! Responda-me! Esse Rhys deixou-me em paz por enquanto. Mas será que ele não vai voltar novamente a carga?

— Você é minha e eu a protegerei — Disse ele, simplesmente.

— Como? Os sacerdotes são poderosos. Até mesmo César não ousa contrariá-los. Acha então que Boadicea irá colocar seus direitos acima da vontade de um

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

sacerdote?

Cedric fitou-a um momento. Depois, seus lábios se abriram num sorriso.

— Eu a protegerei. Acredite nisso.

O coração de Lívia acreditava e confiava, mas sua mente via claro. Se Rhys fosse se queixar da teimosia de Cedric à rainha, ela apoiaria o druida vestido de branco. Tinha certeza!

Seu evidente desespero comoveu Cedric. Ele aproximou-se dela, envolveu-a pelos ombros com muita ternura e pôs-se a brindá-la com pequenos beijos nas têmporas e nas pálpebras.

— Não tema, minha preciosa. Não permitirei que ninguém lhe faça mal.

Sua voz era calma e confiante, e, instintivamente, Lívia apoiou-se nele. Fechou os olhos, entregou-se a doçura de suas carícias e, durante alguns preciosos momentos, esqueceu o pavor que crescia dentro dela.

Quando a viu mais calma, ele afastou o corpo e disse com muita seriedade:

— Esqueça Rhys. Apenas a rainha poderá tomar você de mim. Agora, vamos cuidar de seus cabelos, está bem?

Dito isso, ele caminhou até a arca, de onde retirou o pente. Depois, voltou a sentar-se ao lado de Lívia. Virou-a de costas para si e, lentamente, pacientemente, pôs-se a desembaraçar as longas mechas cor de ouro bronzeado.

No início, ela ficou tensa. Pouco a pouco, porém, uma sensação de bem-estar invadiu-a. Mas, enquanto seu corpo relaxava, sua mente corria, ligeira, em busca de uma via de escape.

CAPÍTULO IV

Escapar. Essa idéia, uma vez plantada em sua mente, não lhe dava mais paz.

Sabia que as hostes de Boadicea empreenderiam sua marcha vingadora no dia seguinte, e isso aumentava a sua aflição, mergulhando-a num estado próximo do pânico. Quem iria protegê-la, quando Cedric estivesse guerreando?

Caminhando agora ao seu lado, rumo à campina que confinava com o bosque sagrado aonde ia se realizar a celebração, lutava contra um crescente desespero. Como encontrar um meio de escapar nas poucas horas que ainda lhe restavam?

Depois do banho, querendo provar que confiava nela, Cedric retirara Heall da porta do quarto. Deixara-a sozinha, enquanto ele ia com seus camaradas ajudar nos preparativos dos festejos, dando-lhe a oportunidade de pôr em prática seu plano: roubar um cavalo da estrebaria e fugir de Venta Icenorum.

Porém, na ausência dele, os icênios tinham invadido a villa levando consigo tudo o que podiam carregar. Durante a pilhagem não ousara sair do quarto, o único lugar que fora respeitado, e achara uma temeridade deixar aquela ilha de segurança depois do incidente com Rhys.

E logo em seguida Cedric voltara, trazendo-lhe conforto com sua presença, mas também frustrando-lhe os planos de fuga.

Pedira tanto aos deuses que a livrassem de seu domínio e qual fora o resultado de suas preces? Ele estava ali, caminhando ao seu lado com um braço passado confortavelmente por sua cintura, como se ela fosse realmente dele! Suspirou tristemente. Talvez os deuses soubessem que estava dividida entre dois sentimentos conflitantes, desejo de se render e desejo de liberdade, e não iriam atendê-la enquanto não tivesse resolvido seu conflito interior.

Mas tinha de escapar! Sua vida era mais importante do que as caricias daquele bárbaro! Não podia se esquecer de que ele era, acima de tudo, um guerreiro devotado. E, se sua rainha ordenasse, não hesitaria em entregá-la àquele druida louco, mesmo que tivesse de sofrer com isso!

Lívia estremeceu e apertou a capa de encontro ao corpo, para abrigar-se da friagem que descia sobre a campina com as primeiras sombras da noite.

— Está com frio? — perguntou-lhe Cedric

— Não.

Ela conservou os olhos fixos nas fogueiras que pontilhavam a campina. Havia pelo menos uma centena delas, o que significava que o número de guerreiros era elevado. Não havia dúvida de que Boadicea pretendia levar seus planos adiante!

— O que espera de mim esta noite? — perguntou, virando-se repentinamente para ele.

Sua pergunta inesperada e a frieza do tom fez Cedric estacar e lançar-lhe um

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

olhar longo, penetrante.

— Quero que se sente a meu lado, que compartilhe comigo do calor da fogueira e que coma até ficar satisfeita. Que mais poderia pretender?

Lívia nada disse, e ele impacientou-se.

— Responda, Lívia!

— Pensei que tivesse de servir a você e seu grupo. Afinal, para que servem os escravos romanos senão para cuidar de seus amos?

Cedric não respondeu imediatamente. Parecia perdido em pensamentos. Quando falou, era como se falasse consigo mesmo:

— Você está me culpando pela perversidade de Rhys.

Ela encolheu os ombros com indiferença, e ele ficou desconfiado.

— O que está pensando fazer? — perguntou, erguendo-lhe o queixo.

Lívia desvencilhou-se bruscamente.

— Você pode ter o meu corpo, Cedric, mas os meus pensamentos pertencem só a mim. Ou imaginou que o ato de amor que compartilhamos iria mudar a situação?

Os olhos de Cedric arderam perigosamente, e ela percebeu que tinha ido longe demais.

"Que loucura!", pensou. "Tenho de fingir submissão, ou irei despertar as suspeitas dele!"

Mas Cedric segurou-a pelo braço sem fazer nenhum comentário e levou-a na direção de sua fogueira. Intimamente, ele culpava Rhys pelo retraimento dela. Estava surpreso com seus modos estranhos, mas acreditava que eram ditados pelo medo. À medida que os dias fossem passando, ela iria percebendo que a protegeria de tudo e de todos e então se abriria outra vez para ele.

Encontraram várias pessoas reunidas em volta da fogueira: Heall e Clydach, que se adiantaram para dar-lhes as boas-vindas, e Edith e Altair sentados lado a lado.

A guerreira apoderou-se imediatamente de Cedric, levando-o para longe, e Artair aproveitou a ocasião para aproximar-se de Lívia, pondo-se a fitá-la dos pés à cabeça.

— O que está olhando? — perguntou ela, perturbada. Ele sorriu maliciosamente.

— Estava procurando as marcas.— Lívia aborreceu-se com a insinuação.

— O que esperava?

— Cedric é um guerreiro valente, sem igual mesmo. Mas acho que seu ardor na cama não se compara com o que ele mostra no campo de batalha.

Lívia teve ímpetos de matá-lo. Mas limitou-se a olhar significativamente para Cedric e Edith, que conversavam animadamente.

— Não me parece que ele esteja em desvantagem!

Artair encolheu os ombros.

— Admito que Cedric exerce uma fascinação em algumas mulheres. Mas não pensei que você fosse uma delas.

Ela o olhou com ironia.

— Pobre Artair! Está com ciúme de Cedric!

Ele ficou vermelho e a fitou com olhos cheios de ódio.

— Eu com ciúme de Cedric? Você deve ter perdido o juízo!

Lívia achou mais prudente não insistir. Deixou-o falando sozinho e foi sentar-se no gramado, a pouca distância do círculo das fogueiras. Através das chamas, via os guerreiros trocarem abraços, encherem suas gamelas de couro com pedaços de carne e servirem-se do vinho romano colocado em pequenos barris.

A lua começava a aparecer no céu aveludado, repleto de estrelas. Um bardo cantava a distância as glórias do passado, seu canto misturava-se as alegres vozes célticas. Subitamente, Lívia percebeu por que aquela linguagem, que lhe era familiar desde a infância, tinha um tom novo aos seus ouvidos. Era que, pela primeira vez, os icênios sentiam-se livres, verdadeiramente livres, apesar das lutas que teriam de enfrentar. E esse senso de liberdade transpirava em suas vozes e em seus cantos.

"Eram esses os sons da juventude de Cedric?", pensou. "E foi a vontade de ouvi-los novamente que o guiou e lhe deu forças através dos anos?"

Afastou, rápida, as suas divagações, quando viu Heall deixar o calor da fogueira e vir na sua direção. Ele a fitava tão intensamente quanto Artair, mas seus olhos estavam cheios de compaixão. Sentiu um calor invadir-lhe o rosto: era evidente que os amigos de Cedric não ignoravam o que havia acontecido naquela tarde!

— Noite agradável, mas um pouco fria — disse o velho guerreiro. — À medida que os anos passam, vou ficando mais ansioso pela chegada da primavera.

— Este ano a celebração será muito especial. O fogo de Beltane será aceso por um druida — observou Lívia.

— É verdade. Faz muitos anos que isso não acontece.

Lívia olhou na direção da fogueira. Através das chamas, vislumbrou Clydach. Embora ele tivesse temperamento bem diferente do de Cedric, a ponto de ser difícil acreditar que os dois fossem pai e filho, ambos possuíam um ponto em comum: mantinham-se distanciados de seus compatriotas, como se uma parede invisível os separasse deles.

Entendia a solidão de Cedric: era o modo que ele encontrara de viver em meio aos incômodos da guerra. Mas achava estranho o distanciamento de Clydach, porque o druida era obviamente dedicado ao seu povo. Curiosa, perguntou:

— Para onde foi Clydach depois que seu filho o libertou?

— Para Mona.

Os olhos de Lívia encheram-se instantaneamente de lágrimas que Heall enxugou com dedos carinhosos!

— Clydach deixou Mona há cerca de um mês — explicou ele. — Na véspera da humilhação pública de Boadicea, acordei de manhã e o encontrei sentado na soleira de minha casa, fitando as cinzas da fogueira apagada. Quando lhe perguntei por que tinha abandonado o mosteiro, ele me respondeu que seria mais necessário aqui.

— E você acreditou nele?

— Conheço Clydach desde que nasci. Há cinquenta anos, portanto. — A voz de Heall tornou-se remissiva. — A primeira notícia que tive de seus poderes foi na

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

época em que Cedric nasceu. Para celebrar o acontecimento, nós dois programamos uma caçada. Gawen, o marido de minha irmã, que participara também da diversão, foi atacado por um javali e morreu.

"Clydach ficou fora de si. Desmontou do cavalo e avançou para o animal armado apenas de uma faca. Matou-o, colocou o corpo inerte de Gawen nos ombros e o levou para casa. Depois disso, embrenhou-se na floresta. Eu o procurei feito doido durante dias, mas sua mulher garantiu-me que ele voltaria."

"E foi justamente o que aconteceu. Ele voltou uma semana depois e contou-me tudo: anteviu a morte de Gawen, mas não quis acreditar na sua visão. Não era a primeira vez que isso lhe acontecia. Convivia com esse dom desde a adolescência, mas o rejeitava. Queria ser uma pessoa comum, viver uma vida simples. Porém a morte de Gawen mostrou-lhe que não podia negar sua clarividência por mais tempo."

"Sua mulher entendeu sua aceitação, talvez melhor do que eu, e Clydach partiu para Mona naquele mesmo dia. Permaneceu no mosteiro durante cinco anos. Quando voltou, havia nele uma tristeza que ofuscava o prazer que sentia na companhia de sua família. Não sei se ele tinha previsto o destino deles e sabia que os teria para si apenas por poucos anos. Acredito que sim. Apesar disso, foram muito felizes enquanto estiveram juntos."

Heall viu lágrimas brilharem nos olhos de Lívia e acariciou-lhe a mão.

— Sinto muito. Não pretendia entristecê-la.

Lívia abanou a cabeça.

— Fez muito bem. Agora entendo por que Cedric se revolta com tanta frequência contra o pai.

— Cedric só foi conhecê-lo quando tinha cinco anos. E demorou muito a aceitá-lo. Mais tarde, houve a invasão de Claudius. Clydach e seus dois filhos mais velhos tornaram-se escravos dos romanos, e Cedric foi entregue a mim para que eu acabasse de criá-lo. — Heall abanou a cabeça. — A vida foi dura com esse rapaz. E isso explica sua frieza e seu distanciamento.

— Mas você é uma pessoa muito comunicativa — observou Lívia.

Heall riu.

— É verdade. Para mim, a vida não é amarga, enquanto houver hidromel para beber e mulheres para amar.

Lívia riu também.

— Por que não se casou? Algumas dessas mulheres que você amou não teriam gostado de ser a esposa do guerreiro Heall?

Ele permaneceu em silêncio durante longo tempo. Quando falou, havia uma nota de sofrimento em sua voz.

— Nossos costumes são diferentes dos seus, Lívia. A mulher pode aceitar ou rejeitar o pretendente de acordo com os seus desejos e não com os de sua família. Pode compartilhar livremente da cama de um homem, sem casar-se e sem envergonhar-se disso.

Heall fez uma longa pausa. Quando falou, era como se falasse consigo mesmo:

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Certa vez, isso aconteceu há muitos anos, entreguei meu coração a uma mulher. Queria tomá-la por esposa, mas houve complicações que eu não pude resolver e... — Heall interrompeu-se. Boadicea acabava de chegar em companhia de suas duas filhas e dos guerreiros da casa real.

O ar vibrou com os gritos e as palmas quando a rainha apeou da carruagem. E à medida que ela avançava, majestosa, cercada pelos seus cortesãos, os guerreiros levantavam as armas e batiam os pés, fazendo o solo tremer.

Boadicea sorriu, ao ouvir as aclamações de seu povo. Quando chegou diante de sua fogueira, situada no meio da campina, parou e ergueu as mãos, pedindo silêncio.

— Meu povo, chegou o momento! Amanhã, marcharemos contra os opressores. E, quando o outono chegar, teremos repellido as legiões até o oceano e destruído todos os vestígios da dominação romana. Nunca mais nossa preciosa ilha será conhecida pelo odiado nome de Britânia! Quando ela for nossa novamente, voltaremos a chamá-la por seu verdadeiro nome: Albion!

Todas as gargantas soltaram um clamor, e Lívia observou Cedric, sempre muito distanciado, erguer também o gládio acima de sua cabeça e juntar seus gritos aos da multidão.

— E agora, meu povo... — continuou Boadicea, quando se fez novamente silêncio. — Vamos celebrar as glórias que estão por vir. — Fez um gesto para mostrar Rhys, que estava respeitosamente postado atrás dela. — O druida abençoou os animais que foram sacrificados para esta festa. Os deuses velam por nós! Nossa vitória está assegurada!

Uma trovada de aplausos marcou o final do discurso de Boadicea. Depois disso, os icênios sentaram-se no chão, dispostos a se saciarem de carne e de vinho.

Lívia levantou-se lentamente e chegou mais perto da fogueira. O cheiro da carne assando nos espetos provocava-lhe náuseas, e ela sabia que seria inútil insistir. Estava incerta sobre o que fazer quando sentiu uma pressão suave em seu braço. Voltou-se e deparou com Clydach, que a olhava com simpatia.

— Lamento que não haja nenhum tipo de ave para você. Mas Cedric disse que temos de reservá-las para a jornada. Patos e galinhas são mais fáceis de transportar do que gado.

Ele sorriu, retirou uma bolsa de couro de seu cinturão e passou-a às mãos de Lívia.

— Consegui isso para você na cozinha. Mas, filha, é bom que aprenda a comer nossa comida!

Lívia agradeceu-lhe com ar reconhecido e foi sentar-se ao lado de Cedric, que estava ocupado em devorar um grande pedaço de carne espetado na ponta de seu facão, acompanhando-o com grandes goles de vinho. Decorrido um momento, ela abriu a bolsa. Encontrou dois pedaços de queijo, figos secos, um generoso punhado de amêndoas e um pequeno pote de compota de frutas. Comida mais do que suficiente para uma boa refeição.

Partiu um pedaço de queijo, que colocou no chão para oferecê-lo aos deuses do

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

lugar, e dispôs-se a saborear as iguarias quando um grito que nada tinha de humano cortou o ar da noite.

Demorou talvez meio minuto antes que ela compreendesse bem o que isso significava. Quando o ouviu de novo, agora abafado por vozes célticas, cruzou as mãos no regaço e baixou a cabeça. Não precisava perguntar a Cedric para saber que Rhys dera início aos sacrifícios humanos.

— Olhe para mim, Lívia.

Ela ergueu medrosamente os olhos.

— Não tenha medo. Rhys não pode lhe fazer nenhum mal. Confie em mim.

Toda a amargura de Lívia jorrou como uma fonte, e ela agarrou-se a ele soluçando.

— Deixe-me ir para casa, Cedric. Eu lhe imploro! Não me force a ficar aqui, enquanto Rhys leva meu povo para a morte!

Cedric beijou-lhe os cabelos e a teve nos braços durante muito tempo. Os gritos eram mais audíveis agora que os icênios assistiam ao sacrifício em respeitoso silêncio. Ele queria dizer a Lívia que os gritos não eram causados pela dor, o final chegava rápido e misericordioso, mas pelo medo. Sentia, porém, que o coração dela iria despedaçar-se e nada disse.

— Está bem — concordou afinal. — Vá para casa, mas fique no quarto. Não saia de lá por nenhum motivo! Eu irei assim que puder.

Lívia desprendeceu-se imediatamente de seus braços e saiu correndo, como se tivesse asas nos pés. Só se acalmou quando alcançou o portão leste da cidade. Não tardaria a chegar à villa, e essa lembrança restituía-lhe a coragem.

Encontrou o portão entreaberto: empurrou-o e precipitou-se para os jardins outrora bem-cuidados. A casa parecia completamente deserta. Os únicos sons que ouvia eram os de seus próprios passos no chão de pedras.

"Os deuses ouviram minhas preces!", pensou, estacando diante da estrebaria.

Empurrou as pesadas portas de carvalho e parou um instante no limiar para que seus olhos se acostumassem à obscuridade do interior. Então, acendeu uma lanterna, ergueu-a sobre a cabeça e adiantou-se.

Nada havia mudado. Os forcados e os outros implementos agrícolas estavam cuidadosamente apoiados na parede, e havia feno fresco nas baias. Afinal, os cavalos estavam sendo bem-tratados. Foi andando lentamente até chegar à baia de sua égua predileta. O animal ergueu o focinho quando a pressentiu e relinchou docemente.

— Quieta, quieta... — disse ela, passando as rédeas pela cabeça do animal e fazendo-o sair da baia com a intenção de selá-lo.

Mas não havia cela alguma pendurada no gancho. Percorreu a estrebaria de ponta a ponta e não encontrou nada. Por que as selas haviam desaparecido?

A resposta chegou clara como cristal: os icênios pretendiam substituir as selas romanas pelas próprias. Eram cavaleiros exímios, os melhores da Britânia, e naturalmente preferiam os arreios de sua fabricação.

— O que está pretendendo fazer?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

A pergunta, feita com voz suave, fez Livia voltar-se com um sobressalto. A luz da lanterna não iluminava toda a estrebaria. Mas, mesmo que não tivesse reconhecido a voz, não poderia deixar de reconhecer a alta figura postada na entrada da estrebaria.

Ela quase gritou de frustração.

— Tem de me deixar partir, Cedric! Por favor!

— Não — foi a lacônica resposta.

— Você Sabia... Devia imaginar o que eu estava planejando! E quis me ver derrotada e humilhada! Deixou-me sair da festa e depois me seguiu.

— Engana-se. Segui-a porque pensei que estivesse assustada ou que algum guerreiro pudesse importuná-la. Só percebi que você tinha a intenção de fugir de mim quando vi luz na estrebaria.

— Está me censurando? — Ela tremia violentamente. — Deixe-me ir para junto de meu povo!

— Será que não entende, Livia? O país está em pé de guerra. Os icênios de outros territórios estão vindo para cá, respondendo ao apelo de Boadicea. Se a deixasse ir, você seria agarrada novamente. Não há segurança em parte alguma.

— À não ser aqui com você, claro!

— Sim, a não ser a meu lado — disse ele, pegando a égua pelas rédeas para levá-la de volta à baia.

Enquanto o seguia, os olhos de Livia se filiaram nas ferramentas alinhadas contra a parede. Não podia permitir que alguém estragasse seus planos! Sua vida dependia disso! Cuidadosamente, ela colocou a lanterna no chão e agarrou o cabo de uma pá com tanta força que os nos de seus dedos ficaram brancos,

Cedric estava introduzindo a égua na baia, mas ficou ciente da aproximação furtiva de Livia. Virou a cabeça e disse, bem-humorado:

— Graças aos deuses, você não tem uma adaga. Caso contrário...

Livia não o deixou terminar a frase. Baixou a pá com força sobre a sua cabeça e quase se surpreendeu ao vê-lo cair como um grande carvalho abatido pela tempestade.

A égua relinchou, e ela segurou-a pelas rédeas. Antes de sair, teve um instante de arrependimento. Ajoelhou-se ao lado dele e apalpou-lhe a cabeça. Encontrou um galo enorme, mas nenhuma evidência de sangue. Lançando mão de toda sua força, virou-o de costas e tocou-lhe os lábios. Ele respirava.

Nesse instante, seus olhos se voltaram para a bolsa de alimentos que Clydach lhe dera, e que estava presa ao cinturão dele. Tomou-a. Iria precisar de comida durante a longa jornada. Estava para se levantar quando o ouviu gemer novamente e a débil urgência de sua voz a comoveu. Inclinou-se e beijou-lhe os lábios com ternura.

De repente, teve consciência de que não fazia o menor sentido deixar-se comover daquela maneira. Endireitou-se, pegou a égua pelas rédeas e a levou para fora da villa. As ruas estavam desertas, e pôde chegar até o portão da cidade sem ser notada.

A menos de uma milha, passava a via pavimentada que os romanos haviam

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

construído. Montou o animal e galopou até a planície. Quando chegou ao cruzamento, hesitou. Lembrava-se vagamente de que Lindum, a cidade onde estava acampada a Nona Legião Hispânia, ficava ao norte. Mas não tinha idéia da distância que devia percorrer para chegar até lá.

A não ser por uma viagem que fizera ao sul, na companhia de seu pai, que tinha interesses em Camulodunum, nunca saíra de Venta Icenorum. Respirou fundo e levou a égua para a via pavimentada, rumo ao sul. Camulodunum era uma cidade importante, a sede do governo geral. Ali encontraria proteção.

Lívia alcançou Camulodunum no final da tarde do seu terceiro dia de fuga. Estava faminta, exausta e sob o impacto de terrores constantes quando fez o animal estacar diante do bosque que dominava a cidade.

Havia uma grande atividade fora dos muros, e ela respirou, aliviada, ao reconhecer as túnicas de couro e as couraças de tiras de metal dos legionários que estavam de guarda. Seus temores desvaneceram-se como que por encanto. Conseguiu! Estava livre e em segurança!

Na excitação que se seguiu, encontrou energias suficientes para estimular sua exausta montaria com os calcanhares e obrigá-la a prosseguir. E, à medida que se aproximava da cidade, ia se esquecendo também do cansaço e da fome.

Cavalgara durante três dias, mas sem nunca afastar-se da estrada, sua única fonte de orientação. As parcas provisões de Clydach haviam terminado no final do primeiro dia. Nos seguintes, teve de se contestar com a água de chuva empoçada à beira do caminho, que bebia ao lado de sua égua. Felizmente, o animal encontrara alimento fácil e abundante na relva macia da beira da estrada.

Os piores momentos haviam sido quando tivera de se embrenhar na floresta para se ocultar do constante fluxo dos icênios que se dirigiam para Venta Icenorum, obedecendo ao chamado de Boadicea. O medo mantivera-a acordada e alerta então, forçando-a a continuar, quando seu corpo cansado queria desesperadamente descansar no espesso tapete de folhas.

A égua parecia entender suas necessidades e a obedecia sempre, quer quando a levava a galopar pela estrada, quer quando a obrigava a tomar uma picada áspera através do emaranhado da floresta.

Ao lembrar-se daqueles momentos, Lívia sentiu uma onda de gratidão pelo nobre animal e afagou-lhe carinhosamente o pescoço.

A sua aproximação, os soldados que montavam guarda no portão da cidade desembainharam suas curtas espadas, mas Lívia estava excitada demais para prestar atenção ao fato. Acenou-lhes amigavelmente e estacou diante deles.

— Há uma rebelião em Venta Icenorum — disse atropeladamente. — Sou Lívia...

Sua explicação foi bruscamente interrompida por um dos soldados, que lhe tomou as rédeas da montaria. E, antes que pudesse entender o que estava acontecendo, outro agarrou-a pelo braço, obrigando-a a desmontar com tanta violência que ela caiu no chão.

— O que estão fazendo? — balbuciou ela, atônita. — Sou Lívia...

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

As palavras morreram em sua garganta diante da espada que se abaixou ameaçadora sobre sua cabeça.

— A que tribo você pertence? E que truque é esse? — perguntou rudemente o soldado.

Lívia fitou com espanto o rosto que a dominava. Truque? O que aquele homem estava querendo dizer? Sua confusão aumentou quando, grosseiramente, ele lhe ordenou que se levantasse. Obedeceu-o, demasiado atônita para esboçar qualquer reação. Ficou parada, muda, enquanto lhe torciam os braços para trás e faziam-na caminhar quase dobrada através da cidade.

Uma profunda depressão apoderou-se dela ante essa nova provação. Mas, quando avistou um pequeno posto militar, respirou aliviada. Certamente, iria ser levada à presença do *prefectus castra*, o comandante do posto. Ele teria uma explicação para o tratamento rude.

Mas seu alívio foi de curta duração. Não a estavam levando para o posto, mas para um edifício de janelas retangulares dotadas de barras. Uma prisão! E, antes que pudesse formular seu protesto, foi rudemente empurrada poria adentro.

— Uma rebelde para você — informou o legionário ao carcereiro — Chegou a cavalo e começou a falar naquela maldita língua nativa!

Uma onda de desespero invadiu Lívia. Então, esse era o motivo por ter sido tratada com tamanha rudeza! Acostumara-se tanto a falar a língua dos bretões durante seu cativeiro que se esquecera de empregar o latim com seus compatriotas!

— Não, você não entendeu! — disse numa tentativa de corrigir o erro. — Vim de *Venta Icenorum*, mas não sou icênia! Sou Lívia *Basilius*, filha do mercador *Marcus Basilius*.

— Sim... E eu sou César! — zombou o soldado. — Leve-a para a cela, companheiro!

— Não, por favor! Chame o *prefectus castra*. Explicarei tudo a ele!

O legionário encolheu desdenhosamente os ombros e virou-se para o carcereiro.

— Por *Mitras*, agarre logo essa jovem!

Lívia girou o corpo e tentou escapar, mas antes que pudesse dar um passo, os dois homens lhe seguraram os braços. Ela se debateu selvagememente, defendendo-se com unhas e dentes, enquanto gritava:

— Sou cidadã romana, exijo respeito!

— Pare de se debater, sua gata selvagem — gritou o soldado, com um safanão que a fez cair de joelhos.

Lívia sentiu seus olhos anuviarem-se, mas ainda teve forças de gritar:

— Sou Lívia *Augusta Basilius*. Prenderam-me durante a rebelião. Precisam acreditar em mini!

— Nenhuma refugiada, chegou aqui a cavalo! E muito menos falando a língua britânica! — foi a resposta irônica do soldado.

Quando a porta de ferro fechou-se atrás do carcereiro, Lívia ficou imóvel, no meio da cela suja e úmida, dominada por um estranho fatalismo. Estava cansada

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

demais para lutar. Mais tarde, pensaria num meio de escapar dali. Agora, queria apenas dormir.

Deixou-se cair pesadamente no estrado de madeira coberto de palha, e uma sonolência espessa a invadiu. Antes de mergulhar no vazio do sono, teve um último pensamento: sua égua estaria recebendo um tratamento melhor do que ela?

A noite desceu sobre Camulodunum, mas a escuridão não interrompeu a frenética atividade do lado de fora da cidade. Legionários e civis trabalhavam ininterruptamente havia quatro dias, no afã de escavar um largo fosso em volta da cidade. Mas a tarefa estava ainda pela metade, e os homens já mostravam sinais de exaustão.

O centurião Adrianus Tarpeius, com os olhos escuros orlados de vermelho pelas noites maldormidas e pelo árduo trabalho físico, estava pensativo. Para onde Boadicea pretendia ir? Para o norte, com a intenção de empenhar em combate a Nona Legião? Ou para o sul, pensando tomar de assalto cidades indefesas?

Ele pedia todos os dias aos deuses que a rainha escolhesse o norte, mas o calafrio premonitório que agora lhe corria pela espinha lhe dizia que suas preces não seriam atendidas.

Quebrara a perna ao cair do cavalo, e o infortúnio o impedira de acompanhar sua centúria na marcha punidora contra Mona. De sua tenda, observara os legionários partirem sob o comando de seu substituto e amaldiçoara o destino que o obrigava a permanecer em Camulodunum, como comandante da simbólica força ali aquartelada.

Ainda não se havia acostumado ao uso das muletas quando os primeiros sobreviventes de Venta Icenorum irromperam na capital. As notícias que traziam eram inquietantes: a rebelião explodira como um raio sobre a cidade, tomando de surpresa seus indefesos moradores.

Despachara um mensageiro para Londinium, pedindo reforços ao comandante da Nona Legião, Petilius Cerealis, e enviara outro, com recado semelhante, ao procurador Catus Decianus, domiciliado em Lindum. De Londinium chegara um adicional de duzentos homens para reforçar o contingente de oitenta legionários sob seu comando. E de Lindum recebera apenas a notícia de que o procurador viajara para Rutupiae e de lá tomara um navio para a Gália.

Teria vendido sua alma a Hades para pôr a mão naquele covarde que desencadeara a impetuosidade das Fúrias sobre a Britânia e depois fugira para a Urbe!

Seu primeiro problema era de ordem prática: valeria a pena desperdiçar o tempo de seu pessoal numa fraca tentativa de defesa? Duzentos e oitenta homens, talvez uma centena a mais, contando os veteranos, para conter o assédio de milhares de bárbaros?

Por Mitras, tinha de valer! O fosso seria a primeira linha de defesa da cidade. E, uma vez completado, apenas uma estreita faixa de terra ligaria Camulodunum à planície em redor. Os icênios pagariam caro por cada centímetro do terreno que tomassem!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Mas, à medida que a tarde avançava e que a primeira friagem da noite descia sobre os campos, Adrianus Tarpeius ia lentamente compreendendo a inutilidade da tarefa que tinha à sua frente.

Era apenas questão de tempo para que os icemos percebessem que, uma vez transposto o fosso, teriam a cidade nas mãos.

Adrianus afastou-se dos escavadores e dirigiu-se para o quartel, meditando sobre tal questão. Enviaria outra mensagem a Lindum. E faria preces!

Ao longo do caminho, foi parando junto a cada fogueira do bivaque para dar uma palavra de encorajamento que erguesse o moral de seus homens. Antes de chegar à última ouviu trechos de uma conversa que o interessou sobremaneira.

— Que foi que disse, soldado? — perguntou, aproximando-se do legionário que estava falando loquazmente.

O rapaz ficou pálido e perfilou-se.

— Centurião?...

— Que foi que disse sobre uma certa prisioneira?

— A... A mulher icênia?

— Sim, que sabe a respeito dela?

O legionário tremeu. Frio em seu julgamento, implacável em sua condenação, Adrianus era lenda na Vigésima Victrix. Era o primipulus, ou seja, o centurião mais antigo da primeira coorte. Sua autoridade estava abaixo apenas do comandante da legião. E, para todos os efeitos, sua palavra era lei!

— É uma mulher... Uma mulher icênia que jura ser romana. Eu a encarcerei, quando ela entrou na cidade.

Os olhos de Adrianus estreitaram-se.

— Você... O que?

— Eu... Eu a levei para a prisão.

— Quando?

— No final da tarde.

— E por que você acredita que essa mulher seja icênia, quando ela afirma ser romana?

Enquanto o legionário dava suas razões, Adrianus o fitava com expressão impassível. Quando ele terminou e ficou perfilado, à espera de seu julgamento, o centurião não fez comentário algum. Deu-lhe simplesmente as costas e caminhou para o posto militar, imaginando seriamente que aquela mulher, fosse ela quem fosse, poderia ser uma valiosa fonte de informação.

Antes de entrar na sua sala de trabalho, ordenou a um subordinado, daqueles tribunos sem utilidade enviados pelo Senado, que fosse buscar a prisioneira. Então, deixou-se cair cansadamente numa cadeira. Sua perna o incomodava terrivelmente. Uma dose de ópio aliviaria o sofrimento, mas não ousaria ingerir a droga antes de interrogar a estranha. Em vez disso, serviu-se de vinho do suprimento do seu predecessor, um vinho egípcio escuro, forte e doce que, certamente, abrandaria sua aflição.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Estava acabando de encher a taça quando a porta de sua sala foi bruscamente aberta e uma criatura selvagem apareceu no patamar, emoldurada pela luz do corredor as suas costas.

Lívia parou no limiar, mas o tribuno a empurrou impacientemente para frente e ela teve de entrar. Estava indignada com o tratamento que recebera, mas também com muito medo para mostrar-se arrogante. Porém, quando o homem sentado à mesa, um centurião, a julgar pelo elmo que usava, ordenou-lhe que se sentasse, recusou.

— Estou precisando de um banho — disse, meio temerosa, meio exaltada. — Jogaram-me numa cela imunda!

Adrianus ficou atônito, diante daquela altiva explosão. Aquela pequena fúria à sua frente não era certamente icênia! Tinha certeza disso. Suas roupas e sua linguagem eram indubitavelmente romanas.

— Quem é você? — perguntou, entre curioso e interessado.

Ela ergueu o queixo, ativa como uma deusa.

— Sou Lívia Augusta Basilius, filha mais velha de Marcus Basilius, o mercador. Morávamos em Venta Icenorum.

Adrianus percebeu que a jovem criatura já gastara suas últimas reservas emocionais. Devia ser sua força de vontade que a mantinha ainda de pé. Vira muitos homens naquelas condições para enganar-se. Mas não podia permitir que ela afrouxasse. Não antes de responder a suas perguntas. Então, poderia até desmaiar.

— Soube que você chegou aqui falando a língua britânica.

Ela o fitou, perplexa. Depois, ergueu a cabeça.

— Isso é crime? Nasci nesta ilha. Falo a língua britânica com a mesma facilidade com que falo o latim. Fizeram-me prisioneira na noite da revolta e fui obrigada a comunicar-me com os meus captores na língua deles. Minha única culpa foi ter perdido a cabeça com seus homens. Além disso, não fiz nada para ser tratada como uma criminosa!

— Diz que não é icênia. Contudo... — observou Adrianus, tomando um gole de vinho — Nenhum outro sobrevivente romano de Venta Icenorum chegou até aqui a cavalo!

— Roubei-o da estrebaria de meu pai na noite da festa de Boadicea — explicou Lívia cansadamente.

— Então não estava sob guarda ou acorrentada? Ela o fitou diretamente nos olhos.

— Estava na festa com o icênio a quem pertencia. Ele permitiu que eu fosse embora quando o druida iniciou os sacrifícios.

Adrianus ergueu significativamente os cenhos.

— Foi muita bondade da parte dele!

— Sim... Muita — murmurou Lívia, lembrando que Cedric quisera realmente poupá-la. Como não a deveria odiar por sua traição!

Ao vê-la tão pensativa, Adrianus resolveu pressioná-la mais.

— É a única sobrevivente de sua família?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ela fez com a cabeça um sinal afirmativo, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Meus pais, minha irmã, meu noivo... Morreram na noite da revolta. Fui poupada porque mostrei bondade para a rainha no dia em que ela foi humilhada publicamente.

Adrianus levantou-se, apoiando-se na muleta, e encheu outra taça de vinho, que passou às mãos de Livia.

— Deve estar exausta, eu sei. Responda a mais algumas perguntas e então poderá descansar.

O vinho desceu como um lenitivo pela garganta ressequida e aqueceu-lhe o estômago vazio.

— Vai me mandar de novo para a prisão?

Ele sorriu.

— Não. E agora me diga: não é uma espiã icênia, não é verdade?

Livia abanou a cabeça e deixou-se cair na cadeira, aliviada. O centurião acreditava nela! Estava salva! O sorriso dele era encantador e, por um momento, lembrou-lhe Cedric. Afastou o incômodo pensamento tomando mais vinho. O centurião a ajudaria a sair da Britânia, e ela esqueceria seu pesadelo... E o bárbaro de olhos azuis.

O calor da bebida espalhou-se agradavelmente por seus membros, relaxando-os. O centurião continuava a fazer perguntas. Livia não tinha certeza de estar respondendo, mas devia estar, porque a voz, que soava como se fosse de outra, era sua mesmo. Quantos homens Boadicea tinha sob seu comando? "Mil no momento, e muito mais chegando de todas as partes da Britânia". Boadicea pretendia mesmo empreender sua marcha vingadora? "Sim". Para onde? "Não sei". E quando, senhora? "A rainha iniciou sua marcha há três dias."

As perguntas continuavam, disparadas com a rapidez de um raio, e, a um certo momento, as coisas começaram docemente a girar em torno de Livia. A tontura foi se acentuando, e ela começou a achar tudo muito engraçado. Pôs-se a rir, até que seu riso se transformou em lágrimas e sua cabeça pendeu para frente. Gentilmente, Adrianus tirou-lhe a taça das mãos. Livia Basilius tinha chegado ao limite extremo de suas forças. Duvidava que ela soubesse mais do que dissera. Mas, mesmo que soubesse, naquele momento não tinha condições para dizer mais nada. Afagou-lhe os cabelos e ficou surpreso quando ela ergueu a cabeça.

— Estava tão assustada, centurião...

Suas palavras, doces como o seu olhar, comoveram-no.

— Eu a protegerei, senhora.

Livia encostou o rosto na palma da mão dele. O que o centurião lhe dizia era vagamente familiar, e ela fez um esforço para lembrar quem as dissera antes e por que lhe eram tão gratas ao coração.

Por um momento, Adrianus ficou sem ação, hipnotizado pela beleza que adivinhava sob a sujeira e os andrajos que a recobriam. Sua virilidade reagiu, retesando-se, e ele desejou vagamente que Livia fosse outro tipo de mulher. Poderia

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

então levá-la para a cama e encontrar nela o consolo que necessitava para esquecer, ao menos por um momento, as responsabilidades de seu cargo. Porém, valendo-se da férrea disciplina que se impusera, dominou-se e a sacudiu gentilmente pelos ombros. Quando ela voltou a abrir os olhos, era de novo o centurião frio e impassível.

— O tribuno a escoltará até o quartel. Tenho um quarto lá, pode usá-lo. Amanhã eu a acomodarei melhor.

Lívia arregalou os olhos aflitos, lutando contra o sono, mas já não havia nada no seu campo de visão. Ouviu o ruído da porta que se abria, seguido de um murmúrio de vozes, e logo depois ela foi ajudada a levantar-se.

Sentiu o ar frio da noite no rosto e logo depois encontrou-se diante de uma pequena construção térrea. O tribuno abriu a porta, precedeu-a no seu interior e acendeu o candeeiro.

— O quarto fica ali — disse ele, apostando para uma porta.

— Está com fome?

Lívia abanou a cabeça. Não queria outra coisa senão dormir.

— O centurião vai colocar um guarda na porta de entrada, para protegê-la. Amanhã, ele lhe enviará tudo o que precisar. Durma bem.

— Meu cavalo?...

— Imagino que o acomodaram na estrebaria da guarnição. Vou verificar.

— Por favor... É uma pequena égua baia.

Quando a porta fechou-se, Lívia pegou o candeeiro e entrou no quarto de dormir. Havia uma jarra de água e uma bacia num pequeno estrado, e ela lavou-se da melhor maneira que pôde. Morfeu, o deus do sono, envolveu-a em seus braços no mesmo instante em que se enfiou debaixo das cobertas.

Quando Lívia despertou, na manhã seguinte, teve uma surpresa. Havia uma jovem sentada na única cadeira do quarto, fitando-a com ávida curiosidade.

— Sou Falina, e estou aqui por ordem do centurião Tarpeius. — explicou a moça alegremente. — Trouxe-lhe roupas limpas.

Lívia sentou-se na cama e puxou os lençóis para cobrir os seios.

— Centurião Tarpeius?...

— Conheceu-o ontem à noite — lembrou a moça. — Ele ordenou que eu a deixasse dormir. Mas já que está acordada posso servir-lhe a refeição. Está com fome?

Diante de seu sinal afirmativo, Falina saiu do quarto e voltou alguns minutos depois com uma bandeja de prata que continha frutas, pão fresco, mel, compotas, queijos e vinho. Serviu-a e ficou maravilhada ao vê-la engolir tudo com avidez.

— Agora vou levá-la aos banhos públicos. O centurião desculpa-se por não ter podido atender seu pedido ontem à noite.

Lívia vestiu-se e seguiu a jovem. No balneário recebeu um banho de água morno e outro de vapor, massagens que a libertariam de toda a espécie de cansaço.

Do untório, passou para as mãos hábeis de Falina, que lhe vestiu a macia e leve

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

túnica de lã verde que o centurião lhe enviara junto com um largo cinturão de couro enfeitado com placas de bronze. Sandálias de salto, também verdes, completavam o traje.

Durante o processo, Lívia tinha consciência dos olhares gelados que outras mulheres ali reunidas lhe lançavam. E, como ninguém a conhecia, essa reação a intrigou. Mas esqueceu-se de tudo quando Falina, depois de recuar um passo para admirar o efeito de sua obra, exclamou, toda feliz:

— Está bonita, senhora! Agora vou pentear seus cabelos.

Lívia fechou os olhos e entregou-se com prazer às suas mãos delicadas. Pensou na última vez em que alguém a penteara, e lembranças de Cedric e do ato de amor que haviam compartilhado tornaram-lhe à mente com pungente clareza. Para afugentá-las, pôs-se a conversar com Falina:

— De quem são essas roupas?

— O centurião comprou-as esta manhã de minha patroa.

— Quem é sua patroa, Falina?

A moça inclinou-se por cima dos ombros dela e sussurrou-lhe ao ouvido:

— É a amante de Suetonius Paulinus.

Uma onda de calor invadiu o rosto de Lívia. Isso explicava a reação hostil das outras mulheres. Com certeza, haviam reconhecido Falina e presumiram que ela fosse do mesmo tipo que a amante de Suetonius. Mas, em seguida, deu de ombros. Logo, estaria a caminho de Londinium para tomar o navio que a levaria a Roma. Que essas mulheres pensassem o que bem entendessem!

A saída do balneário, encontraram as ruas tomadas por uma multidão informe que se comprimia, empurrando-se e gesticulando, e através da qual era impossível abrir passagens.

— Para onde estão indo? — perguntou Lívia, perplexa.

— Ao templo. Todas as manhãs, desde que chegaram notícias da rebelião, os sacerdotes sacrificam um boi a Claudius.

Incapaz de lutar contra aquela corrente inversa, ela agarrou a mão de Falina e resignou-se a ser impelida até o coração da cidade, onde ficava o templo. Firmando-se como podiam, as duas foram empurradas escadas acima e, de repente, viram-se diante do altar de pedra onde ardia o fogo sagrado.

— Os sacrifícios são sempre os mesmos — informou Falina. — Quando as vísceras dos animais não apresentam manchas ou anomalias, é bom sinal. Os augúrios dizem que é indício de que o divino Claudius protegerá Camulodunum e a poupará do assédio. Você acredita nisso?

Lívia acenou com a cabeça, mas, intimamente, duvidava que o imperador Claudius houvesse ascendido aos céus, onde reinava Júpiter!

A chegada inesperada dos sacerdotes interrompeu-lhe as divagações. Seguiu-os o boi que iria ser imolado e que ficou docilmente parado diante do altar, enquanto os ministros dos sacrifícios religiosos lavavam as mãos com água sagrada e as enxugavam em toalhas de linho.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

O início do ritual foi precedido por um silêncio respeitoso, rompido apenas pelo suave som de uma flauta. Depois de cobrirem a cabeça com a ponta das togas, os sacerdotes pegaram a travessa de madeira que continha a mola salsa, farinha sagrada, e a espalharam entre os chifres do boi e sobre a faca do sacrifício. Dois ajudantes retiraram os ornamentos do animal, e um terceiro fez deslizar uma faca ao longo do seu lombo, numa linha que ia da cabeça ao rabo.

Então, o sacerdote supremo começou a entoar uma oração. E, à medida que sua voz se elevava, aumentava também a tensão da assistência, que permanecia imóvel, muda, com o olhar fixo no novição que avançava para o altar com um martelo.

— Devo golpear? — Ele fez a pergunta tradicional em voz alta, enquanto se postava do lado direito do animal.

O sacerdote supremo respondeu afirmativamente, e o novição, lançando mão de toda a sua força, ergueu o martelo com as duas mãos e o fez tombar na cabeça do boi.

A recordação, vívida e opressiva, de Cedric caindo sob o golpe da pá tomou Livia de assalto e ela fechou os olhos com força para apagá-la da mente. Quando tomou a abri-los, a cabeça do animal já fora decepada, e o sacerdote começava a desmembrá-lo e a dissecá-lo. Os órgãos internos foram então removidos e examinados. Como estavam limpos de qualquer impureza, foram atirados ao fogo junto com pedaços de carcaça para serem consumidos pelos deuses.

Quando o odor nauseante de carne queimada espalhou-se pelo ambiente, provocando uma contração no estômago de Livia, a multidão começou a rir e a conversar, tranqüilizada, acreditando-se a salvo da vingança dos icênios.

Mas ela sentia-se inexplicavelmente nervosa. Não esperou que a cerimônia terminasse e começou a abrir caminho por entre a compacta massa humana que lotava o templo. Ouvia às suas costas insultos pesados, mas não se importou, levada pela imperiosa necessidade de se afastar daquele templo e da sombra da morte que pairava sobre ele.

Ao chegar à rua, o suor cobria-lhe o rosto e o corpo. Respirou o ar fresco com avidez e então lembrou-se de Falina. Olhou para trás e foi envolvida por uma visão tão aterradora que a fez cambalear.

Chamas vermelhas erguiam-se do alto do templo, consumindo a madeira com sangrenta ferocidade. E a medida que, seção após seção, o teto ruía, explodiam gritos de misericórdia. No alto da escadaria, um grupo de homens golpeava as portas duplas, ambas fechadas, com o auxílio de um aríete. Os degraus estavam cobertos de corpos inertes, cujo sangue manchava o mármore branco. Mas os homens e mulheres que caminhavam pelas ruas com adagas ensanguentadas nas mãos riam como loucos.

— Senhora?...

Num movimento que parecia inteiramente inconsciente, Livia voltou-se. O templo... A multidão... Os sacerdotes... As chamas levantando-se do altar... Ela estremeceu, a despeito do sol da manhã, o frio emanava do fundo de seus ossos. Não havia refúgio ali, apenas a morte certa. Boadicea viria e, quando tudo estivesse terminado, a cidade e seus habitantes estariam mortos!

— Senhora?... — chamou novamente Falina.

Lívia voltou ao presente com um sobressalto.

— Preciso falar com o centurião. Imediatamente!

— Ele está trabalhando com seus homens na escavação do fosso.

Leve-me até lá.

— Não, senhora. O centurião irá vê-la no alojamento na hora do almoço.

Lívia abanou a cabeça.

— Preciso falar com ele, Falina. É vital!

Falina hesitou. O centurião ficaria furioso, tinha certeza. Mas também não iria gostar se ela deixasse sua protegida andar sozinha pelas ruas. Resignada, acompanhou-a até a saída da cidade.

Quando Adrianus viu Lívia aproximar-se, suas feições habitualmente severas suavizaram-se. Por um instante, ele se deu ao luxo de admirar, fascinado, o corpo esbelto e as feições delicadas daquela jovem mulher, tão diferente da criatura exausta e assustada da noite anterior.

Tivera pena dela e a tomara sob sua proteção porque seu senso de honra assim exigia. Comprara-lhe a estola pela mesma razão. Como adivinhara que o verde seria o contraponto perfeito para seus cabelos, que brilhavam como ouro vermelho à luz do sol?

Aos trinta e oito anos, vinte dos quais a serviço de seu país, Adrianus nunca encontrara uma mulher que conseguisse deixá-lo de respiração presa. Só com muito esforço voltou a afivelar a máscara de centurião frio e impassível

— Meus cumprimentos, senhora. — disse, com voz neutra.

— Centurião... Preciso falar-lhe imediatamente!

— Não pode esperar até a refeição do meio-dia? Tenho muito que fazer aqui.

— Não! — disse Lívia com exaltação. — Por favor, centurião! É importante.

Com um suspiro, Adrianus levou-a para um lugar relativamente tranquilo.

— Muito bem, senhora, E agora me diga o que é tão urgente assim que não pode esperar nem um minuto.

— Boadicea vai invadir Camulodunum.

Um novo e inquietante pensamento formou-se no espírito de Adrianus.

— Não compreendo. Lembrou-se de coisas que não me disse ontem à noite?

— Não, centurião. Mas sei agora que ela virá! Precisa evacuar a cidade, ou todos morrerão!

Um frio pressentimento de desgraça iminente percorreu a espinha de Adrianus. Mas ele dominou-se.

— Está extenuada, senhora, precisa descansar. Dentro de alguns dias voltaremos a falar nisso.

— Dentro de alguns dias estaremos todos mortos! A cidade está condenada, centurião, mas ainda há tempo para salvar o povo. Poderá levá-lo a outra cidade vizinha ou a um forte da legião que ofereça mais segurança.

Adrianus fez um gesto de impaciência.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Acha então que devo evacuar milhares de cidadãos só porque a senhora duvida da segurança da cidade?

— Não é uma presunção, acredite. Eu sei que Boadicea virá!

— Desculpe, mas baseada em quê? Sim, porque seria um absurdo pensar que eu iria abandonar a possibilidade de salvar Camulodunum e seus habitantes só porque uma jovem refugiada acredita saber o que se passa na mente de Boadicea!

— O senhor não entende... — Lívia umedeceu os lábios, antes de continuar. — Eu vi a destruição da cidade. Boadicea vai invadi-la.

— Viu?! Está dizendo que teve uma visão? Lívia confirmou com a cabeça.

— Sim, centurião.

Para sua surpresa, ele lançou a cabeça para trás e riu.

— Então é isso!

— O senhor não acredita em mim — disse Lívia tristemente.

— Acredito que tenha vivido uma terrível experiência — respondeu Adrianus com gentileza. — E que está justificadamente assustada com a idéia de passar novamente por essa provação.

Lívia não escondeu sua decepção.

— Agradeço-lhe pela bondade com que me tratou, centurião. Mas gostaria de partir imediatamente para Londinium. Pode dar permissão para que eu retire minha égua da estrebaria?

— Não permitirei em absoluto que empreenda essa jornada! Os bretões estão por toda a parte. As estradas não oferecem segurança alguma.

— Não tem o direito de me prender aqui. Não sou sua prisioneira.

— Mas está sob minha responsabilidade! — disse Adrianus. Sacudindo-a pelos ombros. — Aqui, ao menos, está em segurança. Mandeí mensageiros a Lindum. Com um pouco de sorte, os reforços de Mona chegarão antes de Boadicea.

— Centurião... — Lívia ainda tentou dizer.

— Não quero ouvir nem mais uma palavra! Se for necessário eu a porei sob guarda — afirmou ele, colérico, e depois em tom mais suave: — Vai ter de continuar no alojamento militar ai que tudo tenha terminado. As ruas estão cheias de refugiados, os cidadãos têm receio de receber estrangeiros em suas casas.

Não havia mais nada a fazer. Lívia baixou a cabeça, lutando para concentrar toda a sua vontade naquele gesto de submissão e fez que sim ao ouvir o centurião acrescentar:

— Eu a protegerei, senhora. Não tenha medo.

Enquanto caminhava para a cidade, uma sensação de solidão e isolamento apoderou-se dela. Não havia mais dúvidas, nem tormentos. Passara as duas últimas semanas lutando por sua vida. Estava cansada. Iria curvar-se ao destino que os deuses lhe haviam reservado.

Cedric acordou ao amanhecer e, como de hábito, alerta a tudo que o cercava, embora seus olhos permanecessem fechados.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Instantes depois, virou a cabeça e foi acometido por uma vaga sensação de náusea. Abriu gradualmente os olhos e lembrou-se do que havia acontecido.

A visão da tenda de couro que Heall havia posto na carreta acendera-lhe a raiva e o fizera avançar contra o velho guerreiro. Felizmente, dominara-se a tempo. Como o pobre homem podia saber que a tenda serviria para permitir que Livia e ele tivessem uma certa privacidade durante a jornada, caso ela não tivesse fugido?

Justificara-se, e Heall aceitara suas desculpas, oferecendo-lhe vinho, de suas próprias provisões. Abriram o barril e puseram-se a celebrar o êxito obtido durante os primeiros seis dias de marcha.

As sombras do crepúsculo adensaram-se, a noite baixara e outros guerreiros foram chegando para reunir-se a eles. Alguém acendera a fogueira, e outro barril de vinho aparecera junto com a refeição composta de carne de cervo, queijo e bolos de trigo.

Do que acontecera a seguir tinha apenas uma vaga idéia. Lembrava-se de ter trocado insultos e gracejos com seus companheiros e de ter cantado as canções dos bardos a plenos pulmões para abafar a dor que sentia no peito.

"Os deuses a amaldiçoarão, feiticeira de cabelos dourados", pensou, tomado de impotente fúria.

Ela tivera sorte. A marcha o impedira de ir ao seu encalço e de fazê-la em pedaços.

Seus olhos começaram a arder, e ele os fechou, tentando negar a tristeza que havia no fundo de sua raiva. Por que ela havia fugido? Não acreditara na sua promessa de protegê-la? Devia ter entendido que nunca iria permitir que Rhys a tocasse!

Ou não fora o medo de Rhys, mas dele próprio, que a fizera tentar uma fuga desesperada?

Um movimento a seu lado arrancou-o bruscamente das divagações. Cautelosamente, virou a cabeça e viu Edith deitada a seu lado, com os olhos verdes abertos. Percebeu que ela estava nua debaixo da coberta e sentiu uma sensação de náusea na boca do estômago que não tinha nada a ver com o vinho que ingerira na véspera.

— Faz tempo que você está aqui?

Edith sorriu provocadoramente.

— Passei a noite toda a seu lado. Não se lembra?

Cedric conservava uma vaga lembrança de ter-se afastado do acampamento quando as lembranças de Livia se tomaram insuportáveis. Edith o seguira?

"Sim!", deduziu, sufocando um gemido.

Lembrava-se agora de tê-la beijado, na vã esperança de que ela o fizesse esquecer a doce feiticeira de olhos de ametista. Ah, deuses! Que mais havia feito?

A perna de Edith começou a mover-se para cima e para baixo de seu corpo, num passeio erótico, tentador.

— Não, Edith.

Ela o olhou, surpresa.

— Mas ontem à noite...

— Foi um erro — interrompeu-a Cedric. Ela o olhou com ironia.

— O que está acontecendo com você? Não é de seu feitio recusar-se a fazer amor, nem beber tanto, a ponto de adormecer no meio de um beijo. — Sua voz tornou-se sedosa. — Para dizer a verdade, não me importei. Preparei sua cama, lembrando-me de que seu apetite matinal não se limita a comida.

— Não fizemos nada ontem à noite? — perguntou Cedric, ansioso.

— Não, mas eu o desculpo — brincou Edith, sem notar o ar de alívio dele. — Podemos recuperar o tempo perdido agora,

— Não, Edith. Quero agradecer-lhe por ter cuidado de mim, mas não deste modo.

Edith o fitou, perplexa. E, quando percebeu que ele não tinha mesmo intenção de fazer amor com ela, chutou a coberta para um lado e levantou-se. Seus olhos verdes percorreram-lhe o corpo de cima a baixo e detiveram-se no sexo intumescido.

— Por que você insiste em negar que me deseja? Sua romana não soube agradá-lo ou se assustou à vista do bárbaro icênio? Ameaçou matar-se, se você a tocasse?

Cedric levantou-se e vestiu a túnica.

— O que aconteceu entre mim e Livia não é absolutamente de sua conta.

— Quando você me tomou nos braços, disse o nome dela. E isso é de minha conta! — explodiu a guerreira. — É por causa dessa vagabunda que você se recusa a fazer amor contigo. Quero que ela morra!

Cedric ficou calado. As palavras de Edith eram verdadeiras. Enquanto seu corpo pedia o conforto de uma mulher, de qualquer mulher, seu espírito desejava apenas Livia. Que magia ela havia empregado para fazer com que ele, um homem de experiência, ficasse tão subjugado?

Cora um suspiro, voltou-se para Edith.

— Vamos voltar ao acampamento.

— Vá você! — disse ela às suas costas. Mas sua voz não traía as lágrimas que lhe enchiam os olhos. — Está lamentando a falta dela, mas se esquece de que modo ela se despediu de você! Com um golpe de pá na sua cabeça!

Quando o viu afastar-se sem dizer palavra, Edith armou-se de seu orgulho de guerreira. Vestiu-se rapidamente e o seguiu de cabeça erguida. Não iria permitir que ninguém percebesse que seu coração estava ferido!

No acampamento, encontrou os guerreiros preparando-se para a marcha. Cedric estava parado junto à carreta que dividia com Heall e Clydach e quis desculpar-se quando ela passou diante deles.

— Edith, eu...

— Você esqueceu isto — disse-lhe, altiva, jogando o cobertor na carreta.

Cedric seguiu-a com os olhos.

"Ela vai procurar Rhys", pensou, resignado. "Ou Artair..." Não queria magoar Edith, mas ela não o deixava em paz. Se ao menos os deuses lhe enviassem um homem suficientemente forte para tomá-la por esposa. Nas hostes de Boadicea deveria haver

um guerreiro que a satisfizesse!

Esqueceu Edith por um momento e começou a selar sua montaria, lembrando-se das marchas aceleradas na legião, quando os romanos se movimentavam durante dias, tendo apenas um punhado de cereais e água como alimentos. Era certamente assim que Suetonius Paulinus se movimentaria, quando soubesse que os rebeldes estavam em marcha.

As fileiras de Boadicea engrossavam a cada dia que passava, tornando impossível a rápida execução de qualquer manobra tática. Se Paulinus conseguisse capturá-las em armadilha, a unidade da coluna seria rompida. E se o comandante viesse não só com a infantaria, mas também com uma ala da cavalaria, os icênios estariam perdidos!

— Oh, deuses!...

A abafada exclamação arrancou Cedric de seus pensamentos. Olhou por cima do ombro e viu Heall. Sorriu, ao notar seus olhos injetados de sangue e seu ar de profundo desânimo. Acenou-lhe a mão com simpatia e perguntou:

— Quer guiar a carreta, meu amigo?

O velho guerreiro soltou um gemido profundo.

— Não. Clydach havia de querer que eu engolissem uma de suas poções. É a desvantagem de ter um curandeiro como amigo.

— Está com dor de cabeça?

— Estou ficando velho, companheiro. Há alguns anos, uma noite de bebedeira não me teria feito absolutamente nada — murmurou ele, com uma expressão de sofrimento enrugando-lhe as feições rudes.

A suave risada de Clydach seguiu suas palavras.

— Mas você vai sobreviver a isso — observou o druida, com fraterno bom humor.

Cedric sufocou a vontade de rir também. Pegou sua montaria pelas rédeas e chegou mais perto da carreta do pai.

— Vamos chegar a Camulodunum no final da tarde. Quero armar minha tenda na retaguarda.

— Por quê? — perguntou Clydach, surpreso. — Os melhores pontos de observação estão na vanguarda.

— Há sempre uma possibilidade de termos de recuar se não conseguirmos tomar a cidade,

— Você quer que eu fique longe do campo de luta. É isso, não é? — disse o druida com tristeza. — Não sou covarde, Cedric.

— Não quis dizer isso — explicou ele, pousando-lhe a mão no ombro. Era a primeira vez que tocava seu pai, e impressionou-se com a fragilidade de seus ossos. — Seus companheiros sacerdotes lutaram para defender a ilha sagrada. Mas você sabe que seus votos o proíbem de entrar em luta e tomar uma vida. Não pode esquecer-se também de que, se os romanos destroçarem nossas linhas, você, druida, será uma presa cobiçada. Não quero que corra o risco de cair novamente nas mãos deles.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Um sorriso iluminou o rosto de Clydach, enquanto ele cobria a mão do filho com a sua.

— Farei como deseja, a menos que algum ferido tenha necessidade de meus cuidados. Nesse caso, não poderei ficar na retaguarda.

— Concordo — disse Cedric, montando no cavalo com agilidade. — Se quiser, Heall e eu voltaremos para tomar refeição do meio-dia com você.

Clydach fez que sim, com uma sensação de renovada esperança dentro de si mesmo. Os dois homens estavam na vanguarda da rainha, uma posição de alta dignidade, e costumavam tomar a refeição do meio-dia com os líderes do corpo avançado. A promessa era um sinal de que seu filho começava a aceitá-lo.

Com um último aceno ao pai, Cedric reuniu-se a Heall e, juntos, os dois foram agrupar-se ao séquito da rainha. Aproximadamente dez milhas separavam a hoste icênia da cidade de Camulodunum, e os guerreiros estavam ansiosos por chegarem ao local onde iria travar-se a primeira batalha. Se a retaguarda conseguisse acompanhá-los, poderiam armar suas tendas em volta da cidade antes do anoitecer. Isso iria estabelecer o pânico e o terror entre seus habitantes, desmoralizando-os. Era uma vantagem pequena, mas que não podia ser desprezada.

Cedric curvou o corpo para frente, acompanhando os movimentos de galope de sua montaria e, mais uma vez, seus pensamentos voltaram-se para Livia. Em que Lugar da ilha de Albion ela fora se refugiar? Pedia aos deuses que tivesse ido para o norte colocando-se sob a proteção da legião que guarnecia Lindum, porque, se ela tivesse escapado para o sul... Não queria nem pensar nessa possibilidade!

Livia corria pelas ruas pavimentadas de Camulodunum, com Falina a seus calcanhares. Boadicea havia chegado, como previra. E só agora os habitantes iriam perceber que o fosso construído por Adrianus, um obstáculo ao sangrento avanço do inimigo, tornara-os virtuais prisioneiros de sua cidade.

A notícia da chegada dos icênios espalhara-se com a velocidade do fogo selvagem e, como os outros, ela fora tomada pela mórbida curiosidade de ver as hostes que o centurião e seus homens deveriam combater.

Nas ruas sombreadas, o ar era fresco, mas, quando chegou à plataforma que corria ao longo dos muros, o calor atingiu-a em cheio, como a lufada de um forno.

Porém, indiferente ao calor, uma multidão silenciosa comprimia-se nas amuradas, olhando com espanto e horror para o acampamento dos rebeldes. Quando se debruçou também, entendeu por que o otimismo fora substituído pelo desespero. Os campos arados, prontos para receberem as sementes das futuras colheitas, formigavam agora com carretas de vime, guerreiros a cavalo e uma bem-armada infantaria. Atrás deles, formando um semicírculo, viam-se os carroções cheios de mulheres e crianças, que desciam e corriam para armar as tendas. À distância, enormes nuvens de poeira elevavam-se acima do topo das árvores, anunciando a chegada de mais icênios. A cena repetia-se à esquerda e à direita: a cidade estava completamente cercada por uma multidão de guerreiros que devia chegar a casa dos

Lynn Bartlett
milhares.

Domínio dos Deuses

Os sonhos e as visões haviam-na preparado para isso, e Livia não sentia o medo esmagador que dominava seus compatriotas. Ela aceitava o inevitável com um senão de fatalismo. Sabia agora com segurança que chegara ao fim de sua luta.

Subitamente, a lembrança de Cedric, que conservava sob controle desde a sua chegada a Camulodunum, acometeu-a com uma força tão viva e dilacerante que quase gritou de dor. Ele estava ali agora. Esquadrinhou os guerreiros distantes, mas era absolutamente impossível distinguir um do outro.

Depois de alguns minutos, voltou-se, decepcionada, e sentiu uma leve pressão, como se a mão de alguém pousasse sobre seu ombro. Atônita, olhou em volta e não viu ninguém perto dela. E então, com espantosa certeza, soube quem a tocara, embora não soubesse explicar como: Clydach!

Afastou-se da amurada, pensativa. Ao chegar no topo da escada, uma mão, real desta vez, estendeu-se para ajudá-la a descer os degraus.

— Não devia ter vindo. — censurou-a Adrianus.

— E você, centurião, não deveria estar usando suas muletas? — Retrucou ela com suavidade.

— Os cidadãos estão assustados demais. Ficariam em pânico se vissem o homem que irá defendê-los usando muletas!

Livia olhou-o com simpatia. Adrianus tornara-se seu benfeitor e amigo. Faziam juntos as refeições noturnas, e ela sabia como ele levava a sério as responsabilidades de seu cargo. Não queria fazer ou dizer nada que aumentasse a sua preocupação.

— Vai cear comigo esta noite, centurião?

— Com muito prazer, se minhas obrigações permitirem.

Ela sorriu. Tentara odiá-lo quando ele lhe confiscara o cavalo, mas não conseguira. Como poderia detestar um homem que pensava apenas no seu bem-estar? Aceitara a situação e, como ele a tratava com bondade, fizera do alojamento um refúgio onde ele pudesse esquecer suas responsabilidades ao menos por algumas horas.

Tocou-lhe levemente o braço e disse-lhe:

— Até mais tarde, centurião.

Depois, sempre seguida de Falina, dirigiu-se para o centro da cidade, à procura do pequeno templo dedicado a Minerva. A deusa, nascida adulta e dotada de armadura, do cérebro de Júpiter, favorecia, entre outras coisas, a guerra defensiva. E só ela poderia vir em seu auxílio.

Encontrou o templo vazio, embora algumas lâmpadas brilhassem dos seus encaixes nas paredes, sinal de que outros haviam estado ali antes dela. Passou da ante-sala para a cella e, enquanto caminhava, desafiou o pesado cinturão com enfeites de bronze. Colocou-o em cima do altar e fez uma prece silenciosa para que a deusa levasse a sua oferta em consideração.

Depois, deitou-se de borco por terra e concentrou toda a sua fé naquele ato de humildade.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— O Misericordiosa Minerva... Imploro-lhe para que interceda junto a Marte e lhe peça que poupe a vida de dois guerreiros, o icênio Cedric e o romano Adrianus. Em troca, ofereço meu cinto... E minha própria vida. Sua voz se tornou grave e angustiada quando acrescentou:

— Faça comigo o que quiser, mas salve-os!

Ficou ainda um momento prostrada e depois levantou-se lentamente. Estacou, surpresa, quando viu Falina à sua espera à porta da cella.

— Você ouviu, Falina?

— Sim, Por que rezou pelo inimigo?

Confusa, Lívia escolheu cuidadosamente as palavras.

— Porque, a seu modo, também ele quis me proteger... Porque, certa noite que eu só queria morrer, ele me devolveu à vida. — Ela fez uma pausa, enquanto as recordações sucediam-se, umas após outras. — Num outro lugar, num outro tempo, ele não teria sido meu inimigo.

— Acha que eles nos atacam hoje?

— Não sei. Talvez.

— O que faremos?

— Não há nada para fazer. Mais tarde, poderemos ajudar os feridos. Mas, agora, só podemos rezar... E esperar. Vá para casa, Falina.

A moça hesitou.

— O centurião Tarpeius mandou pedir reforços em Lindum. Chegarão a tempo? Lívia forçou um sorriso.

— Tenho certeza que sim. O centurião fará a cidade resistir ao assédio por vários dias. Tempo mais do que suficiente para que a coluna de apoio chegue até aqui.

Na saída, as duas tomaram caminhos diferentes. Lívia parou na estrebaria para ver a égua e depois rumou para o alojamento. Arrumou os dois pequenos cômodos que constituíam todo o seu lar, embora fosse tarefa desnecessária, já que Falina os deixara impecavelmente limpos. Mas o trabalho ajudava-a a não pensar.

Já era tarde quando voltou à sala da frente e sentou-se no divã. As sombras amontoavam-se nos cantos e formavam desenhos no teto. Quando se tornaram mais profundas, esfumando as formas, acendeu o candeeiro. Os icênios não iriam atacar. Camulodunum teria sua última noite de vida.

A refeição chegou, trazida da cozinha do quartel, e ela a colocou numa mesinha baixa diante do divã. Sentou-se novamente e permitiu que seus pensamentos voltassem para Cedric. Imaginou-o sentado junto à fogueira, o brilho das chamas envolvendo-o todo e fazendo-o parecer uma estátua de bronze.

Uma emoção profunda dominou-a, e fechou os olhos para recordar melhor. Havia nele uma força interior, mais poderosa do que a beleza, que a subjugara desde o primeiro encontro. Uma força que a atraía e a assustava ao mesmo tempo.

"Cedric terá entendido por que fugi?", pensou. Depois, abanando tristemente a cabeça, concluiu: "Não, não entendeu".

— Senhora?...

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

A bruma da ilusão dissipou-se e o mundo reapareceu, quando Adrianus perguntou:

— Assustei-a?

Lívia levantou-se e foi ao seu encontro.

— Bem-vindo, centurião. Entre. Onde está o tribuno?

— Deixei-o de guarda na trincheira. — Adrianus tirou o elmo e correu a mão pelos cabelos. — Ele virá me avisar, se precisarem de mim.

Ela tornou-lhe o elmo das mãos e o colocou em cima da arca.

— Sente-se, Adrianus. Deve estar sentindo muita dor na perna.

— Não esta tão mal assim — disse ele, mas o sofrimento repuxou-lhe um canto da boca.

— Acha que atacarão amanhã? — perguntou Lívia, olhando para o céu, vermelho pelo reflexo das fogueiras do acampamento icênio.

Adrianus demorou um pouco para responder.

— Sim, amanhã. Provavelmente, ao amanhecer.

Ele estava rigidamente sentado no divã, e Lívia sentiu uma pontada de compaixão.

— Não se sentiria mais confortável sem a couraça? Deixe-me ajudá-lo.

Por um momento, pensou que Adrianus fosse recusar. Mas, afinal, ele confirmou com a cabeça e permitiu que ela desatasse as fivelas das costas da pesada armadura e a retirasse. Então, estendendo a perna ferida num banquinho, suspirou, aliviado.

— Obrigado, Lívia.

Ela sorriu e passou-lhe às mãos uma taça de vinho e depois o serviu com o jantar que chegara do quartel.

— Como estão se portando seus homens? — perguntou, sentando-se na outra ponta do divã com seu prato.

— Muito bem. A maioria já recebeu o batismo de sangue e não se deixou intimidar quando viu o inimigo, — Ele a fitou, curioso. — E você, Lívia? Como está se sentindo?

— Pensei que fosse ficar nervosa.

— Devia ter deixado que fosse embora — lamentou-se Adrianus. — Perdoe-me, Lívia. Fui um idiota!

— Não lamente nada, Adrianus. Você fez o que achava melhor para mim — disse ela, voltando a encher as taças.

— Mas você não estará em segurança aqui!

— Segurança? Não há nenhum lugar seguro na Britânia. Sei disso tão bem quanto você. Boadicea vai ter a sua vingança.

— Quando Paulinus souber da rebelião, virá correndo e os massacrará!

— Mas não vai chegar a tempo para salvar Camulodunum, Adrianus. E a Nova Hispânia também não.

Ele pôs-se a fitar o escuro e espesso vinho egípcio, observando-o à luz dos candeeiros. E disse, pesando as palavras:

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Acredito que Suetonius virá, mas tarde demais. O mensageiro que enviei provavelmente teve de ir até Mona, onde ele se encontrava. E quanto à Hispânia de Petilius Cerealis, temo que não virá nunca. Desconfio que os mensageiros foram mortos antes de alcançarem Lindum.

— Obrigada, Adrianus.

Ele a olhou surpreso.

— Do quê? Por condená-la a morrer junto com a cidade?

— Por me dizer a verdade.

— Você aceita seu fim com resignação e com muita calma. — observou o centurião com rispidez. — Eu lutarei por minha vida até minha última gota de sangue!

Lívia tomou um gole de vinho, considerando a homem que estava sentado a seu lado.

— Estou vivendo com tempo emprestado, Adrianus. Os deuses tinham determinado que eu morresse em Venta Icenorum. E eu teria morrido, se não fosse pela intervenção de um guerreiro icênio. Lutei por minha vida durante duas semanas e consegui retardar meu destino. Desta vez, quando os icemos chegarem, não serei poupada. Nem desejo sê-lo! Estou cansada de lutar, Adrianus, tão cansada... Parece até que nunca conheci a paz.

Adrianus acenou com a cabeça.

— Sei como é. Passei metade de minha vida lutando contra os inimigos de Roma ou sufocando revoltas. Eu também estou cansado de lutar, embora minha luta seja de outra espécie. Vou deixar a legião e comprar uma fazenda com o dinheiro que economizei durante estes anos.

— Uma fazenda? Onde?

— A cem milhas de Roma. Meu primo achou-me um lugar muito conveniente. Na última vez que fui para casa de licença, conversei com o proprietário.

— O que vai cultivar?

— Trigo e cevada. E criar cavalos, é claro.

Adrianus riu, quando Lívia olhou significativamente para a sua perna.

— Sim, cavalos. As alas da cavalaria têm constante necessidade de bons cavalos e pagam bem.

Lívia riu também.

— Há uma esposa esperando por tudo isso?

— Não. Uma mulher inteligente não se casa com um homem a quem deve dizer sempre adeus. Mas gostaria de constituir família quando deixasse a legião.

Ele fez uma pausa longa.

— E, talvez, ter um ou dois filhos que alegrassem o resto de meus dias. — Ele a fitou intensamente. — E você, Lívia, o que pretende fazer de sua vida?

— Eu já estaria casada com um desses tribunos que você tanto reprova, se não fosse a rebelião icênia. E quando meu futuro marido tivesse terminado seu tempo de serviço aqui, teria ido para Roma.

— Não gostava da idéia? — perguntou Adrianus, estranhando seu tom de voz.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Minha irmã Cláudia contou-me como é a vida em Roma. Suponho que, com o tempo, eu viesse a me acostumar com esses hábitos diferentes. Mas preferiria ficar nesta ilha pelo resto de meus dias.

— Você o amava? — perguntou Adrianus num impulso, mas logo arrependeu-se. — Desculpe, Lívia, não quis...

— Não, eu não o amava. Mas o estimava.

Lívia levantou-se, abriu as janelas e ficou a olhar para o céu cheio de estrelas. Decorrido um momento, voltou para junto dele e o fitou com bondade.

— Costuma dormir antes de uma batalha, Adrianus?

— Geralmente, sim.

Ela suspirou e voltou para junto do divã.

— Acho que eu não vou conseguir dormir.

— Posso mandar-lhe o médico — ofereceu-se Adrianus. — Ele lhe dará algo que a faça repousar.

Diante de sua suave recusa, ele tomou-lhe ambas as mãos.

— Ficarei com você.

Lívia nada disse.

— Permita que eu lhe dê todo o conforto que puder.

— Não poderia ser sua amante.

— Não estava me referindo a isso. — Ele hesitou. — Gostaria de imaginar que estava em casa. Você seria minha esposa e nossos filhos estariam dormindo no quarto ao lado...

Adrianus fez uma pausa e depois desculpou-se com um sorriso:

— Parece que, ao invés de lhe dar conforto, sou eu quem está pedindo conforto.

Lívia lembrou-se de Cedric pedindo um pouco de paz. Compreendia agora o que ele pretendia. Adrianus era um homem bom. Bom demais para morrer sem realizar o seu sonho. Tomou-o pela mão, sem saber se era nele que pensava ou em Cedric, e o levou para o quarto.

O aposento estava iluminado por um único candeeiro e, à sua pálida claridade, ela tirou a estola verde. Quando terminou de desfazer as tranças e de escovar os cabelos, Adrianus já se acomodara debaixo das cobertas.

Quando se deitou a seu lado, ele lançou-lhe o braço em torno dos ombros e a atraiu para si, aconchegando-lhe a cabeça no peito.

— O que fez de seu dia, minha esposa? — perguntou com uma voz que era pouco mais do que um sussurro.

Então ela lhe falou suavemente, animando-o com as histórias de duas crianças que fariam a alegria do pai delas. Ao terminar, foi a vez de Adrianus continuar com o faz-de-conta, falando de colheitas e de crias recém-nascidas.

Lívia apegou-se às suas palavras e, por um certo tempo, achou fácil acreditar que o que estava ouvindo era real. Suas pálpebras fecharam-se, sua cabeça repousou pesadamente no peito de Adrianus e ela adormeceu.

Ele se inclinou para beijar-lhe a testa.

— Foi um sonho tão bonito... — murmurou.

Depois fechou os olhos e entregou-se ao sono, segurando Lívia para impedi-la de escorregar de seu peito.

Lívia despertou na hora cinzenta do amanhecer, com os ruídos de alguém movendo-se na sala. Virou-se imediatamente para o outro lado da cama e o encontrou vazio. Adrianus devia estar se preparando para sair.

A lembrança da noite anterior, lágrimas encheram-lhe os olhos. Mas, dominando-se, vestiu-se e foi à sala. Encontrou Adrianus sentado no divã, tomando a refeição matinal que lhe fora trazida do quartel.

Ao vê-la, ele se levantou e convidou:

— Não quer comer alguma coisa? É uma refeição fria. — Sorriu levemente. — Os cozinheiros trocaram o calor da cozinha pelo conforto do fosso.

Lívia devolveu o sorriso e sentou-se a seu lado. Serviu-se de um pedaço de queijo e, enquanto comia, lançou um olhar de relance a Adrianus. Ele estava pronto para enfrentar os acontecimentos. Sua couraça brilhava a luz dos candeeiros e, junto à porta, encontrava-se o elmo com seu tufo de crinas coloridas e o talabarte já munido do gládio.

— Conseguiu dormir?

— Profundamente. Você me deu mais do que conforto ontem à noite, Lívia. Deu-me paz e renovou minha coragem. Até minha perna não está doendo esta manhã. — Ele tomou-lhe a mão e a reteve entre as suas. — Chego quase a acreditar que poderemos salvar a cidade!

Lívia fitou-o no fundo dos olhos e viu a verdade ali.

— Não estou com medo, Adrianus. Não precisa iludir-me com falsas esperanças. Ele suspirou e largou-lhe a mão.

— Poderemos detê-los por algum tempo, se tivermos um pouco de sorte. Os celtas costumam suspender o ataque ao cair da noite. E então teremos ganho mais um dia.

— Acredita realmente nisso? Adrianus hesitou.

— Não — confessou, afinal. — Na melhor das hipóteses, poderemos mantê-los fora da cidade até o meio-dia. Depois disso...

— Compreendo...

— Pois eu bem que gostaria de entender! Adrianus levantou-se e caminhou para a porta.

— Estas tribos foram civilizadas há quase duas décadas. E, a não ser por um ou outro rebelde como Caratacus, nunca tivemos maiores problemas. Os bretões desta área já nos aceitaram há anos!

— Não aceitaram — afirmou Lívia quietamente. — Invadimos sua ilha, aprisionamos seus sacerdotes, tiramos o poder de seus reis e arrasamos seus templos para que eles não pudessem conspirar contra nosso imperador. Com nossa arrogância, ajudamos a preparar a fogueira dessa conflagração. Boadicea não foi mais do que a centelha.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Desde os tempos da República, foi sempre assim que conquistamos os povos. Não será uma rebelião qualquer num território longínquo do império que irá alterar essa política!

— Isso não devia nos interessar, Adrianus.

Ele a fitou em silêncio durante um longo tempo, antes de pendurar o talabarte ao ombro. Depois, tirou a adaga do cinto e passou-a as mãos dela.

— Vai precisar disso. Está bem afiada e não lhe causará muita dor. Mas não a mergulhe no peito, não é morte certa. — Ele suspendeu-lhe a manga da estola e correu o dedo por seu pulso. — Veja: você precisa abrir estas veias com golpes firmes e profundos. Entendeu?

Lívia assentiu, e ele continuou:

— Quando meus legionários caírem, vai saber que tudo está perdido. Barre a porta e as janelas e faça uso da adaga. Não hesite. É preferível uma morte rápida e honrosa por suas próprias mãos à ultrajante que encontrará nas mãos dos bretões. Esse é o único conforto que lhe posso oferecer. — Adrianus colocou o elmo, beijou-a levemente na boca e foi embora.

Lívia ficou parada na porta, olhando para a adaga, em meio a uma angustiante confusão de sentimentos. Então, obedecendo a um impulso que não soube explicar, usou-a para cortar uma tira de pano e com ela prendeu a arma na parte interna da coxa. Depois caminhou para a janela e abriu-a. O céu começava a tingir-se de rosa, mas o silêncio era total. Nem mesmo os pássaros cantavam. Permaneceu ali durante muito tempo, olhando cegamente para o acampamento de tendas vazias. Enquanto o silêncio prosseguia, começou a alimentar a esperança de que Adrianus enganara-se. Talvez Boadicea, acreditando que a cidade estivesse bem defendida, esperasse reforços, antes de tentar a grande empresa. Talvez...

Inesperadamente, o angustiante silêncio foi rompido por três toques agudos que Lívia identificou como os de um carnyx, a trombeta céltica. O som tirou-lhe todas as forças, e ela tombou de joelhos. Enquanto permanecia ajoelhada, o clamor de milhares de vozes célticas lançando seus gritos de guerra elevou-se no ar, seguido do estrépito de milhares de pés e do tropear ruidoso de cavalos. Instantes depois, ela teve de tapar os ouvidos para não ouvir os gritos dos feridos e dos moribundos.

Cedric estava na Unha de frente da falange que cercava Camulodunum. Seus companheiros de vanguarda arremessavam lanças através do fosso, com a esperança de atingirem o alvo. Longe, na retaguarda, os melhores arqueiros esticavam incessantemente os arcos e disparavam uma chuva de setas sobre os defensores da cidade. Mas com escasso sucesso. Os soldados, evidentemente, haviam recebido ordens de manter os escudos acima de suas cabeças e frustraram qualquer ataque.

Os legionários eram bem treinados. Formavam uma sólida parede defensiva, com os escudos que seguravam com firmeza e os curtos gládios que empunhavam. Essas armas iriam ferir e matar, honrando a tradição da legião romana.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Logo de início, Cedric tentara dizer aos seus companheiros que a única maneira de abrir uma brecha naquela fortaleza humana aparentemente inexpugnável era, protegidos com seus próprios e longos escudos, fazer uso das espadas, um pouco mais longas do que os gládios romanos, para enfiá-las nas frestas que havia entre uma e outra armadura inimiga.

Alguém o ouvira e fora bem-sucedido. Os que haviam feito pouco de seus conselhos e tentaram abater o adversário com fortes, mas inúteis pancadas, encontraram a morte nas pontas fatais de suas armas.

Cedric sacudiu a cabeça para clarear as idéias. Estava lutando sem parar desde a madrugada, e seus reflexos começavam a tornar-se mais lentos. Seu braço esquerdo tremia pelo esforço de segurar o pesado escudo de madeira recoberto de couro, e o suor cobria-lhe o rosto e o corpo. Conhecia o bastante de guerra para saber que devia ter deixado a linha de frente havia muito. Antes que suas forças o traíssem.

Persistira, embriagado pelo prazer físico do combate que lhe proporcionava a oportunidade de dar vazão a seu tormento interior. Mas, agora, havia recuperado seu domínio. Cedeu seu lugar a um guerreiro da segunda linha e, antes de afastar-se, lançou um olhar ao cenário da luta.

O espetáculo deixou-o assombrado. Centenas de corpos icênios juncavam o chão da estreita faixa de terra que tentavam tomar, e igual número havia sido arremessado nas moitas do valado. Loucos por verem frustrados seus esforços de derrubar a invencível parede romana, os homens gritavam, lançavam insultos e se expunham, enquanto as linhas de trás moviam-se na vã esperança de conseguir o que seus companheiros não haviam conseguido.

Cedric voltou-se, desanimado. Abriu caminho por entre a compacta massa humana até a retaguarda e desabou, sobre o relvado. Tomou uma gamela cheia de água que o aguadeiro veio correndo lhe oferecer e derramou outra na cabeça.

Cenas semelhantes repetiam-se aqui e ali, à medida que guerreiras e guerreiros exaustos retiravam-se do fronte. Atrás dos carroções, as mulheres que não lutavam, auxiliadas pelas crianças mais velhas, tinham abatido três enormes árvores e estavam agora usando os cavalos para arrastá-las até o acampamento. A estratégia de Boadicea era limpá-las dos ramos e jogar os troncos sobre o fosso para facilitar o assalto à cidade.

Os planos da rainha poderiam ter sido bem-sucedidos se o ataque tivesse sido desfechado apenas quando as árvores estivessem prontas para ser usadas. Infelizmente, Boadicea estava com muita pressa. E o comandante da legião, que devia ser um veterano experimentado, teria agora tempo de entender o significado daquela atividade e de elaborar uma estratégia adequada.

Cedric percebia que o ardil da rainha não teria efeito. Mesmo que conseguissem firmar os três troncos sobre o fosso, devia-se levar em conta que os guerreiros teriam de se livrar de seus escudos para cruzá-los. E os legionários não teriam outra coisa a fazer senão esperá-los na outra extremidade e enfiar-lhes o gládio no peito quando estivessem ao alcance de suas armas,

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

O respeito que nutria pelo comandante romano aumentou. O homem conseguira transformar uma cidade indefensável numa fortaleza! A chave para tomá-la de assalto era penetrar fundo na faixa de terra, numa investida temerária e fulgurante, e depois empenhar os legionários por trás. Enquanto isso, os troncos seriam lançados sobre o valado, e os icênios poderiam atravessá-lo com risco reduzido. Então, colhidos entre duas forcas, os romanos seriam completamente esmagados.

Era, pois vital que aquele pedaço de terra fosse conquistado "antes" que os troncos fossem lançados sobre o fosso!

Sentindo suas esperanças se renovarem, Cedric pegou o escudo e a espada e preparou-se para falar com a rainha.

O toque agudo do carnyx, convocando a retirada das forças icênias, deixou Adrianus perplexo. Durante toda a manhã, seus soldados tinham lutado ferozmente pela posse da estreita faixa de terra. E, mesmo calculando três baixas icênias para uma romana, ele tinha certeza de que a cidade estava condenada.

Inquieto, concentrou-se na cena que se desenrolava à sua frente. A carruagem de vime de Boadicea, puxada por dois cavalos negros, estava parada no meio da planície, rodeada por cerca de cem guerreiros. O que a rainha estaria planejando? Por que mandara suspender o que podia ter sido um ataque bem-sucedido?

A distancia, ouviam-se os sons de machados abatendo árvores. A rainha pretendia usar os troncos como ponte para transpor o fosso, era óbvio. Mas isso não explicava a retirada. Considerou e descartou várias hipóteses e afinal sacudiu a cabeça. Saber logo quais eram os planos de Boadicea. Até lá, precisava tirar vantagem da trégua inesperada e conceder aos soldados e a si mesmo um momento de descanso.

Adrianus baixou o escudo até o chão e enfiou o gládio no talabarte, antes de se dirigir para o único centurião de suas fileiras.

— Meu tribuno morreu, e você vai substituí-lo — Informou-o. — Pegue seu melhor decurião e dê-lhe um destacamento para auxiliar os legionários que estão na frente. Diga aos homens que aproveitem a trégua para descansar e se alimentar bem.

Adrianus fez uma pausa e lançou um olhar para a campina, onde Boadicea ainda estava reunida com seu Conselho. Pedia a Mitras que essa reunião se prolongasse bastante. Desse modo, Camulodunum ganharia mais um dia.

— Mais alguma ordem, primipilus? — perguntou o centurião. Adrianus olhou-o pensativamente e então tomou uma decisão:

— Pegue dez homens, vá até a cidade e reúna todos os cidadãos que estejam em condições de lutar. Forneça-lhes armas do arsenal da guarnição e traga-os para cá o mais rápido possível.

Depois que o centurião se afastou, Adrianus sentou-se e pôs-se a comer a ligeira refeição acondicionada em sua bolsa de couro, enquanto observava se suas ordens eram cumpridas. Quando terminou, o centurião já estava de volta com um grupo de civis armados.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Um deles protestou, quando foi apresentado a Adrianus.

— Não somos soldados, Tarpeius! Nunca manejamos um gládio! Adrianus fuzilou-o com o olhar.

— Vão ter de aprender depressa!

— É um absurdo! — explodiu o outro. — O arsenal não tem armas suficientes para todos os civis.

— Então vão ter de pegar os gládios dos mortos! — rugiu Adrianus. — Ou enfrentar os icênios de mãos nuas. Não me importo de que modo, mas terão de lutar!

O homem atirou sua arma ao chão e cruzou os braços.

— Sou mercador. Pago impostos para sustentar a legião! Você é pago para me proteger, não para me atirar no meio de uma luta!

Murmúrios de aprovação elevaram-se de seu grupo, e Adrianus soube o que tinha de fazer. O mercador estava assustado e estimulava os outros a se revoltarem. Argumentar com ele não resolveria nada. Fez um gesto a dois soldados para que o segurassem pelos braços e tirou a espada do cinto. O homem teve apenas uma fração de segundo para entender o que ia acontecer, antes que a lâmina mergulhasse em seu coração.

Enquanto os soldados levavam o morto embora, ele abarcou o grupo com os olhos.

— Se os icênios transpuserem aquele fosso, vocês irão invejar a morte limpa de seu amigo. — Há mais alguém que não se julga em condições de lutar?

Ninguém respondeu porque, naquele exato momento, gritos de alarme chegaram da cabeça-de-ponte. Adrianus pegou seu escudo e dirigiu-se para uma pequena elevação, de onde pôde ver que os icênios movimentavam-se mais uma vez.

Mas agora havia uma diferença. Os guerreiros avançavam com os escudos acima de suas cabeças, como os legionários, e armados de longas espadas. Não assaltaram selvagememente o fosso, como da primeira vez, mas serviam-se de seus lançadores de dardos e de seus arqueiros para arremessos precisos e ordenados.

A medida que o inimigo se aproximava inexoravelmente, Adrianus pensava se essas ordenadas fileiras se dissolveriam quando encontrassem seus homens. Acontecera antes; os celtas deixavam-se provocar facilmente e achavam mais glorioso combater individualmente a seguir uma estratégia disciplinada.

Quando as duas forças se encontraram, ele sentiu uma incontrolável admiração pela habilidade com que os guerreiros investiam contra a barreira formada pelos legionários. Alguém no contingente de Boadicea tinha um conhecimento prático das táticas a serem empregadas no campo de batalha e persuadira a rainha a servir-se delas.

Alarmado, ordenou que reforçassem a ponte, mesmo sabendo que era uma tentativa inútil. De fato, logo depois a vanguarda icênia, num ataque fulminante e decisivo, conseguia tomar a cabeça-de-ponte, e o inimigo irrompia através daquela brecha como uma vaga inexorável.

Depois disso, as formações foram abandonadas. E, no encarniçamento feroz da

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

luta, soldados e guerreiros lançaram fora os escudos e aferraram-se uns aos outros, em mortais amplexos.

Adrianus desembainhou sua arma e correu ao encontro do inimigo. Teve um segundo para pensar se Livia teria a força de se suicidar. Logo depois, sua lâmina se chocava com a de um icênio alto que lutava com a habilidade de um legionário.

Livia continuava sentada no divã. Sua angústia cedera lugar a um distanciamento que a impedia de notar que o tempo corria diante dela, como um rio de águas impetuosas.

Quando ouviu o carnyx tocar pela terceira vez, voltou a si como se tivesse ouvido a sentença a que estava condenada. Preparou-se para aceitá-la, porque nada a faria escapar dela.

A guarnição estava na periferia da cidade e seria o primeiro edifício a ser tomado. Aquela altura, os rebeldes não pensariam em fazer prisioneiros para sacrificá-los a seus deuses. Quando o guerreiro ou guerreira avançasse para ela, seria para matá-la. E agradecia a Juno por isso. Era demasiado fraca para fazer uso da adaga de Adrianus.

Os ruídos da luta se intensificaram e, de súbito, sentiu-se aterrorizada. Um suor frio inundou-lhe o corpo, suas mãos começaram a tremer. Mas os calafrios passaram quase tão rapidamente quanto haviam chegado, o terror cessou e ela experimentou uma estranha sensação de alívio. Mais alguns instantes e estaria livre para sempre do medo, seu companheiro constante naqueles últimos tempos.

Levantou-se num ímpeto, abriu a porta e saiu para o pátio inundado por um brilhante sol de primavera. Caminhou para frente e, insensivelmente, seus passos a levaram à estrebaria. Afinal, não importava onde os icênios a encontrassem. Lá era um lugar tão bom para morrer como os alojamentos de Adrianus.

A estrebaria estava na obscuridade. Moveu-se às tontas pelo longo corredor das baias até achar sua égua. Passou-lhe então os braços pelo pescoço, procurando instintivamente o calor do animal.

— Você vai ser bem-cuidada. Os icênios dão valor aos bons cavalos — murmurou.

Nesse instante, a porta da estrebaria abriu-se com estrépito, e sua respiração congelou-se na garganta. Quando alguns segundos se passaram sem que nada acontecesse, soube que alguém estava parado no limiar, procurando ajustar os olhos à obscuridade, antes de avançar.

"Chegou minha hora, Caronte", chamou, num silencioso apelo ao barqueiro que transportava os mortos através do rio Estige. "Aceita-me, como certamente aceitou meus familiares".

Depois, reuniu as últimas reservas de forças que lhe restavam e deu um passo na direção do corredor, preparando-se para enfrentar o deus da morte. O homem tomava quase toda a entrada com sua grande estatura e era uma figura sombria, aterradora, silhuetado pela claridade do sol às suas costas. Não podia divisar-lhe o

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

rosto, mas teve vontade de lhe dizer que não tivesse receio, ali não havia ninguém, a não ser ela. Porém não conseguiu dizer nada e limitou-se a fechar fortemente os olhos.

— Continua sempre ansiosa por morrer, Livia?

Os olhos dela abriram-se, repentinamente cheios de lágrimas, deslizaram pelo peito amplo e bronzeado e detiveram-se no pescoço forte, de nervos tensos, onde brilhava uma corrente de bronze. Por fim ergueram-se medrosamente para o rosto de linhas duras e fixaram-se nos olhos incrivelmente azuis. Eram os mesmos que lhe haviam demonstrado ternura, mas que agora mostravam-se sombrios como o mar da Britânia em dias de tempestade.

— Para onde pensa que pode ir? Seria morta antes de chegar à rua!

Livia sentiu de repente que suas forças a abandonavam. Seus joelhos dobraram-se, e ela tombou sobre o chão coberto de palha. Cedric apoiou-lhe a espada na garganta:

— Nenhuma palavra, nenhum pedido de misericórdia? Você era mestra nessas artes.

A injustiça da acusação fez Livia encontrar a voz.

— Fiz o que tinha de ser feito.

— E como! — disse ele com brutalidade. — Sorriu e me deu seu corpo, e depois me golpeou pelas costas!

Os olhos de Livia fixaram-se em sua espada manchada de sangue.

— Vai me matar?

Cedric não teve forças para controlar o tremor que percorreu o braço que empunhava a arma. Que ela fosse danada pela calma que demonstrava! Por que não implorava por sua vida?

Praguejando, deixou cair a espada e a ergueu pelos pulsos. Ela o olhou em silêncio. Nenhuma emoção transparecia nos seus maravilhosos olhos de ametista: parecia estar realmente esperando que ele a matasse!

Furioso, empurrou-a brutalmente para a porta. Tinha jurado a si mesmo que a mataria com suas próprias mãos quando a encontrasse. Mas, no instante em que a viu, a chama da paixão reacendera-se e sobrepujara qualquer outro sentimento. Iria levá-la ao campo icênio, para a tenda de couro que seu pai insistira em armar na noite anterior. E a manteria presa porque a queria mais do que a tudo no mundo!

Ergueu-a subitamente nos braços e jogou-a sobre o ombro, e quando ela tentou ajeitar-se melhor, ordenou-lhe asperamente:

— Fique quieta!

Pendurada no ombro de Cedric, com os cabelos cobrindo-lhe os olhos, Livia não tinha a menor noção de para onde ele a levava. Mas, quando foi posta bruscamente no chão, não ficou surpresa de encontrar-se no acampamento icênio.

— Entre! — ordenou-lhe Cedric bruscamente, levantando a cortina de entrada de uma tenda de couro.

Livia entrou. No interior não havia senão uma cama de campanha coberta de mantas de pele. Sem saber o que pensar, ela o olhou interrogativamente. Mas ele

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

limitou-se a dizer:

— Fique aqui.

À cortina da entrada desceu, deixando a tenda em quase total escuridão. Instantes depois ele voltou com uma corda.

— Deite-se!

O choque e a surpresa se manifestaram na voz dela.

— O que vai fazer?

Ele a olhou com desdém.

— Não o que você está pensando.

Rapidamente, Cedric jogou-a de bruços sobre a cama e amarrou-lhe os pés e as mãos.

— Espere por mim, Lívia. — disse depois, com voz sarcasticamente sedosa.

"Espere por mim!" Ela riu selvagememente. Como se pudesse fazer outra coisa! O riso transformou-se num soluço estrangulado quando ouviu os gritos distantes dos moribundos que chegavam de Camulodunum, trazidos pelo vento. E então chorou por eles, por Adrianus, por si mesma e por tudo o que se frustrara.

A vontade de algum deus decretara que Cedric a encontraria novamente, e a ironia da situação não lhe passava despercebida. No entanto, o sentimento que um dia ele lhe dedicara havia se desvanecido. A voz e os olhos dele lhe haviam dito isso.

Mas, o que ele pretendia, então? A despeito do modo rude como a tratara, não acreditava que quisesse oferecê-la em sacrifício a seus deuses. Cedric não era um homem cruel, apenas rude. Se quisesse vê-la morta, a teria eliminado com suas próprias mãos.

Esse pensamento confortou-a, embora tivesse consciência de que, dessa vez, o tratamento que receberia seria muito diferente do que recebera em Venta Icenorum.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Quando Cedric voltou, encontrou-a dando passos experimentais em volta da tenda. Parou à entrada, hesitante, observando-a por alguns instantes sem ser pressentido.

"É o que ela merece!", pensou, tentando convencer a si mesmo do acerto daquela decisão.

Lívia o fizera de bobo. Ganhara sua confiança e depois o traíra! Agora assumia ares de vítima, mas ele não ia se deixar comover por aquele rostinho de deusa! De cara amarrada, deixou a cortina cair atrás de si e entrou na tenda com passo firme.

Lívia parou de andar e olhou-o. Ele acabava de tomar banho. Seus cabelos, ainda úmidos, enrolavam-se na testa e em cima das orelhas em pequenos anéis. Estava de calção, sua única concessão ao pudor, e seu peito coberto de pêlos brilhava como bronze à luz da lamparina.

Ela enrubesceu, envergonhada pela própria indiscrição, e desviou o olhar, baixando-o para o chão. Só voltou a levantá-lo quando Cedric balançou uma bolsa de couro diante dela.

— Comida — disse ele, em resposta à sua muda interrogação. — Não é aquela a que você está acostumada, mas servirá para lhe encher o estômago.

Lívia desatou os cordões da bolsa e examinou seu conteúdo. Havia alguns pedaços de carne-seca de um tipo que não soube reconhecer, e seu estômago revolveu-se.

— Carne de boi seca e temperada — informou-a Cedric, estendendo-lhe um odre de água. — Ponha um pedaço na boca e depois tome um gole de água para amaciá-la. Então poderá mastigá-la sem problemas.

Enquanto ela fazia forças para engolir o duro alimento, viu-o preparar-se para dormir. Quando ele levou a mão ao cinto do calção, virou-se discretamente e pôs-se a olhar as sombras que a chama tremeluzente da lamparina projetava num dos lados da tenda. Precaução inútil, porque a sombra de Cedric juntou-se às outras e ela pôde seguir-lhe todos os movimentos. Fascinada, observou-o tirar o calção e depois desatar os cordões da tanga, que caiu ao chão. Quando ele se endireitou, soube, tão claramente como se tivesse vendo, que ele a fitava.

— Já terminou de comer?

Lívia acenou com a cabeça, afirmativamente.

— Quer mais?

— Não, obrigada.

— Então deite-se. Você precisa de uma boa noite de sono.

Com o canto dos olhos, ela o viu enfiar-se debaixo das mantas de pele.

— Onde? — perguntou timidamente.

— Aqui, perto de mim.

Ela não se moveu.

— Que é, Lívia?

— Gostaria de me lavar primeiro.

— Está bem. Perto do carroção há um barril de água. Mas seja rápida!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Sua advertência era implicitamente clara. Se demorasse muito, ele iria atrás dela! Lavou-se tão rapidamente quanto pôde e voltou à tenda com um tinir de correntes, o único som que rompia o silêncio da noite. Encontrou Cedric de olhos fechados e pensou que ele tivesse adormecido. Mas, quando parou ao lado da cama, ouviu-o dizer:

— O vestido vai incomodá-la. Não quer que eu a ajude a tirá-lo? Humilhada, mas ao mesmo tempo furiosa com seu tom de desdém, deu-lhe uma resposta irônica e firme:

— As correntes vão me incomodar ainda mais. Vai tirá-las também?

Cedric soergueu-se e fitou-a intensamente.

— Está me propondo uma troca, Lívia? Seu corpo pela remoção das correntes?

O brilho dos olhos dele era inquietante. Lívia experimentou novamente a mesma arrepiante sensação de frio na boca do estômago que sentira horas antes e não disse nada.

— Você me traiu uma vez. Não vai me fazer de bobo outra vez! — Dito isso, Cedric apagou a lamparina e a tenda mergulhou na escuridão. Depois de alguns instantes, como não percebesse nenhum movimento, chamou:

— Lívia...

Não houve o menor indício de que ela o tivesse ouvido.

— Está bem! Fique com esse maldito vestido, mas venha já para a cama!

Lívia tirou as sandálias e deitou-se rapidamente ao lado dele. Revirou-se, à procura de uma posição confortável, e quando as correntes retiniram, sentiu-o retesar-se.

— Cedric...

— Que há?

— Foi de Rhys que eu fugi, não de você.

Ele não respondeu.

— Se estivesse no meu lugar, não teria feito o mesmo?

Evidentemente, algo em sua voz o tocou, porque ele lhe deu as costas e disse com voz abafada:

— Durma.

Lívia acordou de repente, quando a mão pesada abateu-se sobre seu ombro.

— Ei, você aí! Levante-se, se quiser comer.

Ainda estonteada de sono, ela olhou para Cedric e depois correu para lavar as mãos e o rosto. Acabava de amanhecer, mas o acampamento estava em plena atividade. As fogueiras estavam acesas, e fumaradas preguiçosas elevavam-se no ar claro. Lançou um olhar na direção de Camulodunum, mas logo desviou a vista e foi para junto de Cedric, que se movimentava sem olhar para trás, como se ela não existisse.

— Sabe acender o fogo? — perguntou ele depois de alguns instantes.

Ela abanou a cabeça.

— Foi o que imaginei. Agora, preste atenção.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Cedric apanhou pedaços pequenos de madeira de uma enorme pilha de achas e cortou-os em aparas com seu facão. Feito isto, retirou uma pedra da bolsa que trazia presa ao cinto e esfregou-a na lâmina. Com o atrito desprenderam-se pequenas centelhas, que incendiaram imediatamente as lascas. Ele juntou alguns raminhos secos à chama e depois pedaços grandes de madeira.

— De agora em diante, terá a responsabilidade de acender o fogo todas as manhãs. — Cedric endireitou-se e colocou-lhe a pedra na mão. — Sabe cozinhar?

Lívia sentiu-se frustrada. Tinha praticado na cozinha de sua casa e sabia fazer pão e bolos de trigo. Mas suas virtudes culinárias não iam além disso.

— Não.

Ele a fitou por um longo tempo, como um juiz severo, e foi buscar um caldeirão de ferro no carroção. Depois explicou-lhe rapidamente como fazer um mingau com aveia, triturando-a, e sentou-se diante da fogueira, observando em silêncio as tentativas dela.

Em volta deles, a movimentação aumentava, e Lívia procurou ignorar os olhares curiosos de que era alvo. Enquanto mexia o mingau, desejou que Cedric falasse com ela. Mesmo as ironias com que ele a brindara em Venta Icenorum seriam preferíveis àquele silêncio intolerável.

Ele a estava tratando como trataria uma escrava. As correntes, as tarefas que lhe destinara e, sobretudo o seu distanciamento, eram provas de que todo o sentimento que nutrira por ela havia morrido. Desesperançada, pensou:

"Ah, Juno, com que crueldade os deuses manipulam o destino dos mortais! Foi meu coração que Minerva tomou em troca da vida de Cedric?"

A verdade era uma só: estava profundamente apaixonada por Cedric. Mas precisava apagar de seu coração e de sua mente aquele amor impossível. Caso contrário, ele se serviria disso como uma arma para feri-la ainda mais!

Envolta nessas tristes reflexões, foi até o carroção buscar gamelas e colheres e sobressaltou-se ao ouvir alguém chamá-la pelo nome. Voltou-se bruscamente, e as correntes fizeram-na perder o equilíbrio. Seu rosto ardeu de vergonha quando, no mesmo instante, duas mãos estenderam-se para ampará-la.

— Heall!... — sussurrou com voz estrangulada pela emoção, ao deparar com dois olhos castanhos que a fitavam com ternura. — Que alegria!

— Então ele a encontrou, não foi? Ele disse que o faria! — Mas a expressão risonha de Heall anuviou-se, transformando-se numa máscara de preocupação, quando ele ouviu o ruído das correntes que prendiam os tornozelos de Lívia.

— O que é isso, meu rapaz? — disse, voltando-se para Cedric. Ele encolheu desdenhosamente os ombros.

— Ela está salva. Não era isso o que você queria?

— Mas por que a acorrentou? — A voz potente de Heall trovejou pelo acampamento. — Ela não é nenhum animal!

— É uma escrava fujona e tem de ser acorrentada!

— É degradante! Lívia não merece isso!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Você deve estar agradecido por eu a ter encontrado. Poupei-lhe a vida. Ou preferia que algum outro a tivesse matado?

Heall empalideceu e não disse nada. Nesse instante, Clydach chegou e interpôs-se entre os dois.

— Deixe isso para lá, velho amigo. Livia está salva, e Cedric está dentro da lei. Você não tem o direito de interferir.

Heall não disse nada e passou o braço pelos ombros de Livia.

— Venha, vamos comer. — Ele lançou um olhar de desafio a Cedric. — Ou isso não é permitido a uma escrava?

Os maxilares de Cedric cerraram-se numa linha dura, mas ele não teve tempo de replicar porque seu pai sentou-se a seu lado e disse-lhe em voz baixa, de modo a não ser ouvido por mais ninguém:

— O que fez com ela é simplesmente abominável!

Ele deu de ombros.

— Queria me precaver, apenas isso. E pare de me olhar desse jeito! Não a espanquei!

— Não. Mas humilhou-a. Privou-a de toda dignidade — acusou-o o druida. — Por quê, diga-me, quando moveu céus e terra para achá-la?

Inadvertidamente, Clydach ergueu a voz, e Livia esperou a resposta de Cedric com a respiração suspensa.

— Está enganado — disse ele. — Não a procurei. Achei-a por uma casualidade ou por um capricho da sorte.

Diante dessas palavras, todas as esperanças dela desvaneceram-se. Obviamente, Clydach informara seu filho de que ela estava em Camulodunum. Mas ele não se dera ao trabalho de procurá-la. Encontrara-a na estrebaria por puro acaso! Com os olhos subitamente cheios de lágrimas, ouviu o druida completar:

— Você tem muitos defeitos. Mas nunca pensei que fosse também um doido!

Depois disso, todos puseram-se a comer, mas a refeição transcorreu num silêncio tenso. A seguir, Clydach e Heall retiraram-se com uma desculpa, e Cedric e Livia ficaram a sós.

— Vai à cidade? — perguntou ela, ao vê-lo colocar o talabarte ao ombro.

— Vou, sim. Há ainda um foco de resistência que precisa ser reprimido. — Ele a olhou com suspeita. — É preciso que a deixe sob guarda?

Livia ergueu a cabeça com altivez.

— Para onde eu fugiria, com estas correntes?

— É bom que entenda a sua posição de uma vez por todas.

Ela sentiu o sangue aflorar-lhe ao rosto.

— Minha posição é muito clara, Cedric. O que pretende fazer comigo?

O que ele pretendia? Cedric fitou-a. Desejava arrancar aquela rica estola e a túnica virginal que ela usava por baixo, desnudá-la completamente e encher os olhos com a doce visão de seu corpo. Desejava ansiosamente estreitá-la nos braços, sentir os seios esmagados contra seu peito e a exuberante alegria que mulher alguma lhe

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

dava! Queria perder-se na doçura embriagadora de sua boca e beijá-la, beijá-la...

— Pretendo conservá-la a meu lado — disse secamente, com uma voz que não era a sua. — Só isso.

Lívia virou-se e entrou na tenda, mal enxergando através das lágrimas que lhe enchiam os olhos. A dor em seu peito feria como uma punhalada! De repente, ela teve consciência de que não fazia o menor sentido abater-se daquela maneira, e uma onda de orgulho sacudiu-a do torpor.

Estava pensando na possibilidade de tomar um bom banho e de lavar suas roupas quando Clydach entrou na tenda com uma caixa debaixo do braço.

— Que bom vê-lo, Clydach! Não quer sentar-se?

Ele a viu ali, escondida como um animal acuado, e sentiu uma pontada de compaixão.

— Vim aqui na esperança de que você pudesse me ajudar — disse. Uma idéia súbita atravessava-lhe a mente.

— Gostaria muito. Mas sei fazer tão poucas coisas... Ele sorriu, tranqüilizador.

— Eu a ensinarei. Venha!

— Para onde vamos?

— Para onde pudermos fazer algum bem. — Os olhos dele cintilaram de bom humor. — Diga, você sentiu minha presença lá naquela muralha?

Lívia ficou perplexa, mas confessou:

— Senti algo estranho, assim como o toque de uma mão no meu ombro. Imaginei que fosse você, embora não possa entender como conseguiu isso. Naquele instante, eu estava à procura de Cedric. — Ela contou-lhe a visão que tivera da destruição do Templo de Claudius e acrescentou:

— Mas o templo continua de pé. Acho que não tenho dom algum. Tudo não passou de um horrível pesadelo.

— Você foi escolhida — disse Clydach, depois de um momento de reflexão. — Mas não tem ainda energia suficiente, caso contrário teria visto Cedric, quando o procurou. Se quiser, posso ensiná-la a canalizar esse dom.

A idéia de ser novamente assaltada por tais visões horrorizou Lívia.

— Não! Não quero conhecer o futuro!

Clydach estacou e fitou-lhe as profundezas dos olhos.

— Então é por isso... Você receia pela vida daquele doido de meu filho e tem medo de ver algo terrível.

Ele fez uma pausa, pensativo, apontou para os tornozelos dela e depois riu suavemente:

— Essas correntes têm dupla finalidade: prendem-na tão firmemente a Cedric quanto o prendem a você. E agora vamos.

Minutos depois Lívia desejou nunca ter saído da tenda. O que Clydach pretendia, e só os deuses sabiam o motivo, era ensinar-lhe a arte de curar. A caixa esculpida que ele carregava debaixo do braço continha ervas, ungüentos, pós e poções cujos nomes eram tão complicados quanto suas finalidades. Além de uma coleção de facas bem

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

afiadas, uma série de agulhas de osso, rolos de finas tiras de tripa de gato, que, uma vez molhadas, tornavam-se flexíveis e serviam para costurar as feridas, e um estoque de ataduras.

Lívia aprendeu tudo isso na primeira parada que fizeram para atender a um guerreiro que jazia deitado perto de uma fogueira e cujos ferimentos Clydach limpou e medicou com o auxílio dela.

— Devia ter dito antes o que pretendia de mim — censurou-o, quando seguiram adiante. — Não posso ajudá-lo.

Clydach fez que não a ouviu.

— Esta é a pior parte: quando finda a batalha, temos de cuidar dos sobreviventes. O sofrimento é algo que não pode ser medido, e há muito pouco que se possa fazer para aliviá-lo.

— Faz tempo que está cuidando deles?

— Desde ontem à noite, e não sei quando isso terminará.

— Não descansou?

— Está preocupada comigo? Eu lhe agradeço, mas deve dedicar sua preocupação aos feridos. Quando tudo terminar, terei tempo de descansar e de recuperar as forças. Se fizer isso agora, muitos homens poderão morrer. Não posso permitir que mais vidas sejam perdidas.

Ele a fitou intensamente durante alguns segundos.

— Mas não precisa ficar, se não tiver vontade.

Lívia estacou.

— Sei que é importante. Mas eu me sinto mal quando vejo sangue!

— Compreendo... — disse Clydach, continuando a caminhar.

Ela correu atrás dele.

— Eles não precisam de minha ajuda! Consideram-me uma inimiga!

Clydach limitou-se a erguer a mão, num gesto de saudação, e seguiu em frente. Relutante, ela o alcançou.

— Você é uma raposa velha e astuta. E vai se arrepender amargamente de ter me escolhido como assistente!

Passadas algumas horas, Lívia havia perdido a conta dos feridos que haviam atendido. Sua estola estava manchada de sangue, e o manto de Clydach não estava em melhores condições. Estava tão cansada que teve um momento em que desejou apenas deitar-se no chão e desistir. E, quando inesperadamente a mulher de um dos feridos convidou-os a partilhar com a família a refeição do meio-dia, Lívia lançou-lhe um olhar de gratidão e desabou junto ao fogo, exausta.

Enquanto comiam a refeição simples, composta de pão e da mesma carne-seca que Cedric lhe oferecera na noite anterior, ouviu batidas rítmicas vindas de Camulodunum romperem o ar parado da tarde. Identificou-as imediatamente como os sons do aríete demolidor de sua visão e logo pensou nos sobreviventes da chacina.

Terminou de comer imersa em tristes reflexões e, quando se puseram novamente a caminho, desejou saber se faltava ainda muito para que todos os feridos

fossem atendidos.

— Estamos quase na metade de nossa tarefa. Lívia — fitou-a, assombrada, e ele se desculpou.

— Não costumo ler a mente das pessoas, mas você parecia tão triste...

— Pode realmente ler a mente dos outros, Clydach?

— Ocasionalmente e com muito esforço.

— Preciso dar um jeito de me proteger de seus poderes!

— Não tenha medo de mim, Lívia! Mas há um modo de esconder seus pensamentos. Posso mostrar-lhe se quiser.

Lívia não teve tempo de responder, porque uma icênia chegou correndo pedindo que atendessem seu marido. Um olhar ao ferido foi suficiente para fazê-la recuar, horrorizada. Só a rude mão de Clydach em seu braço a impediu de sair dali correndo.

— Ele precisa de você! — disse o druida peremptoriamente, apontando para o guerreiro que jazia de costas, com a ponta de um dardo sobressaindo de seu ventre.

— Não vou conseguir...

— Preciso remover a cabeça do dardo e não posso fazer isso sozinho. Há um frasco de ópio na caixa. Traga-o junto com uma tigela de água.

Ela obedeceu automaticamente, evitando olhar para o paciente.

— Agora, despeje um pouco da droga na água — ordenou Clydach. — Direi quando deve parar.

Um calafrio percorreu o corpo dela quando precisou erguer a cabeça do ferido para que ele ingerisse a mistura. Parecia-lhe impossível que o homem tivesse sobrevivido ao ferimento e estivesse ainda consciente. Sentiu uma enorme vontade de gritar e quando, finalmente, as pálpebras do guerreiro baixaram e depois fecharam-se completamente, suspirou de alívio,

— Por que não puxa o dardo para fora? — perguntou enquanto lavava as mãos na água quente com vinagre, que a mulher do ferido trouxera.

— A cabeça do dardo é farpada. Se eu a puxasse, as farpas rasgariam os tecidos internos e provocariam mais danos. Está pronta?

Lívia fez que sim e pôs-se a obedecer-lhe automaticamente as ordens: enxugou o sangue, manteve o paciente imóvel quando a dor o fazia agitar-se e preparou a mistura de ervas e musgo que evitaria a infecção. Por fim, removida a ponta do dardo, ministrou-lhe mais uma dose de ópio.

Suas costas estavam molhadas de suor e tão doloridas quanto os músculos dos ombros e das pernas. E quando Clydach começou a enfaixar o ferido, suas forças a traíram. Sem dizer palavra, correu para a intimidade da entrada da floresta e vomitou todo o almoço. Dobrada ao meio, não tinha consciência de nada, a não ser dos violentos espasmos que lhe sacudiam o corpo.

Quando por fim endireitou-se, tinha a garganta em fogo, mas a náusea havia passado. Voltou-se e viu Clydach próximo a ela, com uma bacia de água nas mãos.

— Vai se sentir melhor depois de ter-se lavado.

Ela olhou para as mãos sujas de sangue e abanou a cabeça.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Acho que nunca mais em minha vida vou me sentir limpa! Porém, quando terminou, estava bem melhor.

— Ele vai viver? — perguntou a Clydach.

— Fiz tudo o que era possível. Mas... Não acredito que ele passe desta noite.

— Então foi tudo inútil? — gritou, com os olhos cheios de lágrimas.

— Nós lhe demos uma oportunidade, uma esperança. Isso conta muito!

Quando voltaram para junto da fogueira, Clydach pôs-se a arrumar a caixa de instrumentos, observando Livia com profundo interesse. Protegera-a a princípio porque sabia que ela seria de seu filho. E sentira ternura porque a jovem estava evidentemente aterrorizada com os homens que haviam destruído seu mundo. Mas, nesse dia, ela demonstrara ser muito mais do que uma patricinha mimada. Mostrara possuir uma fibra e uma força interior que poucas mulheres possuíam. E vê-la com aquelas correntes era uma afronta que não podia suportar!

Ao voltarem para o acampamento, Livia teve um vislumbre repentino de um manto branco flutuando à beira da floresta e diminuiu instintivamente o passo. Era Rhys que, à fraca luz crepuscular, conversava animadamente com dois guerreiros; a pouca distância deles, algumas pessoas amarradas em troncos de árvores gemiam.

Chocada, Livia estacou subitamente. Rhys arranjara novas vítimas para sacrificar à sua deusa. Vítimas romanas!

— Vamos, Livia — chamou-a Clydach.

Ela se voltou, pálida.

— Devem estar feridos! Você os examinou?

— Livia...

— Você os examinou? — repetiu ela, incisiva.

— Não. Rhys não permitiria.

— Tentou ao menos?

Os olhos do druida arderam de indignação.

— Sou médico, antes de tudo. Não posso ver ninguém sofrendo. Falei com Rhys, mas ele não quis que eu me aproximasse dos prisioneiros.

Livia deu um suspiro fundo.

— Desculpe, Clydach. Acha que Rhys vai recusar se eu pedir?

Antes que o druida pudesse impedi-la, ela se adiantou e caminhou na direção do grupo. A sua aproximação, um sorriso crispou os lábios do sacerdote.

— Então a pequena fugitiva voltou,.. Veio se juntar a seus compatriotas? — Ele sorriu docemente, mas seus pálidos olhos azuis expressavam o verdadeiro sentido de suas palavras.

Ela se armou de toda a sua coragem.

— Soube que há muitos feridos aqui. Queria tratar deles.

A risada que irrompeu da garganta de Rhys provocou-lhe um arrepio na espinha.

— Quer salvar suas vidas para que eu possa sacrificá-las depois? Uma idéia muito interessante...

Todo o sangue fugiu do rosto de Livia, Não pensara nisso. A calculada crueldade

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

de Rhys estava além de sua compreensão.

— Deixe-nos ver os prisioneiros.

A gentil voz de Clydach chegou até o sacerdote.

— Você também, druida? — ironizou Rhys. — Amoleceu com o passar dos anos e esqueceu os ensinamentos dos mais antigos? Volte a tratar dos icênios e deixe os romanos a meu cargo!

— Não posso. Aceito os sacrifícios humanos quando são feitos para honrar os deuses. Mas você, Rhys, se alegra com o sofrimento! — Clydach pegou Livia pelo braço. — Vamos ver os romanos.

Rhys postou-se diante dele com os braços abertos.

— Não vai a parte alguma. Os prisioneiros me pertencem! — Virou-se para os guerreiros e ordenou: — Agarrem a escrava e o velho druida e levem-nos de volta ao acampamento!

Os guardas hesitaram. Todos conheciam os poderes de Clydach. Dizia-se que ele podia matar uma pessoa usando apenas a força de sua mente. Pôr as mãos naquele druida era arriscar a vida! Preferível desobedecer Rhys!

— Covardes! — gritou o sacerdote, ao ver que os guardas se afastavam, temerosos. Depois, virando-se para Clydach, explodiu: — Examine esses romanos, mas lembre-se de que eles são meus! Quanto a você... — Ele tocou o rosto de Livia. — Juro que um dia será minha também.

Ela retesou-se, ao sentir o toque gelado da mão dele. Mas obrigou-se a permanecer imóvel até vê-lo embrenhar-se no meio da floresta.

Havia talvez uma centena de romanos, todos com as mãos e os pés amarrados, e o coração dela confrangeu-se ao vê-los tão feridos, fracos e assustados. Deu-lhes falsas esperanças de vida, enquanto ajudava Clydach a medicá-los, perguntando-se se era justo fazer isso. As mulheres, que temiam ser violadas, assegurou que não havia perigo de que isso ocorresse. O que não revelou, no entanto, foi que vítimas de sacrifícios não podiam ser usadas sexualmente, antes de comparecerem diante dos deuses.

Trabalharam sem parar e, quando o sol se pôs, continuaram a tarefa à luz das tochas trazidas pelos guardas, que, surpreendentemente, os haviam munido de água, vinagre e de panos para ataduras.

Completamente concentrada no ato de proporcionar alívio a seus compatriotas, Livia só ouviu a voz débil que a chamava pelo nome quando Clydach tocou-lhe o braço, chamando-a. Então, com o consentimento dele, pegou uma tocha e caminhou na direção de um grupo de prisioneiros que ainda não haviam examinado.

— Livia...

A voz era fraca, pouco mais do que um suspiro, mas ela a reconheceu imediatamente.

— Adrianus... Adrianus, o que fizeram com você? — perguntou, ajoelhando-se diante de uma forma escura amarrada a uma árvore.

— Prenderam-me... — Ele a fitou com olhos anuviados. — Você... Você não usou a

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

adaga. Queria tanto poupá-la dessa indignidade.

— Acalme-se, Adrianus. Vou buscar alguém que pode ajudá-lo. Livia afastou-se, rápida, e voltou momentos depois com Clydach.

— Veja — disse ela apontando para Adrianus. — Temos de soltá-lo. Caso contrário, não poderá examiná-lo direito.

— Livia... Não podemos...

Ela abriu a caixa procura das facas, com os olhos ardendo de mal contida indignação.

— Ele está ferido e temos de ajudá-lo!

Sem esperar resposta, ela pegou uma faca e cortou as cordas que prendiam Adrianus. Depois, tomou-lhe a mão entre as suas e a apertou afetuosamente.

— Adrianus... Este é Clydach, um médico. Ele irá ajudá-lo.

O druida ajoelhou-se ao lado do centurião e examinou-lhe o ferimento. Depois disse a Livia, na língua dos bretões:

— A ferida é profunda e está infeccionada.

— Então vamos limpá-la, colocar o unguento para desinfetar e enfaixá-lo. Voltarei amanhã para mudar o curativo — disse ela.

Clydach baixou a voz.

— Ele está com febre e deve estar sentindo muitas dores. Vou lhe ministrar uma dose de ópio.

— Está bem. Dê-lhe o ópio. Eu cuidarei dos ferimentos depois.

— Não sei, Livia...

— Se ele fosse icênio ou trinovante, você não hesitaria!

— Não se esqueça de que o destino do centurião está nas mãos de Rhys. E você sabe quais são as intenções dele!

Clydach baixou os olhos e encontrou os do romano fixos nele. Por um longo momento, os dois homens fitaram-se, trocando uma mensagem silenciosa.

— Deixe que o druida me dê o ópio, Livia — disse Adrianus por fim. — É o único modo que ele tem de me ajudar. E eu lhe agradeço por sua bondade.

Todas as forças abandonaram Livia quando ela percebeu não só que Adrianus entendia a língua dos bretões, mas que concordava com o destino que Clydach lhe oferecia.

— Eu mesma faço isso — disse ela ao druida, após alguns momentos de reflexão.

— Gostaria de ficar um instante a sós com Adrianus.

Clydach mediu a dose de ópio, colocou-a na tigela com um pouco de água e então afastou-se sem dizer nada. Quando ele ficou fora de vista, Livia abriu a caixa e pôs-se a preparar a mistura de ervas e musgo destinada a combater a infecção.

— Vou achar um jeito de livrá-lo, Adrianus — prometeu ela, enquanto aplicava o medicamento. — Sua vida não será sacrificada.

— Não há outra saída para mim a não ser a morte. Deixe-me ao menos a dignidade de escolher a maneira.

— Você não vai morrer! Não pelo ópio, e muito menos pelas mãos de Rhys.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Apesar das dores que sentia, Adrianus sorriu.

— Como vai conseguir isso? Você não está em condições de ajudar nem a si mesma...

— Não sou uma prisioneira como as outras, Adrianus. Gozo de alguma liberdade. Ele a agarrou pelo pulso.

— Explique-se, Livia.

— O guerreiro a quem pertencia em Venta Icenorum encontrou-me, novamente. O druida é pai dele.

— E você significa tanto para esse guerreiro que ele estaria disposto a ajudar-me para agradá-la? Pelos deuses, Livia, quer que eu aceite um favor nessas condições? Poupe-me a honra ao menos!

— Honra... Honra! De que servirá isso quando estiver morto?

Livia protegeu o curativo com um retângulo de pano e depois começou a enfaixar-lhe o peito com uma tira de linho.

— Não, Adrianus. Perdi todos os meus entes queridos e não vou permitir que você morra. — Ela pegou a vasilha com a mistura de ópio e levou-a aos lábios dele. — Apenas um gole.

Ele obedeceu sem protestar.

— Comeu alguma coisa?

— Deram-me algum alimento à tarde.

— Amanhã eu lhe trarei o que puder.

Livia levantou-se e chamou um dos guardas.

— Pode amarrá-lo, mas faça isso com cuidado, mantendo os braços para frente.

Enquanto o icênio cumpria suas instruções, ela empilhou alguns ramos perto de Adrianus e os acendeu com a tocha.

— Isso vai esquentá-lo durante a noite. E não fique zangado comigo, Adrianus. Quero apenas que tenha a oportunidade de realizar o seu sonho.

O ópio começou a fazer efeito, e Adrianus sorriu..

— Eu sei quais são as intenções daquele sacerdote vestido de branco. De que modo vai me livrar disso, pequena Livia?

Livia continuou a acariciar-lhe o rosto até vê-lo adormecido. Quando Clydach chegou para buscá-la, acompanhou-o obedientemente. Durante o percurso até o acampamento, pensava num meio de livrar o centurião das garras de Rhys. Cedric era o seu primeiro acesso. Ela lhe imploraria, se ajoelharia a seus pés, faria qualquer coisa, se ele mostrasse alguma disposição de ajudar Adrianus!

Com todas essas divagações na cabeça, mal notou que Heall, Artair e Edith estavam reunidos diante da fogueira. Toda a sua atenção concentrou-se em Cedric, que a fitava severamente.

— Onde esteve? — perguntou ele de modo rude.

— Livia estava comigo — interpôs-se Clydach. — Precisei dela para atender a meus pacientes.

Um músculo do maxilar de Cedric tremeu.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Quantas vezes tenho de lembrá-lo que ela não é livre para andar por aí a seu bel-prazer?

— Peço desculpas. Mas não imaginei que você fosse irritar-se só porque ela me ajudou a medicar os feridos.

— Teve sorte, druida. Ela podia ter enfiado a faca no coração de alguém.

Lívia estremeceu com o insulto, mas ficou calada. Não queria arriscar-se a sofrer novas humilhações diante de todos.

Edith riu sonoramente.

— Por que não a manda para Rhys?

Artair acompanhou a sua risada.

— O que ele iria fazer com uma mulher? Sua paixão está reservada a deusa Morrigan. Se quiser, Cedric, eu me encarrego dela. Lívia poderá esquentar minha cama nas noites frias.

Mal as palavras lhe saíram da boca, Heall o esbofeteou tão fortemente com o dorso da mão que o fez perder o equilíbrio.

Artair levantou-se, enxugando o sangue que lhe escorria do canto da boca, e resmungou:

— A rainha disse que não quer ver ninguém brigando.

Heall encolheu os ombros.

— Quem foi que disse que brigamos? Eu estava apenas dando a meu filho a lição que ele merecia. — O velho guerreiro olhou-o severamente. — Lívia pertence a Cedric, não esqueça. E agora sente-se e tome seu hidromel.

Perplexa, Lívia olhou de Heall para Artair e só então notou a semelhança que havia entre os dois. Agora compreendia as razões do ciúme que o jovem nutria por Cedric. Os dois haviam sido criados como irmãos, e era natural que houvesse uma certa rivalidade entre eles.

— Preciso me lavar — disse ela suavemente a Cedric — Tenho a sua permissão?

Ele assentiu mudamente. Enquanto ela desaparecia atrás da tenda, notou seus cabelos desgrehados e sua estola suja de sangue. Lívia parecia exausta. Precisava mais de conforto do que de um bom banho! Mas dominou-se: ela não iria conquistar a sua simpatia!

Lívia encheu dois baldes de água e, depois de um momento de hesitação, tirou a estola e a túnica. Não havia ninguém por perto. E mesmo que alguém a visse não iria certamente embarçar-se com sua nudez. Os celtas não eram dados a certos tipos de pudor!

A água estava deliciosamente fria e espalhou-se por seu corpo exausto como um bálsamo tranquilizador. Pode sentir a tensão abandonar seus músculos. Quando terminou o banho, tinha certeza de estar bem limpa. Para finalizar, jogou água sobre os seios e os ombros. A seguir, valendo-se do outro balde de água, lavou o rosto e os cabelos.

Despejou a água usada e voltou a encher os baldes para lavar a estola e a túnica. Depois estendeu-as sobre um arbusto para secar. Só então lhe ocorreu que não tinha

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

nada para vestir. Não podia entrar na tenda porque teria de passar forçosamente diante da fogueira onde Cedric e seus amigos estavam reunidos. Não tinha outro remédio senão esperar que todos fossem embora.

Cedric ouvia a conversa que girava em torno do êxito do assalto e da subsequente pilhagem com o espírito longe. Clydach tinha ido embora, e quando Artair e Edith dispuseram-se a seguir-lhe o exemplo, respirou de alívio.

Estava vagamente inquieto. Ouvira o barulho da água, quando Lívia se banhava, e o ruído das correntes. Mas os sons haviam cessado logo depois e ela ainda não voltara para junto dos outros. Estava ainda imerso nessas reflexões quando um pacote caiu-lhe no colo. Ergueu os olhos e viu Clydach parado diante dele.

— O que é isso?

— Algo para Lívia — explicou o druida.

Cedric fez um gesto de enfado e abriu o pacote. Ao ver que continha um pedaço de queijo e uma grossa fatia de pão, ele sacudiu a cabeça, exasperado.

— Eu cuido do que é meu, druida!

Heall levantou-se e colocou-se ao lado de Clydach.

— Lívia não está acostumada com a sua comida.

— E nunca se acostumará, se vocês continuarem a mimá-la.

Clydach olhou-o com severidade.

— Ela não tem nada no estômago. Sentiu-se mal durante uma operação. Não vai querer que ela morra de fome!

— Claro que não. Mas vou dar um conselho a vocês dois: não tratem Lívia com tanto carinho.

— Ela me ajudou muito hoje — insistiu Clydach. — Por que não experimenta ser amável com ela ao menos uma vez?

— Quando fui amável, ela pagou minha gentileza com traição. — Cedric olhou para Heall. — Você entende o meu comportamento, não entende?

Heall afagou a barba prateada e depois sacudiu a cabeça.

— Ela é uma criatura gentil. Mas está confusa e assustada com a violência que presenciou.

Cedric riu asperamente.

— Gentil? Tentou enfiar-me uma adaga no coração uma vez, e na outra golpeou-me com uma pá. Eu não a chamaria de gentil.

— Ela está lutando por sua vida. Por que não quer enxergar isso? — perguntou Heall com ardor. — Você a tiranizou desde o primeiro instante e continua a fazer isso. E loucura! Veja só o que ganhou até agora! Pense, Cedric... Lívia ajudou Clydach a cuidar do nosso povo. Isso prova que ela sabe retribuir, quando é tratada com bondade.

— Isso prova que Lívia quer salvar a própria pele! Não podemos nos esquecer de que ela é nossa inimiga. — Cedric controlou-se com esforço. — E agora vá, meu amigo.

Quando Heall partiu com Clydach, ele se ajoelhou para apagar a fogueira. Ao ouvir um leve ruído de correntes, virou-se e viu Lívia o espiando cautelosamente atrás

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

da tenda.

— Ainda não se cansou de brincar de esconde-esconde? — perguntou-lhe. — Leve a lanterna para a tenda.

Não houve resposta e ele insistiu:

— Você me ouviu?

— Cedric... Pode ir buscar uma manta para mim? Ele se levantou imediatamente.

— Já não lhe disse que seu lugar é na cama, a meu lado? Ainda não mudei de idéia!

— Eu me lembro e não quero desobedecê-lo. Mas...

— Mas?... — disse ele, caminhando na sua direção. — Está se negando a me obedecer?

Lívia recuou.

— Não, não! É que lavei minha estola e não tenho nada para vestir.

Cedric estacou paralisado pelo espanto e depois correu para ela.

— Pelos deuses, mulher! Perdeu o juízo? Seus lábios estão roxos!

Lívia parecia petrificada, com os braços colados ao corpo.

— Eu estou bem...

Ele não se deu ao trabalho de responder. Ergueu-a nos braços e a levou para a tenda. Uma vez no seu interior, jogou-a sobre as mantas de pele estendidas sobre a cama e saiu para pegar a lanterna e o pacote de Clydach.

— Havia cobertores no carroção. Por que não se cobriu com um deles?

— Não sabia. E, mesmo que soubesse, não tinha certeza se você iria gostar.

Ele a fitou com um olhar severo.

— Acha que quero vê-la congelada?

— Você disse que sou sua escrava. Estou me esforçando para ser obediente e comportar-me segundo suas regras.

Cedric ficou mudo. A armadilha voltava-se contra ele. Não sentia nenhuma satisfação em dominar uma criatura tão assustada, que não ousava cobrir sua nudez com um cobertor por medo de desgostá-lo. Isso lhe deixava um gosto amargo na boca. Gentilmente, colocou o embrulho de Clydach ao lado dela.

— Pão e queijo — explicou, enquanto se preparava para deitar-se.

Lívia abriu o pacote e partiu um pequeno pedaço de queijo.

— Foi muita bondade de sua parte, Cedric. Obrigada.

Ele resmungou:

— O presente é de Clydach.

Ela perdeu imediatamente a fome. Devia imaginar que Cedric não seria capaz de um ato gentil. Refez o pacote, colocou-o de lado e permaneceu quieta debaixo da manta.

— Tome.

Lívia ergueu os olhos. Cedric estava diante dela com uma túnica na mão.

— Vista isso. Vai aquecê-la por esta noite.

— Obrigada.

"Não me agradeça", quis dizer ele.

Aquela pequena feiticeira poderia dobrá-lo ao meio, se não tivesse cuidado. Hesitou, entre o desejo de castigá-la por ter fugido dele e o desejo de tomá-la nos braços e protegê-la da crueldade do mundo. Vê-la com os tornozelos acorrentados fazia-lhe fisicamente mal. Mas sabia que era o único meio de mantê-la sob sua tutela e garantir-lhe a segurança.

Apagou a lanterna e ouviu-a mover-se na escuridão, certamente vestindo a túnica. Lembranças começaram a aflorar de repente: visões do corpo dela colado ao seu, de suas mãos descobrindo-lhe as suaves curvas do seio... Para afugentá-las, fechou os olhos e tentou mergulhar no esquecimento vazio do sono.

— Cedric?...

— Que há?

— Preciso de um favor seu.

Cedric virou-se, subitamente curioso, mas não conseguiu divisar o rosto dela, à parca claridade que chegava do teto. No entanto, podia imaginá-la sentada no canto da cama, com os olhos de ametista arregalados, como se quisessem perscrutar a escuridão. Procurou-lhe a mão e apertou-a com gentileza.

— Diga.

Lívia animou-se.

— Rhys apoderou-se de alguns prisioneiros... Para usá-los nos sacrifícios.

— Você está a salvo, feiticeira — disse ele, chegando mais perto. — Rhys não lhe fará mal algum.

— Não receio por mim... Quando eu cheguei a Camulodunum, uma das pessoas que Rhys aprisionou tomou-me sob sua proteção, confortou-me e me deu abrigo. Você podia... Podia achar um modo de protegê-la também?

— Duvido que Rhys leve em consideração meu pedido. Clydach pode falar com ele. E, se não for atendido, terá possibilidade de pedir a intercessão da rainha.

— Clydach fará isso por você? — Perguntou Lívia, sentindo suas esperanças se renovarem.

Cedric esticou as pernas até encontrar as dela.

— Acredito que sim. Qual é o nome dessa pessoa?

— Adrianus Tarpeius. Ele está muito ferido, mas não lhe dará muito trabalho. Eu cuidarei dele.

Cedric enterrou os dedos no braço dela.

— Quem é ele?

— Adrianus era o primipulos da Vigésima Legião e comandante das forças que protegiam Camulodunum.

— Por que motivo encontra-se aqui? A Vigésima está em Mona!

— Adrianus quebrou a perna numa queda de cavalo e foi forçado a ficar para trás. Quando cheguei a Camulodunum, o guarda tomou-me por uma espiã icênia e mandou me prender. Adrianus libertou-me e tomou-me sob sua proteção. Ele foi muito bom para mim.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— E você pagou sua bondade dormindo com ele!

— Está enganado! Nenhum homem me tocou, a não ser...

Às palavras morreram-lhe na garganta quando Cedric a puxou para si brutalmente.

— Não minta! Primeiro eu, depois Adrianus... — Ele deu uma risada áspera. — O que não diria seu amado Lucius se soubesse o que aconteceu com sua pura noiva patrícia?

O insulto atingiu-a em cheio.

— Eu era pura, quando me tomou! Você sabe disso! E, afinal, que diferença faz, se dormi ou não com Adrianus? Sua própria gente não se ama livremente?

No mesmo instante, ela sentiu os polegares dele nas axilas e seus fortes dedos comprimindo-lhe as costas, esmagando-lhe os seios de encontro ao corpo. Sua boca desceu sobre os lábios dela, forçando a entrada para a língua. Quando Livia se aquietou, impotente para lutar contra sua fúria, ouviu-o dizer:

— Quer a verdade? Então vai tê-la! Você me foi dada, Livia. Não por Boadicea, mas pelos deuses, em sonhos. E o propósito dessa união é uma criança. Um filho que será concebido por nós dois. — Ele riu asperamente e a afastou de si com brutalidade. — Não, Livia! Não a tomarei até que não tenha a certeza de que você não carrega outra semente em seu ventre.

Um soluço quebrou-se na garganta dela, enquanto ele terminava:

— Agora você sabe o que eu quero de você: um filho, nada mais. E quando essa criança tiver nascido, você poderá escolher entre permanecer a meu lado ou voltar para o seu povo.

Paralisada de espanto, Livia não conseguia pensar em mais nada. As palavras de Cedric voltaram a ecoar em sua mente, a princípio quase sussurradas, depois gritadas, num alarido ensurdecedor.

Dera outro significado à ternura dele, mas agora sabia qual era o seu destino. Ele havia dado o primeiro passo para realizar a profecia. Tomara-lhe o corpo e o coração, mas, no seu sonho, não havia lugar para o amor. Ela era apenas o instrumento para a concepção de seu filho. Simplesmente isso.

CAPÍTULO VI

O dia despertou claro, trazendo de longe uma aragem pura que penetrava na tenda, impregnando-a com o cheiro dos bosques. Mas tanto Livia como Cedric pareciam insensíveis a isso: levantaram-se em tenso silêncio e se vestiram. Enquanto ele cuidou dos cavalos, ela preparou a refeição matinal.

Edith, Artair, Clydach e Heall reuniram-se a eles quase em seguida, mas Livia, absorta em pensamentos, permanecia alheia à conversa geral. Porém, quando o assunto girou em torno dos planos dos icênios para o assalto final do templo, ela voltou a si com um sobressalto.

— Usaremos flechas incendiárias para atear fogo ao teto do templo — estava dizendo Cedric. — Os romanos serão forçados a sair, se não quiserem morrer queimados. Dominado o foco de resistência, teremos todos os suprimentos disponíveis, reabasteceremos de água nossos barris e depois arrasaremos a cidade.

A mente de Livia girou num turbilhão. A visão que tivera do templo em chamas e dos mortos cobrindo as escadarias voltou-lhe à memória com força total e ela reconheceu, amargurada, que não se enganara e que nunca mais deveria duvidar de suas visões.

Não tomou conhecimento do resto da conversa. Retirou os pratos já servidos e pôs-se a lavá-los. Consumida em divagações, nem se deu conta do vulto alto que parara atrás dela. Por isso, deu um salto quando ouviu uma voz grave às suas costas.

— Trouxe isto para você. — Era Clydach, com uma caixa esculpida, versão menor daquela que ele carregava consigo no dia anterior.

Livia examinou o conteúdo, composto de pequenos potes de ungüentos e de saquinhos de ervas, e ergueu os olhos interrogativamente.

— E o ópio e as facas?

Clydach cruzou os braços, fazendo as mãos desaparecerem dentro das enormes mangas de seu manto.

— A seu tempo, Livia. Agora não.

Ela sorriu, irônica.

— Vou usá-las para curar, não para matar.

— Até que a tentação não se torne grande demais — Murmurou ele.

— Como posso ajudar os feridos, se não tiver os meios apropriados?

— A seu tempo — voltou a dizer Clydach. — Tem ainda muito que aprender. Depois, talvez...

— Quem você acha que eu iria matar, druida? Cedric, Heall... você?

— Não. Você mesma.

Ela percebeu que não adiantava insistir.

— Obrigada pelo presente, Clydach.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— É necessário mudar o curativo dos prisioneiros romanos — lembrou-a. — Eu não tenho tempo. Preciso cuidar de outros pacientes.

Lívia fitou-o com assombro.

— Está querendo dizer que eu... Acha que Cedric vai permitir?

— Falei com meu filho. Ele deu consentimento.

— Meus compatriotas vão se sentir confortados com minha presença.

Clydach franziu os cenhos. Lívia estava se referindo àquele homem que a olhara com tanta adoração, naturalmente. Havia algum perigo em permitir que os dois se encontrassem, mas mantê-los separados até que Rhys levasse Adrianus para o altar de sacrifício seria ainda pior.

E, pensando bem, que perigo poderia realmente haver? Os prisioneiros estavam bem guardados, e a própria Lívia dificilmente passaria despercebida. Embora desesperada para salvar seu amigo, duvidava que ela ousasse fazer outra coisa além de pedir Cedric ou a Heall que intercedessem por Adrianus.

Envolto nessas reflexões, retirou-se do acampamento. Mas quando parou para examinar seu primeiro paciente, teve de afastar um pensamento importuno: não devia ter feito vista grossa ao clamoroso estratagema empregado por Lívia na noite anterior.

Lívia terminou suas tarefas com o pensamento voltado para Adrianus. Pelo visto, os deuses estavam velando por ele! Dispunha de algum tempo para cuidar dele, e essa idéia a confortava.

Antes de partir, apanhou o embrulho de pão e queijo da tenda, pendurou a alça da caixa de medicamentos no ombro e caminhou para Cedric, que estava afiando a sua arma perto do fogo.

— Clydach disse que você me deu permissão para cuidar dos feridos.

— Ele disse?... — Cedric perguntou brandamente, de cabeça baixa.

— Mas você deu permissão, não foi?

Ele testou o fio da espada com o polegar, antes de colocá-la na bainha. Só então levantou os olhos.

— Espero que entenda de uma vez por todas que não vou intervir junto a Rhys, nem pedir a meu pai que faça isso.

Arrasada, Lívia fez que sim com a cabeça. Fervia por dentro, mas procurava aparentar calma.

— Então pode ir. Vou levar o carroção para abastecê-lo de água e suprimentos. Não precisa preocupar-se com a refeição do meio-dia. A rainha tenciona desfechar o ataque contra o templo a essa hora. Não estarei de volta antes do anoitecer.

— Mais vítimas para o sacrifício de Rhys? — perguntou ela, amarga.

A expressão de Cedric tornou-se sombria.

— Não sobrará ninguém. Os que não morrerem nas chamas morrerão pelas espadas de nossos guerreiros.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Lívia retirou-se do acampamento tão depressa quanto as correntes permitiam e atravessou rapidamente o campo icênio, que, agora, com a adesão de mais tribos às hostes de Boadicea, estendia-se a perder de vista.

Ao chegar à paliçada improvisada onde eram mantidos os prisioneiros, os guardas examinaram sua caixa de medicamentos, antes de deixá-la passar. Ficou satisfeita por Clydach ter lhe negado as facas. Certamente, seriam confiscadas.

Uma vez no recinto, caminhou até a árvore onde Adrianus estava amarrado, mas o encontrou dormindo. Um pouco de sangue manchava a atadura, porém preferiu esperar que ele despertasse, para então fazer-lhe o curativo.

Surpreendeu-se quando alguns guardas vieram supri-la de água e vinagre. Os guerreiros pareciam eufóricos! Conversavam animadamente entre si e comentavam o iminente ataque ao templo, mostrando-se ansiosos para tomar parte na investida final.

Enquanto ela fazia a ronda entre o grupo de romanos, oferecendo-lhes conforto físico e moral, observou que, um a um, eles iam se retirando do espaço cercado, até que apenas quatro homens permaneceram na vigilância.

Uma centelha de esperança brilhou em seu coração, e um plano começou a tomar forma em sua mente. Forçando-se a aparentar uma calma que não sentia, disse ao icênio que a acompanhava no giro:

— Falta apenas cuidar de um prisioneiro. Agradeço-lhe, mas não precisa ficar. Por que não vai tomar a refeição do meio-dia com seus companheiros?

Enquanto a seguia até o local onde deixara Adrianus, o homem observou:

— Rhys ordenou que nem você nem o druida ficassem sozinhos com o prisioneiro. Morreram muitos romanos na noite passada.

"O ópio que Clydach lhes ministrou!", pensou Lívia.

— Claro que morreram! — disse em voz alta. — Ficaram mais de um dia sem receber cuidados médicos!

— Sim, mas as ordens de Rhys são...

— Não quero que desobedeça as ordens do sacerdote. Fique, se quiser.

Depois de um instante de hesitação, o homem foi reunir-se a seus companheiros. Incapaz de agüentar por mais tempo a tensão que a dominava, Lívia deixou-se cair sentada ao lado de Adrianus. Tomou-lhe a mão entre as suas e fechou os olhos, esperando que as batidas de seu coração se acalmassem.

Quando sentiu uma leve pressão na mão, voltou a olhá-lo. Adrianus a olhava através das pálpebras semicerradas.

— Não devia ter voltado. — disse ele em voz baixa.

— Não podia deixá-lo aqui, sem nenhum conforto. Trouxe comida, ataduras... E um plano de fuga.

A boca exangue de Adrianus contraiu-se num sorriso fatigado.

— Você está doida.

— Acho que não.

Lívia passou-lhe o embrulho de pão e queijo e começou a alimentá-lo.

— Quero que vá, Lívia, e que não volte nunca mais. — disse ele entre um bocado

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

e outro.

— Será que você não entendeu? Tenho um plano que lhe permitirá escapar daqui.

— Ouvi e volto a dizer que é loucura. Os guardas nos matariam antes que déssemos o primeiro passo.

— Há apenas quatro guardas.

— Gente demais!

— Fique quieto e ouça: Os outros guardas foram à cidade para participar da tomada do templo. Os que ficaram, mais cedo ou mais tarde, irão seguir o exemplo de seus companheiros.

— Não importa. O campo icênio deve estar lotado, e não acredito que todos os guerreiros queiram ir à cidade. Como seria possível passarmos pelo meio deles sem sermos notados?

— Eu sei. Mas estarão todos tão entretidos em trocar opiniões sobre os acontecimentos que não notarão nossa presença.

— Não sei se terei forças para caminhar.

— Prefere ficar aqui, à espera de que Rhys o leve para o sacrifício? Deseja morrer num altar de pedra, como um animal? Eu estou lhe oferecendo uma esperança de vida, Adrianus! Nada pode ser pior do que o destino que nossos inimigos lhe reservaram!

— Seja razoável...

— Não quero ser razoável! — exclamou Livia com veemência. — Já assisti à destruição de duas cidades, acho que já chega! Não serei razoável enquanto você insistir em entregar sua vida sem lutar!

Adrianus encostou a cabeça na árvore e suspirou:

— Qual é seu plano?

Livia pôs-se a explicar excitadamente:

— Teremos uma boa oportunidade quando o ataque começar. O campo estará em rebuliço, com a maior parte dos guerreiros na cidade. Voltarei para buscá-lo nesse momento. — Ela fez uma pausa. — Terei de disfarçá-lo. Um manto... Algo que esconda seu ferimento.

Mediu-o de alto á baixo com os olhos: Adrianus era quase da mesma altura que Cedric.

— Conheço alguém de seu tamanho.

— E essa pessoa concordará em me emprestar seu manto?

Livia hesitou.

— Não exatamente. Mas isso não importa.

— O que fará, se os guardas permanecerem aqui?

— Acharei outro meio!

Ela falava com tamanho ardor que, contagiado, Adrianus capitulou.

— Está bem.

Aliviada, Livia começou a fazer o curativo. Parecia não haver infecção no ferimento. Limpou-o, aplicou uma nova mistura de ervas e musgo e depois enfaixou-o

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

com firmeza, esperando que isso evitasse o sangramento quando Adrianus se movimentasse.

— Precisa de ópio? Posso conseguir-lhe algum.

— Não, a droga me faria dormir. Nesse caso, como você se arrumaria?

Lívia desarmou-se e sucumbiu à ternura de seu olhar. Encostou a cabeça no seu ombro, permitindo-se, apenas por um momento, afastar as incertezas e os temores que a assaltavam.

— Quero vê-lo em liberdade. — sussurrou, pedindo intimamente a todos os deuses que ouvissem a sua prece.

De repente, sentiu Adrianus retesar-se e levantou a cabeça.

— Levante-se, Lívia. — A voz era cortante como uma chicotada.

Ela se levantou de um pulo e fitou Cedric. Os olhos azuis lançavam chispas de ódio. Deu um passo na direção dele, pensando num modo de aplacar-lhe a ira, mas, antes que pudesse falar, ele explodiu:

— Seu comportamento é inqualificável! Teria levado seu amado Lucius a tornar-se um assassino no primeiro mês do casamento!

Lívia engoliu a humilhação. Sabia que era inútil rebelar-se. Estava inteiramente à mercê daquele homem.

— Você... Você me deu permissão.

— Para curar os feridos, não para deitar-se com eles! — insultou-a ele.

— Eu não...

Cedric afastou-a para um lado e deu um passo na direção do centurião.

— Você é Adrianus?

Ele confirmou com a cabeça e fez força para levantar-se, mas suas forças não permitiram.

— Diga, primipilos, que vale mais: os prazeres que o corpo de Lívia lhe proporcionam ou sua vida?

Adrianus fitou-o, sem saber até onde o icênio queria chegar.

— Não sei dizer.

— Você causou muita impressão em Lívia. Ontem à noite ela chegou a implorar para que eu a ajudasse a libertá-lo. Quer saber o que me foi oferecido em troca?

Uma vela da têmpora de Adrianus pulsou, mas ele manteve seu sangue-frio.

— Está querendo saber se Lívia dormiu comigo, é isso?

Os dois homens fitaram-se longamente.

— Você a possuiu? — perguntou Cedric, por fim.

— Não tive essa sorte.

Cedric virou-se e, sem mais uma palavra, agarrou Lívia pelos ombros e a empurrou rudemente para frente.

— Centurião!

Diante do chamado, dito em tom de comando, Cedric estacou automaticamente e depois voltou-se.

— A legião deixou suas marcas — observou Adrianus. — Sua habilidade em

manejar o gládio o traiu. A que legião pertencia?

— Que importa? Isso foi há uma eternidade, num mundo diferente. — Cedric fez uma pausa, — Acredite, se tivesse poder para tanto, eu lhe entregaria a minha espada.

Adrianus acenou com a cabeça. Ambos eram versados no código da legião: preferível a morte à desonra.

— Temo que não teria forças para manejá-la, centurião.

O antagonismo que os dividia desvaneceu-se e, por um breve momento, os dois homens olharam-se com mútuo respeito. Num gesto quase automático, Cedric levou o punho fechado ao lado esquerdo do peito, depois voltou-se, arrastando Lívia consigo.

Perplexa, ela acompanhou-lhe tropeadamente os passos.

Quando chegaram ao acampamento, perguntou:

— Por que saudou Adrianus?

— Ele é um primipilus. Galgou todos os degraus da hierarquia militar e chegou ao topo por merecimento. Cuidou de seus homens e suportou a descortesia de oficiais cujo comissionamento foi conseguido a peso de ouro ou por algum favor político! -Sua voz quebrou-se, e ele fitou Lívia com impaciência. — Lutei com ele durante o assédio à muralha. Achei-o um oponente de valor. Julguei que tivesse morrido. Pena que lhe foi negada essa honra.

Ela juntou as duas mãos e disse com fervor:

— Entende agora por que quero ajudá-lo?

Cedric olhou-a e disse com fria precisão:

— Não vai se aproximar dele novamente!

— Cedric...

— Eu a proíbo! Ele já foi humilhado demais, entendeu? — Lívia tentou falar, mas os olhos de aço a fitaram de tal forma que não lhe permitiram abrir a boca.

— Vai ficar aqui. E se souber que me desobedeceu, eu... — Cedric deixou escapar uma torrente de pragas e foi embora.

Ela não se deixou intimidar pelas ameaças. Não iria permitir que Adrianus caísse nas mãos de Rhys. Já era quase meio-dia. O único momento em que teria a oportunidade de retirá-lo da paliçada.

Sem hesitar, rumou para o grupo de seis cavalos amarrados a certa distância do carroção e começou a examiná-los. Sua escolha recaiu num ruão castrado, que parecia mais dócil do que os demais. Adrianus não estava em condições de controlar um animal impetuoso.

Colocou-lhe o freio aa boca, acariciou-lhe gentilmente o focinho e depois levou-o para a parte traseira do carroção, onde o selou com um dos arreios de Cedric. Feito isso, amarrou-o e foi para a tenda.

A última coisa a fazer era providenciar o disfarce de Adrianus. Decidida, abriu a arca de Cedric e revirou-a até encontrar o que buscava: uma túnica de lã e um manto.

Dobrou as roupas e saiu para o campo com elas debaixo do braço. Como imaginava, encontrou-o em extrema agitação. Gente corria de um lado para o outro, e

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

guerreiros em grupos falavam excitadamente sobre a iminente queda do templo, fazendo planos para a pilhagem que se seguiria.

Quando parou ao lado de Adrianus, ele arregalou os olhos de espanto.

— Você?

Ela se inclinou para ele e o desamarrou.

— É hora de partir.

— Você é louca — disse ele, sentindo seu sangue pulsar novamente.

— Pode ser. E agora, deixe-me ajudá-lo a levantar-se e a vestir isso.

Lívia esperou que Adrianus despisse sua túnica manchada de sangue e depois ajudou-o a vestir o indumento limpo. Feito isso, colocou-lhe o manto sobre os ombros e amarrou-o com firmeza no pescoço. Por fim, apanhou a caixa de medicamentos e ajeitou-a nos ombros.

— Agora vamos. Os guardas foram embora, e os outros guerreiros estão ocupados com seus planos de pilhagem. Ninguém nos notará. — Ela passou gentilmente o braço pelo dele. — Apóie-se em mim, se sentir fraqueza.

Atravessaram o campo apinhado sem que nada sucedesse. Ao chegarem diante da tenda de Cedric, ela convidou:

— Entre, Adrianus. Deite-se um instante e espere por mim.

Adrianus deitou-se na cama de campanha e fechou os olhos, rendendo-se á exaustão. Acreditou ter cochilado porque, quando voltou a abri-los, encontrou Lívia ajoelhada a seu lado.

— Há um cavalo selado à sua espera, atrás da tenda. Trouxe comida e água para uma semana. É suficiente até você alcançar um lugar seguro?

Adrianus pensou um momento e assentiu.

— Iremos para o sul, rumo a Londinium. Os romanos precisam saber que Camulodunum foi arrasada. — Ele a olhou intensamente. — Você vai comigo, não vai?

Lívia ergueu a barra da estola e mostrou-lhe a corrente.

— Não poderia montar com isso. Mas, mesmo que pudesse, não iria.

— Por quê? — disse ele, cheio de angústia.

— Cedric iria atrás de mim e estaríamos ambos perdidos. Vá sozinho. Os icênios não notarão logo a sua ausência. Quando isso acontecer, pensarão que você morreu.

— Aquele sacerdote irá entender tudo e cairá em cima de você. Tem de vir comigo, Lívia!

Ela sufocou o medo que lhe revolveu as entranhas e respondeu em tom seguro:

— Cedric me protegerá.

Sabia que não era verdade. Quando Rhys descobrisse o papel que desempenhara na fuga de Adrianus, nem mesmo ele poderia protegê-la de sua fúria. Mas um breve momento debaixo da faca cruel de Rhys não era nada comparado à longa agonia de estar nos braços de Cedric, sabendo que o desejo dele era motivado apenas pela esperança de ter um filho.

Sufocou esses negros pensamentos e ergueu a túnica de Adrianus para examinar a atadura.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— O sangramento parou. O medicamento continuará a fazer efeito até você chegar a Londinium. Ah, mais uma coisa... — Ela enfiou a mão debaixo da cama e puxou a adaga para fora com um sorriso triunfante. — Tome. Poderá precisar disso.

— Cedric não a tomou de você?

— Ele não me examinou. Vamos, não temos tempo a perder. A esta hora, os icênios já devem ter incendiado o templo — disse Livia, precedendo-o até a parte posterior da tenda.

Quando Adrianus viu a montaria, sufocou um gemido:

— Ah, se o cavalo fosse menor...

— Não havia muito o que escolher. Mas este o servirá bem. — Beijou-o no rosto.

— Suba.

Ele descansou o braço na sela e olhou-a.

— Deve vir comigo, Livia...

— Você sabe que eu não posso, e conhece também os motivos. E agora vá, Adrianus, ou teremos perdido nossa única oportunidade.

Ele voltou a insistir, inconformado.

— Venha comigo.

Livia sacudiu a cabeça, enquanto lhe passava as rédeas.

— Atravesse o campo e contorne a cidade até chegar à via pavimentada. Cruze-a e embrenhe-se na floresta do lado oposto. Foi assim que cheguei a Camulodunum sem ser descoberta. — Um ar estampou-se em seus olhos. — Os deuses irão com você, Adrianus, e o livrarão do perigo.

— Livia... Eu imploro.

— Vá! — ordenou ela com voz desesperada, enquanto batia na anca do cavalo.

O animal lançou-se para frente. Adrianus demorou um instante para controlar a montaria e, quando conseguiu, olhou para trás. Mas não acenou. Era arriscado demais.

Livia ficou a olhá-lo, até que o viu desaparecer no meio da multidão jubilante. Voltou então, implorando a todos os deuses, que lhe desse forças para chegar a Londinium, e encontrou-se face a face com Heall.

Sentiu o sangue fugir-lhe do rosto e o coração bater desordenadamente. Quis dizer alguma coisa, mas nenhum som saiu de sua garganta e permaneceu imóvel, como se estivesse pregada ao solo.

— Você é uma criança doida — disse o guerreiro com severidade.

Livia engoliu em seco.

— O que vai fazer?

— O que eu devia ter feito era impedi-la, quando tive a oportunidade. — Heall abanou a cabeça, incrédulo. — Uma jovem com os tornozelos acorrentados e um prisioneiro ferido... Quem diria?

— Tinha de tentar...

— Como vai explicar a falta do cavalo a Cedric?

— Não tenho a menor idéia.

Ele riu baixinho.

— Uma coisa posso dizer: não lhe falta coragem, filha.

— Acha que ele pode ser apanhado?

— Hoje não. Você planejou tudo muito bem.

— Vai contar a Cedric?

— Não será necessário. Quando ele der por falta das roupas e do cavalo, irá entender tudo. Cedric não é nenhum idiota, Livia.

— Sei disso. — disse ela, deixando-se cair no chão. — Quanto às roupas, jurarei que não dei nada. Talvez ele se convença de que não as trouxe.

Heall afagou a barba, pensativo.

— Havia muita confusão quando deixamos Venta Icenorum... Sim, talvez Cedric se convença de que deixou o manto e a túnica para trás. Mas temos de resolver o problema do cavalo.

Ela o fitou, perplexa.

— Você é amigo de Cedric... Não pensei que fosse...

— Capaz de traí-lo — completou Heall.

— Iria trair Cedric, Boadicea... E Rhys. Por que deveria me ajudar?

Heall sentou-se ao lado dela.

— Fale-me desse homem. O que ele significa para você?

A pergunta foi feita com tanta gentileza que Livia viu-se contando toda a história de seu relacionamento com Adrianus.

— A amizade é um presente raro — observou Heall, quando ela terminou. — Por que não foi com ele?

— Cedric nos seguiria, e estão Adrianus estaria perdido. Além do mais, não posso montar a cavalo com estas correntes.

"É a verdade", pensou Heall, levantando-se. "Mas não toda".

— Aonde vai? — perguntou Livia, alarmada. Ele sorriu.

— Confie em mim.

Livia acenou com a cabeça e olhou distraidamente para o céu. Nuvens densas de fumo cinzento, orladas de uma sinistra espuma amarela, chegavam ao acampamento, impelidas pelo vento. Os icênios estavam incendiando Camulodunum.

Duas cidades destruídas... Quando se aplacaria a sede de vingança de Boadicea? Não havia resposta para isso, e Livia voltou a pensar em Adrianus. Precisava acreditar que ele chegaria a Londinium e que tomaria o navio para Roma a fim de realizar o seu sonho!

Seus olhos se fecharam. A excitação do dia aliada à exaustão de uma noite mal dormida levaram a melhor. Cansada demais para voltar à tenda, ela se deitou no relvado e adormeceu.

Quando acordou, já era noite. Cedric estava a dois passos dela e a fitava com ar enigmático. Sentiu um calor às suas costas e voltou-se. A fogueira estava acesa, e a carne assava nos espetos.

Livia pôs-se de pé de um salto.

— Desculpe... — balbuciou. — Sei que é minha responsabilidade acender o fogo,

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

mas peguei no sono e...

— Não a estou censurando — disse ele brandamente. — Há pão e vinho no carroção. Apronte tudo enquanto eu vou tratar dos cavalos.

Aturdida, ela foi à procura da ânfora de vinho e do pão. Suas mãos tremiam. A qualquer momento, Cedric descobriria a falta do cavalo e voltaria feito uma fúria. Poderia alegar ignorância, mas, como explicar o sumiço dos arreios? Ele os confiscara do estábulo imperial ainda na véspera!

Começou a preparar mentalmente a sua defesa, mesmo duvidando que Cedric fosse acreditar nela. Depois, pensando melhor, achou um absurdo. Afinal, por que deveria se importar tanto com a sua fúria? Não passava de uma escrava, a companheira de cama que os deuses lhe tinham enviado!

Quando Cedric voltou para junto da fogueira, encontrou-a imersa em pensamentos.

"Só os deuses sabem o que ela está tramando", pensou ele com um suspiro.

— Vou lhe mostrar a melhor maneira de fazer bolos de trigo — disse com gentileza, no intuito de conquistar a sua simpatia.

Mas a tensão dela crescia na proporção direta dos esforços que ele fazia para acalmá-la. Perdendo finalmente a paciência, explodiu:

— Pelos deuses, mulher! Por que está tão aflita?

Ela abanou a cabeça, incapaz de falar. Claro que estava nervosa! Não era essa a intenção dele? Se não, por que não a interrogava, não a acusava? Sem dúvida, pretendia que se ajoelhasse a seus pés e confessasse a culpa!

Ergueu a cabeça e o enfrentou com altivez.

— Quer que lhe prepare bolos de trigo em todas as refeições, senhor?

Os olhos de Cedric estreitaram-se perigosamente.

— Quando souber fazê-los! Tinha idéia de que "todas" as romanas fossem versadas na arte de cozinhar.

— Devia ter pensado nisso antes de tomar-me como escrava, senhor.

Um lampejo de ira brilhou nos olhos dele.

— Afinal, não é sua habilidade culinária que me interessa!

— Sei muito bem o que quer! Uma mulher que lhe satisfaça as necessidades. E acho seus meios de obter isso baixos e repulsivos!

Heall e Artair, que chegavam ao acampamento sem ser pressentidos, tiveram tempo de ouvir as últimas palavras de Livia. O velho guerreiro sufocou uma risada, mas seu filho ficou pálido e deu um passo na direção dos dois. Heall segurou-o pelo braço.

— Não faça isso — disse-lhe em voz baixa. — Deixe que resolvam suas diferenças sozinhos.

— Repulsivos! — acabava de repetir Cedric com zombaria. — Parece que você gostou deles, naquele dia do banho!

— Somente por causa de sua força bruta. Se resistisse, teria me violado!

Cedric respirava com tanta dificuldade que Livia pôde ouvir um leve sibilar. A claridade das fogueiras, viu seus olhos chamejarem.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Não a tomei à força. E você sabe disso!

Lívia emudeceu. A acusação, dita de modo nada agradável, era verdadeira. Porém, não quis dar o braço a torcer e respondeu em tom veemente:

— Sei que você é insensível e grosseiro. Isso sim!

Ele a agarrou bruscamente pelos ombros.

— Deixe de conversa! Você sentiu tanto prazer quanto eu.

— E mentira! E nunca mais irei livremente para a cama com você! Nem que me peça de joelhos!

— Chega! E melhor calar-se, ou então não respondo por mim!

— Não mesmo? Vai me bater e provar que, além de tudo, é um bruto?

Ela se debateu furiosamente, mas os braços atléticos de Cedric envolveram-na com firmeza, bloqueando seus movimentos. E, no momento em que seus lábios tornaram-lhe a boca, uma grande sensação de abandono tomou conta dela, anulando qualquer possibilidade de resistência.

Mas, mesmo com os sentidos tomados pela felicidade do momento, chegaram-lhe à lembrança os verdadeiros objetivos de Cedric. Ele queria apenas uma mulher que lhe desse um filho. Foi esse pensamento que lhe deu forças para colocar as duas mãos no seu peito e empurrá-lo.

Cedric deixou-a ir. Não era de seu feitio tomar uma mulher força. Mas por que ela o desafiava até fazê-lo perder a razão?

Heall aproveitou a trégua e aproximou-se, seguido de Artair.

— Antes de começarem a discutir novamente, acho melhor tirar a carne do fogo.

Cedric voltou à realidade com um estremecimento. O que aqueles dois tinham realmente ouvido? Heall o estudava com ar divertido, mas a expressão de Artair era francamente reprovadora.

— Trouxe sua sela de volta — disse o jovem.

— Quê?

— Lívia não lhe contou? Tomei-a emprestada esta tarde.

— Não! — disse Cedric, voltando-se para ela com ar duro.

Artair deu de ombros e caminhou até o carroção, onde colocou a sela que levava pendurada no ombro. Quando voltou, Lívia olhou para ele e depois para Cedric e abriu a boca para protestar. Mas, a um sinal de Heall, entendeu o que devia dizer:

— Esqueci de avisá-lo, Cedric.

— Não gostei muito dessa sela romana — disse Artair com naturalidade. — As nossas são mais leves e superiores.

Ele tirou a adaga do cinturão e a espetou no assado.

— Podemos comer ou querem deixá-la queimar?

Cedric enrubesceu. Tirou a carne do fogo, cortou-a em fatias e foi colocação nos pratos que Lívia providenciara.

— Na próxima vez que precisar de algo meu, Artair, peça permissão antes. Está bem? — disse ele, ainda ressentido.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

O jovem tomou o prato das mãos de Livia e piscou para ela.

— Está bem.

— Você contou tudo a Artair. — disse ela baixinho, quando chegou a vez de servir Heall.

— Tinha de dizer. Ele se privou de sua sela para ajudá-la.

— E o cavalo?

— Coloquei um dos meus no lugar do ruão. É uma égua, infelizmente, mas de cor idêntica.

Ainda abalada, Livia pegou seu prato e afastou-se dos outros. Quando Clydach chegou, fez menção de levantar-se para servi-lo, mas ele a deteve com um gesto. Ela debruçou-se então sobre o seu pedaço de carne, de gosto muito forte para o seu paladar, e pôs-se a comê-la, disfarçando com bocados de bolo de trigo cobertos de mel.

Só na hora de servir o vinho, foi que notou a falta de uma pessoa. Onde estaria a loira guerreira Edith? Em resposta à sua muda interrogação, a jovem materializou-se das sombras, seguida de Rhys e seu grupo de guerreiros. Um nó contraiu-lhe o estômago, ao ver o sacerdote caminhar para Clydach. Inconscientemente, chegou mais perto e postou-se a pequena distância dos dois.

— Que foi que fez com ele, Clydach? — estava dizendo Rhys, com voz suave, quase gentil.

Clydach acabou de engolir um pedaço de bolo de trigo e ergueu os olhos.

— Com quem, Rhys?

— Meu prisioneiro, minha dádiva especial à deusa. Para onde o levou?

— Você apoderou-se de todos os prisioneiros. Não sabia que um deles era mais importante do que os outros.

— Não minta, velho! A própria rainha irá participar das cerimônias desta noite. Em seu lugar, eu não ousaria tirar o brilho da solenidade.

Diante daquela ameaça velada, Cedric e Artair levantaram-se e ficaram a alguma distância dos dois druidas com as mãos no punho de suas espadas,

Rhys olhou por cima do ombro e mostrou os dentes alvos num sorriso de lobo.

— Isso não é assunto para você, Cedric.

— Clydach é meu pai. E você? O que veio fazer aqui?

O outro olhou-o com insolência.

— Quem é você para me dar ordens? Alguém que zomba de nossos deuses, que os nega, não...

— Não duvido dos deuses — interrompeu-o Cedric. — Apenas de seus servos.

— Seu nobre pai, que é treinado na arte de curar, deixou morrer mais da metade de meus prisioneiros.

— Você não me deixou tratá-los a tempo, lembra-se? — disse Clydach. — E, afinal, por que veio aqui com seus guardas? Está me acusando de ter causado propositadamente a morte dos romanos?

Rhys sacudiu a cabeça e, por um momento, o sol refletiu-se nos seus cabelos

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

loiros, fazendo-o parecer um deus vingador.

— Eu me importo apenas com um dos prisioneiros. O centurião. Aquele que você e a escrava de Cedric medicaram.

Clydach levantou-se impetuosamente.

— Ele não está aqui. Não o vejo desde ontem à noite.

— Você, não. Mas ela esteve com ele — afirmou Rhys, apontando um dedo acusador para Livia.

Ele a fitava intensamente, e seus olhos e sua voz invadiram a mente dela, roubando-lhe a capacidade de pensar. Como em sonho, ela se ouviu confirmando:

— Cuidei de seus ferimentos...

— Onde está o soldado, Livia? — indagou o druida vestido de branco, com voz sedosa, enquanto chegava mais perto dela.

Fascinada, Livia olhou para os olhos de esmeralda que queimavam como uma chama eterna. No último instante, uma parte de sua mente reagiu, avisando-a: "Não diga nada!"

— Eu... Eu não sei.

Cedric interpôs-se entre os dois.

— Deixe-a, Rhys. Livia não sabe nada.

Obrigada pela barreira dos amplos ombros dele, ela voltou a si. Qual era o poder que Rhys tinha de transformá-la num objeto sem vontade própria?

— Não interfira! O homem era meu prisioneiro. Tenho todo o direito de interrogá-la. — disse o sacerdote.

Edith apoiou-o,

— A própria Livia confirmou que o viu! E os guardas afirmaram que a deixaram entrar na paliçada esta manhã.

— Seus guardas não lhe disseram que eu estava com ela? Livia voltou comigo para o acampamento.

Edith o olhou com ar de surpresa, e ele sorriu, triunfante.

— Pelo visto, não disseram nada.

Rhys não se deu por vencido

— Mas ela voltou mais tarde. Um dos prisioneiros jura que a escrava voltou e levou o centurião embora.

Para surpresa de todos, Cedric lançou a cabeça para trás e pôs-se a rir.

— Como ela poderia fazer isso? Com alguma magia que a tornasse invisível aos olhos dos guardas?

O sacerdote retesou-se, e sua voz perdeu o tom melodioso.

— Os guardas não estavam mais lá. Tinham ido à cidade.

Cedric voltou a rir, e Artair acompanhou-o na risada.

— Então, sua única testemunha é um prisioneiro! O que você faria no lugar dele, Rhys, se vislumbrasse um meio de salvar sua vida? Não mentiria ao homem que tivesse sua vida nas mãos? Não, claro, você não mentiria! Você é superior!

A afável zombaria dele foi demais para Rhys, que disse altivamente:

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Não diria nada. Nem mesmo a verdade.

— Então, por que não vai embora e não deixa meu pai em paz?

— Seu pai privou-me de muitas vitimas. Não posso provar sua culpa, mas eu o conheço e sei que ele quis ser misericordioso — disse Rhys com um sorriso sardônico.

— Parece que não é o seu caso — observou Artair brandamente.

— Artair... — murmurou Edith, chocada.

Ele deu de ombros.

— Pelos deuses, Edith, não está cansada de ver sangue?

— Morrigan quer novos sacrifícios — disse Rhys por ela.

Mal as palavras lhe haviam saído da boca, Artair o interrompeu:

— Você quer novos sacrifícios! Não deixa a esses pobres prisioneiros nem ao menos o consolo de uma morte honrada!

O sacerdote ignorou-o e voltou a insistir:

— Encontraram a túnica do centurião no lugar onde ele estava amarrado. Alguém o ajudou a fugir. Não acredito que foi Clydach ou outro icênio qualquer. — Olhou significativamente por cima do ombro de Cedric. — Apenas uma pessoa neste campo teria motivos para fazer isso.

Cedric pegou Livia pelo pulso e puxou-a para seu lado.

— Olhe-a, Rhys. Ela está usando correntes! Como poderia ajudar alguém?

— Só você não vê o que é claro para todos!

Cedric fitou Livia intensamente.

— Sabe onde está o primipulus?

Ela engoliu em seco.

— Não.

— Ajudou-o a fugir?

— Não.

— Olhe para mim! — gritou o sacerdote.

Livia lançou-lhe um olhar rápido e logo desviou a vista. Sabia agora que obedecê-lo era dar o primeiro passo para ficar subjugada pelo seu poder. Deteve os olhos em Clydach e viu a preocupação que seu rosto refletia. Também ele conhecia os perigos que ela estava correndo. Mais do que isso: sabia que era culpada!

— Darei as respostas que quiser — disse a Rhys. — Mas não a minha alma!

— Atrevida! — Gritou o sacerdote, fazendo um gesto para agarrá-la.

Num movimento rápido, Cedric desembainhou a espada e a encostou no peito de Rhys.

— Fique longe de Livia! Ela me foi dada pela rainha. Não se atreva a pôr as mãos numa dádiva real!

Livia olhou em torno e um nó contraiu-lhe o estômago. Heall e Artair haviam tomado o partido de Cedric, e os guardas de Rhys estavam com suas espadas desembainhadas. Mais sangue seria derramado, se não fizesse algo rapidamente.

— Não ajudei Adrianus a fugir! — gritou com toda a força de seus pulmões.

No pesado silêncio que se seguiu, ela pensou que ninguém a tivesse ouvido.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Não ajudei Adrianus. — voltou a dizer mais brandamente. — Cedric trouxe-me para cá e ordenou que eu não me afastasse do acampamento.

— E você não se afastou?

Maldito Rhys! Por que não aceitava a sua palavra? A súbita onda de raiva que a dominou deu-lhe forças para fitar o sacerdote com desdém.

— Acha que eu me atreveria a desobedecer as ordens de meu amo?

— Está satisfeito? — perguntou Cedric.

Fazendo pouco de sua espada, Rhys inclinou-se tanto para Livia que ela pôde sentir-lhe a respiração ardente no rosto.

— Você venceu desta vez, escrava. Mas, na próxima, eu a levarei para a cama de Morrigan!

Dito isso, ele fez um gesto a seus guardas e desapareceu nas sombras da noite.

Levou algum tempo para que os três homens relaxassem. Quando isso aconteceu, Cedric apertou com força o braço de Artair.

— Obrigado. Mas não devia ter atraído a cólera de Rhys sobre a sua cabeça.

Artair fitou as chamas.

— Estou cansado de ver sangue. Um dos homens que matei hoje, um civil, jamais havia empunhado uma arma em sua vida. Quase tropeçou, quando avançou para mim. Tive de fazer força para me lembrar de que ele representava uma ameaça.

— Você fez o que era certo — disse Edith, atraindo a atenção de todos. — Já se esqueceu dos ultrajes cometidos contra nosso povo e contra a nossa rainha?

— Tem razão, Edith — disse Heall, conciliador. — Mas isso não torna a tarefa mais fácil.

Edith voltou-se para Cedric.

— Você pensa como eles?

— Não sinto prazer em matar, como seu irmão. Sirvo minha rainha e minha pátria e espero que essa destruição termine logo. Um dia, quando estiver cansada da luta e do cheiro fétido da morte, você me entenderá.

— Nunca! — declarou Edith, com os olhos cintilando. — Só quando Albion for novamente nossa me sentirei verdadeiramente livre!

Quando a guerreira foi embora, Livia sentiu-se tão mal que lhe faltou forças até para segurar a ânfora de vinho que estava levando de volta à carroça. O recipiente teria caído se duas mãos não tivessem aparecido para sustentá-lo. Ela reconheceu os dedos longos e fortes de Cedric e os braceletes que ele usava nos pulsos e ergueu os olhos.

— Rhys não irá importuná-la mais. Não se preocupe — ouviu-o dizer.

Um som parecido com um soluço escapou-lhe da garganta. Afastou-se dele para recolher os pratos servidos e viu-se frente a frente com Artair.

— As acusações de Rhys serão logo esquecidas. Não pense mais nisso. — disse o jovem.

— Quero agradecer-lhe pelo que fez. Você e seu pai correram um grande risco. Ele confirmou com a cabeça, pensativamente.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Traímos nossa rainha e nosso amigo.

De súbito, ela compreendeu claramente o que fizera e balbuciou:

— Não pedi a ajuda de ninguém.

— Não podíamos deixá-la entregue à fúria de Cedric ou ao sadismo de Rhys.

— Mas você não é responsável por mim!

Artair fitou-a como se nunca a tivesse visto antes.

— É bom você ter mais cuidado — disse ele com brandura. — Na próxima vez, poderá não ter tanta sorte.

Lívia abafou um soluço e fugiu para a tenda, sentindo na consciência o peso de ter colocado os três homens numa posição delicada.

Ao entrar, viu Cedric parado diante da arca, com uma expressão sombria estampada no rosto, e sentiu o sangue gelar em suas veias.

— Onde esteve hoje? — perguntou ele com voz dura.

— Você ouviu o que eu disse a Rhys. Não saí daqui.

— Permaneceu no acampamento o dia todo?

— Sim.

— Não saiu nem uma só vez?

— Bem... Saí, mas apenas por alguns instantes — gaguejou ela, diante de sua insistência.

— Para fazer o quê?

— Fui dar uma volta para relaxar. Estava muito tensa.

Cedric abaixou-se e apanhou da arca um objeto que atirou aos pés dela.

— Reconhece isto? Ela empalideceu.

— É a caixa que seu pai me deu.

— Como veio parar aqui? Você a levou consigo esta manhã, quando foi ver os feridos. Lembro-me perfeitamente de tê-la visto perto de Adrianus.

— Mas...

— Mas o quê? Não estava com ela quando voltamos ao acampamento. Não lhe dei tempo para apanhá-la.

Era uma constatação, não uma pergunta, e Lívia abaixou a cabeça. A linda caixa que jazia a seus pés era uma prova eloquente de sua culpa.

— Você me traiu, como sempre!

— Não tive outra escolha, Cedric...

Mal as palavras lhe saíram da boca, Cedric esbofeteou-a tão duramente que a fez perder o equilíbrio e cair. Quase de rastos, com os braços à altura do rosto para aparar outros golpes, ela se ergueu.

— Onde está ele? — rugiu Cedric.

— Partiu.

— Quando?

— Por volta do meio-dia. Disfarcei-o com a sua túnica e o seu manto.

— Que mais?

— Dei-lhe algum alimento.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Só isso?

Lívia ficou calada. Não podia revelar toda a verdade para não comprometer Heall e Artair.

Com uma rapidez que a surpreendeu, ele a tomou nos braços e a apertou contra o peito com uma ânsia que beirava o desespero.

— Você podia ter ido com ele! Por que não foi?

— Tinha medo de que você nos seguisse.

Numa reação inesperada e repentina, ele a soltou bruscamente e caminhou para o fundo da tenda.

Lívia olhou-o, tensa e imóvel.

— O que vai fazer comigo?

— Devia entregá-la a Rhys, que é o que você merece. Não farei isso, mas vou lhe dar a punição que pediu.

Desalentada, ela deixou cair os braços.

— Faça comigo o que bem quiser.

— Você arriscou a vida para salvá-lo. Roubou a mim por "ele"! Por quê?

— Adrianus não tinha mais ninguém para ajudá-la

— E você tem?

Cedric jogou a cabeça para trás e riu asperamente:

— De agora em diante, vai ver o que significa estar completamente sem proteção!

CAPÍTULO VII

O dia amanheceu frio, com um branco manto de neblina envolvendo os campos. Apenas sons abafados e formas, sem elo visível, surgiam do nevoeiro gelado, mexiam-se, desapareciam. Lívia estendeu friorentamente as mãos para o fogo e observou Cedric selar seu garanhão dourado. Ele usava um comprido manto azul e parecia imune ao frio que gelava até os ossos. Mas ela, que não dispunha de tal luxo, estremecia todas as vezes que uma rajada mais violenta do que as outras arremessava-se pelo acampamento.

A partir da infeliz discussão que haviam tido três dias antes, um muro erguera-se entre eles. A conversa limitava-se às ordens que Cedric lhe dava e dos monossílabos que constituíam a sua resposta. Ele não se importava mais em ensiná-la a cozinhar e ignorava suas tentativas nesse sentido com a mesma suprema indiferença com que a ignorava na cama.

Na última vez em que Lívia quisera resolver essa questão, pedindo para armar outra cama, recebera como resposta um gélido "Por quê?". Em vista disso, ela não se atrevera a tocar no assunto novamente.

Agora, ele ia partir. Na parte posterior da carroça estava a bolsa de couro que ajudara a abastecer com carne-seca, bolos de aveia e cereais. Cedric iria conduzir dois mil guerreiros para o norte, com o intento de enfrentar as hostes da Nona Legião Hispânia, sob o comando de Petilius Cerealis, o enviado romano.

A ação fora decidida no dia anterior, quando os aliados do norte chegaram ao campo de Boadicea com a notícia de que forças da Nona haviam deixado o forte e estavam em marcha. O Conselho decidira romper a coluna romana. O grupo comandado por Cedric iria para o norte, enquanto o restante das forças icênias prosseguiria para o sul, rumo a Londinium.

Cedric fora um dos primeiros a se apresentar como voluntário, a despeito do grande perigo que a empresa envolvia, e Artair seguira seu exemplo. Clydach os acompanharia, ao passo que Heall continuaria com o grosso da tropa.

O contingente que ia para o sul não esperava encontrar nenhuma resistência. Informações trazidas pelas sentinelas avançadas, de volta ao campo, davam conta de que os civis romanos preferiam abandonar as colônias e as villas rurais, em vez de enfrentar os icênios. Nenhum tipo de combate era esperado até chegarem a Londinium.

Lívia acrescentou outro pedaço de madeira ao fogo e continuou a mexer o mingau de aveia. No dia anterior, Cedric ordenara-lhe que usasse os mantimentos com parcimônia. Mas ela não queria que os viajantes partissem sem fazer uma refeição decente. Os guerreiros iriam cavalgar durante dias, fazendo paradas ocasionais apenas quando suas montarias dessem sinais de cansaço. E essa poderia ser sua última

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

refeição quente.

Um a um, os companheiros de Cedric foram se materializando da neblina: Artair, Heall, Clydach, Edith. Enquanto os três homens pegavam suas tigelas e as taças de vinho quente temperado com especiarias que Lívia preparava, Edith abordou Cedric, francamente aborrecida.

— Por que tenho de ficar para trás? Monto a cavalo tão bem quanto vocês!

— A decisão foi de nosso chefe — respondeu ele. — Você é necessária aqui, Edith.

— Para quê? Para guiar o carroção?

Cedric confirmou com a cabeça.

— Temos duas carroças, Heall guiará uma delas e você a outra. Suprimentos são quase tão importantes quanto armas.

— Talvez. Mas não espere que eu leve a romana comigo. — disse a guerreira, olhando para Lívia com desdém.

Heall adiantou-se.

— Não se preocupe. Eu me encarregarei de Lívia.

— Isso é algo que precisamos discutir — disse Cedric com voz fria.

— Pode ficar tranquilo. Cuidarei dela como se fosse minha própria filha.

— É justamente isso que quero evitar! Lívia deve receber o tratamento reservado aos escravos.

Heall permaneceu calado, e ele continuou:

— Não precisa armar a tenda enquanto eu estiver ausente.

— Mas....

— Lívia pode dormir debaixo do carroção ou perto do fogo. Outra coisa, ela viajará a pé.

— Cedric! Você não pode...

— Ela precisa ser tratada como uma escrava, Heall! Não como uma princesa!

Heall resmungou alguma coisa e debruçou-se sobre sua tigela de mingau. O instinto lhe dizia que Cedric tivera conhecimento da participação de Lívia na fuga de Adrianus. Nesse caso, seu secreto e implacável rancor não ia passar tão cedo. De fato, segundos depois ouviu-o dizer:

— Quero que a acorrente ao carroção, durante a marcha. Não quero que ela tente fugir novamente.

Cedric olhou para Lívia com ar triunfante, mas a momentânea satisfação que sentiu desvaneceu-se, ao ver a expressão de sofrimento estampada no seu rosto pálido. Maldição! Como ela se atrevia a mostrar-se magoada, quanto o traíra deliberadamente. Tinha o direito de tratá-la como merecia! Por que não humilhá-la se ele próprio fora tão humilhado?

Nesse instante, Clydach levantou-se e os convocou:

— Está na hora.

Depois, com toda a tranqüilidade, ele rumou para Lívia, ajudou-a a levantar-se e disse-lhe baixinho:

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Você é uma criança sem juízo.

— Não podia deixar de fazer o que fiz.

— Eu sei — disse ele, abençoando-a com um raminho de visco que tirou do bolso do manto. — Heall olhará por você, enquanto estivermos fora, minha filha.

— Cuide-se — disse Lívia, antes que ele se afastasse.

Artair aproximou-se dela sorrindo.

— Está preocupado comigo também?

— Naturalmente. E irei sentir falta de suas histórias divertidas. Eu a tratei mal em Venta Icenorum. Desculpe-me.

Ela o fitou, surpresa, e ele explicou:

— Cedric e eu sempre fomos rivais. Desde a infância. Ele era sempre o mais forte, o mais valente. Até meu pai sentia mais orgulhoso dele do que de mim. Pensei que se anunciasse em público ter matado o procurador... — Artair sacudiu a cabeça. — Quero que saiba que lamento meu comportamento.

Lívia lembrou-se de seus próprios sentimentos conflitantes em relação a Cláudia e entendeu. Os dois guerreiros haviam sido criados como irmãos. Era natural que laços tão fortes provocassem ciúmes, além do amor. Artair queria provar para ele mesmo e para Heall que era tão bom quanto Cedric.

— Eu o desculpo, Artair.

Ele sorriu mais uma vez e foi reunir-se aos outros, Lívia permaneceu quieta, esperando que Cedric se despedisse dela. Mas ele se limitou a abraçar Heall e Edith e depois partiu, desaparecendo na névoa junto com Clydach.

Heall tirou-a de suas cismas.

— Venha. Temos de desmontar a tenda e carregar o carroção. Edith irá conduzir o meu carroção e eu levarei o de Cedric.

Enquanto a névoa se dissolvia lentamente e a manhã abria-se, clara e esplendorosa, Lívia embalou os utensílios e as delicadas ânforas de vinho e ajeitou os sacos de mantimentos, prendendo-os com cordas.

— Pronta? — perguntou-lhe Heall, aproximando-se.

— Não quer verificar a carga? Nunca fiz isso antes.

O guerreiro inspecionou a carga e aprovou.

— Você fez um bom trabalho — disse ele, levando-a para a porta posterior do veículo. — Suba.

Lívia olhou-o, atônita.

— Você ouviu as ordens de Cedric.

— Ouvi e resolvi ignorá-las.

— Não pode...

— Por que não?

— Cedric vai ficar sabendo. E eu não quero ser a causa de atritos entre vocês dois. Já fez demais por mim, Heall.

— Se tivesse contado a minha participação e a de Artair no caso, talvez Cedric não ficasse tão zangado com você.

— Isso nunca me ocorreu.

Heall afagou pensativamente a barba.

— Não vou acorrentá-la.— disse ele por fim.

— Se não seguir as ordens de Cedric, Edith irá contar tudo a Rhys. Não acha que o risco seria ainda maior?

Era o argumento mais inteligente que Livia podia ter usado para convencê-lo. Sabia que Rhys estava procurando uma desculpa para apoderar-se dela. Assim, sufocou seu sofrimento e fechou as argolas em volta dos pulsos de Livia, prendendo-os à corrente que havia na parte posterior da carroça. Seu coração apertou-se, ao vê-la tomar o lugar dos cavalos de reserva, mas não tinha alternativa.

Os carroções seguiam pelo meio da estrada, flanqueados pelo resto da coluna que os acompanhava a pé. Os guerreiros cantavam enquanto marchavam, suas vozes misturavam-se às batidas cadenciadas dos cascos dos cavalos no chão pavimentado.

Ao longo do caminho, novos grupos agregavam-se ao bando de Boadicea. Fazendeiros, habitantes de vilarejos, ex-escravos chegavam, carregando seus bens às costas ou em carretas e carroções, e engrossavam a coluna que serpenteava através dos campos.

O êxito da rainha inspirava outras pequenas revoltas. Falava-se da destruição de colônias ou de villas e dos romanos que as habitavam. Todos acreditavam que, quando chegasse a vez da legião comandada pelo governador geral, os icênios cairiam sobre os soldados e os exterminariam facilmente. E essa possibilidade era motivo de jubilosas risadas de vitória.

Livia ouvia as histórias, mas mal tomava conhecimento delas. Concentrava todas as suas forças para pôr um pé adiante do outro e prosseguir andando. Suas sandálias, de saltos delicados, não eram feitas para cobrir grandes distâncias. Antes de deixarem Camulodunum para trás, tropeçou várias vezes, machucando-se. Como se isso não bastasse, as argolas esfolavam-lhe a pele delicada dos pulsos, aumentando ainda mais seu desconforto.

Finalmente, quando o sol já estava alto no céu e ela pensou que não poderia dar mais nenhum passo, Heall levou a carroça para um dos lados da estrada e parou. Ela desabou então junto à roda com um suspiro de alívio. E quando o velho guerreiro, se aproximou para oferecer-lhe alguns pedaços de carne-seca e um odre de água, lançou-lhe um olhar de gratidão.

— Não se acomode demais — disse ele, abanando a cabeça com ar de pena.

— Por quê?

— Temos de prosseguir.

— Já? Acabamos de parar...

— Só para pegarmos algum alimento. Acha que pode comer enquanto caminha?

Livia tomou um grande gole de água, antes de responder.

— Dê-me apenas alguns instantes.

— Sinto muito...

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Tudo bem, Heall.

Ele voltou a subir na boleia, e um momento depois Livia já estava de pé novamente, obrigando seus músculos cansados a se moverem. Mas, à medida que as horas passavam, ela começou a sentir uma nebulosa aflição. Seus passos tornaram-se incertos trôpegos e, instantes depois, caiu.

Felizmente, Heall, que a vigiava, olhando de vez em quando por cima do ombro, parou imediatamente carroça.

— Livia! — exclamou ele, erguendo-a nos braços. — Você não pode mais caminhar, e eu me recuso a acorrentá-la!

Parecia que não havia mais nada a fazer. Sempre flutuando numa nuvem de torpor, Livia percebeu que ele a acomodava junto aos sacos de mantimentos. Depois, não teve consciência de mais nada.

A noite descia quando ela acordou. Heall acendera o fogo e mexia alguma coisa no caldeirão. Ela desceu da carroça e foi sentar-se ao lado dele, estendendo as mãos para as chamas.

Ele sorriu.

— Já ia acordá-la. Não está com fome?

Livia sacudiu a cabeça. Sua única vontade era tomar um bom banho quente. Mas isso era um sonho impossível. Heall, no entanto, pareceu entender sua necessidade. Retirou-lhe as argolas do pulso e disse:

— Vou buscar uma bacia de água.

— Não temos de economizar?

— Não está sentindo o cheiro da chuva? — disse ele apontando para o céu. — Vai chover esta noite e então poderemos encher os barris.

Livia tirou as sandálias. Seus pés estavam cobertos de bolhas, muitas das quais arrebentadas. Quando Heall chegou com a água, lavou-se da melhor maneira que pôde e depois cuidou dos ferimentos, tratando com o unguento de sua caixa de remédios. Para finalizar, protegeu os pés e os pulsos com tiras de pano, que rasgou da túnica que usava por baixo da estola.

— O que há com os seus pés? — perguntou Heall, quando ela se aproximou do fogo pisando com dificuldade.

— Uma ou duas bolhas. Mas nada preocupante.

Uma ou duas bolhas... Heall fitou-a pensativamente. Se as coisas se tornassem piores para ela, não hesitaria em desobedecer as ordens de Cedric. Mas, ao mesmo tempo que se indignava, sentia uma onda de orgulho galgar-lhe o peito. Ninguém podia dizer que Livia não tinha fibra!

Quando a viu cochilar junto ao fogo, tirou-lhe a tigela das mãos e a ergueu nos braços.

— Hora de dormir — disse-lhe gentilmente. — Preparei sua cama debaixo da carroça.

— E você? Onde vai dormir? — perguntou ela, enfiando-se de baixo das cobertas.

- Em cima, ao lado da carga.
- E a chuva?...
- Posso abrigar-me com a lona. — Ele beijou-lhe os cabelos. — Durma bem.

Um trovão surdo fez Livia acordar de repente. Quando o ruído se extinguiu, a luz ofuscante de um relâmpago rompeu a semi-obscuridade da madrugada. Uma ventania agitou as árvores, fazendo estalar os ramos, e logo em seguida um verdadeiro dilúvio abateu-se sobre o acampamento.

Instantes depois, ela estava ensopada até os ossos. Engatinhou então para fora da carroça e caminhou até o meio do campo com o vento a golpear-lhe a face, quase arrancando sua estola.

Viu Heall atravessar o acampamento correndo para pegar os cavalos e acenou-lhe. Através da chuva que os envolvia como um lençol de água gelada, ele gritou:

— Pegue um odre de água e um pouco de carne-seca. Não faremos nenhuma parada hoje.

Livia fez que sim com a cabeça e abasteceu uma pequena bolsa de alimentos que prendeu ao cinturão. Suas sandálias, além de molhadas, não entravam nos seus pés inchados, e, num impulso repentino, ela as arremessou no meio do matagal. Não eram apropriadas para a marcha e, portanto, não fazia sentido conservá-las.

Desejava apenas que seus pés feridos agüentassem o resto do trajeto e não a impossibilitassem de seguir o ritmo da carroça. Percebia naquele exato momento que era vitalmente importante que mostrasse a Cedric que podia suportar qualquer castiga que ele lhe infligisse!

Persistiu na sua decisão durante o transcorrer do dia, que foi a repetição do anterior, embora seu corpo exausto e maltratado começasse a traí-la. A chuva tornava a estrada perigosa e, de vez em quando, ela escorregava. Mas erguia-se rapidamente tanto que Heall não chegava a perceber nada.

Quando a noite desceu, ele cobriu a carroça com a lona para manter os mantimentos secos e acendeu uma pequena fogueira numa espécie de abrigo proporcionado pela cavidade de uma grande pedra arredondada. As roupas não chegaram a secar completamente, mas ali, ao menos, encontravam-se ao resguardo da chuva fria.

Depois da refeição simples, composta novamente de um pouco de carne-seca e cereais, Livia enrolou-se no cobertor. A exaustão venceu-a e ela adormeceu profundamente.

O contingente icênio que iria enfrentar a batalha decisiva seguia em marcha acelerada já por três dias. Por um certo tempo, pareceu que as informações que haviam recebido eram falsas e que, se quisessem levar a Nona ao combate, teriam de avançar até Lindum.

Mas, na terceira noite, os guerreiros da vanguarda reuniram-se ao grosso da

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

coluna e aí ficaram sabendo que a legião romana, estava acampada cinco milhas ao norte. Em vista disso, os chefes reuniram-se apressadamente em conselho e decidiram que deviam ficar onde estavam e preparar uma emboscada.

Os cavalos foram escondidos no interior da floresta, e os guerreiros se amoitaram ao longo de cada lado da estrada. Permaneceriam ali a noite toda e, ao amanhecer, quando a legião reiniciasse sua marcha, a apanhariam numa armadilha.

Cedric enrolou-se no manto e achatou-se de encontro ao solo. A febre da batalha aquecia o seu sangue e fada vibrar seus nervos. Ele conhecia bem tal sensação: experimentara diversas, vezes no transcorrer de sua vida de guerreiro e perguntava-se se os outros sentiam a mesma coisa.

Decorridos alguns instantes, rolou de costas e fitou as poucas estrelas que brilhavam no céu escuro, repassando mentalmente o plano estratégico da batalha do dia seguinte. Encontrava-se na ponta sul da coluna, o que significava que iria enfrentar a infantaria da legião, composta por cerca de mil homens. O norte se defrontaria com a ala da cavalaria, composta por cerca de quinhentos homens.

Uma vez que as forças romanas caíssem na cilada, seria de vital importância que fossem cercadas, para impedir a fuga de qualquer legionário. Se conseguissem aniquilar esse destacamento, era bem possível que o grosso da Nona se entrincheirasse no forte, à espera de auxílio. Mais tarde, quando a rebelião de Boadicea houvesse recebido mais adesões, poderiam marchar até Lindum e destruir a fortaleza facilmente.

Mas, se isso não acontecesse? O que sobreviria se o comandante efetivo decidisse vingar o enviado romano e seus homens? Nesse caso, Boadicea se encontraria engajada numa batalha de duas frentes! E se Paulinus enviasse contingentes da Décima Quarta e da Vigésima da costa oeste para enfrentar a rainha, teriam então de travar uma batalha de três frentes. Era uma possibilidade remota, mas que existia. Imprecou baixinho. Sabia que Suetonius Paulinus era um mestre em estratégia. Se ele tivesse tempo...

— Cedric? — disse Artair, levantando a cabeça e esquadrinhando a escuridão. — O que há com você?

— Nada.

— Ouvi você praguejar... São três noites que não consigo dormir. Tenha alguma consideração por mim.

Cedric sorriu no escuro.

— Desculpe, Artair.

— Os legionários vão lutar ou debandar quando os surpreendermos?

— Vão lutar — disse Cedric com absoluta convicção. — Não baterão em retirada, a menos que recebam ordens nesse sentido.

— Somos mais numerosos do que eles.

— Nem tanto.

Artair ficou em silêncio por um momento.

— Você já tomou parte em outros combates. Batalhas de verdade, não assédios

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

a guarnições ou matança de civis. Eu não.

— Está com medo?

— Medo de não lutar bem, sabendo que terei de enfrentar os experimentados soldados da legião.

— Lutará ainda melhor, vai ver.

— Como é combater contra os legionários, Cedric?

— Isso é novo para mim também. Antes, eu lutava ao lado deles, não contra eles.

A última grande batalha que os icênios travaram contra os romanos deu-se no tempo de Claudius, e nós dois éramos crianças então. Para os mais velhos, como Heall, esta batalha será a continuação daquela que iniciaram há dezoito anos. Não acharão estranho nem ficarão assustados, porque já passaram por isto antes.

— Meu pai passou metade de sua vida lutando — observou Artair. Sua voz traduzia orgulho.

— Mas agora ele sabe que não está mais em condições de enfrentar um combate duro. Foi por isso que concordou em ficar para trás, com o grosso da coluna.

— E também para poder tomar conta de Livia.

— Talvez.

— Você estava muito zangado com ela.

— Tinha minhas razões.

— É, eu sei.

— Sabe? — Cedric perscrutou a escuridão. — O que você sabe, exatamente, Artair?

— Sei que Rhys tinha razão. Livia deu um jeito de libertar o cativo dele.

Cedric sentiu uma garra gelada apertar-lhe o coração.

— Vai contar isso a Rhys? Artair deu uma risada áspera.

— Gostei que ela tivesse passado a perna naquele druida maluco.

— Como soube disso?

— Papai me contou.

— Heall?!

— Ele chegou ao campo no exato momento em que Livia ajudava Adrianus a montar no cavalo.

— E não a impediu? — disse Cedric raivosamente. — Estou cercado de traidores! Artair colocou a mão no ombro dele.

— Se ele tivesse impedido a fuga de Adrianus, teria sido pior para Livia. Papai achou mais prudente deixá-lo escapar para esconder a evidência do envolvimento dela. Eu acho que ele agiu bem. E você, o que acha?

— Conte toda a verdade, Artair! Que cavalo era aquele que Adrianus estava montando?

— Livia pegou um de seus cavalos, o ruão castrado, e o arreou com a sela que você confiscou em Camulodunum. Papai e eu substituímos tanto o cavalo quanto a sela.

— Deuses! Edith tinha razão. Estou fazendo papel de tolo!

— Não, Cedric...

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

- Fui traído por minha própria família! Por quê, Artair? Por quê?
- Não sei... Papai ordenou-me que eu fizesse isso e eu obedeci.
- Obedeceu, claro! — disse Cedric com ironia. — Por que Heall quis proteger

Lívia?

Artair demorou um pouco para responder.

— Ele tem suas razões.

— Quais?

— Papai gosta muito de Lívia... Mas, acredite, Cedric. Nós não o traímos, nem quisemos fazer você de bobo.

— Aquela feiticeira de cabelos vermelhos... Ela não disse uma única palavra!

— Claro que não! — disse Artair com evidente satisfação. — Achou que devia lealdade a nós.

— E a mim ela não deve nada? Isso é forma de recompensar alguém que lhe salvou a vida e ofereceu-lhe abrigo e comida?

A voz de Cedric quebrou-se. Por que o fato de saber que Lívia era tão afeiçoada a Adrianus, a ponto de arriscar a sua vida para salvá-lo, era como um espinho cravado em seu coração?

— Cedric, papai e eu só fizemos o que era melhor para você e Lívia.

Ele não respondeu. Fechou os olhos e esperou que o dia amanhecesse.

A manhã chegou e, com ela, uma neblina que cobria o tronco das árvores e a estrada, oferecendo um esconderijo providencial aos icênios. Os guerreiros moviam-se silenciosamente, tomando suas posições enquanto comiam uma refeição leve, composta de alguns pedaços de carne-seca e de um punhado de cereais que retiravam de suas bolsas.

Falavam em sussurros que se confundiam com o gemido do vento perpassando entre as árvores. Havia retirado os mantos, para que suas cores brilhantes não revelassem a emboscada e, agora, encontravam-se deitados de bruços na vegetação rasteira que ficava atrás da linha das árvores.

As sentinelas haviam chegado com a informação de que a legião levantara acampamento e estava pronta para reiniciar a marcha. A mensagem circulou de homem para homem ao longo da linha, e Cedric sentiu seus músculos se retesarem.

No entanto, obrigou-se a relaxar. A ação pedia movimentos fluidos e coordenados. O corpo devia estar alerta, mas não tenso, pronto para responder a qualquer ameaça percebida pelos sentidos. Não era suficiente ver e ouvir o inimigo. Era necessário sentir a sua presença. Era uma habilidade que adquirira com o passar dos anos e que levaria uma eternidade para aperfeiçoar.

Altair olhou-o, enquanto fazia uma rápida oração a Andraste, a deusa da vitória. Cedric não dissera palavra ao acordar, e pensou se as coisas voltariam a ser as mesmas entre eles, depois da conversa que haviam tido. Não agira talvez com prudência, ao revelar a verdade. Mas doía-lhe ver o modo como o amigo tratava Lívia. Quando a batalha terminasse, falaria com ele e explicaria por que Heall...

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

O ruído de pés calçados de botas, abafado pelo ar denso da manhã, e a vibração do solo advertiram-no de que os legionários estavam chegando. Artair inclinou-se para Cedric e murmurou:

— Os deuses estão conosco, meu amigo.

Cedric não teve tempo para responder. Os primeiros romanos apareciam na curva da estrada. Vinham em marcha rápida, em filas de cinco, ombro a ombro, surgindo do nevoeiro como uma fantástica aparição.

Quando o destacamento ficou quase ao alcance de suas espadas, os icênios deram o sinal, um prolongado toque de carnyx, ordenando a arremetida. Seus gritos de guerra romperam o ar e, antes que os soldados tivessem a oportunidade de obedecer às ordens do centurião de formar, os guerreiros lançaram-se com furor sobre as linhas desprotegidas.

Seguiu-se um combate feroz e sangrento. Impossibilitados de cerrar as fileiras, os romanos foram forçados à luta individual, na qual os icênios eram superiores. Mas como Cedric havia previsto, não se retiraram. Defendiam suas posições com valentia, concedendo-as apenas depois de mortos.

E havia mortos às centenas. A visão deles enchia os olhos, e seu cheiro invadia as narinas. Mas nenhum dos dois lados pedia ou concedia mercê. Havia apenas a necessidade de matar para não ser morto e a exaltação dos sentidos, aquela horrível febre da batalha que fazia o sangue ferver.

O sol se levantou, dissipando a neblina, e os homens continuavam a lutar encarniçadamente. Os vivos combatiam por cima dos mortos, mergulhando os pés no sangue que empapava o solo. Aos poucos, porém, a linha romana desintegrou-se, e os soldados foram se retirando lentamente, dispersando-se na floresta com os icênios a seus calcanhares. Cedric seguiu o exemplo de seus companheiros e embrenhou-se também no meio das árvores para acabar com os sobreviventes.

Quando o sol estava quase se pondo, ele fez uma pausa, rendendo-se à necessidade de dar descanso ao corpo. Do fundo da floresta, chegavam gritos ocasionais dos moribundos. A luta estava terminada, não adiantava mais perseguir os poucos que restavam.

Voltou-se, então, para dar início à Longa caminhada que o levaria de volta à estrada. Arrastava-se penosamente, quase morto de cansaço, quando, subitamente, tomou consciência da presença de alguém à sua direita. Pensando que outro guerreiro estivesse marchando a alguma distância dele, oculto pela folhagem, Cedric chamou alto e depois estacou, esperando a resposta.

Não ouviu outro som além do da sua própria respiração acelerada e do farfalhar das folhagens nos ramos. Estaria imaginando coisas? A floresta parecia destituída de vida. Não obstante, obedecendo a seu instinto, desembainhou a espada enquanto continuava a caminhar.

Houve um novo e imperceptível movimento à sua direita, e ele perguntou:

— Quem está aí?

Uma voz tão rouca quanto a dele chegou de trás de um árvore.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Cedric?

— Sim!

Então, uma figura alta e esbelta destacou-se do verde da mata, com os loiros cabelos iluminados por um inesperado feixe de luz que atravessou a folhagem.

— Artair!

Aliviado, Cedric pôs-se a caminhar na direção do amigo.

— O que há com você, Artair? Por que não respondeu quando eu chamei?

O jovem ergueu a espada e a enfiou na bainha com um suspiro.

— Não ouvi, juro! Acabo de chegar. E só de pensar que tenho de fazer todo esse caminho...

Ele se interrompeu bruscamente, emitindo um som estrangulado, e Cedric riu, pensando que fosse mais uma de suas brincadeiras.

— Coragem, Artair. Eu o ajudarei a voltar à estrada.

Para seu horror, o amigo retorceu-se para um lado e desabou no solo com um gemido.

— Artair! — gritou, correndo para ele.

Mas, antes que pudesse alcançá-lo, outra figura destacou-se do mero das árvores e parou ao lado do corpo imóvel do guerreiro.

Seu elmo era tão inconfundível quanto o gládio que tinha nas mãos. O homem era um centurião.

— Venha, bretão, Quero ter o gosto de despachar também você para o outro mundo!

Havia alguma coisa naquele soldado romano, alguma coisa... Então Cedric lembrou-se: servira sob o seu comando na Judéia. Quando a distância entre eles diminuiu, o centurião reconheceu-o também.

— É você, Cedric? Estamos muito longe da Judéia — disse ele, erguendo o gládio. — Seu velho centurião está aqui para puni-lo, desertor!

Em resposta, Cedric ergueu sua espada. O som metálico de lâmina chocando-se contra lâmina ecoou pela floresta silenciosa, atraindo outros guerreiros que voltavam à estrada. Mas ele parecia não perceber a silenciosa assistência. Atacou seu adversário com deliberada crueldade, dando vazão à dor que lhe dilacerava o peito.

O romano estava morrendo, não era adversário à altura do icênio, que se divertia com ele, ferindo-o e enfraquecendo-o ainda mais. No final, ele conseguia apenas aparar os golpes calculados e certos que seu oponente lhe desfechava. A derradeira estocada, quando chegou, foi uma bênção.

Eliminado o inimigo, Cedric caiu de joelhos ao lado de Artair e fechou-lhe os olhos, enquanto um som cavo irrompia de seu peito e abria caminho por sua garganta. Seu grito de animal ferido quebrou o silêncio e fez seus companheiros recuarem, assustados.

Por fim, alguém pousou-lhe a mão no ombro.

— É tarde... Temos de ir embora. Nós o levaremos...

— Não toquem, nele! — gritou Cedric. — Artair era meu irmão. Eu cuidarei disso!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Quando, um a um, os guerreiros desapareceram no meio das árvores, Cedric ergueu o amigo morto nos braços e fez a longa viagem de volta. Devia ter imaginado que o rumor que ouvira não podia ser feito por Artair! Como os demais guerreiros icênios, ele aprendera a mover-se silenciosamente na floresta. Apenas um romano poderia deslocar-se com tanto descuido! Porque não o avisara do perigo? Onde estava seu bem-treinado instinto, no momento em que a vida de seu amigo corria perigo?!

Um grito de dor formou-se novamente em seu peito, mas recusou-se a emití-lo. Que adiantaria chorar e imprecicar contra o destino? Ó deuses, se todos os gritos do mundo pudessem aliviar sua culpa!...

Clydach viu-o surgir das árvores. Um olhar ao seu rosto foi suficiente para torná-lo ciente de que Artair estava morto. Teve, vontade de estreitá-lo nos braços e de confortá-lo, mas uma espécie de pudor o reteve.

— As piras já estão preparadas. Honraremos a morte de Artair, antes de irmos para o sul.

Cedric fechou os olhos: era-lhe intolerável a idéia de ver o amigo consumir-se nas chamas. Artair devia estar de pé a seu lado, com um sorriso a iluminar-lhe o rosto, não em seus braços e cada vez mais frio!

— Cedric... Estou sofrendo junto com você, mas não há mais tempo. Temos de consagrar rapidamente nossos mortos e depois partir — insistiu seu pai.

Não houve sinal de que ele tivesse ouvido.

— Cedric!

O tom urgente da voz de Clydach penetrou no denso desespero de Cedric e ele assentiu mudamente. Seguiu seu pai até o centro de uma clareira e então ficou ciente de quantas vidas haviam sido perdidas: as piras enchiam todo o espaço livre. Depositou Artair na cama de madeira seca de uma delas e retirou-lhe a espada da cinta para levá-la a Heall.

Ouviu Clydach consagrar os mortos em voz alta e cheia de orgulho e conclamar os familiares ou amigos para atearem fogo a suas piras. Quando chegou a sua vez, pegou uma tocha, deu um passo na direção de Artair e disse:

— Adeus, amigo.

Depois jogou a tocha na pira e afastou-se, sem olhar para trás.

Para Livia, a marcha tomou todos os aspectos de uma tortura. Apesar dos cuidados, seus pés inflamaram-se, e os ferimentos infeccionaram. A chuva caiu ininterruptamente durante quatro dias e, quando terminou, ela estava consumida pela febre. Só sua extrema teimosia dava-lhe forças para andar aos tropeços atrás da carroça, sem chorar ou dar sinais de fraqueza.

Heall prontificara-se em preparar as refeições da noite. Desse modo, ela dispunha de algum tempo para cuidar de seus ferimentos e encontrar forças para se alimentar. Feito isso, enrolava-se no cobertor e mergulhava na inconsciência.

No sexto dia, despertou com um mal-estar que nem mesmo o lençol que enrolava nos ombros era capaz de afastar. Avistou Edith, que estava cuidando dos cavalos em

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

companhia de Heall, e foi ao seu encontro,

— Edith, preciso falar com você.

A guerreira voltou-se com os lábios desdenhosamente cerrados, mas, ao ver a romana, as palavras ferinas que ia proferir morreram-lhe na garganta. Ela estava com uma aparência horrível! Não a via desde que haviam iniciado a marcha, preferindo a companhia de um dos guardas de Rhys, que começava a interessá-la, e surpreendeu-se com a sua mudança.

— Por favor, Edith... Vou tomar apenas um instante de seu tempo.

Edith assentiu, percebendo, surpresa, que seu ciúme pela escrava de Cedric extinguiu-se.

— O que você quer?

— Poderia me ceder alguns pedaços de pano?

— Para quê?

Um leve rubor animou as faces pálidas de Lívia.

— É coisa pessoal, Edith.

— Então peça a Heall, que é o seu cão de guarda!

— Não posso! Eu... — Ela baixou a cabeça. — Estou no meu período de mulher. E não tenho nada para me proteger.

— Compreendo... Espere um instante.

Edith foi até a carroça e rebuscou na sua arca. Decorridos alguns instantes, voltou com uma pequena pilha de panos e uma túnica limpa.

— Obrigada, mas não posso aceitar a túnica — disse Lívia.

A guerreira notou seus olhos febris e ofereceu:

— Não quer uma manta de pele? Iria aquecê-la mais do que esse lençol.

— Cedric não gostaria que você interferisse. Mas eu lhe agradeço.

Edith sacudiu a cabeça e voltou para a carroça. A romana tinha coragem, não havia dúvida. Mas estava doente! Teria falar com Heall à noite, quando acampassem.

Lívia encontrou o velho guerreiro sua espera, quando voltou para junto da fogueira.

— Você não está bem — disse-lhe ele.

Ela forçou um sorriso.

— O frio da chuva, Heall. Posso ficar com o lençol?

— Você está com febre! — alarmou-se ele, quando colocou mão em sua testa.

— Não é nada.

— Hoje, nada de correntes e nada de andar a pé. E não discuta!

— Mas, Cedric...

— Quero que ele seja enforcado! — explodiu Heall. — Chega! Você vai comigo e está acabado!

Lívia estava fraca demais para protestar. E suspirou de alívio quando Heall a ergueu nos braços e a deitou entre os sacos mantimentos.

— O que é isto? — ouviu Heall resmungar.

Ela abriu os olhos. A barra de sua saia erguera-se, expondo-lhe os pés e os

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

tornozelos envoltos em panos.

— Onde estão seus sapatos?

— Joguei-os fora. Não eram feitos para marchar. Achei mais fácil andar descalça.

— E isto? — disse ele, apontando para os tornozelos.

— Os aros da corrente esfolaram a pele.

— Por que não me disse nada? Acha que teria deixado você caminhar se soubesse em que estado estavam seus pés?

— Não.

— À noite, quando acamparmos, vamos dar um jeito nisso. E, de agora em diante, vai viajar a meu lado. Está bem?

Ela assentiu documente, e ele completou:

— E agora durma.

Lívia não precisou de outro estímulo. Dormiu o dia todo e só acordou no final da tarde, quando a coluna fez uma parada. Desceu, então, ajudada por Heall, pegou dois pedaços de pano e olhou em torno, incerta sobre o que fazer.

— Venha, há algumas moitas ali adiante. Eu a acompanharei e ficarei esperando por você a alguma distância — disse o guerreiro, entendendo o que ela pretendia. — Avise, quando estiver pronta.

Lívia sentia-se tão fraca, apesar do descanso, que mal tinha forças para ficar de pé. E ficou grata quando Heall a acompanhou até a fogueira e a obrigou a sentar-se num cobertor que estendera no chão. Ele próprio cuidou das feridas, lavando-as primeiro com água quente e em seguida pondo o unguento de Clydach.

Ao terminar os curativos, enrolou outro cobertor em torno de seus ombros e deitou-a.

— Pronto... Agora descanse, enquanto eu preparo o caldo.

Os olhos dela fecharam-se no mesmo instante, apesar do esforço que fez para mantê-los abertos. Só saiu da sonolência quando ouviu uma voz que chegou até ela vinda da névoa, familiar, mas distante.

— Lívia... Tente tomar isto.

A névoa desfez-se lentamente e viu, inclinado sobre ela, o rosto de Heall. Com a ajuda de Edith, ele tentou levar-lhe uma tigela aos lábios. Tomou alguns goles do caldo, mas isso foi o máximo que conseguiu. Logo depois, aninhou a cabeça no ombro do guerreiro e voltou a dormir.

Heall olhou para a forma de mulher que tinha nos braços. Lívia parecia ter perdido peso na última semana. Porém, isso era facilmente remediável. O que o preocupava seriamente era a infecção. Seus pulsos e seus tornozelos estavam em carne viva, mas eram os pés que se encontravam em pior estado. Pelos deuses, por que ela não pedira um par de sapatos? Seu orgulho não tinha permitido, claro! Que criança doida!

Não havia dúvida de que a infecção estava contribuindo para alimentar a febre. Como desejava que Clydach estivesse ali para cuidar dela! Alisou-lhe os cabelos para

trás e estudou-lhe as feições. Quem teria imaginado...

Suspirou fundo e voltou a deitá-la, cobrindo-a com o cobertor.

— Pode ir comigo amanhã? — perguntou a Edith, que o olhava com curiosidade.

— É preciso que alguém cuide dela.

Depois de um momento de hesitação, a jovem consentiu.

— Ewan poderá conduzir minha carroça, não é, Ewan? — disse ela ao guerreiro que a acompanhava.

Quando os dois se foram, Heall atizou a fogueira e depois deitou-se ao lado de Livia. O último pensamento que teve, e ao qual se agarrou, foi do sermão que passaria em Cedric quando ele voltasse.

Três dias depois, ao cair da noite, a hoste de Boadicea voltou da batalha. Os chefes reuniram-se imediatamente com a rainha, para lhe fazer um relato dos acontecimentos, ao passo que os guerreiros dispersaram-se pela colina, à procura de seus familiares.

Assim que a notícia da volta chegou até eles, Heall e Edith lançaram-se febrilmente aos preparativos. Agora, estavam preparando um ensopado com o coelho que haviam apanhado naquela tarde, enquanto Livia arrumava os pratos e o vinho.

Heall observava-a de longe, pensando em como era espantosa a recuperação dos jovens. Ela se movia lentamente, mas a febre cedera, e alguns dias de repouso haviam operado maravilhas nos pés. Embora tivesse vontade, não ousara remover as correntes que prendiam seus tornozelos. Mas os havia enfaixado de tal forma que o metal não irritava mais a carne. Os pulsos haviam também melhorado consideravelmente, já que não a acorrentara mais à carroça. Sentia orgulho de si mesmo. Nem mesmo Clydach teria feito melhor!

Terminados os preparativos para o jantar, Livia acendeu um segundo fogo e pôs água para esquentar. Ajudara Heall e Edith a armar a tenda e a colocar a arca de Cedric e o candeeiro nos seus devidos lugares. Esperava que a arrumação o deixasse satisfeito e que ele não se aproximasse dela com palavras nas e com olhos irônicos e perscrutadores.

Quando voltou para junto da fogueira, Edith recebeu-a com um sorriso. Retribuiu a gentileza timidamente. A jovem mostrara-se muito bondosa naqueles três últimos dias. Apesar disso, não conseguia esquecer que ela era irmã de Rhys.

Caía a tarde quando Cedric chegou no acampamento, seguido de Clydach. Heall e Edith correram imediatamente para eles e os ajudaram a desmontar. Livia sentiu uma súbita timidez de estar ali e ficou afastada, não querendo ser uma intrusa naquela reunião fraterna. Mas um sorriso brotou-lhe dos lábios, ao notar que Cedric não estava ferido.

— O ensopado já passou do ponto! — disse Edith, excitada — Por que demoraram tanto? Venceram? O que aconteceu com a legião romana?

— A Nona foi derrotada — respondeu Cedric lentamente, não se deixando contagiar pelo entusiasmo da jovem. — Houve alguns sobreviventes. Entre eles,

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Petilius Cerealis, o comandante, que buscou refúgio em sua fortaleza.

Heall riu e abraçou os dois homens.

— Outra vitória! Vamos ouvir isso enquanto comemos! — Ele olhou em torno. — Onde está Artair? Por que ele ainda no veio cumprimentar seu pai?

Clydach chegou perto dele e colocou-lhe a mão no ombro. Seu gesto gentil provocou-lhe um arrepio premonitório. Fitou-o, ansioso, e o amigo lhe disse:

— Artair morreu em combate.

Enquanto Edith soltava um grito longo, ele perguntou com voz quase inaudível:

— Como foi isso?

Cedric explicou em poucas palavras em que circunstâncias dera-se a morte de Artair e depois retirou da sela um manto dobrado.

Heall desdobrou-o com mãos tremulas, sabendo o que iria encontrar. Quando a espada de seu filho brilhou à luz das fogueiras, ele a levou ao peito com fervor.

— Meu filho lutou com bravura?

— Sim, meu amigo. Artair portou-se como um herói.

Lívia sentiu as lágrimas escorrerem-lhe pelo rosto. Chorava por todos: por Artair, que perdera a vida, por seu pai e por seus amigos que o amavam. Mudamente, ofereceu orações a seus próprios deuses enquanto, sem nada dizer, Heall afastava-se e desaparecia nas sombras.

Por um momento, os quatro ficaram imóveis, envoltos em seus próprios pensamentos. Edith foi a primeira a voltar à realidade:

— Vou cuidar dos cavalos — disse ela bruscamente. — Sirva o ensopado, Lívia, antes que queime.

Lívia apanhou o manto de Artair que Heall deixara cair. Dobrou-o e foi guardá-lo na carroça. Só então voltou para servir os demais. Ao passar a tigela a Cedric, notou que, a não ser cansaço, ele não traía nenhuma emoção. Seria possível que não estivesse sentindo a morte do amigo?

Comeram em silêncio. Quando Edith e Clydach se retiraram, ela o abordou:

— Tem água quente, se quiser banhar-se. Sua arca está na tenda. — Depois de um momento de hesitação, completou: — Sinto muito por Artair.

Cedric olhou-a pela primeira vez desde sua chegada.

— Por quê? Você mal o conhecia...

— Mas vou sentir falta dele.

Ele deu de ombros e voltou a fitar as chamas.

— Vá para a cama. Eu me encarregarei de apagar o fogo. — Lívia foi preparar-se para a noite. Quando voltou, encontrou-o banhando-se junto à fogueira. De passagem, recolheu a túnica e os indumentos íntimos que estavam jogados no chão.

— Deixe isso ali

A ordem foi dada num tom tão rude que ela sentiu o sangue gelar-lhe nas veias.

— Eu... Queria... As roupas precisam ser lavadas.

Cedric saiu de dentro da bacia e arrancou-lhe as roupas das mãos feito um possesso.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Não quero que sejam lavadas. Quero queimá-las!

— Mas, por quê?...

Ele jogou as roupas no fogo, murmurando:

— O sangue de Artair não pode ser lavado...

Lívia ficou imóvel por um instante. Depois, acendeu o candeeiro nas chamas da fogueira e caminhou lentamente para a tenda. A luz vacilante mostrava as duas camas que ela havia preparado. Sentou-se na menor das duas, pensando se Cedric iria ficar zangado.

Olhou para suas roupas manchadas e suspirou. Fazia tempo que não se banhava convenientemente. Certamente, Cedric não gostaria que ela compartilhasse de sua cama naquelas condições.

Quando ele entrou na tenda e ficou a contemplá-la silenciosamente, sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Ele não dizia nada, limitava-se apenas a olhá-la, enquanto tomava goles de água de seu odre. A luz do candeeiro iluminava seu peito de bronze e ressaltava os músculos das longas pernas vigorosas. Quase sem querer, percebeu que seu corpo desejava unir-se ao dele sem restrições.

— Você não está com boa aparência — ouviu-o dizer.

— Eu... Tive um simples resfriado. — respondeu ela, enfiando os pés debaixo da cama e puxando as mangas para esconder as marcas que as correntes haviam deixado em seus pulsos.

Cedric abarcou as duas camas com os olhos. A dele estava forrada com as mantas de pele, e na de Lívia havia apenas dois lençóis.

— Não acha que ficaria mais confortável na minha cama?

O rosto de Lívia ardeu, mas ela o fitou nos olhos com firmeza.

— Estou no meu período de mulher... Você disse que queria saber. Agora pode ter certeza de minha fidelidade.

Os lábios de Cedric comprimiram-se por um momento, depois afrouxaram-se num suspiro.

— É... Eu queria saber — murmurou ele, antes de apagar o candeeiro.

Ela continuou sentada, esperando na escuridão. Quando teve certeza de que ele dormia, enfiou-se debaixo da coberta e descansou a cabeça no braço. Pensou em Heall e na dor que ele devia estar sentindo e chorou silenciosamente.

Acordou de repente, horas depois, com o gemido de Cedric. Permaneceu imóvel, à escuta. O som chegou novamente, um grito estrangulado que fez seu sangue gelar nas veias. Levantou-se e locomoveu-se cautelosamente. Quando encontrou a cama dele, ajoelhou-se e tateou no escuro, sentindo uma emoção estranha ao tocar o corpo quente coberto de suor.

— Cedric... Acordel!

Dos lábios dele saiu um débil lamento:

— Artair...

Lívia sentiu as lágrimas escorrerem-lhe pelo rosto e voltou a chamar com gentileza:

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Cedric... Acorde... É apenas um sonho!

Ele ergueu o corpo de chofre, consciente apenas do suor frio que o cobria. Instantes depois, percebeu que estava agarrando o pulso de Livia com tanta força que sentia os ossos dela estalarem. Largou-a então bruscamente e murmurou:

— Volte para a cama.

Livia não se moveu, deixando que sua mão descansasse no peito dele.

— Você estava sonhando com Artair.

Cedric gemeu e afastou-a de si.

— Deixe-me.

Ele percebeu sua hesitação, antes de se dirigir, tateante, para a cama. Ouviu o ruído das correntes e pensou, cerrando teimosamente os lábios:

"Ela merece isso!"

Mas, no fundo de seu coração, sabia que Livia, como Artair, merecia melhor sorte.

Ainda não havia amanhecido quando Cedric despertou. Afastando as mantas para o lado, ele se levantou, vestiu-se e deixou silenciosamente a tenda. O campo icênio dormia. A rainha decidira interromper a marcha por três dias, para permitir que seus guerreiros repousassem e preparassem convenientemente o festival de Beltane, o fogo de deus.

Decisão insensata no seu parecer. Beltane podia ser celebrado sem grandes preparativos. As tribos haviam sido privadas de seus druidas durante tanto tempo que se contentariam em ver simplesmente o fogo ser ateado novamente. Quanto aos guerreiros, esses teriam tempo para se recuperarem durante a lenta marcha da coluna,

Suetonius Paulinus não descansaria, tinha certeza. Iria guiar seus homens numa marcha implacável. "E é essa a diferença entre os dois líderes", disse a si mesmo, enquanto, inconscientemente, rumava para um bosque dos arredores. O romano era um comandante acostumado a lutar e a vencer batalhas. Boadicea era uma soberana sem experiência, totalmente dependente do conselho de chefes que não combatiam havia vinte anos e que podiam estar confundindo arrogantes sonhos de grandeza com a realidade.

Quando penetrou no bosque, olhou em torno, até avistar um carvalho coberto de flores em botão, e sentou-se debaixo dos ramos nodosos, à espera de que o sol nascesse. Uma profunda depressão apoderara-se dele depois da morte de Artair. Culpava-se por tudo quanto acontecera, negava-se defesa, mesmo sabendo que era uma atitude contrária à razão.

Lutou em silêncio contra aquele desespero, mesmo sabendo que o sentimento de culpa provinha especialmente do fato de ter discutido com Artair na noite anterior à sua morte. O amigo teria morrido pensando que o odiava?

Cedric fechou os olhos e descansou a cabeça nos joelhos. Oh, deuses, esperava que não! E Heall... Pobre Heall Sozinho no inundo, sem filhos...

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Cedric.

Era Clydach.

— Levantou cedo — disse o druida, aproximando-se. — Estou atrapalhando?

— Não, absolutamente. Sente-se aqui, pai.

Um leve sorriso iluminou o rosto de Clydach quando ele se sentou ao lado do filho.

— Um novo dia — observou ele, apontando para o sol que surgia entre as árvores.

— Mais um para ser suportado.

Clydach fitou-o com estranheza.

— É assim que você encara a vida? Como uma carga insuportável?

Cedric deu de ombros e ficou calado.

— Sei que houve poucos motivos para alegria nesses últimos anos. Primeiro a destruição de nossa família, depois sua vida insatisfatória em Albion e agora Artair.

— Está enganado — interrompeu-o Cedric. — Estou feliz com a vida que levo.

— Não minta, Cedric. Sou seu pai. Por que você se distancia daqueles que o cercam?

Ele suspirou fundo.

— É mais fácil assim. Que adianta entregar-se? Veja o que aconteceu a você e a Heall. Sobrou-lhes alguma coisa?

— Recordações. Belas e cálidas memórias. Quando penso em sua mãe e em seus irmãos, é como se estivesse fazendo uma visita a pessoas queridas.

— Já esqueceu o que sofreu por eles?

Os olhos de Clydach umedeceram-se.

— Não. Mas aprendi a aceitar a perda deles.

— No entanto, a mim você não perdeu. — A voz de Cedric era sarcástica.

Clydach fitou-o com compaixão.

— E acha que não estou grato aos deuses por isso?

— Sei que o desapontei. Não tenho o dom da visão e não conheço a arte de curar. Sou um soldado, e mais legionário romano do que guerreiro icênio.

— Houve certas ocasiões em que o seu comportamento me surpreendeu. Mas nunca desejei que você fosse diferente.

— Logo que voltei para Albion, costumava observar você e Artair. E ficava com inveja — disse Cedric pensativamente.

— Por quê? — surpreendeu-se Clydach.

— Ele o fazia rir, e você parecia aprovar seu modo descuidado de encarar a vida.

— Oh, deuses! Não sabe que exigimos mais de nossos filhos? — O druida fez uma pausa. — Artair era feliz e tornava os outros felizes. Mas não era um guerreiro tão bom quanto você, e o invejava por isso.

— Eu sei. Costumava troçar dele por causa disso.

— Exatamente como eu caçô de você por ser tão sério — observou Clydach. — Mas isso não afetava a amizade que unia vocês dois, não é?

- Vou sentir falta dele.
- Todos nós sentiremos.
- Como está Heall?
- Triste, desolado... Quer ficar sozinho por algum tempo.
- Quando ele voltar, quero que vocês dois venham morar comigo.
- É uma oferta generosa, mas não queremos ser intrusos.
- Não será intrusão.

O pensamento de Cedric voltou-se para Livia e para os planos que fizera. Lembrou-se então de como ficara chocado com seu aspecto na noite anterior. Seria a sua imaginação ou ela estava realmente doente?

— Como está Livia? — perguntou seu pai, parecendo ler seu pensamento. — Heall me disse que ela esteve doente.

Cedric admirou-se.

- Lembrou-se dela, mesmo triste como estava?
- Ele gosta muito de Livia e está preocupada com o modo como você a trata.
- Naturalmente, vocês acham que saberiam tratá-la melhor do que eu!
- Somos mais velhos e mais sábios — disse Clydach rindo baixinho. —

Francamente, Cedric, mantê-la acorrentada...

— Se você e Heall soubessem o que ela fez, não me julgariam com tanta severidade. — Cedric levantou-se e deu dois passos. — Mas não! Parece que sentem prazer em atrapalhar meus planos!

— Fomos sempre uns trapaceiros. Quando jovens, éramos o desespero de nossos pais.

Um sorriso iluminou as feições de Cedric.

— Acho difícil acreditar nisso.

— Pois fique sabendo que eu raptar sua mãe, uma das guerreiras mais valentes de nossa aldeia.

— Você?!

— Pergunte a Heall — disse Clydach levantando-se também. Um momento depois ele desaparecia no meio do bosque, mas sua risada clara permaneceu flutuando no ar por algum tempo.

Cedric remoia suas palavras, enquanto voltava para o campo icênio. Era difícil acreditar que Clydach fora um jovem impetuoso. Raptar uma mulher? Isso acontecia raramente, quando a noiva era tímida ou o noivo impaciente. E achava difícil conciliar a imagem do jovem arrebatado de outrora com a do druida tranquilo de atualmente. Não obstante...

Quando entrou no acampamento, o fogo estava aceso e havia uma panela de bolos de aveia sobre a brasa. Tudo estava disposto para a refeição matinal. Livia levantou-se de um pulo, ao vê-lo, pronta para servi-lo. E isso, ao invés de agradá-lo, deixou-o inexplicavelmente triste. Tinha a impressão de que algo de muito precioso se perdera irremediavelmente.

Sem dizer palavra, ela colocou no prato dele uma generosa porção de conserva,

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

várias fatias de carne fria e alguns bolos de aveia. Depois, pegou seu próprio prato, serviu-se e foi sentar-se perto do fogo, parecendo determinada a não quebrar o silêncio.

Cedric comeu com um apetite que o surpreendeu. Quando quis servir-se novamente, Lívia antecipou-se e voltou a encher-lhe o prato.

"A serva perfeita, antecipando-se aos desejos de seu amo", pensou ele. E seu coração doeu insuportavelmente.

Quando terminaram de comer, ela anunciou:

— Vou arrumar o carroção para a marcha.

— Não é necessário. A rainha decretou um descanso de três dias para que Beltane possa ser celebrado apropriadamente. A festa será amanhã à noite.

Cedric observou-a a distância, enquanto ela lavava os utensílios usados. Seus cabelos eram uma massa selvagem de anéis dourados. Sua estola, manchada e em farrapos, deixava entrever os pés nus. Suas mãos estavam avermelhadas, e as unhas longas e ovaladas, quebradas. Nada lembrava a graciosa patrícia romana que conhecera em Venta Icenorum.

Aproximou-se dela e perguntou-lhe com voz estranhamente suave:

— A marcha foi difícil para você?

Ela sacudiu a cabeça e levou ao fogo o caldeirão de ferro cheio de água.

— O que vai fazer?

— Vou lavar minhas roupas. Quer que eu lave também as suas?

Ele não respondeu. "Uma escrava perfeita, mas distante e intocável", refletiu. Depois, voltando-se bruscamente, pegou a espada e a pedra de amolar e levou-as para junto do fogo.

Quando a água estava no ponto, Lívia levou o caldeirão e a bacia para o interior da tenda, decidida não só a lavar as suas roupas, mas também a banhar-se convenientemente. Deu especial atenção às feridas que ainda não haviam cicatrizado e, para finalizar, lavou os cabelos. Ao terminar, enrolou um lençol em volta dos seios e saiu da tenda para estender a roupa e despejar a água da bacia.

Cedric, parado junto do carroção, espiava seus movimentos através dos olhos semicerrados. Seus ombros nus, rosados pelo banho, e o modo pelo qual o lençol esticava-se sobre seus seios perturbaram-no. Uma onda de desejo, quente e inesperada, correu-lhe pelas veias, mas foi violentamente sufocada quando ele lembrou que Lívia o traía duas vezes. Seria um doido se lhe removesse as correntes, dando-lhe oportunidade para que o traísse mais uma vez.

— Sua estola está em farrapos. Acho que vou queimá-la.— disse, numa explosão de raiva sem sentido.

Lívia reagiu com veemência.

— Não! — Era um grito de desespero, e ela levantou instintivamente o braço para impedi-lo de cumprir a ameaça.

Ele a segurou pelo cotovelo, e sua expressão anuviou-se, transformando-se numa máscara de preocupação ao ver o seu pulso.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— O que é isto? — perguntou, correndo o dedo de leve pela carne ferida.

Lívia quis puxar o braço, mais perturbada pelo interesse dele do que pela dor que sentia.

— Por favor... Senhor, deixe-me ir.

— Não, até que você responda.

— Foram... Foram os grilhões, senhor. Cedric cerrou fortemente os maxilares.

— Os grilhões... E como estão seus tornozelos? Vamos dar uma olhada nisso.

Lívia não disse nada, limitando-se a comprimir os lábios quando ele se inclinou para examinar seus pés. Na certa iria alegrar-se com o seu sofrimento! Mas ele não parecia triunfante quando se endireitou. Ao contrario, seus olhos azuis estavam sombrios e espelhavam consternação.

— Heall viu isto?

— Sim.

— E não fez nada?

— Heall tratou dos ferimentos e insistiu para que eu subisse na carroça, embora soubesse que você iria ficar zangado.

— Isto não deve ter acontecido num dia... Que tipo de calçado você usou?

— Nenhum. As sandálias que Adrianus me deu não eram apropriadas para marchar e eu as joguei fora.

— Por que não pediu um par de sapatos a Heall? Ele teria dado um jeito!

— Sou uma escrava, senhor. Não uma hospede de honra!

Cedric sacudiu-a raivosamente pelos ombros.

— Então resolveu andar descalça e vestir esses andrajos só para me dar uma lição?

O ódio cresceu no coração de Lívia.

— É absurdo pensar que eu gostaria deter minha pele esfolada e meus pés arruinados só para que você se sentisse culpado! — Ela bateu-lhe no peito com os punhos fechados. — bárbaro estúpido e odioso!

Cedric não esboçou reação alguma.

— Por que não utilizou os objetos de seu uso pessoal que estavam na arca?

— Que arca?

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— A sua!

— Minha arca ficou em Venta Icenorum, na casa de meu pai! disse ela, altiva.

— Não, está aqui.

Ele se inclinou sobre a lateral da carroça e puxou uma arca do fundo do leito.

— Viu só? — disse, abrindo-a.

Lívia olhou-o com suspeita. Qual era a verdadeira intenção dele? Devia querer algo em troca, claro! Mas o quê?

— E então? — tomou Cedric, intrigado com seu silêncio. Ela lançou um olhar cobiçoso para o peplo branco que estava por cima das roupas, junto com o pente de madeira. A tentação foi enorme, mas obrigou-se a ficar impassível.

— O que pretende fazer com essas roupas?

Ele bufou.

— Não pretendo fazer nada! Quero que as use!

— Por quê?

— Porque você não pode andar por aí metida nesses trapos!

— Compreendo... E quanto vai me custar essa generosidade?

Cedric controlou sua cólera a custo.

— Não vai lhe custar nada! Estou querendo corrigir um erro, não vê?

Lívia não estava ainda convencida.

— Por quê?

— Nunca tive a intenção de fazer você sofrer. Sinto-me responsável pelo seu bem-estar. Mas você está sempre me provocando! Tenho vontade de estrangular esse pescoço adorável porque, minha pequena romana, não passo de um bárbaro estúpido e grosseiro! — Dito isso, ele virou-se bruscamente e deixou o campo feito uma fúria.

— Deuses... — suspirou Lívia.

Era a calma depois da tempestade, e, aos poucos, o tremor em suas pernas cessou. Quando foi capaz de se mover, correu os dedos pelo peplo branco para ter certeza de que era real. Então, temendo que Cedric reaparecesse de um momento para outro com novas idéias, arrastou a arca até o interior da tenda.

Ele voltou por volta do meio-dia e aspirou com prazer o aroma delicado que se desprendia do guisado que cozinhava lentamente no fogo. Acenou-lhe com a cabeça e depois foi servir-se de uma taça de hidromel,

Por um momento, ficou em pé a contemplá-la. Lívia usava uma estola limpa, e seus cabelos estavam cuidadosamente presos numa trança. Seus pés estavam enfaixados, mas calçados em sandálias. Era um bom começo!

Satisfeito, sentou-se perto da fogueira e, quando ela o serviu de uma boa porção de guisado acompanhado de dois bolos de trigo, agradeceu-lhe;

— Obrigado.

A súbita mudança dos modos de Cedric era inexplicável. Lívia ficou parada, sem saber o que dizer. Mas, ao ver que não havia nenhum traço de zombaria em sua expressão, ela sentiu-se na obrigação de dizer:

— As roupas chegaram em boa hora.

Ele demorou um pouco para responder.

— Não era minha intenção que andasse vestida de trapos.

Lívia ficou calada. Queria acreditar nele, mas a lembrança da humilhação a que fora submetida estava ainda muito fresca em sua memória. Cedric entendeu seu ar reticente.

— Por que não disse que seus pés estavam feridos?

— Tinha medo de que você risse de mim, zombasse de minha fraqueza.

— Precisa entender que, ao ajudar Adrianus a fugir, colocou todos nós numa posição constrangedora.

Ela baixou os olhos.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Percebi isso depois. Mas, naquele momento, eu queria apenas livrar Adrianus das mãos de Rhys.

— Soube que Heall e Artair esconderam sua participação na fuga.

Diante de seu ar surpreso, ele explicou;

— Artair confessou tudo no dia anterior a sua morte.

— Não fique zangado com Heall! Ele só quis me proteger, nunca pensou em traí-lo!

Cedric terminou de beber o hidromel e voltou a encher a taça.

— É verdade que não fugiu também porque tinha medo de que eu fosse atrás de vocês dois?

Era apenas parte da verdade, mas Livia preferia morrer a admitir que se sentia irremediavelmente ligada a ele. E, calmamente, ela fez com a cabeça um sinal afirmativo.

— Você teria matado Adrianus... E eu queria dar a ele uma chance de viver, não adiar a sua morte. — Sua voz transformou-se num sussurro. — Nunca pensei em trair você. Queria apenas salvar a vida de meu amigo. Pode entender-me?

Cedric sentiu um dor insuportável no peito. Livia permanecera ali apenas para que ele não perseguisse o legionário!

— Mas isso não altera os fatos. Eu não posso confiar em você! — disse, sem o menor vestígio de simpatia na voz.

Os olhos de ametista fitaram os dele.

— Nem eu em você. Você me salvou da morte duas vezes, o que adiantou? Isso só nos causou sofrimento.

Ele se levantou.

— Sonhei tantas vezes com você... Mas os deuses puseram o sonho ao alcance da minha mão e depois permitiram que ele escoasse lentamente de meus dedos. Vingaram-se, porque zombei deles.

— Não compreendo...

— Nem eu — murmurou Cedric, recolhendo a espada e a pedra de amolar. — Vou a uma caçada organizada pelo pessoal de minha aldeia. Precisamos de carne fresca para poupar nossas provisões. — Caminhou até o carroção e apanhou o arco e as flechas. — Se meu pai vier com Heall, avise-os que estarei de volta ao anoitecer.

— Podemos usar água fresca dos poços? Cedric examinou os barris.

— Vou verificar isso hoje à tarde. Talvez não esteja envenenada.

— Envenenada?

— É coisa comum envenenar a água para que o inimigo não possa usá-la.

— Oh...

— Não sabia disso? Livia sacudiu a cabeça.

— Mas você trouxe água de Camulodunum.

— Estavam destinadas a suprir a população. Mas os fazendeiros, romanos ou trinovantes, envenenam as águas dos poços quando abandonam suas propriedades.

Livia começou a tirar os pratos servidos, pensando em Adrianus, que tivera de

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

atravessar um país em guerra. Como se estivesse lendo seus pensamentos, Cedric comentou:

— Seu primipulus está a salvo. É um centurião experimentado e não deve desconhecer as regras primárias de sobrevivência tempos de guerra.

Ele pôs o arco e as flechas no ombro, montou seu garanhão dourado e saiu a galope do acampamento. Quase em seguida Edith chegou, trazendo a guerreira Guendolin para que Livia fizesse um curativo em seu braço.

Dispensados os cuidados, Livia convidou as duas guerreiras sentarem-se junto da fogueira. As jovens enfronharam-se numa conversa animada e, quase sem perceber, encontrou-se tomando parte. E, quando Guendolin queixou-se de que a túnica que devia usar no festival era comprida demais, e que não sabia o que fazer, ofereceu-se impulsivamente para consertá-la.

— Guendolin gostou de você — disse Edith, quando a outra saiu correndo para ir buscar a túnica.

— Porque precisou de mim.

— Nada disso. Ela conheceu você em Venta Icenorum e queria vê-la, mas tinha medo de que Cedric não permitisse.

— Então foi por isso que ela veio hoje? O caminho estava livre para visitar a escrava dele.

Edith franziu os cenhos.

— Não gosto de ouvir você falar assim.

— Não é culpa sua, Edith,

— Não, é de Cedric. Livia suspirou fundo.

— Ele salvou minha vida. Devia ser-lhe grata.

— É isso o que ele deve estar esperando: gratidão. — Edith sacudiu a cabeça. — Cedric é um guerreiro valente, mas é desajeitado com as mulheres.

— Não acredito que ele me veja como mulher. Deve me considerar apenas coisa sua.

Edith a olhou intensamente.

— Ao contrário! Acho que ele a julga muito mulher!

Livia riu alto.

— Você não pode estar falando sério!

— Mas estou. Não notou que Cedric foge de você?

— Talvez porque me odeie tanto que acabaria me estrangulando se ficasse perto de mim. E aí, quem cozinhará sua comida?

— Você o assusta — disse a guerreira pensativamente. — E eu me pergunto por que.

Logo depois, Guendolin voltou com uma túnica vermelha, e as duas jovens puseram-se a contar histórias engraçadas. Suas risadas atraíram jovens de outros acampamentos e, ao cair da tarde, um grupo de cerca de dez jovens estava reunido em volta da fogueira.

— Chega de histórias por hoje.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Lívia deu um salto quando ouviu uma voz grave às suas costas.

— Senhor... Não percebi sua chegada.

Cedric colocou no chão a carga que lhe pendia dos ombros e resmungou entre os dentes:

— Porque estavam rindo muito alto.

Como se tivessem recebido uma ordem, as jovens levantaram-se todas ao mesmo tempo e deixaram o acampamento. Lívia umedeceu com a língua os lábios subitamente secos e confessou:

— Não preparei o jantar, senhor. Estava esperando que trouxesse carne fresca.

Mas...

Cedric interrompeu-a gentilmente.

— Não estou zangado, Lívia.

— Oh...

Os olhos dele fixaram-se na túnica vermelha que ela tinha nas mãos.

— Onde arrumou isso?

— Não é minha. Vou ajustá-la para Guendolin. Pensei que não se importasse...

— Não, não me importo — disse Cedric com um suspiro fundo. — Venha ver o que este caçador conseguiu.

Quando Lívia chegou mais perto, ele tirou o lençol que envolvia a presa.

— Um belo veado macho. Utilizaremos uma pequena parte para o jantar e assaremos o resto amanhã para a celebração de Beltane.

Lívia desviou os olhos, fazendo força para sufocar a revolta de seu estômago. Cedric percebeu seu ar aflito e explicou:

— Eu me encarregarei de cortar a carne. Depois ensinarei a conservá-la.

— Vou guardar a túnica de Guendolin e volto já — disse encaminhando-se para a tenda.

Lá dentro, fora do alcance da vista dele, respirou fundo, tentando controlar o enjôo. Era importante que Cedric soubesse que estava preparada para fazer tudo o que uma mulher icênia fazia.

— Você deixou cair a linha, Lívia.

Quando ela se voltou bruscamente, Cedric chegou mais perto passou-lhe às mãos o rolo vermelho.

— Aproveitou bem a tarde?

— As amigas de Edith são divertidas. Gostei de suas histórias. Lembraram-me as que Artair costumava contar.

— Artair teria sido um ótimo bardo — concordou Cedric. E agora venha me ajudar a preparar o jantar.

Ela o seguiu obedientemente e o observou cortar um pequeno pedaço da caça para a refeição da noite, enquanto ia lhe explicando como devia preparar o resto.

— Amanhã quero preparar uma coisa especial para essa carne. Depois de temperada, vou colocá-la em fogo brando e deixá-la assar o dia todo. Depois, quando a cerimônia tiver terminado, serviremos aos convidados.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— De que modo Beltane será celebrado?

— Em minha aldeia costumam acender o fogo de Beltane, destinado a homenagear o deus Be'al, num grande altar de erguido no monte sagrado.

— Be'al é a chama da vida?

— E mais ou menos isso. O fogo comemora a volta do sol depois da desolação do inverno. Há cantos, danças e oferendas a Be'al.

— Oferendas? — O sangue de Livia gelou. — Sacrifícios humanos?...

— Meu pai não costuma fazer sacrifícios de humanos ou animais. Ele acredita que qualquer tipo de vida é sagrado a Be'al. As oferendas de Clydach aos deuses são constituídas de cereais e de vinho.

— Desculpe... Não quis ofendê-lo.

— Rhys esta apaixonado pela morte — observou Cedric. — Não julgue os outros druidas por ele.

— Estou procurando não fazer isso — defendeu-se ela. — E também não deveria julgar todos os romanos pelas ações de César e de seu procurador.

A farpa entrou diretamente no coração de Cedric. Os olhos dele encheram-se de tristeza quando a fitaram.

— Você me odeia — concluiu ele.

Livia voltou-se e encaminhou-se para o carroção, a fim de pegar os ingredientes para preparar os bolos de trigo.

— Não sinto nada por você, do mesmo modo como você não deve sentir nada por mim. A revolta de sua rainha nos aproximou. Mas, quando a guerra terminar, seguiremos caminhos separados e não nos tornaremos a ver nunca mais.

— Quer dizer que você me suporta apenas porque sabe que essa situação é temporária?

— Sim, é isso.

— E vai conseguir me esquecer?

Livia apertou fortemente a colher que tinha nas mãos.

— Com o tempo, consegue-se esquecer também os pesadelos.

Cedric fez força para controlar a cólera.

— E se Boadicea vencer?

— Você prometeu que me libertaria, lembra-se?

— Não exatamente. Havia uma condição: uma criança. Livia virou-se abruptamente para ele.

— Se Boadicea for vitoriosa, por que você haveria de querer um filho que fosse icênio apenas pela metade?

— Porque os deuses assim ordenaram. — disse Cedric simplesmente.

— Seus deuses, talvez. Mas não os meus! — disse ela com veemência.

Ele encolheu os ombros e não lhe deu resposta, e Livia tremeu de indignação.

— Vou cozinhar para você, lavar suas roupas e seguir atrás de sua carroça feito um cachorro acorrentado. Mas nunca, ouça bem, nunca irei carregar seu filho no ventre!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Cedric fitou-a e não pôde deixar de admirar sua beleza de ferinha raivosa.

— Por que não? — perguntou simplesmente.

— Por quê? — balbuciou ela. — Porque não sou uma égua destinada a dar continuidade ao plantel de seu dono!

— Você é a outra metade de mim mesmo.

Aquela calma constatação pegou-a de surpresa.

— Você é tão doido quanto Calígula!

— Talvez...

Cedric deu alguns passos e parou diante dela.

— Mas é você a causa de minha loucura, já pensou nisso? — disse ele aproximando-se mais.

Lívia recuou até a lateral da carroça. Quando o corpo viril tocou o dela, sua respiração parou, seus joelhos enfraqueceram e ela fechou os olhos, esperando que de a beijasse.

Voltou a abri-los, ao ouvir um ruído metálico, e o viu pegar uma bacia que estava atrás dela.

— Quero me lavar.

Ainda não refeita das intensas emoções que experimentara, Lívia olhou para ele, estupefata. Cedric não tivera a intenção de beijá-la! Com o rosto ardendo de vergonha e um sentimento de humilhação crescendo em seu íntimo, voltou-se bruscamente e rumou para a fogueira.

— Acho que você mentiu. — ouviu-o dizer às suas costas. — Você sente algo por mim, pequena feiticeira.

Lívia ficou cega de ódio. Virou-se e num gesto irrefletido, arremessou a colher de pau contra ele. Cedric desviou-se e o objeto passou zumbindo a seu lado e foi atingir em cheio uma figura vestida de negro que acabava de entrar no acampamento.

Clydach olhou de Lívia para o filho, ambos paralisados de espanto, e inclinou-se para apanhar a colher do chão.

— É uma nova maneira de dar as boas-vindas a alguém que chega para jantar? — perguntou ele com um sorriso.

Cedric deu uma sonora risada e Lívia, sentindo as lágrimas umedecerem-lhe os olhos, fugiu para a tenda.

— Desculpe. Mas Lívia tinha a intenção de atingir a mim. — disse ele ao pai, enquanto se sentavam junto à fogueira.

— Que péssima pontaria! — disse o druida com um sorriso. — Acha que ela vai sair da tenda?

Cedric levantou-se e acabou de fazer os bolos de trigo.

— Não sei... Lívia me confunde.

— Não é esse o propósito de todas as mulheres?

— Estou começando a pensar se não dei uma interpretação errada a meus sonhos!

— Como assim?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Antes, eles me pareciam bem claros: eu conheceria Livia e ela daria à luz um filho que reunia o melhor de nossos mundos. Mas, agora, não sei mais nada!

— Por quê? Não deseja mais ter um filho?

— Claro que sim, mas... — Cedric fitou o druida com ar perdido. — Pensei que tudo fosse tão simples, pai!

— E não é?

— Livia não quer acreditar que eu só quero protegê-la. Eu a proíbo de ver o prisioneiro romano e ela não só faz pouco de minhas ordens como o ajuda a fugir! Eu a acorrento para a sua salvação e para a minha, e ela se atreve a me olhar com um ar de corça ferida, fazendo-me sentir como se tivesse posto grilhões em minha própria alma!

Clydach ocultou um sorriso. Era espantoso ver como, aos poucos, a pequena romana conseguia abater o muro que Cedric construía em volta de si mesmo.

— O que você quer de mim? — perguntou-lhe.

— Conselhos. Como posso me livrar dessa complicação?

— Muito simples — disse o druida, tomando um gole de vinho. — Livre-se de Livia e as complicações desaparecerão.

— Mas como poderei realizar meus sonhos sem ela?

— Já não lhe disse certa vez que Livia é seu destino? Continue a se comportar como vem se comportando e estará jogando seu destino fora!

Durante o jantar, Cedric ponderou as palavras do pai e reconheceu a verdade que elas continham. Não fazia sentido ele e Livia se enfrentarem como dois inimigos! Aquela loucura apenas o tornava mais infeliz, mais vazio, mais inquieto...

Livia não voltou a sair da tenda, naquela noite. Era difícil encarar Cedric como se não tivesse acontecido nada! Pior do que isso era o reconhecimento de que as palavras que ele havia dito, "Você sente alguma coisa por mim, pequena feiticeira", eram a pura expressão da verdade. Estava profundamente apaixonada por ele! Mas esse reconhecimento tinha um sabor amargo porque sabia que precisava apagar de seu coração e de sua mente aquele amor impossível!

Naquela noite, o pesadelo voltou novamente a atormentar Cedric. Seus gritos acordaram Livia e, por alguns momentos, ela permaneceu imóvel, decidida a não acordá-lo como havia feito anteriormente. Sua resolução durou até o instante em que um novo grito, mais cheio de aflição do que os outros, rasgou o ar. Então, correu para o lado dele e o sacudi pelos ombros.

— É o pesadelo, Cedric. Acorde...

Ele começou a sair lentamente da opressão que o sufocava.

— Artair... — sussurrou.

— Eu sei. Console-se, pense que ele, ao menos, foi consagrado a seus deuses. Eu não tive esse conforto quando se tratou de minha família.

— É um magro consolo — disse Cedric, consciente.

— Mas, ainda assim, um consolo.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ele buscou-lhe a mão no escuro e a reteve entre as suas.

— A revolta nos privou de muitas coisas. Não tivemos tempo sequer para chorar os nossos mortos.

Lívia fez menção de levantar-se, e ele pediu em voz baixa:

— Fique. Ao menos por alguns instantes.

— Como você quiser.

Cedric acariciou-lhe gentilmente a mão.

— Tão dócil...

— Não é o que você quer? — perguntou ela com voz trêmula, tentando ignorar o efeito que as leves carícias provocavam em seus nervos.

— Esta sentindo frio? Você parece tão arrepiada...

— Não...

— Claro que está. Venha, deite-se ao meu lado. Lívia gelou.

Então era isso o que ele pretendia?

— Não — disse, puxando a mão.

Cedric praguejou mentalmente quando ela se afastou. Sua impaciência a assustara. Tinha de agir com mais cuidado, se quisesse conquistar-lhe a confiança!

No dia seguinte, Lívia ficou perplexa ao ver que Cedric, com exceção de duas breves saídas, parecia determinado a permanecer no acampamento o dia inteiro. Sua presença abalava-lhe os nervos. Não que ele fizesse alguma coisa para deixá-la nervosa. Ao contrário. Enquanto ela preparava sucessivas paneladas de bolos de trigo, ele cuidava do assado, cortava lenha para a fogueira e até a ajudava nas pequenas tarefas domésticas. Tudo isso sem deixar de observá-la com seus profundos olhos azuis. E era precisamente aquele olhar, inocente e penetrante ao mesmo tempo, que a perturbava tanto.

Cedric olhou-a de longe. Sentia-a tolhida na sua espontaneidade, tensa. E não entendia por quê. Comportara-se impecavelmente, tentando recapturar o clima de encantamento que havia entre eles em Venta Icenorum, mas nada parecia sensibilizá-la. Ao contrário, ela se tornava cada vez mais retraída, à medida que as horas passavam. Não havia nenhuma razão para isso. A não ser...

— Está pensando em fugir novamente? — perguntou-lhe, caminhando para ela.

Lívia sobressaltou-se e deixou cair a ânfora de vinho que tinha nas mãos.

— Oh!...

Embaraçada e consternada, ela se inclinou para recolher os cacos. Quando duas mãos fortes ergueram-na e puxaram-na de encontro a um peito amplo, disse com voz sumida:

— Deixe-me...

— Responda primeiro: está pretendendo fugir novamente?

Ela abanou a cabeça.

— Não.

Cedric deixou-a ir e mudou de assunto abruptamente.

— Encontrei um poço de água pura. Vamos pegar a carroça e encher nossos

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

barris.

— Agora?

— Por que não? Poderíamos nos suprir de água e tomarmos também um bom banho. Concorde?

A idéia de tomar um banho de verdade era muito tentadora. Ela hesitou apenas alguns segundos para dizer:

— Como você quiser.

O percurso à fazenda foi feito em silêncio. Ao chegarem, Cedric acendeu imediatamente uma fogueira e pôs água para esquentar, enquanto Lívia dava uma espiada pelos arredores.

A casa chamou-lhe a atenção. Era pequena, caiada de branco, com uma cobertura de varas trançadas. Acostumada às belas construções de dois ou mais andares de Venta Icenorum, ela ficou chocada. E ocorreu-lhe que, apesar de ter passado toda a, sua vida na Britânia, desconhecia ainda os hábitos de seus habitantes.

Curiosa, penetrou no interior. A casa não estava dividida em compartimentos, como as romanas. Havia uma sala grande, que servia também de cozinha, e duas pequenas alcovas fechadas por cortinados. Onde estaria a família, agora? Reunira-se ao bando de Boadicea ou fugira antes da revolta?

— Lívia?

Ela se voltou bruscamente.

— Você me assustou.

— O que estava fazendo?

— Dando uma espiada na casa.

— Curiosa de saber como vivem os bárbaros? — indagou ele, sem esconder sua ironia.

Lívia corou.

— Estava pensando no que aconteceu à família.

— Foram todos embora.

— Para onde? Reuniram-se à sua rainha ou fugiram dela? E os filhos? Onde estão?

— Pare com isso, Lívia! Foram embora. Colocaram seus bens numa carroça e desapareceram. Muito simples.

Seus claros olhos azuis traduziam impaciência. Ela o seguiu obedientemente para fora da casa e pôs-se a encher os barris, à medida que ele ia tirando água do fundo do poço.

Trabalharam em silêncio por um longo tempo, antes que Lívia ousasse erguer os olhos. Quando o fez, ficou com a respiração suspensa. Cedric havia tirado a túnica, e seu peito largo e bronzeado mostrava os músculos retesados pelo esforço de puxar o balde cheio de água. Como uma simples mortal na presença de um deus, ela ficou a contemplá-lo, esquecida do balde.

Ficou confusa quando viu um sorriso desenhar-se na boca máscula e sensual e disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

- Sua casa é como essa?
- Não é tão grande assim. Meu pai e eu vivemos numa bothie.
- Bothie?...
- Uma pequena cabana coberta de turfas.

Ela voltou a encher os barris automaticamente, tentando ignorá-lo. Mas como era possível? Havia nele alguma coisa, um magnetismo secreto que a atraía de forma irresistível. Mesmo desviando os olhos, sentia o leve cheiro de sândalo que se desprendia de seu corpo e que a fazia lembrar-se do gosto e da textura de sua pele.

— Lívia!

Ela gritou de susto, e o balde escapou-lhe das mãos, entornando a água. As feridas ainda não cicatrizadas arderam, e ela gemeu.

— Seus pés... Eu devia ter lembrado que estão ainda sensíveis.

Cedric tomou-a pela cintura, levou-a para o fundo da carroça e tirou-lhe as sandálias.

— Não precisa...

O protesto de Lívia morreu na garganta, ao sentir o toque cheio de carinho, quase amoroso, das mãos dele. E ela fechou os olhos experimentando uma estranha e maravilhosa sensação de isolamento. Apenas os dois, perdidos na imensidão do mundo.

Enquanto retirava as faixas molhadas, Cedric olhou para pernas dela. Eram adoráveis: fortes, mas não musculosas como as das mulheres icênias. Lembrou-se de como Lívia as abriu para enlaçá-lo pela cintura, apertando depois o corpo contra o dele, duraste o ato de amor que haviam compartilhado. A pontada de desejo que sentiu foi tão forte que quase o dobrou ao meio. Recobrou o domínio com dificuldade e disse com voz rouca.

— Vamos. A água já deve estar quente.

De fato, a água estava fervendo. Temperaram-na com água fria e muniram-se de pedaços de lençóis velhos que Cedric havia preparado com antecedência para servirem de toalha.

Lívia lavou primeiro os cabelos e os enxugou, pensando num meio de tomar banho sem tirar as roupas. Mas convenceu-se logo em seguida de que, àquela altura, qualquer preocupação com pudor seria irrelevante. E assim, despiu a estola com gestos decididos, dobrou-a cuidadosamente e dispôs-se a tirar vida nova daquele banho. Momentos depois, no entanto, o ventinho gelado entardecer obrigou-a a apressar-se. Terminou suas abluções rapidamente e tornou a vestir-se.

Cedric, naturalmente, parecia imune ao desconforto. Olhou-o e viu, incrédula, como ele jogava dois baldes de água fria sobre ombros. Devia ser de pedra para agüentar aquilo! Depois, envergonhada, desviou os olhos rapidamente. Não queria que ele percebesse o exame demorado de que era alvo.

Deixaram a fazenda com as primeiras sombras da noite, e uma vez mais o percurso foi feito em silêncio, ambos imersos seus pensamentos. Ao chegarem ao acampamento, Cedric foi ir imediatamente tratar dos cavalos, dando a Lívia prioridade para usar a tenda. Ela não quis abusar e aprontou-se rapidamente. Vestiu o peplu

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

branco e escovou os cabelos, até deixá-los brilhantes como ouro, caindo soltos até a cintura, e depois foi esperá-lo junto à fogueira.

Decorridos alguns momentos, viu-o surgir do interior da tenda e suspendeu a respiração: um brilhante manto azul caía-lhe dos ombros, ocultando parcialmente a túnica negra que usava por baixo, em dramático contraste. A corrente de bronze brilhava em seu pescoço forte, e ele parecia, mais do que nunca, um jovem deus descido do Olimpo.

Cedric contemplava-a, enquanto caminhava, admirando-lhe silenciosamente a aparência.

"Uma linda mulher", pensou, parando diante dela. "O homem que merecer sua lealdade será verdadeiramente abençoado!"

Deixaram o acampamento e misturaram-se ao caudal humano que fluía para leste. Havia percorrido boa parte do caminho quando Livia sentiu uma estranha pressão: era Cedric que havia passado o braço em volta de sua cintura.

"Isso não significa nada", disse a si mesma. "Ele quer apenas evitar que sejamos separados durante a confusão".

Mas seu coração não estava convencido disso e começou a bater descontroladamente no peito. E, quando a pressão em sua cintura aumentou, ela achou natural apoiar-se confortavelmente no ombro dele, como se o conhecesse e confiasse nele havia muito tempo.

Clydach havia escolhido uma colina baixa e ampla para as suas cerimônias. Dois dias antes, ajudado por alguns fiéis, tinha erguido um rústico altar de pedra, agora coberto de ramos e pequenos troncos de madeira. As tochas, ainda apagadas, empilhavam-se aos pés da colina. Quando o fogo de Beltane fosse aceso, seria visto a milhares de milhas em redor.

Beltane! O espírito de Clydach elevou-se, enquanto ele fitava com orgulho a multidão reunida aos pés da colina. Durante quase duas décadas seu povo vira-se privado dos druidas para officiar essa celebração. As últimas semanas haviam se resumido em sangue e em morte. Mas, agora, celebrariam a vida e a estação vindoura. Se morressem no dia seguinte, ou no mês seguinte, seriam confortados pela lembrança de ter cultuado seus próprios deuses com seus próprios rituais, antes que seus olhos se fechassem para sempre.

Cedric avistou-o no alto da colina, majestoso em seu manto negro, e abriu caminho por entre a massa compacta de fiéis, até ficar na primeira fileira. Ninguém objetou: ele era o filho do druida, merecia um lugar de honra.

Postada a seu lado, Livia experimentou de repente uma estranha sensação de desconforto. A alguma distância dela, inconfundível em seu manto branco puro como a neve, viu Rhys. Fugiu de seus olhos, mas não pôde evitar que um calafrio lhe percorresse a espinha.

— Está com frio? — perguntou Cedric sentindo-a estremecer,

— Rhys está aqui.

Quando ele deparou com o rosto lívido do sacerdote, puxou Livia para si e

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

rodeou-a de maneira protetora com os braços.

— Eu também estou — murmurou-lhe ao ouvido, expulsando todos os seus receios.

Ela aninhou-se nos braços fortes e fechou os olhos, invadida por uma sensação de conforto.

— Estamos reunidos aqui para acolher Beltane com festejos!

A voz soltou-se do alto da colina e surpreendeu Livia pela sua força. Ela abriu os olhos: Clydach estava atrás do altar, com braços erguidos e um sorriso cálido a iluminar-lhe o rosto. Sua expressão era suave, muito diferente da que um sacerdote romano apresentaria numa ocasião solene como aquela.

— A neve e o frio do inverno já são coisas do passado. E terra aquecida e as árvores cobertas de flores anunciam a época de arar os campos. Mas este ano será diferente. Este Beltane vai celebrar um outro renascimento: o renascimento de nossas tribos, de nossa nação, de nós mesmos. Este ano, não deitaremos sementes de trigo para germinarem. Este ano, espalharemos sementes de nossa independência. E nossa oferenda para Be'al será um agradecimento pelas vitórias alcançadas e um para que continue a dos dispensar suas mercês, enquanto lutamos para conseguir o que é nosso por direito!

Clydach pegou uma grande taça de cobre de trás do altar e ergueu bem acima de sua cabeça.

— Aceite a oferenda desse trigo, poderoso Be'al, que se desenvolveu na terra que aqueceste e nutristes. Não nos abandone embora tenhamos de tomar a vida de outras criaturas para libertar a nossa terra.

Depois de colocar a taça sobre o altar, Clydach tocou-a com a ponta da tocha acesa, e um cheiro acre de trigo queimado flutuou no ar. Decorrido um segundo, a fumaça passou do cinzento para o púrpura, para o vermelho e então explodiu num arco-íris cores brilhantes que subiu diretamente para o céu.

As chamas das tochas se inclinaram e tremularam com a lufada de ar gelado que perpassou pela colina. Os fieis murmuravam palavras de admiração, e Livia ficou ansiosa diante do sinal evidente de aceitação de Be'al.

Cedric olhou-a e viu sua expressão extasiada, enquanto o arco luminoso se extinguia na escuridão do céu, e riu baixinho.

— Seria maravilhoso, se eu conseguisse acreditar nesse milagre, mesmo por um momento.

A pouca distância dele, Rhys também duvidava, mas por outros motivos. O sacerdote mantinha sua postura ereta diante multidão, e a única evidencia de seu desprezo era o brilho desdenhoso de seus olhos verdes. Deviam celebrar Beltane com oferendas de sangue romano e completá-las com agradecimentos Morrigan. Havia sido a deusa que tinha possibilitado a vitória, não Be'al!

Se não fosse pelo fato de Clydach ser admirado e respeitado pelo povo, não teria assistido à celebração, do mesmo modo como o velho druida evitava as celebrações dele em honra Morrigan. Mas não se atrevia. Tinha ainda poucos adeptos.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Precisava expandir seu poder. Não conseguiria isso, se insultasse Clydach publicamente.

"Se eu tivesse ficado em Mona...", refletiu, enquanto observava o desenrolar da cerimônia com olhos cheios de ódio. "Teria aprendido as várias artes que Clydach domina".

Mas o chefe druida do mosteiro aparecera durante uma homenagem particular que prestava a Morrigan e, ao ver o sofrimento infligido à vítima do holocausto, antes que a morte a reclamasse, exilara Rhys, então um jovem acólito de Mona.

Sua boca curvou-se num rito de desdém, ao contemplar o altar dedicado aos deuses indulgentes. Isso não era para ele. Seu espírito pedia devoção a uma deidade mais inflexível.

Nesse instante, Clydach começou a entoar uma canção de louvor e agradecimento a Be'al, que não era ouvida havia mais de vinte anos. Então, hesitantes a principio, depois com mais segurança, outras vozes se juntaram à dele. E quando ganharam mais força, elevando-se aos céus com emoção, o druida tomou a taça nas mãos e deu uma volta em redor do altar. Depois, valendo-se de uma tocha, ateou fogo aos ramos que o recobriam.

A lenha silvou, as cascas estalaram e as chamas ergueram-se altas, ocultando-o da vista de todos. Quando diminuíram de intensidade, a multidão começou a mover-se para frente, munindo-se das tochas empilhadas aos pés da colina.

Lívia foi impelida para frente e separada de Cedric. Quando começou a entrar em pânico, sentiu novamente seu braço fone e protetor tomá-la pela cintura. Relaxou-se e passou a observar o ritual que se processava a seu redor.

Os fiéis, divididos em duas filas ordenadas, começaram a galgar a colina, dirigindo-se para o altar. Postado diante dele, Clydach os abençoava um a um com um raminho de visco.

"Eu não deveria estar aqui", pensou ela, quando chegou sua vez de receber a bênção. "Não conheço seu deus, não o cultuei."

— Desculpe-me, Clydach — disse ao druida com humildade. — Não queria profanar seu altar.

Ele sorriu-lhe com gentileza.

— Todos são filhos de Be'al. Que seu favor divino a acompanhe esta noite.

Depois, erguendo os olhos para o filho, o druida acrescentou:

— De agora em diante, não irá mais duvidar dos nossos deuses, especialmente de Be'al. Foi pelo seu poder que você está aqui, para tomar sua bênção.

Recebida a proteção, Cedric pegou uma tocha, colocou-a na mão de Lívia e juntos acenderam-na na chama sagrada.

— Para que a bênção de Be'al se estenda também a seu acampamento. — explicou ele. — Podemos ir quando quiser.

— Então vamos agora.

Cedric segurou-a pelo braço e foi iluminando com a tocha o atalho que descia em direção ao acampamento. Quando chegaram, encontraram um vulto solitário sentado

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

diante da fogueira apagada. A figura indistinta voltou-se ao ouvir seus passos, e a luz da tocha iluminou feições familiares.

— Heall!

Lívia desprendeceu-se de Cedric e correu para o velho guerreiro, lançando-lhe os braços em torno do pescoço.

— Bem-vindo!

— Obrigado, filha,

Cedric adiantou-se e cumprimentou-o.

— É bom vê-lo de novo, velho amigo.

Heall apertou-lhe o braço e depois voltou-se para Lívia.

— E você, minha pequena? Está bem?

— Estou. — Ela o olhou com ternura. — Vai ficar conosco, não vai?

— Vou acampar com Clydach, mas, esta noite, gostaria de usufruir da companhia de vocês... E de um pedaço desse assado que está cheirando tão bem.

— Num instante — disse Cedric. — Mas, antes, temos de cumprir a última parte do ritual.

Passando a tocha a Lívia, ele armou uma pequena pirâmide de tacos de madeira diante da tenda, pronunciando as palavras que ouvira seu pai dizer no passado.

— Que a bênção de Beltane entre em nossa casa e que o deus nos guie com segurança neste ano.

Dito isso, ordenou a Lívia:

— Jogue a tocha sobre a madeira.

Heall quase deu um grito de surpresa. Segundo a tradição, era a companheira do chefe da casa que acendia o fogo de Beltane à soleira de seu lar. Era uma honra que Lívia, evidentemente, ignorava.

Ela lançou a tocha sobre a pirâmide e sorriu quando as achas pegaram fogo. O culto a Beltane trouxera-lhe uma paz inexplicável ao coração. E, a julgar pelos cantos e risos que flutuavam no ar, parecia que aquela paz se estendia a todo o campo icênio.

Ainda com um sorriso nos lábios, foi até a carroça preparar vinho, o hidromel, os bolos de aveia e as conservas para serem servidos junto com o assado.

Os convidados começavam a chegar. Depois de trocarem cumprimentos, serviam-se de carne, que cortavam com suas própria espadas, e de bebida, que tomavam nas taças que haviam trazido consigo.

As risadas tornavam-se mais freqüentes à medida que o vinho e o hidromel fermentado fluíam livremente. Os bardos contavam histórias de grandes batalhas e cantavam a glória de Albion e de seu povo.

Mas Heall, parado a alguma distância dos outros, dava a impressão de que preferia ficar sozinho.

— Eu o entendo. Deve ser difícil para você — disse Lívia, indo ao encontro dele.

O velho guerreiro sacudiu a cabeça.

— Sinto tristeza apenas porque Artair não viveu o suficiente para ver nossas cerimônias serem celebradas publicamente. Mas não o lamento, ele está num lugar

feliz. Se fecho os olhos, posso ouvir sua risada.

Lívia acariciou-lhe o braço.

— Você tem Cedric e Clydach para confortá-lo.

— Claro, eles são a minha família. Mas eu tenho também você, minha pequena amiga.

— Então, venha tomar uma taça de hidromel comigo.

Depois de meia hora, Cedric foi buscá-los para fazerem o giro em outros acampamentos. Continuaram a comer, a beber e a conversar. E quando, contagiados pela alegria geral, os dois homens entraram na roda das danças, Lívia afastou-se discretamente e ficou a observá-los de longe.

Ao virar-se para servir-se de mais vinho, ela viu Rhys a seu lado, olhando-a com ar desdenhoso. Sua primeira reação foi de medo. Mas o vinho que havia ingerido e a presença de Cedric deram-lhe coragem para enfrentá-lo.

— Que as bênçãos de Beltane caiam sobre ti. — disse.

— Desejo-lhe o mesmo, escrava.

Lívia empalideceu e quis afastar-se. Mas o druida bloqueou-lhe o caminho.

— Não se engane, escrava. Cedric não poderá protegê-la para sempre, e eu sou um homem paciente. Até outra hora, quando seu cão de guarda não estiver por peito.

Quando Cedric voltou para buscá-la, não precisou perguntar o que havia acontecido. Vira o druida aproximar-se dela e sabia que ele havia tornado a ameaçá-la. Quis enfrentá-lo, mas Lívia o impediu:

— Não, Cedric... É a festa de Beltane.

A comemoração continuou, e ela conseguiu esquecer Rhys. Era impossível não rir com as histórias dos bardos ou deixar de admirar suas canções que falavam de amor entre um homem e uma mulher ou dos feitos dos heróis míticos de Albion. E quando, por fim, refizeram o caminho para o acampamento, estava exausta, mas feliz.

— Sei que deve estar cansada. Mas há ainda uma coisa que eu gostaria de fazer — disse-lhe Cedric, ao chegarem.

Ele a tomou pelo braço e a levou para a carroça, de onde retirou um machado e um cinzel de ferro.

— Meu presente de Beltane para você — explicou, enquanto lhe arrebatava os grilhões.

Lívia olhou para seus tornozelos, incrédula.

— Estou livre?

Cedric abanou a cabeça.

— Só a rainha pode devolver-lhe a liberdade.

— Então, por que...

— Porque eu quero que seja assim — disse ele sem fitá-la.

Ela sorriu e tocou-lhe o braço.

— Obrigada, Cedric.

— Isso não vai mudar nada. Você ainda é minha.

— E isso não impede que eu lhe seja grata. Não imagina como é maravilhoso

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

sentir-me livre das correntes.

Quando ela se voltou e caminhou para a tenda com passo leve, Cedric observou-a ir, dividido entre a felicidade e o desespero.

CAPÍTULO VIII

A hoste de Boadicea prosseguia rumo a Londinium, arrasando tudo o que encontrava pela frente: fazendas, villas rurais e até povoações inteiras.

A região estava quase deserta. Seus habitantes, leais a Roma na sua maioria, tinham buscado refúgio nas cidades fortificadas ou nos postos avançados das legiões. Os que haviam permanecido aderiam incondicionalmente ao bando de guerra da rainha.

Enquanto a coluna celta serpeava lentamente pelos campos, cobrindo a custo dez milhas por dia, Suetonius Paulinus, acampado em Mona, recebia a notícia da revolta. Deixando ali parte de suas forças para completar a romanização da ilha, o governador geral convocou as alas da cavalaria da Décima Quarta legião e tomou a direção de Londinium. Cobriu em dois dias as sessenta milhas que o separavam de Deva, onde estava baseada a Vigésima Valéria, e dela tomou cinco coortes de mil homens cada para incorporá-las às suas próprias forças.

Uma vez fora das montanhas, Paulinus acelerou ainda mais o passo. Homens e cavalos caíam de exaustão, mas ele afrontava a situação com sua habitual audácia. Privara o leste da ilha do grosso de suas forças defensivas para sua expedição punitiva, tornando a região presa fácil de Boadicea. Se a Britânia caísse, César iria exigir sua cabeça!

O exército da rainha, que diziam numeroso, não o preocupava. Dispunha ainda do reforço da Segunda Legião, o que aumentaria seu contingente de seis mil homens, número mais do que suficiente para enfrentar um bando de rebeldes esfarrapados!

No entanto, percorridas cem milhas em apenas quatro dias, viu-se forçado a substituir o rigor pela indulgência: seus homens haviam ultrapassado o limite do suportável. Assim, pela primeira vez desde que deixaram Mona, as fogueiras foram acesas e as tendas de couro armadas, para proporcionar uma boa noite de descanso aos legionários.

Mas Suetonius Paulinus estava tranqüilo. Londinium estava a apenas sessenta milhas de distância.

Com uma alegria que a surpreendeu, Livia acordou mais cedo na manhã seguinte. Livre das correntes, a jornada iria tornar-se mais suportável.

Assim que iniciaram a marcha, Heall passou-lhe as rédeas e ensinou-a a conduzir a parelha atrelada à carroça. No final da etapa, embora com as mãos inchadas e cheias de bolhas, ela sentia orgulho de si mesma.

À noitinha, quando acamparam, Cedric não fez comentário algum sobre a sua façanha. Mas ajudou-a a carregar água e, uma vez sozinhos no interior da tenda, ele próprio aplicou-lhe unguento na palma das mãos. Enquanto as enfaixava, comentou:

— Vai ficar com calos.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

- Não tem importância.
- Suas mãos eram lindas em Venta Icenorum. Tão brancas e macias...
- Mas agora eu sei guiar uma carroça. Isso é mais importante do que ter mãos lindas.

Cedric olhou tristemente para o vazio. Sua voz era um murmúrio, quando disse:

- Não sei...

Quando ele apagou o candeeiro, Livia ficou estendida na cama que haviam tornado a compartilhar até ouvir-lhe a respiração compassada do sono. Então, acomodou-se de encontro a ele, aquecendo-se no calor de seu corpo.

Um sorriso doce, oculto pela escuridão, curvou os cantos da boca de Cedric, mas ele fingiu dormir. Seu instinto lhe dizia que era preciso esperar mais um pouco para retomar o ritual que suas mãos desejavam e seus sentidos exigiam.

Na manhã seguinte, Livia acordou experimentando uma sensação maravilhosa. Demorou um pouco e compreendeu que estava presa pelos braços firmes e musculosos de Cedric, cujo corpo se colava ao dela, produzindo-lhe um intenso bem-estar. Tornou a fechar os olhos, embalando-se pela suave carícia daquele contato puro e ao mesmo tempo tão sensual.

- Já amanheceu.

Aquelas palavras, ditas com suavidade, arrancaram-na bruscamente do doce torpor. Mas ele obrigou-a a permanecer quieta em seus braços.

- Não vai me cumprimentar, feiticeira?
- Bom-dia, Cedric — sussurrou.

Ele virou-a para si e ergueu-lhe o queixo com dois dedos.

- Abra os olhos — ordenou e depois tomou-lhe a boca.

Livia abriu-se a seus beijos, correspondendo com calor à doçura de sua língua. Por um momento sem fim, abandonou-se completamente às sensações provocadas por aquele contato mágico que lhe deixava o corpo trêmulo de paixão.

— Magoei-a, feiticeira? — perguntou ele instantes depois, ao ver as lágrimas que lhe enchiam os olhos.

Livia sacudiu a cabeça.

- Então, por que está chorando?

"Oh, Juno, como posso explicar a ele o que sinto?", pensou ela.

- O que sou para você, Cedric? — perguntou-lhe com um fio de voz.

— Não lhe disse uma porção de vezes que você é minha?

— Sua... Escrava, não é isso? Uma mulher destinada a lhe satisfazer todos os desejos.

Cedric a fitou com os maxilares contraídos. Depois arremessou as cobertas para o lado bruscamente e levantou-se.

— Quando quiser alguém que satisfaça meus desejos, não terei nenhuma dificuldade. O campo está cheio de mulheres desejosas de me proporcionar prazer. Mulheres que não choram por causa de um simples beijo!

- Não estou chorando por causa do beijo!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Por quê, então? Já não provei que estou arrependido pelo modo como a tratei? — explodiu ele, enfiando a túnica.

— Mas eu me sinto ainda a sua escrava.

— Não posso libertá-la. Isso é prerrogativa da rainha.

— Eu sei.

— Então, o que está querendo de mim?

"Saber o que represento realmente para você", pensou ela tristemente,

— Você sente prazer com as minhas carícias — continuou Cedric. — Então, por que se faz de difícil? Por acaso sente vergonha que seja um bárbaro e não um patrício romano a inflamar sua paixão?

Quando ele deixou a tenda, Livia cobriu o rosto com as mãos. A dor em seu peito era como uma punhalada. No coração de Cedric jamais haveria lugar para ela.

Nos dois dias que se seguiram, Livia não trocara nenhuma palavra com Cedric. Ela havia adquirido prática suficiente para guiar a carroça sem dificuldade e, em vista disso, ele voltara então à vanguarda.

Na manhã do terceiro dia, desarmada a tenda, começaram todos a preparar-se para a partida. Heall e Clydach saíram logo após a refeição matinal, e Cedric, depois de apagar o fogo, foi examinar os arreios dos cavalos.

— Acha que pode levar a carroça para a estrada, ou prefere que eu faça isso? — perguntou ele a Livia, enquanto atrelava os animais entre os varais da carroça.

— Posso me arrumar sozinha — afirmou ela, subindo para a boleia. — A propósito, estamos com pouca água.

— Haveremos de encontrar um poço ou um riacho durante a marcha. — Cedric passou-lhe as rédeas e fitou-a intensamente. — Naquela manhã, eu...

Livia interrompeu-o.

— Temos de ir. A vanguarda já está em formação.

Cedric lançou-lhe um olhar exasperado e montou no garanhão sem acrescentar palavra.

Com as lágrimas a lhe queimar os olhos, Livia observou-o ir. Será que ele não percebia quanto lhe custava manter aquele ar de indiferença? Por que não lhe dizia uma palavra ou não dava algum sinal de que a via como mulher e não como um objeto...

— Meus cumprimentos, romana.

A voz suave e melodiosa tirou-a de suas divagações. Voltou a cabeça, rápida, e viu Rhys ao lado de um dos cavalos.

— Cedric não está — disse ela, e suas mãos crispavam-se nas rédeas.

O druida sorriu, mas seus olhos eram frios e duros.

— Estava à procura de Clydach, mas parece que cheguei tarde demais.

Dada a animosidade que havia entre os dois sacerdotes, Livia duvidou dessa afirmação. Mas disse calmamente:

— Direi a Clydach que esteve aqui.

Rhys baixou os olhos para os tornozelos dela e depois tornou a erguê-los, fitando-a intensamente.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Então é verdade que Cedric tirou as correntes... Ouvi dizer isso, mas não queria acreditar — disse ele ironicamente, enquanto acariciava o pescoço do cavalo.

Lívia ficou ofuscada com o fluxo luminoso que os olhos verdes irradiaram. Quis tocar os animais e afrouxar as rédeas, mas, estranhamente, suas mãos recusaram-se a obedecê-la.

— O que prometeu a ele? — continuou Rhys com voz melíflua. — Que não iria fugir novamente ou que iria dormir em sua cama?

A resposta tremulou na ponta da língua dela, mas, antes que pudesse abrir a boca, o druida afastou-se bruscamente e o encanto quebrou-se, deixando-a fraca e trêmula.

A sua volta os carroções começavam a movimentar-se, fazendo tinir os estridentes sininhos pendurados à boleia, mas ela demorou algum tempo para encontrar forças e levar o veículo para a estrada.

O calor começou assim que o sol apareceu. Sedenta, tomou um gole de água do odre que colocara debaixo do banco, pensando se Cedric conseguiria achar alguma corrente de água. Seria agradável se pudessem acampar perto do rio. Apesar da brisa fria que descia com o crepúsculo, adoraria lavar-se na água corrente e livrar-se da poeira da viagem.

Pouco depois do meio-dia, Cedric chegou inesperadamente. Lívia ficou admirando de longe seu porte altivo e garboso, achando que ele parecia um deus e que ela daria a vida para ouvi-lo dizer que a amava!

— Achamos um pequeno rio no vale, a uma milha daqui — anunciou ele sem preâmbulos. — Heall está avisando todos os integrantes da coluna. Tire a carroça da estrada e siga-me.

Lívia encurtou as rédeas e levou a parelha para a beirada da estrada, instigando os animais a descerem lentamente a rampa relvosa. Lá embaixo havia um mundo de frescor. Ela antecipou o banho que teria mais tarde e sentiu uma onda de prazer invadir-lhe o corpo.

Estava quase chegando ao fundo da encosta quando as rédeas escaparam-lhe repentinamente das mãos. O cavalo da direita sentiu imediatamente o afrouxamento da tensão do freio e arremeteu para frente. O outro acompanhou-lhe o passo, e os dois lançaram-se numa corrida raivosa. Os eixos estalaram, a carroça saltou e inclinou-se de tal modo no terreno irregular que ela precisou firmar os pés e agarrar-se à grade lateral.

Toda a ação não durou mais do que alguns segundos. Quando alcançaram a planície, conseguiu agarrar as rédeas e puxou-as com força para obrigar os cavalos a pararem. Mas os animais estavam completamente desgovernados. Empinaram as orelhas e passaram do trote ao galope desenfreado, movendo as cabeças para cima e para baixo raivosamente.

Ela foi arremessada contra a borda da boleia e escorregou para o chão, incapaz de respirar com a força do golpe. Seu último pensamento, antes que o pavor a dominasse, foi que Cedric iria ficar terrivelmente zangado com ela.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ele havia observado da planície a descida vagarosa da carroça. Quando a vira perder o ritmo lento e começar a descer a encosta aos solavancos ficara irritado. O que Livia estava pretendendo fazer?

Mas, quando o veículo chegou à planície, seu coração quase parou. Era evidente que a parelha estava descontrolada! Viu o rosto pálido de Livia quando a carroça passou ao lado dele em desabalada carreira e, por um terrível momento, temeu que os animais fossem arremessar-se no meio das árvores.

Então, numa ação reflexa, pressionou os flancos de seu garanhão com os calcanhares, instigando-o a seguir os cavalos assustados. Conseguiu emparelhar-se com os animais, pegou as rédeas e puxou-as até sentir seus músculos se retesarem com o esforço. A parelha diminuiu um pouco o passo. Mas, sentindo que isso não era suficiente, ele encheu seus pulmões de ar e gritou:

— Livia! Puxe as rédeas do outro lado!

Ela o ouviu acima do ruído ensurdecedor dos cascos batendo no solo. Conseguiu ficar de joelhos e agarrou o pedaço de rédea com todas as suas forças. E, então, como que pela intervenção dos deuses, o pesadelo terminou. Os cavalos voltaram para o trote e depois para o passo normal, até pararem completamente.

Quando Cedric saltou do cavalo, Livia chorava com as mãos ainda agarradas às rédeas. Ele as tomou de suas mãos e perguntou, ansioso:

— Está machucada?

Ela enterrou o rosto nas mãos e sacudiu a cabeça.

— Pelos deuses, mulher! Por que foi descer a rampa em disparada?

— Não... Não foi culpa minha.

— A carroça podia ter-se arrebatado de encontro às árvores! Os cavalos teriam morrido...

— Você se importa apenas com os seus preciosos cavalos! — soluçou Livia.

Abruptamente, Cedric tomou-a nos braços e a apertou convulsivamente contra si.

— Você podia ter morrido. Oh, deuses, como iria suportar isso? Ele pôs-se a afagar-lhe os cabelos com ternura e percebeu, de repente que ela estava firmemente instalada em seu coração. Como tinha permitido que isso acontecesse?

Livia chorou desesperadamente, sem se importar em mostrar sua fraqueza. Percebia, agora, que nunca seria tão forte como Edith ou Guendolin. Como as duas iriam rir, quando soubessem que ela perdera o controle da parelha! Fora uma desastrada por deixar cair as rédeas.

Subitamente, os soluços morreram-lhe na garganta: não as havia deixado cair! Elas haviam simplesmente se afrouxado em suas mãos!

— Cedric?...

— Sossegue, tudo está acabado.

— As rédeas... As rédeas partiram-se.

— Quê?

— Uma das rédeas partiu-se quando a carroça começou a descer a encosta.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Impossível! Examinei-as ontem à noite e voltei a inspecioná-las antes de partirmos. Você deve estar assustada e imaginando coisas.

Lívia pegou um fragmento de rédea do chão e mostrou-a com ar triunfante.

— Estou assustada, mas no meu perfeito juízo.

Cedric aproximou-se lentamente e examinou a correia de todos os ângulos possíveis. Depois, sem dizer palavra, rumou para o animal da direita e examinou o pedaço de brida que pendia do freio. Então, uma garra invisível apertou-lhe o coração. As duas pontas não estavam arrebitadas, como deveriam estar, se o couro tivesse se partido pelo uso excessivo, mas nitidamente cortadas!

— O que acha? — perguntou ela.

Cedric abanou a cabeça.

— O couro devia estar gasto demais. Vou consertar as rédeas e então poderemos ir para o rio. Heall e Clydach já estão lá, a nossa espera.

Ele a fez subir no banco e substituiu as rédeas por uma tira de couro que retirou do bagageiro da carroça. Quando acabou, atrelou os cavalos e sentou-se ao lado dela.

Encontraram os dois homens preocupados com a demora, mas Cedric tranqüilizou-os, descrevendo o episódio como um "acidente banal". Lívia apanhou imediatamente algumas peças de roupa da arca e escolheu um lugar seguro, ao abrigo de uma árvore cujos ramos desciam até o chão.

Ainda tremendo, mergulhou na corrente, lavou os cabelos e esfregou-se até a pele ficar rosada. O alívio foi imediato e gratificante. Feito isso, sentou-se no fundo do riacho e jogou água nos ombros, braços e seios. Todo o seu medo desapareceu, enquanto, de olhos fechados, ouvia a correnteza agitar-se suavemente à sua volta.

— Muito bem — disse uma voz masculina, rompendo, de repente, sua paz.

O susto foi tão grande que Lívia afundou imediatamente. Emergiu logo depois, engasgada com a água e profundamente chocada, ao ver Cedric sentado na margem.

— Saia, Lívia. Não quero que fique congelada.

— Vire-se, por favor.

— Vou fechar os olhos.

Lívia saiu da água num instante e correu para a margem, enrolando-se no pedaço de lençol que trouxera.

— Deuses!

Ao ouvir a extasiada exclamação, ela se virou com os olhos faiscando.

— Você prometeu que fecharia os olhos!...

Ele sorriu e foi ao seu encontro.

— Ora, Lívia, já a vi nua outras vezes!

— Cedric... Por favor!

Mas os receios dela eram infundados. Cedric queria apenas examinar as marcas que o acidente haviam deixado em seu corpo. Passou-lhe delicadamente os dedos pelo feio vergão sob os seios, onde a borda da boleia a atingira, murmurando:

— Não vou magoá-la, sossegue.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Depois de enxugá-la, ele a ajudou a vestir a estola e então envolveu-a ternamente no seu manto.

— Vamos, agora.

— Não vai reunir-se à vanguarda?

— É muito tarde. Está na hora de acamparmos.

Quando deixaram a estrada já era noite avançada. Armaram a tenda, acenderam rapidamente a fogueira e todos juntos prepararam a refeição com um pouco de cereal e com a carne que havia sobrado.

Depois de lavar os pratos, Lívia sentou-se junto do fogo e ficou ouvindo a conversa dos homens. Decorridos alguns minutos, sentiu suas pálpebras pesarem e sua cabeça oscilar.

— Hora de ir para a cama — disse Cedric, erguendo-a nos braços de um só golpe e levando-a para a tenda. — Vai precisar de todas as suas forças para a jornada de amanhã.

Quando a viu adormecida, ele saiu silenciosamente da tenda e voltou para junto dos outros.

— Não foi acidente. — Disse-lhes contando toda a história da rédea cortada.

— Mas o corte não seria notado quando os cavalos fossem atrelados? — perguntou Heall.

— Examinei os arreios ontem à noite e não havia corte algum, nem sinal de que o couro estivesse gasto.

— Então, temos de deduzir que estavam ainda intactos esta manhã.

Clydach fitou pensativamente seu filho.

— Isso significa que as rédeas foram cortadas depois que os cavalos foram atrelados. Você escoltou a carroça até a estrada?

— Não, Lívia já estava pronta para sair do campo quando fui me reunir à vanguarda.

— Então alguém se aproximou dos cavalos depois que você foi embora.

— Mas quem? A única pessoa que tem interesse em ver Lívia morta é Rhys. Mas não seria esse o meio que ele empregaria. Ele a quer sacrificar a sua deusa.

Cedric olhou para o pai, que estava de olhos fechados.

— Está vendo alguma coisa ou seu precioso dom não funciona para a sua família?

Clydach abriu e fechou os olhos várias vezes, como se estivesse acordando de um sono profundo.

— Não vi nada. Não há nada — murmurou ele, levantando-se bruscamente e deixando precipitadamente o acampamento.

Não mentira a Cedric: não vira nada. Mas sentira a presença de um poderoso espírito do mal, uma vibração perversa, como a de um animal à espreita. Seu coração palpitou dolorosamente, e um frio insidioso insinuou-se em suas entranhas. Só recuperou a calma quando se encontrou no fundo da floresta. Estacou, então, e retirou a taça de cobre e as ervas da bolsa.

— O que aconteceu? — murmurou para si mesmo, enquanto acendia uma pequena

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

fogueira. — Devia ter visto algo... Alguém. Sempre consegui ver no passado, por que não desta vez? Jogou um punhado de ervas na taça e colocou-a sobre o fogo.

— Be'al, ajude-me — implorou. — A jovem corre perigo! Faíscas de luzes brancas apareceram no fundo da taça, e ele as estudou quando mudaram de cor.

— Be'al! Há um espírito do mal rondando a nossa volta. Como poderei lutar contra isso, se não me ajudar?

"Esse espírito não tomará a vida dela, meu filho." Clydach fechou os olhos, invadido por uma paz repentina.

— Mas há perigo.

"Ela não irá morrer pelas mãos dele. Contenta-se com isso."

— Não vai me mostrar onde está o perigo, Pai?

"Não quero que o sangue de uma criatura minha seja derramado."

— Não derramarei sangue algum.

"Há outro que derramaria, e não posso permitir isso. O espírito do mal não tomará a jovem, criatura de fé. Não pergunte mais nada."

Quando ele abriu os olhos, a taça de cobre estava vazia. Guardou-a e deitou-se enrolado ao manto, olhando para o fogo até que as brasas se transformaram em cinzas. Antes de o sol nascer, espalhou-as e voltou ao acampamento, reconfortado e confiante. Encontrou Heall já de pé. Com sua ajuda, acrescentou mais lenha à fogueira e preparou a refeição matinal. Mais tarde, desmontado o acampamento, os dois instalaram-se numa carroça, enquanto Livia e Cedric instalaram-se na outra, agregando-se todos à coluna que começava a se movimentar. Algumas milhas adiante, Cedric ordenou:

— Vá para trás e descanse, Livia.

Ela estava muito fraca para discutir. Acomodou-se no meio da carga da melhor maneira que pôde e logo depois adormecia. Acordou pouco antes do meio-dia e voltou a sentar-se na boleia. Retirou então a bolsa de couro que continha a refeição debaixo do banco e passou-a a Cedric.

— Não quer que eu guie enquanto você come?

— Acha que pode controlar os cavalos?

Livia sorriu quando recebeu as rédeas.

— E agradável poder guiar de novo.

— Como se sente? — perguntou ele, mastigando um bolo de aveia.

— Com o corpo moído, mas nada que não possa ser suportado. Obrigada, Cedric.

— Pelo quê?

— Por ter salvado a minha vida.

— Não disse que a protegeria sempre? Por que não quer acreditar em mim?

Ela não fez comentário algum, limitando-se a perguntar:

— Falta muito para chegarmos a Londinium?

— No passo que estamos viajando, cinco dias. As legiões farão isso num tempo muito menor.

— Acha então que eles descerão sobre Boadicea?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Sem a menor dúvida. Paulinus não é homem de fugir de Albion como um cão covarde.

— A rainha poderá vencê-los?

— Talvez, mas não será uma vitória fácil.

Naquela noite, quando estavam reunidos em volta da fogueira para a refeição da noite, Edith chegou ao acampamento com Ewan. Trocados os costumeiros cumprimentos, a jovem provocou a surpresa geral, ao pedir a Clydach:

— Gostaria que oficiasse nosso casamento, druida.

— Tem certeza? — perguntou ele. — Seu irmão não gostaria de ter essa honra?

— Rhys não pensa em outra coisa a não ser na deusa Morrigan. E eu quero que meu casamento seja uma cerimônia alegre.

— Isso exige comemoração! — exclamou Cedric indo apanhar um barril de vinho.

— Não precisa ficar tão contente de ver-se livre de mim — pilheriou Edith.

Todos riram, inclusive Ewan, que a olhava com evidente adoração.

— Alguns rituais não poderão ser observados — disse Clydach de repente. — Não haverá nenhum boi branco para puxar a carruagem e nenhuma festa.

Edith e Ewan trocaram olhares preocupados.

— Mas, dadas as circunstâncias... — desculpou-se o rapaz.

O druida fitou-o com severidade.

— Certas regras devem ser obedecidas, ou então é preferível não realizar a cerimônia.

Os noivos ficaram calados, e Lívia, observando o constrangimento geral, perguntou:

— Que festa?

— A família da noiva tem de oferecer uma festa aos jovens da aldeia. Aí, na frente de todos, a noiva escolhe seu futuro marido e lhe oferece uma taça de água, proferindo as palavras de praxe — explicou-lhe Heall.

— Oh!... E é isso o que o preocupa, Clydach? Edith precisa oferecer água a seu noivo diante de testemunhas?

Ele confirmou com a cabeça, e ela disse, enfática:

— Não será possível oferecermos uma festa, mas poderemos observar as formalidades.

Antes que alguém pudesse refazer-se da surpresa, Lívia saiu correndo, rápida, arrastando Edith consigo.

— O que vai fazer? — perguntou a jovem.

— Observar a tradição — disse ela, pegando uma taça grande do fundo da carroça e passando-a à jovem. — Encha-a de água e espere aqui.

Feito isso, Lívia voltou para junto da fogueira e postou-se diante de Clydach.

— Em vista do momento que atravessamos, concorda em dispensar a festa?

— Sim, concordo.

— E não concorda que, dada a amizade que os une a Edith, vocês três podem fazer as vezes da família dela?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Quando o druida assentiu, Livia fez um sinal, e Edith aproximou-se com a taça e a ofereceu a Ewan.

— Eu o escolho para marido — disse a jovem com voz clara e firme.

Ewan fitou-a por um longo momento e depois mergulhou as mãos na taça, lavando-as com mais vigor do que era necessário.

Quando terminou, agarrou Edith pelos ombros e deu-lhe um longo beijo na boca.

Nos dois dias que se seguiram, Cedric voltou a conduzir a carroça, e Livia alegrou-se com isso. Não só porque gostava de viajar ao lado dele, mas, também, porque teria tempo de fazer o vestido de noiva de Edith.

Ele a fitou intrigado, quando a viu debruçada sobre a costura.

— Por que você se preocupa tanto com Edith?

— Acho que todas as mulheres deveriam ter um vestido bonito no dia de seu casamento.

— Não faz muito tempo, vocês duas mal se suportavam!

— As coisas mudam — disse Livia, olhando-o com curiosidade. — Não está com ciúme de Ewan, está?

Cedric riu, encolhendo os ombros.

— Vivi muito tempo no estrangeiro. Prefiro mulheres mais dóceis do que Edith.

— Lucius também gostava de mulheres dóceis. Espero que você tenha melhor sorte do que ele.

Ele a considerou por um momento.

— Está querendo dizer que não é submissa?

— Temo que não. Pobre Lucius! Eu vivia a aborrecê-lo com meu comportamento extravagante. Ele nunca pôde entender por que eu preferia cavalgar pela floresta, em vez de ir fazer compras numa liteira!

— E, apesar disso, você teria se casado com ele?

— Oh, sim! Meu pai considerava-o um bom partido e estava satisfeito com o arranjo.

Cedric olhou-a com incredulidade.

— Nunca lhe ocorreu que podia se recusar a uma união de conveniência?

— Achei melhor concordar com o casamento a ir para Roma e deixar que meu avô escolhesse um marido para mim.

— Você admirava Lucius? — perguntou Cedric acidamente.

— Ele era um jovem agradável, são de mente e de corpo. Seria uma união satisfatória. Ele ficou momentaneamente perplexo.

— Tem razão — disse ao cabo de alguns minutos. — Lucius não teria uma mulher submissa.

Na tarde do dia seguinte, quando acamparam, Livia armou-se de toda a coragem e pediu a Cedric para ceder-lhe a tenda por algumas horas.

— Para quê? — perguntou ele surpreso,

— Precisamos... De uma certa privacidade.

— Nós... Quem?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Eu, Edith, Guendolin e outras três jovens da aldeia.

— Estou exausto, Livia. Gostaria de tomar um banho e descansar até a refeição da noite.

— Há muito espaço no acampamento!

— Queria descansar em minha própria cama. Não no chão ou no leito da carroça.

— Será que não tem coração? — disse ela com lágrimas nos olhos.

Cedric olhou-a, intrigado.

— O que está pretendendo fazer?

— Prometi a Edith que a ajudaria a vestir-se.

— Prometeu?... Sem pedir minha permissão?

Livia baixou os olhos.

— Desculpe. Não tinha o direito...

Ele suspirou fundo.

— Está bem. Pode até ceder a tenda aos noivos para a noite de núpcias, se quiser. Mas lembre-se de que isso significa ter de dormir sob a luz das estrelas!

Um sorriso iluminou os lábios e os olhos de Livia, e ela virou-se para que Cedric não notasse sua felicidade. Frio e distante num momento, bondoso no seguinte, ele era um enigma que a fascinava. E ela tinha de se recordar constantemente de que era apenas uma escrava, para não sucumbir ao seu encanto.

Mas quando as jovens chegaram, esqueceu todos os seus dilemas. Entre risos e conversas, banharam a noiva, escovaram-lhe os cabelos loiríssimos até que eles caíssem como um manto dourado sobre seus ombros e depois começaram a aplicar-lhe os cosméticos. Suas faces foram tingidas de rosa, seus cílios e sobrancelhas escurecidas e o khol generosamente passado nas pálpebras.

Terminados os preparativos, uma onda de admiração nasceu no íntimo de Livia: Edith era a mais linda mulher que já vira! E por um momento, ela ficou secretamente aliviada por Edith ter escolhido Ewan. Senão, de que modo poderia competir com uma deusa?

Quando as três jovens se retiraram para seus próprios acampamentos, Edith olhou-a com ar agradecido.

— O vestido é lindo, Livia. Obrigada.

— E você também — disse ela abrindo a arca para pegar uma estola limpa.

— O que é isto? — disse Edith, erguendo o véu cor de açafraão com ar curioso.

— Meu véu de casamento.

— É muito bonito. Parece dourado.

— Pode usá-lo, se quiser. Não sei o que fazer dele.

— Verdade? Você vai mesmo permitir que eu cubra a cabeça com ele?

— Claro!

Quando as duas saíram da tenda, uma surpresa as aguardava: a carruagem de vime de Boadicea estava parada no meio do campo, atrelada a dois cavalos brancos. Cedric segurava as rédeas dos dois fogosos animais, e Heall estava sentado à boleia.

Edith correu para eles.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Como conseguiram?

— A rainha ofereceu sua carruagem, achando que os deuses não iriam ficar aborrecidos se os bois fossem substituídos por cavalos brancos.

— Nem mesmo os deuses poderiam ofender-se com tamanha beleza! — comentou Lívia.

Heall virou-se para trás.

— Se estiver pronta, Edith, podemos ir.

A jovem ergueu o véu e deu um beijo no rosto de Cedric.

— Adeus.

Os olhos dele brilharam de ternura.

— Adeus, Edith.

Ela se voltou então para Lívia e abraçou-a.

— Quem poderia imaginar que nos tornaríamos boas amigas? Devolverei seu véu depois da cerimônia. Acho que, ao contrário do que imagina, vai ter a oportunidade de usá-lo.

— Que foi que Edith disse? — quis saber Cedric, quando a carruagem desapareceu na curva da estrada.

— Ela me agradeceu — disse Lívia, confusa.

Ele ergueu-lhe o queixo com dois dedos.

— Por que deu seu véu de casamento?

— Edith gostou dele.

Inesperadamente Cedric curvou a cabeça e beijou-a de modo sensual e completo, e ela se viu correspondendo com o mesmo ímpeto apaixonado. Quando finalmente se separaram, ele estendeu-lhe a mão.

— Vamos.

A cerimônia de casamento foi diferente daquelas a que Lívia estava acostumada a assistir, mas ela a achou linda. A rainha Boadicea e os membros de sua corte estavam presentes quando Ewan tomou as rédeas das mãos de Heall e sentou-se na carruagem, ao lado de Edith, dando início aos rituais.

Clydach abençoou o casal e, depois de declamar sua linguagem, enumerou os bens que ambos levavam para o casamento. A seguir invocou a bênção de Be'al, desejando-lhes saúde e prosperidade ao longo dos anos.

Heall fez uma oferenda de vinho e trigo aos deuses, e os noivos foram então coroados com guirlandas de visco e acompanhados até um abrigo feito de ramos, onde passariam a noite. Então, depois de erguerem um brinde à felicidade deles, todos se retiraram, deixando-os a sós.

A primeira providência que Paulinus tomou ao chegar a Londinium, foi enviar sentinelas para localizarem o bando de guerra de Boadicea. Feito isso, tratou de restaurar as forças de suas tropas e elaborou planos para defender a cidade. Mas, como Camulodunum, Londinium era despojada de fossos e, portanto indefensável. Em vista disso, o general foi obrigado a tomar a decisão mais dura de sua brilhante

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

carreira.

Londinium não podia ser defendida com as forças que tinha à disposição. Se tentasse e fosse derrotado, perderia seus homens, sua vida e toda a província. Obtida essa vitória, Boadicea levaria seu bando para o oeste e se reuniria às tribos rebeldes da região. Outras legiões seriam exterminadas, e Roma seria forçada a preparar uma grande ofensiva, de êxito duvidoso, para reaver a Britânia.

No entanto, Paulinus hesitou, antes de anunciar que a cidade deveria ser sacrificada para salvar toda a ilha. Mas, quando as sentinelas voltaram com a notícia de que a força rebelde estava acampada a cerca de vinte milhas a leste, ele soube que não podia adiar mais a sua decisão.

Convocou então todos os líderes civis e os sacerdotes e fez-lhes conhecer a necessidade de evacuar Londinium. Antes de deixá-las para os rebeldes, no entanto, deveriam retirar todos os suprimentos que conseguissem. O que não pudesse ser carregado seria queimado. Os civis eram convidados a reunir-se à sua coluna no dia seguinte, para deixarem a cidade.

De madrugada, os legionários abriram os celeiros da cidade e encheram as carretas. Então, Paulinus, que acampara com seus homens à beira da estrada que conduzia a Verulamium, montou seu cavalo e deu o sinal de partida. A legião, já formada, deu início à marcha. Mas era quase meio-dia quando os últimos cidadãos passaram pelos portões da cidade. Logo depois, rolos de fumaça escura ergueram-se em espiral de encontro ao céu azul: os celeiros estavam queimando.

Lívia não viu os rolos suspensos no céu. Mas, à tardinha, quando acamparam, sentiu no ar morno que lhe aflorava o rosto um odor acre, estranho.

— O que será? — perguntou ela a Cedric.

Ele aspirou fundo e arriscou:

— Acho que é trigo queimado. Os romanos puseram fogo nos celeiros.

— Por que fizeram isso?

— Para que os suprimentos não caíssem em nossas mãos.

— Oh! Mas isso não vai deter nossa marcha, vai?

— Nada nos deterá.

Nesse instante, ela percebeu exatamente o que dissera e espantou-se: onde estava sua lealdade a Roma?

— Você disse "nós", feiticeira — falou Cedric com satisfação.

— Mas eu quis dizer...

Lívia interrompeu-se e fitou-o, confusa. Ele simplesmente sorriu e deitou-se à sombra de uma árvore, com o musculoso peito à mostra e as mãos cruzadas sob a nuca.

— Venha cá e diga-me o que se passa nessa cabecinha.

Ela se aproximou timidamente, com os olhos fixos nas pernas longas e vigorosas, e teve um arrepio involuntário.

— Na verdade, não sei o que pensar. Estou confusa. Não sei mais a que mundo pertenco. Dentro de dois dias, a rainha vai atacar Londinium. Deveria estar

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

preocupada com os cidadãos romanos! Deveria estar desejando que Paulinus esmagasse os rebeldes!

Um soluço seco subiu-lhe do peito, e ela cobriu o rosto com as mãos.

— Em vez disso, rezo a meus deuses para que o protejam. O que fez comigo, Cedric?

Ele tomou-lhe ambas as mãos e puxou-a para si.

— Fiz de você uma icênia, Lívia.

— Não quero ser icênia!

— Renda-se às evidências, feiticeira. Não lute contra a verdade.

— Que verdade?

— Você fala a minha língua, sabe guiar uma carroça, acender o fogo, cozinhar. Come a comida que eu providencio e compartilha de minha cama. Se não é uma mulher icênia, se não é a "minha" mulher, então quem é você, Lívia?

Ela o fitou, horrorizada. Teria mudado tanto assim em apenas três meses?

— Não, não! — gritou. Depois levantou-se de um pulo e foi correndo refugiar-se na tenda.

Oh, deuses, o que tinha acontecido? E o que lhe aconteceria se os icênios vencessem e Cedric a levasse à sua aldeia? E se os icênios fossem derrotados e ele perdesse a vida na peleja? Como poderia conceber o futuro, sabendo-o morto?

Heall e Clydach ouviram seus soluços desesperados e trocaram um olhar intrigado. E, quando Cedric chegou para sentar-se junto à fogueira, acolheram-nos friamente.

— O que fez a Lívia? — disse Heall, áspero.

— Nada.

— Como nada? Você a magoou.

— Não fiz nada, acredite.

Os três ficaram sentados em silêncio. Quando os soluços extinguiram-se, Cedric levantou-se, pediu a Heall que abafasse o fogo e rumou para a tenda.

Lívia ouviu-o entrar e ficou tensa:

— Lívia?...

— Por favor! Não quero ouvir outras verdades esta noite!

Cedric ajoelhou-se ao lado da cama e tateou no escuro, à procura dela.

— Vamos, vamos...

Ele a despiu com gestos ternos e aconchegou-a sob as cobertas. Depois, despiu-se também, deitou-se ao seu lado e a tomou nos braços.

— Durma, feiticeira, durma...

Pouco a pouco, Lívia foi se acalmando, embalada pelas suaves carícias e pelo murmúrio consolador da voz dele.

— Sou sua escrava - Disse ela em voz trêmula.

Cedric riu baixinho.

— Você é minha mulher, Lívia. Minha feiticeira romana de cabelos vermelhos. Como pode pensar que seja outra coisa além disso?

Naquela manhã, Lívia usou a última ração de aveia para fazer um mingau ralo. Servi-o aos homens junto com um pedaço de carne-seca e depois foi acondicionar a carga na carroça.

— Não vai comer? - Perguntou Cedric indo no seu encalço com a tigela nas mãos.

— Já comi.

— Não minta, Lívia.

— Eu... Não estou mentindo.

— Lívia!

— Não estou com fome.

— Parece-me que faz vários dias que você perdeu o apetite. Os víveres estão no fim, mas a comida é para todos.

Ela o fitou com s olhos teimosos.

— Sou uma escrava, não tenho direito de comer como meus amos.

— Há momentos em que... - Ele suspirou fundo. - É você que se considera uma escrava. Aqui ninguém a tem nessa conta.

— Eu...

— Nem uma palavra! - Cedric colocou-lhe a tigela nas mãos e ordenou: — Agora coma ou...

— Ou o quê? Você vai me bater ou estrangular? São as punições que uma escrava merece!

Ele a agarrou pelos cabelos e puxou-lhe a cabeça para trás; olhando-a com ódio e paixão.

— Vou levá-la para a tenda e fazer amor com você até deixá-la de boca fechada!

Lívia tremeu de medo.

— Você... Você não faria isso.

— Faria sim!

Com uma rapidez que ela não pode prever, Cedric a virou para si e cobriu-lhe os lábios com um beijo que lhe sufocou na garganta os últimos murmúrios de protesto.

— Eu a desejo como um homem deseja uma mulher, não uma escrava. Mas quero que venha voluntariamente à minha cama: suave, amorosa. A ansiedade que sinto por você é tão grande que me deixa louco! Por isso, não me provoque. — Afastou-a de si e voltou a ordenar: — E agora coma.

Naquela mesma manhã, desmontado o acampamento, Cedric anunciou que iria reunir-se à vanguarda da rainha. Lívia tentou convencer-se de que seria um alívio ficar sozinha, mas no momento em que ele deixou o campo, compreendeu que nada além daquele homem tinha importância para ela. Cedric era o centro de sua vida, todo o seu universo.

Suspirando, terminou de encher o odre de água para a viagem. Ao voltar-se para subir na boléia, viu-se frente a frente com Rhys.

— Salve, romana.

Lívia fitou-o friamente.

— Como pode ver, já fora todos embora. E eu mesma estou de partida.

— Hoje, é com você que eu desejo falar.

A frase permaneceu suspensa no silêncio que se fez entre ambos. Pr fim, ela balbuciou:

— O que deseja de mim?

— Apenas devolver-lhe isto. - Disse o druida estendendo-lhe o véu de açafraão. - Minha irmã manda agradecer-lhe.

Lívia nada disse, apenas ficou ali, fitando o véu como que hipnotizada. Queria que Rhys fosse embora, mas ele parecia não ter pressa.

— Hoje faremos uma marcha curta. E você sabe o que acontecerá então.

Nenhuma emoção se revelou os seus olhos impassíveis. Mas ela sabia que Rhys estava à procura de novas vítimas para sacrificar à sua deusa. Deu-lhe as costas e subiu na parte posterior da carroça para guardar o véu na carroça. Quando se virou, viu-o desaparecer na confusão, com o manto branco a farfalhar sobre os calcanhares.

A coluna movia-se mais lentamente do que nos dias anteriores. Era quase meio-dia quando chegaram a Londinium. Lívia tirou então a carroça da estrada e foi reunir-se a Clydach para, juntos, prepararem o acampamento.

Uma vez armada atenda e acesa a fogueira, o druida saiu à procura de ervas para reabastecer sua caixa, e ela sentou-separa comer. A carne-seca deixou-a sedenta. Esvaziou o odre, embora a água, com um sabor estranho, deixasse em sua boca um gosto amargo.

Finda a magra refeição, levou seus pertences para a tenda e depois foi fazer um balanço dos víveres que restavam para a noite: havia hidromel e um pouco de frutas secas. E isso era tudo. Mas sua preocupação desvaneceu-se, ao lembrar que Heall e Cedric iriam caçar, antes de voltarem para o campo.

Quando desceu da carroça, seus joelhos dobraram-se, sem forças para sustentá-la. Por um momento, ela permaneceu caída no relvado, sem saber o que lhe havia acontecido. Estava nesse pavor da imobilidade quando seu estômago contraiu-se num espasmo violento e depois esvaziou-se.

Trêmula, tentou levantar-se. Mas conseguiu dar apenas dois passos, por que a náusea voltou a atacá-la com redobrada violência, jogando-a no chão.

Tentou arrastar-se, mas cada centímetro era um esforço. O suor cobria-lhe o rosto e o corpo. Quis gritar por socorro, porém o único som que conseguiu emitir foi um sussurro abafado.

"Alguém vai me achar", pensou enquanto uma ameaça de grito saía-lhe dos lábios:

— Cedric... Ajude-me...

A quatro milhas de distância, no coração da floresta, Cedric fez sua montaria estacar bruscamente e permaneceu ereto na sela, à escuta.

— Cedric, o que...

Ele silenciou Heall com um gesto e ficou imóvel por um longo tempo. Depois,

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

obrigou seu garanhão a andar em círculos, enquanto seus olhos esquadrihavam as sombras das árvores,

— Percebeu alguma coisa? — perguntou por fim a Heall.

— Não. O que o preocupou?

— Pensei ter ouvido alguém na clareira...

Mal as palavras lhe saíram da boca, um calafrio súbito percorreu-lhe a espinha, fazendo os cabelos de sua nuca se arrepiarem.

— Vamos voltar ao acampamento.

— Agora? Precisamos de carne, Cedric...

— É importante que eu veja meu pai e Lívia!

Ele não tinha uma explicação lógica para aquilo. Seu instinto e todas as fibras de seu ser transmitiam-lhe uma mensagem que, embora não conseguisse entender, davam-lhe a certeza de que devia voltar imediatamente ao campo icênio.

Sem mais palavras, instigou sua montaria, que se arremessou para o meio das árvores como que guiada por mão invisível. Felizmente, ao sair da floresta, avistou imediatamente seu acampamento.

— Lívia! — chamou, saltando da sela antes que seu garanhão parasse e correndo para a tenda.

— Talvez ela tenha saído com Clydach — disse Heall, ao vê-lo com a fisionomia alterada.

— Talvez...

Começaram ambos a percorrer o acampamento como loucos. Subitamente, a mesma força que guiara Cedric com segurança através da floresta desconhecida levou-o para o local onde Lívia jazia, caída de bruços. Ele tombou de joelhos a seu lado e virou-a para si. A princípio, pensou que ela estivesse morta. Mas, ao ouvir-lhe as débeis pulsações do coração, ergueu-a nos braços e a carregou para a tenda.

— Procure meu pai! — gritou a Heall que corria ao seu encontro.

— Lívia...

— Está ainda viva. Corra!

Depositou-a na cama como se ela fosse um fardo precioso e a despiu, à procura de marcas. Não havia nenhuma. Cobriu-a então com um lençol e ficou imóvel a seu lado, sentindo um frio intenso crescer dentro de si.

Quando Clydach entrou na tenda, levantou-se de um pulo e o agarrou pela gola do manto.

— Onde esteve? Você sabia que não podia deixá-la sozinha?

— Largue-o, rapaz — murmurou Heall, chocado.

— Ele sabia! — gritou Cedric fora de si. — Todos nós sabíamos, e concordamos que não podíamos deixá-la sozinha... — Sua voz quebrou-se, e ele largou o pai com um safanão. — Se ela morrer, velho druida, nunca o perdoarei! Nunca!

O rosto de Clydach estava tão branco quanto o lençol de linho que envolvia Lívia, quando ele ajoelhou-se a seu lado para examiná-la.

— Passe-me a caixa de remédios... — pediu ao filho instantes depois.

Cedric agarrou-lhe o braço.

— O que há com Livia?

O druida fitou-o em silêncio por algum tempo, antes de responder:

— Ela está muito mal. Foi envenenada.

Cedric quis gritar para desabafar a sua dor, mas ficou paralisado, vendo Heall chorar baixinho.

— Pode salvá-la? — disse ele por fim.

— Vou tentar.

O desespero dominou Cedric. Deu meia dúzia de passos e então, movido por súbito impulso, saiu correndo do acampamento.

Achou o campo que procurava logo depois. Quando os dois guardas tentaram barrar-lhe a entrada, afastou-se para o lado com um safanão.

— Rhys! — gritou.

O sacerdote estava ajoelhado diante do altar que acabara de armar, envolvido no seu amplo manto branco. Quando viu Cedric avançar para ele, recuou para fugir.

— O que está fazendo, guerreiro? Não sabe que a morte é o castigo para quem ergue as mãos para um druida?

— Sim, a morte! Mas é você quem vai morrer primeiro! — disse Cedric, agarrando-o pelo pescoço com ambas as mãos.

— Deixe-me... — disse Rhys com voz sufocada.

— Está com medo de morrer? Não quer ir reunir-se à sua amada deusa?

— Não. Cedric!

Ele voltou a cabeça e viu Edith e Ewan que chegavam correndo. Ignorando-os, continuou a arrastar Rhys para o altar.

— Vamos ver como Morrigan aceita a oferenda do seu próprio sangue! — disse, encostando a adaga no peito do druida.

— Não faça isso, Cedric! — gritou Edith, desesperada. — Rhys é um sacerdote!

— Um sacerdote assassino! Ele envenenou Livia.

Todo o sangue fugiu do rosto de Edith, que tombou sem forças de encontro ao peito do marido. Ewan afastou-a com delicadeza e caminhou para os dois homens.

— Mesmo que seja verdade, não pode matá-lo, Cedric. A rainha se veria obrigada a executá-lo. Assim é a lei. E você a conhece tão bem quanto eu.

— Minha mulher está morrendo por causa desse louco! Acha que estou me importando com a lei?

— Tem certeza de que ela está morrendo?

Cedric hesitou apenas um instante.

— Livia foi envenenada. Meu pai confirmou isso.

— Mas não é certo que ela morra! Clydach está cuidando dela. Livia tem muitas chances de sobreviver.

— Abaixе essa arma e largue o druida!

A ordem, dada por uma forte voz feminina, era peremptória. Cedric voltou-se e viu Boadicea diante de si. Sem abandonar o druida, fitou-a com os traços todos

demudados pela violência dos sentimentos que o agitavam.

— Minha rainha...— balbuciou Rhys, ofegante. — Este homem está louco!

Boadicea olhou-o friamente e depois voltou-se para Cedric. O chefe da tribo entrara em sua tenda esbaforido, com a notícia de que um crime estava para ser cometido. Chegara ao campo de Rhys no momento exato em que o guerreiro explicava a razão de seu ato a Edith e acreditara nele. Mas não podia permitir que um druida, que estava sob sua proteção fosse assassinado.

— Cedric, não sabe que eu proibi as lutas internas? Você estava no Conselho quando promulguei o édito!

— Eu sei, minha rainha, mas...

Boadicea silenciou-o com um gesto de mão.

— Conheço seus motivos, mas isso não lhe dá o direito de desrespeitar a lei. Não vou permitir tal coisa. Fez um sinal aos guardas imperiais, que desembainharam suas espadas. — A escolha é sua, guerreiro. Eu farei cumprir a lei.

— Que seja! — disse Cedric, voltando a encostar a adaga no peito de Rhys.

— Espere, Cedric! — gritou Clydach, que chegava correndo acompanhado de Edith. — Livia está salva! Juro a você, ela vai viver!

Edith confirmou com um sinal de cabeça.

— É verdade, Cedric. Acredite.

Ele debruçou-se sobre o homem que evitava encará-lo.

— O que tem a dizer, sacerdote?

— Não fiz nada! Não teria nenhum interesse em matar a escrava. Ela virá a mim no seu devido tempo. Minha rainha jurou que não ficará um único romano vivo em Albion! — disse Rhys, olhando para Boadicea com ar triunfante.

A rainha lançou-lhe um olhar desdenhoso.

— Você está sob minha proteção, druida. Mas se mentir novamente, eu enviarei sua cabeça a Paulinus.

Incrédulo Cedric olhou para a rainha.

— Não é verdade que prometeu Livia a esse homem, é?

Boadicea abanou a cabeça.

— Não fiz promessa alguma nesse sentido, guerreiro. Dei-lhe a romana como recompensa pelos serviços que me prestou e ela ainda continua sua.

— Queria pedir-lhe um favor.

A rainha sorriu, divertida.

— Você se atreve a ameaçar a vida de um druida, desrespeita o édito real e ainda tem a ousadia de me pedir um favor? — Ela riu alto. — Solte o sacerdote e eu ouvirei o seu pedido.

Cedric hesitou. Mas a soberana olhou-o com severidade.

— Uma promessa feita sob pressão não tem de ser necessariamente honrada.

Ele embainhou a espada e jogou Rhys aos pés da rainha. Rastejando como um verme, o druida abriu os braços, num gesto de súplica.

— Prenda-o, minha rainha! Ele desobedeceu a suas ordens e ameaçou de morte

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

um membro do clero!

Boadicea comprimiu os lábios, desgostosa.

— Meu decreto proíbe a luta. Mas não mencionou ameaças. Parece-me que aqui não houve luta. E se tentar fazer algum mal a este guerreiro, eu o proibirei de fazer sacrifícios. Deixo-lhe a escolha, sacerdote.

Cedric ajoelhou-se diante dela e beijou-lhe a fímbria do manto.

— Obrigado.

— Levante-se, guerreiro. E diga qual é o seu pedido.

— Minha rainha, peço-lhe permissão para libertar a escrava romana.

— Libertá-la? Por quê?

— Ela provou, de muitos modos, que é leal a mim e ao povo icênio. — Apontou para Rhys. — Se eu morrer, esse homem a reclamará. E ela merece coisa melhor do que ser sacrificada a Morrigan.

— Está bem, Cedric. Pode libertar a jovem. Mas vou lhe impor uma pena: um cavalo pela confusão que armou.

Cedric fez uma reverência.

— Obrigado, rainha.

— Seu chefe irá exigir também uma alta penalidade por seu estranho comportamento. E eu não intervirei em seu favor.

Quando Boadicea se retirou, Rhys fitou-o com um olhar colérico.

— Isso não vai ficar assim!

Ele o agarrou pelo manto.

— Eu o farei pagar caro, se tentar fazer algum mal a Livia ou a meu pai. Lembre-se disso.

Durante o percurso de volta ao acampamento, Clydach explicou minuciosamente ao filho que tipo de veneno fora ministrado a Livia e que medidas tomara para neutralizá-lo.

Cedric mal o ouvia. Ao chegarem, ele foi direto à tenda, encontrou Heall à cabeceira dela.

— Ela vai viver — disse-lhe o amigo com um sorriso. Ele alisou os cabelos úmidos de suor de Livia.

— Ela já acordou?

— Duas vezes. Mas Clydach disse que é melhor que ela durma. Ele salvou a vida dela, Cedric — disse Heall, olhando-o com preocupação.

— Depois de quase causar a sua morte...

— Como ele podia adivinhar que...

— Nenhum de nós podia. Foi por isso que combinamos não deixá-la sozinha.

— Examinamos com cuidado todas as provisões. Não encontramos nada de anormal. Rhys admitiu que a envenenou?

— Não. Mas sei que ele é o culpado.

— Temos de avisar Livia. Ela precisa saber, para cuidar-se melhor. — Heall levantou-se. — E agora, vou preparar alguma coisa para o nosso jantar.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ao ficar a sós com Livia, Cedric acariciou-lhe ternamente rosto. Sua presença lhe enchia toda de vida. Por isso pedira liberdade à rainha. Mas, naquele momento, uma dúvida atroz assaltou-o. Quando ela soubesse que estava livre, ficaria ao lado ou iria embora?

Pensando num modo de suportar a espera e ocultar a dúvida que sentia, ele deixou a tenda e rumou para o pasto, onde estavam os cavalos. Escolheu uma égua negra como o ébano para Boadicea. Era um animal cheio de brio, bem treinado: a rainha gostar dele.

Quando voltou ao campo, encontrou seu chefe sentado perto Fogo, ao lado de Clydach.

— É o cavalo da rainha?

Cedric confirmou com a cabeça e entregou-lhe as rédeas.

— Eu deveria puni-lo por transgredir a lei da rainha. Tentou matar um druida!...

— O homem abanou a cabeça. — Rhys vai querer sua cabeça na ponta de uma espada.

— Vai permitir isso?

O chefe franziu os cenhos.

— Proibi Rhys de vir a seu acampamento, como também o proíbo de ir ao dele. Mas tome cuidado! O druida é um homem vingativo. — Ele estendeu a mão e estalou os dedos. — Outro cavalo, Cedric. É a minha penalidade. E quero escolhê-lo eu mesmo.

Cedric assentiu sem nada falar. Levou seu chefe para o pasto e desamarrou o cavalo que ele escolheu, tentando esconder seu alívio ao ver que seu garanhão dourado fora poupado.

— Espero que tenha aprendido a lição — continuou o homem. — Na próxima vez, a rainha não será tão generosa.

Clydach estava saindo da tenda quando Cedric voltou. Os dois olharam-se por um longo tempo, com os rostos sérios e preocupados.

— Pensei que ela estivesse em segurança — disse o druida, finalmente. — O acampamento de Rhys fica longe daqui...

Cedric posou-lhe a mão no ombro.

— Desculpe, pai.

— Eu cortaria meu braço para não magoá-lo, filho.

— Não queria dizer palavras tão duras. Mas estava com tanto medo de que ela...

O pai fez que entendia, e ele entrou na tenda. Acercou-se de Livia, beijou-a na testa e, depois de envolver-se num lençol, deitou-se no chão, preparando-se para uma longa noite de vigília.

Livia acordou de madrugada. Uma angustiosa náusea lhe sugava todas as forças, e ela chamou debilmente:

— Cedric...

— Sim?

— Estou com sede.

Ele levou-lhe o odre aos lábios.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Beba, mas só um pouco.

— Por que acendeu o fogo aqui dentro?

— Clydach disse que você precisava ficar aquecida.

Ele se lembrou de tudo.

— Fiquei doente... Dei muito trabalho?

— De modo nenhum. Está com fome?

— Mais um pouco de água. Está tão boa... A que tomei ontem deixou-me um gosto amargo na boca.

— Tirou-a do barril? — perguntou Cedric subitamente alerta. Diante do sinal afirmativo de Livia, ele deixou precipitadamente a tenda e voltou minutos depois.

— Rhys esteve aqui ontem?

— Sim. Veio me devolver o véu que emprestei a Edith. Por quê? — perguntou ela, subitamente alarmada.

— Você encheu o odre antes ou depois de sua chegada?

— Antes.

— Não sei. Deixei-o em cima do banco da carroça quando fui guardar o véu na arca.

Uma suspeita terrível atravessou subitamente a mente de Livia.

— O que aconteceu, Cedric.

— Rhys quis envenená-la.

— Oh, Juno...

De repente, ela se lembrou:

— Rhys apareceu no acampamento no dia em que as rédeas se partiram! Não foi acidente, então!

Cedric assentiu tristemente.

— Jurei que olharia por você e fracassei.

Ela passou-lhe a mão no braço.

— Não foi culpa sua. Eu confiaria minha vida a você, Cedric.

O rosto dele iluminou-se.

— Verdade?

A resposta dela foi levantar a ponta da manta. Cedric não precisou de outro convite. Despiu-se rapidamente, deitou-se a seu lado e tomou-a nos braços. Minutos depois, estavam ambos adormecidos.

Às primeiras horas do amanhecer Livia acordou. O fogo estava apagado, e uma pálida claridade escoava-se pelo teto. Ela esticou preguiçosamente os braços, ainda cheia de sono, e então lembrando-se: os icênios se preparavam para atacar Londinium.

Estava fraca e cambaleou ligeiramente, ao levantar-se. Mas estranhamente, sentiu que as forças lhe voltavam quando saiu da tenda envolta no manto de Cedric.

— Devia ficar na cama — advertiu Heall, indo ao encontro dela.

— Estou bem, Heall.

Ele tomou-a pela mão, conduziu-a até a fogueira e serviu-lhe uma tigela cheia de mingau que tirou do caldeirão.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Não está com fome?

Quando ela fez que sim, ouviu-se um suspiro de alívio coletivo:

— Meu pai vai ficar com você — avisou Cedric, olhando-a com ar preocupado.

— Ele tem de cuidar dos feridos!

— Terá tempo para fazer isso à tarde, quando Heall e eu voltarmos.

— Posso ir com ele e ajudá-lo, já que não quer que eu fique sozinha.

— Pelos deuses, mulher! Será que perdeu o juízo? Não vou permitir que se exponha ao perigo!

— Seja razoável, Cedric. Que perigo há em acompanhar seu pai?

— Já se esqueceu de que Rhys tentou matá-la?

— Estou ainda viva.

— Mas estava à beira da morte ontem à tarde!

— Sou mais forte do que pareço.

Cedric levantou-se impetuosamente e murmurou entre os dentes:

— Está na hora de partirmos. Vou ver os cavalos.

Lívia soltou um estrangulado grito de protesto e correu atrás dele.

— Por que faz assim comigo? Estou pedindo sua permissão!

Cedric não respondeu e começou a desamarrear os cavalos, e ela olhou para o grupo de animais, perplexa.

— Há apenas quatro, Cedric! Alguém roubou a égua preta e o ruão!

— Ninguém os roubou. Dei-os de presente.

— Deu seus cavalos... Por quê? Cedric desviou a vista.

— Foi uma penalidade que a rainha e o chefe da tribo me impuseram.

— Que foi que você fez?

— Tentei matar Rhys. E teria conseguido, se a rainha não tivesse interferido.

— Seu... Doido! — gritou Lívia, em lágrimas.

Cedric ficou espantado com aquela reação. Não sabia dizer se ela estava triste ou zangada.

— Fiz isso por você, Lívia.

— Por mim? Fez isso por você mesmo, porque alguém ousou tocar em algo que lhe pertencia! Não pensou no que me aconteceria se a rainha mandasse executá-lo?

— Meu pai e Heall tomariam conta de você.

— Pois saiba que foi uma tentativa de vingança infantil! — gritou ela, fora de si.

Sem proferir palavra, Cedric girou nos calcanhares. Passou pelo campo apenas para apanhar a espada e a machadinha de guerra e depois foi reunir-se à vanguarda de Boadicea.

Minutos depois, Clydach encontrou Lívia sentada no chão, perto dos cavalos. Acomodou-se a seu lado e tornou-Lhe gentilmente a mão.

— Eles foram embora.

— Se Cedric for ferido, será por culpa minha. Nós discutimos — disse ela com voz chorosa.

— Por causa de Rhys?

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ela fez que sim, e Clydach contou-lhe o que havia acontecido na véspera.

— Cedric não lhe disse que pediu sua liberdade e que a rainha a concedeu?

— Não lhe dei oportunidade... Por que ele fez isso?

— Cedric quer vê-la a salvo de Rhys... No caso de morrer durante a luta.

— Oh, Juno, o que foi que eu fiz?

Todo o desespero de Lívia transbordou como uma fonte, e ela agarrou-se a ele soluçando. Depois, quando de novo se acalmou, perguntou-lhe.

— Não receia pela vida dele?

— Cedric é um guerreiro. É um fato que aprendi a aceitar há muito tempo. E você deve fazer o mesmo, se quiser tornar-se mulher dele.

Ao meio-dia, Cedric estava coberto de pó e de sangue e enojado pela matança de tantos cidadãos indefesos. Mas o que importava agora era sobreviver. E ninguém sobreviveria, nem mesmo Lívia se não achasse víveres.

Com a espada ainda na mão, tomou unta larga rua transversal com a intuição de que ela o levaria ao templo. Seu instinto não o enganara. Instantes depois, viu-se diante de uma imponente construção dotada de colunas frontais.

Abriu as portas duplas da entrada e penetrou no seu interior. Acendeu uma tocha votiva e, erguendo-a acima da cabeça, avançou até a cella. Passou ao lado do altar vazia e viu-se diante de uma segunda porta.

Empurrou-a e entrou cautelosamente, preparado para um ataque de surpresa. Não havia ninguém. Seus olhos brilharam ao depararem com aquilo que ele estava procurando: a despensa víveres!

Sacolas de cereais alinhavam-se de encontro a uma das paredes. Ao longo da outra havia barris, que presumia serem de vinho, jarras de ânforas. Acima delas, as prateleiras estavam cheias de rolos de tecidos. Colocou a tocha no chão e examinou o conteúdo das sacolas; todas continham trigo. Prendeu-as umas às outras com uma corda e voltou sua atenção para o resto. As ânforas continham óleo de oliva, e as jarras estavam cheias de figos secos, tâmaras, mel e conservas. Sorriu, pensando no prazer de Lívia quando visse aquelas guloseimas.

Embrulhou tudo num pedaço de tecido que cortou de um dos rolos e, ainda sorrindo, pendurou sacos de cereal no ombro. Colocou um barrilete de vinho debaixo do braço esquerdo e ergueu o fardo com a mão direita. Deixou a tocha na despensa com a intenção de voltar mais tarde a apanhar o resto.

Quando refez o caminho para a celta, teve sua atenção atraída por um movimento perto do altar.

— Quem está aí? — perguntou, estreitando os olhos para que se ajustassem a semi-obscuridade.

— Não chegue perto — gritou uma assustada voz feminina das sombras. Como ele continuasse a avançar, a voz advertiu-o. — Fique como esta! Estou armada!

— Não vou lhe fazer nenhum mal. Saía daí para que eu possa vê-la.

Uma esbelta figura jovem destacou-se das sombras do altar e postou-se à frente dele.

— Está sozinha?

A jovem fez que sim. Estava aterrorizada, e a adaga tremia nas suas mãos. Cedric percebeu que não teria coragem de matá-la e, num ímpeto repentino, decidiu levá-la para Livia. — Venha comigo.

Ele não viu a mão armada erguer-se. Sentiu apenas uma pressão que começava do ombro esquerdo e continuava até o peito, acompanhada de uma dor aguda. Enquanto o barril tombava no chão, ficou a olhar, assombrado, a ponta da adaga manchada de sangue.

E então compreendeu: aquela pobre criança assustada o apunhalara! Viu uma mancha pegajosa alargar-se no alto de sua túnica e, instintivamente, comprimiu o ferimento com os dedos.

— Eu não ia lhe fazer nenhum mal... — disse.

Depois, suas pálpebras fecharam-se e ele caiu para frente sobre o chão de mosaico. Quanto tempo permaneceu inconsciente não saberia dizer. Ao voltar a si, olhou em torno. Sentia uma fraqueza extrema, mas forçou-se a ficar de pé. As sacolas de trigo pareciam conter pedras, e ele cambaleou sob seu peso, enquanto uma dor aguda galgava-lhe o peito.

Segurando fortemente o precioso fardo de conservas com a mão direita, caminhou lentamente para a porta de entrada. A luz do sol cegou-o, e ele começou a descer os degraus aos tropeções. Ouviu alguém chamá-lo. A voz era familiar, mas distante. Voltou-se e sentiu como se o solo ondulasse sob seus pés. Tentou dar mais um passo e seus joelhos dobraram-se.

Poucos passos além, Heall via, horrorizado, Cedric rolar pela escadaria do templo. Com uma agilidade que seus anos não fariam supor, alcançou-o a tempo de amparar-lhe a cabeça.

— Deuses, Cedric... — murmurou, quando viu o sangue que manchava a túnica do amigo.

Ele tentou abrir os olhos.

— Eu... Achei... Víveres...

Lágrimas brilharam nos olhos de Heall.

— Para Ades com os víveres! Tenho de levá-lo para Clydach!

— O fardo... Não esqueça o fardo...

— Voltarei para buscá-lo mais tarde.

— Não... Achei tâmaras... E figos. Para Livia...

— Está bem — resmungou Heall, soerguendo-o e passando-lhe o braço pelas axilas. — Poupe suas forças agora.

Os primeiros feridos começaram a aparecer no campo icênio por volta do meio-dia.

Livia estava acrescentando alguns galhos secos à fogueira quando viu Heall chegar com Cedric pendurado em seus ombros.

Soltou um grito e correu para eles.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— O que aconteceu?

— Cedric foi apunhalado — Disse Heall, ofegante, deixando cair o ferido. — Vou levá-lo para a tenda.

Dominando o choque que sentiu ao ver o rosto lívido de Cedric, Lívia seguiu-os. Uma vez dentro da tenda, retirou-lhe o cinturão enquanto Heall o desembarçava das sacolas de trigo ainda presas nos ombros dele.

— Juno... — murmurou ela, quando rasgou o alto da túnica! E examinou a feia incisão que ia do ombro esquerdo ao peito.

Heall fitou-a com ar preocupado.

— Pode ajudá-lo sozinha ou tenho de ir à procura de Clydach? Sangue borbulhava da boca de Cedric, um mau sinal. Mas uma estranha calma apoderou-se dela quando respondeu:

— Fique com ele. Vou buscar minha caixa de medicamentos. Ao voltar, trazia também uma bacia de água e um frasco de vinagre. Limpou cuidadosamente o ferimento e, sabendo que não podia suturá-lo nem cauterizá-lo, limitou-se a fazer um grosso tampão, que foi colocado e firmado sobre a chaga por meio de uma atadura de linho. Quando terminou a operação, ajeitou Cedric na cama e deixou a tenda. Heall seguiu-a.

— Ele vai sobreviver?

— Fiz tudo o que podia. O sangue que ele está pondo boca indica que o pulmão foi atingido. Mas não sei qual a extensão. Há também o perigo de infecção.

Heall fitou por um longo tempo, querendo confortá-la, mas não ousou.

"Se esses dois estão destinados um ao outro, os deuses estão se divertindo em testá-los", pensou, enquanto levava as sacolas de trigo para a carroça.

Lívia esvaziou a bacia, encheu-a de água limpa e voltou de junto de Cedric. Ele jazia de lado, ainda inconsciente. Lavou-lhe o rosto e cobriu-o com um lençol. Depois, acendeu um pequeno fogo para neutralizar o ar frio da noite e sentou-se quietamente ao seu lado, enxugando-lhe de vez em quando o sangue da boca.

Foi com essa cena que Clydach se deparou, horas depois. Seu coração contraiu-se dolorosamente. Contudo, ele não fez comentário algum. Inclinou-se apenas sobre a cama e pôs-se a examinar Cedric. Decorridos alguns minutos, disse a Lívia:

— Precisamos mudar o tampão. Você terá de segurá-lo para mim.

Depois que o tampão empapado de sangue foi substituído por outro limpo, fez um travesseiro com as mantas e colocou-o sobre as costas do enfermo.

— Isso o ajudará a respirar melhor — explicou, enquanto retirava um frasco de ópio da caixa de medicamentos. — Ele vai precisar disso quando acordar.

Lívia agarrou o frasco com dedos trêmulos.

— Ele vai viver?

— O pulmão foi atingido. O sangramento tem de parar.

Não havia mais nada a ser dito, e os dois sentaram-se em silêncio a ficarem observando Cedric. Decorridos alguns momentos, Heall entrou sem fazer ruído.

— Perdoe-me, Clydach. Mas estão à sua procura. — O druida olhou

hesitantemente para Livia.

— Vá, Clydach — disse ela. — Mandarei Heall buscá-lo se Cedric piorar.

— Mude o tampão com frequência, e não se esqueça do ópio.

— Vá descansado.

Horas depois, Cedric voltou lentamente à consciência. Olhou em redor com olhos espantados; sua testa franzia num esforço de concentração. E quando viu Livia e seu pai debruçados sobre ele, entendeu que conseguira voltar ao campo. Bebeu o líquido que ela lhe oferecia e fez uma careta de lástima ao sentir dor no ombro.

Quando quis falar, ela selou-lhe os lábios com o dedo.

— Não fale. Poupe suas forças. Precisamos mudar o curativo, mas vamos esperar até que o ópio faça efeito.

A droga já estava fazendo efeito. Ele sentiu-se flutuar e fechou os olhos, enquanto mãos hábeis o viraram de lado.

— Respire fundo, filho. O mais fundo que puder. — ouviu seu pai ordenar.

Obedeceu e sentiu uma dor aguda dilacerá-lo. O suor brotou-lhe da testa, mas foi prontamente enxugado por uma mão delicada. Entreabriu as pálpebras e viu diante dele o rosto pálido de Livia. Quis tocá-la, mas ela reteve sua mão entre as dela.

— Descanse, agora. Prometo que ficarei a seu lado e que nunca, nunca o deixarei.

Permaneceram os três em vigília, a observá-lo. Quando os primeiros clarões do amanhecer tingiram o horizonte, a hemorragia cessou, e eles respiraram, aliviados.

— Você precisa descansar. — disse então Heall a Livia.

— Dormirei depois, quando Cedric estiver fora de perigo.

Mais tarde ele despertou e ela o alimentou com um pouco de mingau ralo de aveia e ministrou-lhe outra dose de ópio. Ao voltar a cobri-lo, achou-o quente demais. Alarmada, tocou-lhe a testa com os lábios e então saiu correndo à procura, de Clydach que estava ajudando Heall a defumar a carne de veado que caçara.

— Cedric está com febre. Venha vê-lo.

Quando o tampão foi removido, Livia prendeu a respiração. O ombro estava flácido e inchado, e uma supuração lenta e amarelada já havia começado.

— Não estava assim, quando mudei o curativo pela última vez — soluçou ela.

— Isso costuma acontecer, filha. Agora, precisamos lutar contra a infecção.

Necessitaram de três dias para pôr Cedric fora de perigo. O ferimento era profundo, e novas infecções irromperam. Tiveram de drená-las com os meios de que dispunham e cortar a camada de pele morta que se formava em torno da chaga.

Durante esse tempo, Livia permaneceu em vigília. Cedric delirava e, durante as crises de febre e as horas de sono inquieto, proferia palavras sem nexos. Mas, no terceiro dia, ele abriu os olhos e finalmente a reconheceu.

— Você está aí?

— Prometi que nunca o deixaria. Lembra-se?

— Água.

Ela ofereceu-lhe uma taça cheia, que Cedric bebeu com avidez. Depois disse:

— A banda de guerra...

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— A rainha ordenou trégua durante uma semana para nos refazermos de provisões.

Ele suspirou e relaxou.

— Fique comigo — pediu, enquanto tornava a adormecer. Mais tarde Cedric despertou, finalmente sem febre. Estava muito fraco, mas seus olhos estavam claros, e Livia soube que ele viveria. Alimentou-o e, quando terminou de banhá-lo, ouviu-o dizer num sussurro.

— Quanto tempo faz que você não dorme?

A pergunta surpreendeu. Fazia quatro dias? Era estranho, mas não sentia sono. Ao contrario, nunca sentira tamanha energia, tamanha liberdade de movimentos.

— Você precisa dormir — continuou ele com mais decisão. — Agora.

— Mas eu preciso...

Cedric segurou-a pelo pulso com uma firmeza que surpreendeu a ele próprio.

— Agora! Aqui, comigo.

— Mas você está ferido! Poderia machucá-lo.

— Correrei o risco. Não posso permitir que durma no chão quando há lugar para dois aqui.

Soltando um suspiro de exasperação, ela sentou-se na beira da cama e tirou as sandálias.

— Você é teimoso, Cedric. Não estou com sono — afirmou deslizando sob as cobertas.

— Feche os olhos!

Ela suspirou, inquieta, como se toda a vida dele dependesse de sua guarda, mas obedeceu. E, decorridos alguns minutos, mergulhou num sono manso.

No dia seguinte, despertando ao romper da aurora, Livia sentiu contra si o peso do corpo de Cedric. Ele estava acordado e a fitava.

— Como se sente? — perguntou ela.

— Muito melhor.

— Durma mais um pouco.

Em resposta ele desmanchou-lhe as tranças e espalhou os cabelos sobre seu peito.

— Você tem cabelos lindos, Livia — murmurou, mergulhando os dedos na massa sedosa. — Já lhe disse isso?

— Não.

— Há tantas coisas que eu deveria ter dito e não disse... Deuses! Quando penso no modo como a tratei...

— Eu já o perdoei, Cedric. Cheguei a odiá-lo quando você ordenou que eu fosse acorrentada à carroça, mas agora não o odeio mais.

— Verdade?

— Verdade. E estou muito feliz que Boadicea tenha me dado a você.

— Você não é mais a minha escrava. A rainha concedeu-lhe a liberdade.

— Eu sei. Clydach contou-me.

— Então sabe que não precisa mais ficar aqui?

Ela atraiu para si o rosto dele e o beijou.

— Sim, eu sei. Mas como poderia deixá-lo? Eu o amo!

Cedric sentiu-se dominado por uma intensa emoção. Ele a queria mais do que a tudo no mundo. Mas não queria confessar esse sentimento que guardava no fundo da alma. Não agora que o sonho estava ao alcance de suas mãos. Talvez os deuses estivessem esperando que ele abrisse seu coração para então castigá-lo. Zombara deles com muita frequência no passado para pensar diferentemente. Assim, puxou Livia de encontro ao peito, permitindo que ela sentisse as batidas frenéticas de seu coração, mas não disse nada.

Ela permaneceu quieta em seus braços, entendendo seu silêncio. Embora Cedric não houvesse dito nada, provara de diversas formas que a amava. E isso era suficiente no momento. Mais tarde, quando o destino e sua vontade assim o decidissem, ele abriria seu coração, tinha certeza. Mas não iria pressioná-lo.

Na semana seguinte à tomada de Londinium, o bando de guerra descansou, foi à caça e à pesca, ambas abundantes na região, e armazenou víveres.

Enquanto isso, Cedric convalescia. Sua recuperação, no entender de Livia, era simplesmente fantástica. Quando a febre cedeu, ele recusou-se a permanecer na tenda, e ela preparou-lhe um lugar junto à fogueira, de onde podia observar Heall e ela própria prepararem e defumarem a carne e Clydach prover sua caixa de medicamentos de um novo estoque de ervas.

Livia gostou desse descanso forçado, mas Cedric preocupou-se. As hostes icênias estavam perdendo o ímpeto avassalador que animara após a queda de Venta Icenorum. A coluna tinha de reiniciar a marcha imediatamente! Qualquer atraso poderia ser fatal.

E, quando finalmente Boadicea decretou a retomada do avanço, ele respirou aliviado. Era tarde da noite. Livia estava tomando banho na tenda, sob seu olhar ávido.

— O governador geral não é covarde. — observou, com os olhos fixos nos seios dela. — Mandou evacuar Londinium porque a cidade era indefensável. Acredito que, a esta altura, ele já tenha organizado suas forças e escolhido um lugar favorável para a batalha.

— Boadicea tem um exército de quase setenta mil homens. Acha que Suetonius Paulinus pode dispor de igual número de legionários?

Cedric contemplou-a, embevecido, e Livia sentiu prazer na evidente admiração dele.

— Cedric? — chamou, ao vê-lo absorto demais.

— Ah... Sim, Paulinus. Não, não acredito que o general possa dispor de tantos homens.

Ela vestiu a túnica que estava esticada em cima da cama e enfiou-se debaixo da manta.

— Então, por que se preocupa? Boadicea os esmagará com facilidade — disse, aconchegando-se a ele.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Cedric tomou-a nos braços e beijou-a na boca com ímpeto apaixonado. Ela sentiu-lhe o apelo ardente, e um impulso arrebatador dominou-a por completo. Entreabriu a boca para que suas línguas se encontrassem e se acariciassem, enquanto deslizava as mãos pelo peito vigoroso.

— Seus ferimentos, Cedric... — murmurou depois, ofegante. — Podem reabrir...

— Talvez... Mas vou arriscar — murmurou ele, guiando-lhe a mão para seu membro rígido. — Abra-se para mim, feiticeira.

Ao contato dos dedos macios, a ereção se completou e ele quis rolar por cima dela.

— Não! — disse Livia prontamente. — Fique aí quietinho. Segurando-lhe o membro, ela se pôs de joelhos e baixou lentamente o corpo, guiando-o para dentro dela. A sensação foi insuportavelmente excitante: a nova posição deixava-a livre para acompanhá-lo no seu ardor.

Quando a ouviu gemer, acordada para a volúpia, Cedric estendeu as mãos e agarrou-lhe os seios. Tomou primeiro um bico e depois o outro e sugou-os até ficarem intumescidos.

— Você é minha, Livia. Ninguém pode tomá-la de mim!

— Cedric... Eu o amo muito!

Ele a agarrou pelas nádegas com uma ferocidade primitiva, e Livia tomou a levantar-se, movendo o corpo para cima e para baixo, a princípio lentamente, numa calma e doce agonia, e depois cada vez mais impetuosamente. Quando atingiu o clímax, arqueou-se, sacudida por sucessivas ondas de prazer, e depois caiu ao lado dele, numa inércia lânguida.

Abraçou-o, plena de uma felicidade quase insuportável, murmurando com voz irreconhecível:

— Cedric... Cedric, o que faremos quando a marcha vingadora de Boadicea terminar?

— Não tenha medo, feiticeira.

— Isso não é resposta, Cedric.

Ele suspirou fundo.

— Só poderemos considerar o futuro quando vencermos a batalha final. Antes, não.

— Mas ficaremos sempre juntos, não é?

Ele a aconchegou na manta e beijou-lhe ternamente os lábios.

— Como poderia ser de outra maneira?

Suetonius Paulinus chegou a Verulamium com sua exausta coluna depois de dois dias de marcha. Mas seu alívio foi de curta duração: aquela cidade era tão indefensável quanto Londinium. Embora a notícia da revolta houvesse chegado ali havia um mês, nenhum esforço fora feito no sentido de fortificá-la.

O general irritou-se sobremaneira. Por que todos supunham que ele tinha homens suficientes a sua disposição para proteger cada cidade e cada posto avançado

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

da Britânia? Quando sua raiva inicial passou, engoliu a amarga decepção e convocou os líderes e os sacerdotes locais: Verulamium tinha de ser evacuada.

A população, autorizada a levar consigo tudo o que conseguisse, foi então conduzida para a estrada de Glevum, de onde poderia alcançar facilmente a fortaleza Augusta sem escolta. A seguir, a cidade foi arrasada até o solo. Não sobrou pedra sobre pedra, para que o inimigo não pudesse encontrar ali abrigo ou provisões.

Feito isto, Paulinus saiu à procura de um campo de batalha. Não se retiraria mais: seus homens estavam exaustos e desmoralizados. Para o bem ou para o mal, teria de enfrentar em batalha a rainha rebelde.

Sua busca tomou-lhe três semanas, mas, no final, ele achou o local que lhe convinha: uma planície rodeada por colinas cobertas de florestas, cuja única via de acesso era um caminho apertado entre as altas paredes de um desfiladeiro.

Paulinus percorreu-a uma dúzia de vezes, debatendo todas as possibilidades com seus mais experimentados centuriões. Chegaram à conclusão de que a planície relvosa era muito conveniente para uma batalha regular: a estreita garganta obrigaria Boadicea a afunilar suas forças para poder chegar até o inimigo. Melhor ainda: a rainha não poderia ordenar uma retirada organizada por ali, se a maré da batalha se voltasse contra ela. E as colinas inóspitas ao redor tornariam sua debandada impossível.

Satisfeito, Suetonius Paulinus armou ali seu bivaque e enviou mensageiros ao norte, convocando a infantaria para o campo batalha.

Naquele dia, depois de prepararem o acampamento, os três homens fizeram um levantamento do estoque de alimentos. Graças a Heall e a Cedric, as duas carroças estavam cheias de trigo, vinho e carne.

— Estamos em melhores condições do que a maioria. — disse Clydach quando a última sacola foi recolocada no seu lugar. — Um saco de trigo está valendo dez moedas de ouro.

Ele abanou tristemente a cabeça.

— Boadicea tem de terminar esta guerra rapidamente podarmos voltar para casa.

Cedric suspirou.

— E o que acharemos ali? Celeiros vazios e campos abandonados. De qualquer modo, não podemos nos preocupar com o futuro. O presente é o que importa. E, a partir deste instante temos de racionar os alimentos. — Voltou-se para Livia, sorrindo. — Nada de bolos de trigo.

— Perdi o gosto por eles.

— Verdade?

Ele a puxou para si e beijou-a longamente.

— Gostaria que as circunstâncias fossem diferentes para dar todo o conforto que você tinha na casa de seus pais.

— Você é todo o conforto que eu quero — disse ela, colando-se a ele sem

inibição.

Mais tarde, enquanto o guisado cozinhava lentamente, apanhou um longo bastão da carroça e pôs-se a praticar o arremesso. Lívia ficara horrorizada quando ele começara os exercícios, temendo que o ferimento reabrisse. Mas ele sabia a importância de pôr em ação os músculos enfraquecidos. E, naquela tarde, treinou ainda mais duramente, arremessando-o contra um inimigo imaginário até ficar coberto de suor.

— Você precisa tomar um banho — disse Lívia quando o viu encostar-se, ofegante, ao tronco de uma árvore. — Aqui há um pequeno riacho. Venha.

Ela o tomou pela mão e o guiou para fora do acampamento.

— Você se exercitou demais.

Ele deu um sorriso malicioso.

— Não tanto como na noite passada.

— Cedric!...

— Ninguém ignora que você dorme comigo.

— Eu sei, mas...

— Está com medo de que alguém nos ouça e a ache muito ansiosa?

Lívia lançou-lhe um olhar ofendido.

— Claro que não!

Estacando bruscamente, Cedric puxou-a para si. Ela quis protestar, mas ele tornou-lhe os lábios e beijou-a até fazê-la render-se por completo, amolecida e sem oferecer resistência.

— O banho...

Ele tornou a beijá-la com paixão, e Lívia gemeu, mergulhando as mãos nos seus cabelos e abandonando-se toda à onda de desejos que a invadia com uma fúria que nunca sentira antes. Então, com os lábios entreabertos num sorriso de mulher primitiva arrancou-lhe a túnica e começou a beijar-lhe o colo, seus lábios desciam lentamente pelo peito musculoso.

— Ah, Lívia... Não pare... É tão bom! — ouviu-o suspirar. Sem dar atenção a suas palavras, ela desatou o laço da tanga e puxou-a para baixo.

— Chega! Está na hora de seu banho, E agora, ajude-me. Eu também preciso de um.

Com um gemido abafado. Cedric ajudou-a a despir-se. Suas mãos tremiam ao seguir-lhe os contornos da cintura e dos quadris, ao sustentar-lhe os seios nas palmas em concha. Depois, agarrando-a pela cintura, levou-a para dentro da correnteza.

Lívia ficou de joelhos no meio das águas frescas e murmurantes e, obrigando-o a ajoelhar-se também, começou a lavá-lo amorosamente. Primeiramente os cabelos, e depois, partindo do pescoço, desceu para os braços, peito e coxas. Ao sentir o membro dele retesar-se em suas mãos, deixou-o e começou a banhar-se. Quando terminou, desafiou-o:

— E agora, não vai satisfazer esta mulher ansiosa?

Cedric exultou. Ajudou-a a levantar-se e, depois de acariciar-lhe a doce

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

penugem entre as pernas, onde as gotas de água luziam como minúsculos brilhantes, começou a explorar-lhe os recantos secretos do corpo com a boca.

Depois, com um gemido rouco, levantou-se também e puxou-a para si, colando-se a ela, pressionando seu membro endurecido contra o ventre macio.

— Ah, Lívia...

Ela estendeu as mãos e guiou-o para seu próprio sexo. E, quando ele a penetrou, sentiu-se transportada para um mundo tão incrivelmente extasiante que se deixou possuir sem reservas.

Quando voltaram à consciência, uma expressão de risonha perplexidade estampou-se no rosto de Cedric.

— Você me espanta, coração. Não imaginava que fosse tão ousada!

— Mas foi você que me tentou!

— Eu queria apenas um beijo. Você tomou a iniciativa, pequena feiticeira, e me pegou de surpresa.

Ela baixou a cabeça, envergonhada, e começou a se vestir.

— Vamos, caso contrário perderemos a hora do jantar. Respirando fundo, ele resolveu testar os deuses. Ergueu-lhe o queixo e a fitou bem no fundo dos olhos.

— Eu a amo, Lívia,

Para seu espanto, ela começou a chorar docemente. Tomou-a então nos braços e embalou-a até vê-la mais calma.

— Meu pai tinha razão: você é o meu destino.

— Oh, Cedric... Eu sei que pertencemos um ao outro!

Os olhos azuis brilharam, expressando toda a paixão que o incendiava.

— Quando a guerra terminar, iremos para a minha aldeia. Construiremos nossa vida ali, feiticeira. Poderá não ser tão confortável como aquela que Lucius lhe daria, mas será uma vida, apesar de tudo.

Lívia sentiu a alegria dominar seu coração e exultou de cidade.

— A única coisa que eu quero é viver a seu lado.

Ele tornou-lhe a mão e a levou aos lábios.

— Ficaria muito feliz se pudéssemos compartilhar uma cabana como marido e mulher.

Ainda não refeita das intensas emoções que experimentara, o olhou estupefata.

— Não precisa se casar comigo. Eu me contentarei em ser sua, sabendo que você me ama.

— Está recusando? Pois fique sabendo que eu pertencço a família cujos homens costumam raptar as mulheres que relutam em aceitá-los!

Lívia riu e abraçou-se a ele, deliciando-se com o vigor de seus braços.

— Tolinho...

Cedric beijou-a com triunfante paixão.

— Vai se casar comigo, não é? Diga que sim!

— Sim — murmurou Lívia, com os lábios trêmulos de emoção.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Casaram-se na noite seguinte. Lívia, com a cabeça coberta com o véu cor de açafrão, vestia um peplo branco, e Cedric resplandecia na sua túnica e calção pretos e manto azul.

Quando a carruagem da noiva, conduzida por Heall, chegou ao local da cerimônia, Clydach começou a entoar uma antiga canção de louvor e regozijo, que acompanhou o cortejo nupcial durante todo o percurso até o altar. A seguir, o druida saudou as testemunhas e colocou coroas de visco sobre a cabeça noivos, suplicando a Be'al para que os abençoasse e protegesse todos os frutos que pudessem vir como resultado da união. Terminada a invocação dos favores divinos, Heall desceu da carruagem e Cedric tomou o seu lugar.

Depois que a linhagem dos noivos foi anunciada, o chefe tribo e o filia pediram a Cedric a relação dos bens que levava para o casamento. Ao ouvi-lo enumerar a grande quantidade de cavalos e gado que iria constituir a fortuna de ambos o coração de Lívia apertou-se. Diferentemente de Edith, ela possuía nada. E, quando o filid lhe fez a mesma pergunta, umedeceu nervosamente os lábios, sem saber o que dizer. Nesse instante, uma voz atrás dela anunciou:

— A noiva vai levar trinta moedas de ouro para o casamento.

Quando Heall deu um passo para frente, Lívia fitou-o boquiaberta. Ainda não refeita do assombro, viu-o abrir uma bolsa de couro e despejar o conteúdo nas mãos do filid. Depois que as moedas foram contadas e a bolsa passada para ela, murmurou:

— É muita generosidade de sua parte, Heall.

Ele sorriu, feliz.

— Agora está tudo bem, filha. Nenhuma mulher icênia que se respeite vai de mãos vazias para o casamento.

Mas enquanto a cerimônia prosseguia e ela repetia os votos que a ligavam a Cedric para sempre, agradeceu silenciosamente a Heall, que sacrificara todos os seus haveres para que seu casamento fosse tão válido quanto o de qualquer noiva icênia.

Terminada a solenidade, os convidados acompanharam a carruagem dos noivos até o acampamento e depois reuniram-se em volta das duas enormes fagueiras que haviam sido acesas. Enquanto os brindes se sucediam, uns após os outros, Cedric passou carinhosamente o braço em volta da cintura de Lívia e conduziu-a até a entrada da tenda.

— Longa vida — desejou-lhes Clydach.

Quando chegou a vez de Heall cumprimentá-los, Lívia abraçou-o carinhosamente:

— Como posso agradecer?

Ele sorriu e murmurou-lhe ao ouvido:

— Dando a esse rapaz uma porção de filhos tão teimosos quanto ele!

Lívia fez que sim e acompanhou o marido, que ainda a sustentava com o braço, até o interior da tenda. Um pequeno fogo fora aceso, e o ambiente estava iluminado por uma cálida luz dourada.

— O que foi que Heall lhe disse? — perguntou Cedric retirando-lhe o véu da

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

cabeça. Lívia deixara os cabelos soltos, segundo o uso icênio, e ele mergulhou os dedos com prazer naquela fofura sedosa.

Ela deu uma risadinha.

— Cumprimentou-me apenas.

— Venha cá, então.

Com suave lentidão, ele retirou-lhe o peplo e depois olhou-a, nua e adorável, o corpo esplêndido dourado pelo reflexo das chamas. Seus dedos tocaram-lhe o rosto e desceram pelo bico rígido do seio e pelo umbigo até o macio triângulo de pêlos.

— Muito bonita mesmo... — murmurou, tomado de incontrolável tremor.

Despiu-se então rapidamente, com impaciência febril, e acomodou-a na cama, deitando-se a seguir ao lado dela. Gentilmente, correu-lhe as mãos pelo corpo. Quando encontrou o secreto recesso, úmido pela premência do desejo, abriu-lhe as pernas e desceu a cabeça para lá.

Lívia pôs-se a gemer e a contorcer-se, sentindo que não agüentava mais de prazer, e pediu:

— Agora, Cedric...

Excitado, ele ficou de joelhos, separou-lhe bem as pernas e penetrou-a vagarosamente. Quando as arremetidas tornaram-se cada vez mais impetuosas, ela se ouviu gritar, sacudida por sucessivos espasmos que prolongou até que todos os seus nervos, vibrando simultaneamente, a fizessem submergir ao lado dele na inconsciência final.

Dois dias depois, Cedric ofereceu-se para liderar uma das patrulhas que percorria a região, buscando localizar as forças de Suetonius Paulinus. Antes de partir, ele quis armar a tenda para Lívia, mas ela não permitiu.

— Não é preciso. As noites são quentes. Prefiro dormir sob a luz das estrelas.

O que ela não teve coragem de dizer foi que não suportaria dormir na tenda enquanto ele estivesse ausente.

Cedric entendeu suas razões e não argumentou. Ele próprio estava abalado pela idéia da separação. E, antes que os apelos de seu coração pudessem enfraquecer-lhe a determinação, selou o garanhão dourado, beijou-a longamente na boca e partiu.

Naquela noite, sonhos terríveis voltaram a atormentar Lívia. Ela acordou com um grito de pavor preso à garganta, enquanto lutava desesperadamente para emergir daquela escura opressão. Quando conseguiu sair de debaixo do leito da carroça, despejou água numa bacia para lavar, junto com o suor do rosto, as visões sangrentas que lhe enchiam a mente.

"É apenas um sonho". Mas, por mais que repetisse isso, sabia, no fundo, que o sonho era tão premonitório quanto o fora aquele sobre Mona.

— Venha tomar uma taça de vinho comigo, filha.

Ela se voltou com um sobressalto e viu Clydach a alguns passos de distancia. Mal se sustentando nas pernas, caminhou na direção dele e deixou-se cair sentada a seu lado.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Agora me conte o que a perturba — disse a druida oferecendo-lhe uma taça de vinho.

Ela tomou um grande gole da bebida antes de confessar:

— Tive um sonho de destruição e morte. O lugar era desconhecido.

Clydach tornou-lhe a mão e disse-lhe simplesmente:

— Mostre-me.

— Mostrar? Como posso fazer isso?

— Respire fundo e deixe sua mente recordar,

Lívia fechou os olhos, mas tornou a abri-los, frustrada.

— Não consigo.

— Tome mais um pouco de vinho — ordenou Clydach gentilmente. — E agora tente novamente.

Quando ela começou a recordar, uma estranha letargia a envolveu. Tinha a sensação de estar no tepidarium da casa de banho de seu pai: o medo e a opressão haviam desaparecido como que por encanto.

— Lembre tudo o que viu, Lívia — estimulou-a Clydach.

A voz dele parecia vir de muito longe. Mas foi absurdamente fácil obedecê-lo. Agora que o temor desaparecera, ela permitia que sua mente voltasse ao sonho. Dessa vez, no entanto, havia uma notável diferença: o druida caminhava a seu lado no meio da densa floresta que recobria a colina.

Embora o mundo estivesse banhado de sol e claridade, fazia frio debaixo das árvores onde eles se abrigavam. Abaixo deles, na planície, dois grandes exércitos travavam uma luta de vida ou morte. À direita brilhava a águia de bronze da legião romana e, à esquerda, estava a carruagem de vime da alta e majestosa figura de Boadicea.

Soldados e guerreiros combatiam com uma ferocidade nunca vista. Mas, à medida que a luta prosseguia, os icênios começavam a tombar sob o pertinaz ataque dos legionários que avançavam numa fileira cerrada, com os escudos formando uma barreira impenetrável.

O cheiro de sangue e de morte invadiu-lhe as narinas, e o medo cresceu novamente em seu coração. E, quando o rosto de Cedric emergiu da massa confusa dos combatentes, um soluço seco brotou-lhe do peito. Debaixo do pó, do sangue e do suor, as feições dele estavam tensas. De tempo em tempo, quando a luta diminuía de intensidade, seus olhos voltavam-se para a colina onde ela estava e seus maxilares contraíam-se fortemente.

Não podia tocá-lo, mas ansiava por tomá-lo pela mão e levá-lo para longe daquele cenário de morte. Mas foi a mão do druida que apertou quando a legião romana entrou em formação de cunha, cuja ponta arremessou-se para frente, fendendo as forças icênias ao meio.

Gritos de raiva e frustração elevaram-se das hostes icênias, unindo-se aos gemidos dos moribundos. Cedric e os homens a sua volta lutavam sem esmorecer, mas, pouco a pouco, foram forçados a ceder terreno e a recuar de encontro à sólida

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

muralha formada por sua própria retaguarda, que tornava a retirada impossível.

As cores, os sons, tudo parecia mais vívido do que o natural, e Livia não pôde conter o grito que lhe irrompeu da garganta quando uma adaga emergiu do meio dos escudos romanos e mergulhou no flanco de Cedric. Ela não gritou, apenas soltou um "oh" e tombou de joelhos, enquanto a lâmina manchada de sangue retraía-se de seu corpo.

No instante em que o viu ser calcado sob os pés dos soldados romanos que se precipitavam sobre os icênios como uma avalanche destruidora, ela quis correr até ele, mas suas pernas não se moviam. Apenas seu coração continuou a bater cadenciadamente "meu amor... meu amor... meu amor..."

— Chega!

Livia abriu e fechou os olhos várias vezes, antes de voltar à realidade. Olhou em torno e espantou-se, ao verificar que estava no acampamento.

— Você foi comigo — disse ela, olhando medrosamente para Clydach. — Mas eu estava sozinha na primeira vez.

— Acompanhei-a porque você tinha medo de fazer a viagem sozinha.

Ela olhou para dentro da taça de vinho.

— Você me drogou?

— Misturei uma erva ao vinho — confessou o druida. — O medo bloqueava sua visão, e era importante que eu visse o que a assustava.

— Se Rhys tivesse seu poder...

Clydach sorriu.

— Be'al escolha seus servos com cuidado.

— Minha visão é verdadeira?

O druida leu a borra escura de seu vinho.

— Acredito que sim.

Lágrimas escorreram pelas faces de Livia.

— Então eu vou perdê-lo!

— Talvez não. Não o vimos morrer. Há esperança.

Livia levantou o rosto. Seus olhos estavam inchados, e a dor desfigurava-lhe as feições.

— Mas, se isso acontecer, o que será de mim? Já fui despojada de tudo. Os deuses querem privar-me também de meu marido?

Ela saiu correndo, e Clydach suspirou, sentindo-se extremamente velho. Ao voltar-se, viu Heall, que o espiava das sombras.

— Há quanto tempo você está aí?

— Há algum tempo. Que estranho que ela tenha o dom!

— Não é tão estranho assim. Meu próprio filho não se tornou um guerreiro?

— Eu olharei por ele, Clydach. Eu o arrastarei para fora do campo de batalha, se for preciso. Não perderemos outro de nossos filhos!

— Você é um consolo, meu amigo.

Heall suspirou fundo.

- Como tudo terminará?
- E o que eu gostaria de saber.

Cinco dias depois, a patrulha de Cedric voltou com a notícia de que a legião romana estava acampada ao norte, a meio dia de marcha das hostes icênias. Boadicea reuniu imediatamente seus chefes e fez-lhes saber a decisão que havia tomado.

— Marcharemos amanhã. Engajaremos Suetonius Paulinus numa luta de vida ou morte!

— Não deveríamos esperar mais um pouco? — perguntou um dos chefes. — Nossos guerreiros estão cansados.

— Já esperamos demais. A região que atravessamos foi arrasada completamente. Meu povo precisa de alimento e não encontramos nenhum. Temos de decidir rápido esta luta!

Cedric concordou em silêncio, embora não lhe agradasse a idéia de lutar contra os romanos num local da escolha deles. Uma das principais regras da estratégia de guerra era não dar ao inimigo a vantagem da escolha do campo. E, quando isso não podia ser evitado, devia-se ter ao menos a garantia de uma retirada organizada.

A preocupação da retirada ocorreu também a vários chefes. Mas, quando eles expuseram suas dúvidas à rainha, ela observou:

— Se não pudermos bater em retirada, o mesmo acontecerá com os romanos. Somos sete vezes mais numerosos. Nossas hostes os esmagarão. Cedric, você que viu as forças romanas, o que tem a dizer?

Cedric fitou-a pensativamente.

— Eu me sentiria mais tranqüilo se pudéssemos enfrentá-los em campo aberto.

— Mas concorda que temos de ir ao encontro do governador geral?

Ele hesitou apenas um instante, antes de responder:

— Concordo que minha rainha não tem outra escolha.

Boadicea voltou-se para Clydach, que estava sentado a seu lado.

— Esta noite, ao nascer da lua, ofereça sacrifícios a Cúmulos e a Andraste. O povo ficará mais tranqüilo quando ouvir os presságios favoráveis que lerá nas entranhas dos animais.

A rainha levantou-se e disse aos chefes das tribos:

— Conclamem os guerreiros e anunciem minha decisão. Falarei pessoalmente com meu povo esta noite, após os sacrifícios.

Cedric saiu e ficou do lado de fora do pavilhão real, à espera do pai. Quando ele apareceu, perguntou-lhe:

— Vai fazer o que a rainha ordenou? Vai ler os presságios como favoráveis, mesmo que não o sejam?

— Sim — disse Clydach baixinho.

— Vai trair seus deuses, esquecer suas leis só para não contrariar as ordens reais?

— Boadicea vai ordenar o combate de qualquer maneira. Portanto, não posso

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

negar a meus amigos o conforto de um presságio favorável. Isso lhes dará mais confiança.

Quando o pai desapareceu nas sombras, Cedric respirou fundo. Ele tinha razão. O sentimento de confiança poderia significar a diferença entre a derrota e a vitória.

A notícia da batalha iminente ainda não se espalhara pelo campo icênio. Mas Livia teve apenas de olhar para as feições alteradas de Cedric para saber o que acontecera.

— Paulinus foi encontrado.

— Foi — disse ele. — Sua legião está acampada a pouca distância daqui. Nós o enfrentaremos amanhã.

Ela escondeu o medo que lhe revolveu as entranhas.

— E depois, tudo estará terminado?

— Quase. Se derrotarmos Paulinus, as tribos do oeste se encarregarão de dizimar as forças que ele deixou em Mona. Então, estaremos livres para voltar para casa.

Ele a tomou nos braços e a beijou.

— Prepare-se. Temos de assistir aos sacrifícios que a rainha ordenou. Meu pai foi encarregado de ler os presságios.

Cedric escolheu um lugar retirado, atrás do pavilhão real, onde puderam assistir à cerimônia com relativa tranqüilidade. Terminado o ritual, Boadicea ergueu-se, majestosa, com os braços erguidos.

— Meus bravos guerreiros, vocês ouviram os presságios. Os deuses estão conosco. Amanhã enfrentaremos e derrotaremos exército do inimigo que tomou nossas terras, nossos filhos, nossos irmãos. Iremos esmagá-los com o nosso poder!

Uma prolongada ovação saudou suas palavras. Ela esperou que os gritos morressem para continuar:

— Nossa vingança está próxima! Todos os romanos morrerão! O solo sagrado de Albion se empapará com o seu sangue e se tornará novamente fértil. Então, com a ajuda de nossos deuses e a força de nossa determinação, seremos um povo livre!

Mais tarde, ao alcançarem a privacidade da tenda, Cedric tomou Livia nos braços.

— Minha querida, o ódio da rainha não era dirigido a você.

— Eu sei.

— Então venha para a cama.

Minutos depois, estendida, imóvel, ao seu lado, ela murmurou.

— Cedric...

— Hum...

— Vai lutar amanhã?

Ele ergueu-lhe o queixo e a fitou intensamente.

— Sou um guerreiro, coração. Não posso fugir à luta.

— Tenho tanto medo...

— Tomarei cuidado, minha pequena feiticeira. Amanhã à noite você estará em

meus braços. Juro.

Passava pouco do meio-dia quando a coluna icênia suspendeu a marcha. Lívia ficou de pé na carroça e olhou em torno. Havia passado por uma garganta estreita e penetrado na ampla planície que Cedric descrevera à rainha.

A excitação e a tensão dos rebeldes icênios pairavam no ar como algo palpável. Na verdade, eles estavam tão certos da vitória que impeliam suas carroças até a beira da campina aonde iria se desfechar a batalha final. O estreito caminho que haviam deixado para trás estava totalmente obstruído pelas carroças da retaguarda: as mulheres e as crianças tinham abandonado seus veículos e corrido para frente, para terem uma visão completa do campo de batalha.

Lívia abarcou com o olhar o cenário que se descortinava a sua frente. À distância, erguiam-se as ordenadas fileiras das tendas de couro dos legionários. No meio delas, duas maiores ostentavam as águias e os estandartes. "O quartel-general de Paulinus", refletiu ela. A voz de Cedric tirou-a de sua abismada contemplação.

— Onde está meu pai?

— Boadicea mandou chamá-lo.

— Preferiria que Clydach estivesse aqui, e não oferecendo orações aos deuses quando estamos tão perto das linhas romanas! — observou ele, começando a selar dois dos cavalos amarrados no fundo da carroça.

Lívia ficou surpresa.

— Pensei que você fosse lutar a pé.

— Estes cavalos são para você e meu pai. Vou preparar outros dois para mim e Heall e abastecê-los com mantas, alimentos e água.

Apontando para um lugar na colina mais próxima, ele continuou:

— Leve os cavalos para lá. Amarre-os às árvores e espere.

— Esperar? — perguntou Lívia, perplexa. — O quê?

— Boadicea pode perder a batalha. Se isso acontecer, não poderemos escapar pelo desfiladeiro que está obstruído pelas carroças. Vou procurar meu pai e dizer-lhe onde você estará a nossa espera.

— Acha que podemos perder?

Cedric passou-lhe o braço pelos ombros e a puxou contra o peito.

— Não sei se venceremos ou perderemos. Mas um guerreiro tem de pensar em todas as possibilidades. Se nos forcarem a bater em retirada, não quero que fique presa aqui. — Ele sorriu e acariciou-lhe o rosto. — Se a estratégia da rainha tiver êxito, esta noite riremos dessas precauções. Mas, agora, lutarei mais tranquilo se souber que você está a salvo, fora do alcance do inimigo.

Isso acabou de convencer Lívia. O que ela queria, acima de tudo, era que Cedric se concentrasse apenas na batalha e saísse dela com vida.

— Se o pior acontecer, Heall e eu nos reuniremos a vocês assim que pudermos — tornou ele. — Mas se os legionários começarem a procurar fugitivos no meio do bosque, não fique lá. Pegue um dos cavalos e fuja. Não hesite, não demore, não pense em nada nem em ninguém. Vá para o oeste. Lá encontrará uma fortaleza romana onde

poderá se refugiar. Eu a seguirei quando puder. Entendeu?

Lívia fez que sim com a cabeça, e ele continuou:

— Há uma adaga na carroça. Leve-a com você e use-a, se necessário.

— Não será necessário. Você estará comigo.

Cedric sentiu uma onda de ternura invadi-lo, enquanto a abraçava e a beijava nos lábios.

— Sim, coração. Eu estarei com você.

Não havia mais tempo a perder. Afastando-se delicadamente de Lívia, ele enfiou a machadinha de guerra e a adaga no cinturão, ajustou a espada no talabarte e prendeu uma faca nas tiras da sandália. Quando se endireitou, seus olhos prenderam-se aos dela com amor e paixão.

— Eu a amo.

— Eu o amo também, meu marido. Que os deuses o acompanhem,

— E a você também.

Ela ficou parada junto à carroça, acompanhando-o com o olhos até vê-lo desaparecer no meio dos guerreiros. Permaneceu ainda alguns momentos, à espera de Clydach. Então, como não aparecesse, montou um dos cavalos e, puxando os outros pelas rédeas, rumou para a colina.

Tinha acabado de chegar ao ponto indicado por Cedric quando o primeiro toque de carnyx fendeu os ares. Os cavalos escavaram o solo e ergueram a cabeça, assustados, e ela teve desmontar para acalmá-los. Depois de amarrá-los a um tronco aconchegou-se no manto de Cedric para abrigar-se do ar frio floresta. De onde estava, ouvia claramente os rumores da batalha que se travava abaixo, mas não podia ver nada.

Avistou uma pequena clareira logo abaixo e depois de minuto de hesitação desceu para lá aos tropeções. Quando o campo de batalha ficou à vista, suspirou involuntariamente, pensando no seu sonho. Paulinus havia disposto suas tropas modo que a infantaria formasse o centro de uma cunha, e arqueiros e os cavalarianos suas asas.

Enquanto isso, contrariando o plano de batalha de Boadicea os guerreiros icênios, alguns nus, com o corpo pintado de azul lançavam seus gritos de guerra e se precipitavam sobre os romanos, impedindo a ação de seus próprios carros de guerra que, sem espaço para serem manobrados, jaziam, inúteis, na retaguarda.

A primeira vista, parecia que aquela vaga impetuosa iria esmagar a legião com facilidade. Mas logo tornou-se evidente, mesmo para os olhos inexperientes de Lívia, que os icênios eram muito numerosos. Os que estavam na retaguarda queriam lutar a qualquer custo e arremetiam para frente, empurrando seus companheiros de vanguarda de encontro à ponta das adagas romanas.

Paulinus, que permanecia na retaguarda rodeado por sua guarda pessoal, viu que era chegado o momento de acionar a armadilha que havia preparado. Deu o sinal e então o som estridente de uma trompa cortou os ares. No mesmo instante, uma torrente de flechas ergueu-se de encontro ao céu e foi tombar sobre os guerreiros.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Quando uma segunda rajada seguiu-se à primeira, os que estavam na retaguarda icênia perderam toda a paciência e investiram para frente.

A cunha romana movimentou-se simultaneamente, com a ponta dirigida para o centro das hostes inimigas, e dividiu-as ao meio. Ao segundo toque de trompa, a cavalaria de reserva junto às bases das colinas desceu sobre os rebeldes. Em vez de flechas, eram lanças que ameaçavam agora os flancos desprotegidos dos celtas.

Os icênios recuaram, mas foram detidos por sua própria retaguarda. E quando a cunha romana moveu-se novamente, houve o caos.

Lívia esqueceu então o perigo a que se expunha e desceu quase até a beirada do campo de batalha, a poucos metros do local onde a cavalaria romana havia estado até poucos momentos atrás. Uma nuvem de poeira cobria a campina, mas, à medida que os romanos avançavam, os primeiros mortos icênios ficaram à vista. O desespero tomou conta dela. Já ia correr para o meio deles quando uma voz a deteve.

— Ah, aí está você!

Estranhamente, a voz sedosa e o toque da mão que pousou em seu ombro não a surpreenderam. Seu desespero foi substituído por uma fúria selvagem. Virou-se e enfrentou os olhos verdes de Rhys com supremo desdém.

— Se está com vontade de derramar sangue, por que não vai lutar ao lado de seus compatriotas?

O druida sorriu friamente.

— Está com medo, romana?

— Não de você!

— Pois deveria estar!

— Não passa de um covarde, sacerdote. Estimula os bravos ao combate, mas foge da luta com a desculpa de que seus votos o impedem de enfrentar o inimigo.

Rhys ficou pálido.

— Vagabunda romana... Vou oferecer seu coração a Morrigan.

Sua mão deslizou para dentro do manto e reapareceu instantes depois armada de uma adaga. Lívia deu um passo para trás e desembainhou sua própria arma. Mas o sacerdote não pareceu impressionar-se.

— Você não tem habilidade nem coragem para manejar essa arma.

— Fique longe, Rhys!

Ele começou a entoar um canto hipnótico e então avançou lentamente.

— Você é minha, romana. Como Morrigan me prometeu. — A ação foi tão instintiva que Lívia não teve consciência de ter vibrado a adaga. Só quando ouviu Rhys emitir um suspiro quase feminino e depois cair a seus pés, sem vida, foi que compreendeu a verdade.

"Perdoe-me, Juno", implorou então, deixando cair a arma.

Mas não se sentiu culpada por sua reação irrefletida. Olhou ausentemente para o corpo inerte do sacerdote e depois voltou sua atenção para o campo de batalha, que se tornara o cenário do pânico após a retirada descontrolada.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Preso no meio das forças célticas, Cedric sentiu o choque quando a cunha movimentou-se. Soube o que estava acontecendo antes mesmo que os primeiros escudos romanos ficassem visíveis. Tinha a espada livre, mas não havia espaço para manejá-la. E, por um breve instante, desejou ter em mãos a adaga que dera a Livia.

Quando houve o segundo choque, foi atirado para junto Heall.

— Eles vêm vindo — gritou-lhe. — Se formos separados, não se esqueça de ir ao encontro de Livia. Ela está esperando com os cavalos.

— Não irei sem você, meu rapaz.

— Farei o possível, meu velho amigo.

Nesse instante, a ponta da cunha romana rompeu o centro coluna icênia e eles foram abruptamente apartados.

— Lembre-se!... — teve ainda tempo de gritar Cedric. Depois, ele ergueu o escudo para afastar a ameaça das curtas adagas que se projetavam através da parede de escudos. E a princípio defendeu-se bem. Os homens à sua volta seguiram se exemplo e usaram as espadas com movimentos curtos, em de fazê-las girar acima de suas cabeças, segundo a moda antiga. Mas, à medida que o tempo passava, seu braço esquerdo começava a doer, e ele percebeu que o ferimento se reabriria, fato que foi confirmado quando sua túnica tingiu-se de sangue.

Quando a terceira rajada de flechas atingiu-os, teve certeza que estavam perdidos. As hostes estavam sendo obrigadas recuar para o desfiladeiro. Já podia ouvir os gritos das mulheres e das crianças que haviam permanecido nas carroças. Ficar era loucura. Tinha de encontrar um modo de abrir caminho através da cavalaria romana e tentar chegar até a colina onde Livia o aguardava.

Nesse instante, enraivecidos pelo fracasso evidente, os celtas fizeram uma última e desesperada tentativa de recobrar o domínio da luta; começaram a movimentar os carros de guerra que haviam aguardado na retaguarda o momento de serem utilizados. Boadicea, à boleia de sua carruagem de vime, liderava-os.

Gritos de medo e angústia romperam das hostes guerreiras quando, os primeiros homens foram esmagados pelas patas dos cavalos e pelas rodas de seus próprios carros.

Percebendo que os carros icênios jamais alcançariam as linhas romanas e que, em vez disso, estavam encurralando sua própria gente, Cedric redobrou seus esforços para sair do campo de batalha. Lançando um grito de fera, ele irrompeu através das duas últimas fileiras romanas, girando a espada acima da cabeça.

Viu o assombro estampar-se no rosto dos cavalarianos, enquanto evitava o golpe de suas lanças. Já estava para alcançar a base da colina quando um deles, que ficara na retaguarda, desceu sobre ele com uma espada erguida.

Teve apenas uma fração de segundo para pensar por que o rosto sombreado pelo elmo lhe parecia familiar. Quase simultaneamente, sentiu a lâmina mergulhar profundamente no seu flanco.

— Livia!... — gritou, enquanto sentia o quente fluxo da vida esvaír-se lentamente.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ela ouviu seu chamado tão claramente quanto se tivesse sido sussurrado em seu ouvido. Um frio repentino a envolveu. Deu um passo na direção do campo e então uma força estranha guiou-a através de uma trilha invisível. Ninguém parecia perceber sua presença enquanto caminhava como uma sonâmbula na direção do amontoado de corpos caídos.

Clydach chegou por fim ao lugar combinado. Seu coração quase parou ao ver apenas os quatro cavalos amarrados num tronco de árvore. Não havia nem sinal de Livia. Não se atrevendo a chamá-la em voz alta, embrenhou-se no meio das árvores. Na pressa, quase tropeçou no corpo sem vida de Rhys. Quando foi capaz de desviar os olhos do sacerdote morto, avistou Livia, que descia para o campo de batalha. Movido por um impulso repentino, dispôs-se a segui-la.

"Não!"

— Oh, pai, eu lhe imploro! Deixe-me ir atrás dela!

"Não. Você é meu último sacerdote. Tem de viver para ensinar às crianças que eu existo".

— Não haverá crianças — soluçou Clydach. — Os romanos vão matá-las todas. Eu imploro, pai. Poupe-me a agonia de ficar separado de meu filho pela terceira vez!

"Lembre-se das crianças".

Clydach sentiu suas pernas moverem-se novamente, mas, ao invés de conduzirem-no para a campina, elas o levaram para o fundo da floresta, longe da batalha. Quando ele quis tomar outro caminho, elas recusaram-se novamente a obedecê-lo.

As lágrimas escorreram-lhe pelas faces, e ele voltou então o lugar onde estavam os cavalos. Ali, enrolou-se do manto e, numa aceitação que envolvia mente, coração e vontade, rezou desesperadamente para que alguém de sua família fosse poupado.

Heall sentia um zumbido nos ouvidos que lhe esgotava forças. Ergueu cansadamente a espada para defender-se da adaga romana que passou de raspão por seu escudo, e seus pés de chumbo escorregaram no chão empapado de sangue. A queda o estonteou. Sentiu o peso de outro corpo cair por cima dele pensou fugazmente, antes de render-se à inconsciência: "Clydach, meu velho amigo... Deixei tantas coisas por fazer..."

Livia parou ao lado de um corpo inerte, e seu coração lhe disse que aquele era seu marido. Ela tombou de joelhos, limpou com a ponta do manto o sangue que lhe cobria o rosto e então tomou gentilmente nos braços. Encostou a cabeça dele em seu peito e chorou enquanto o embalava.

Não viu o centurião a cavalo girar sua montaria e fitá-la com ar incrédulo. Só percebeu que não estava sozinha quando cascos nervosos bateram no solo a poucos passos de onde se encontrava. Ergueu os olhos enevoados de lágrimas e fitou a figura encerrada numa pesada armadura.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Não vai tomá-lo de mim — disse, cobrindo Cedric com manto. — Não vai tomá-lo...

O centurião fez menção de descer. Mas, de repente, ergueu braço e gritou: "Não!" No mesmo instante, Lívia sentiu a cabeça explodir. Enquanto milhares de centelhas estalejavam e se extinguíam, ela apertou o corpo inerte de Cedric de encontro ao peito e depois mergulhou profundamente nas trevas.

Quando Lívia despertou e percebeu que estava viva, foi dominada por um sofrimento imenso. Por que Caronte não quisera conduzi-la através do Estige para o paraíso do além-vida?

Uma voz de homem, enérgica, tirou-a de desespero em que debatia:

— Beba isto.

Ela tentou abrir os olhos, mas o primeiro jato de luz obrigou-a fechá-los novamente. Sentiu a borda de uma taça contra seus lábios e abriu a boca obedientemente. Vinho misturado a alguma coisa que lhe deixou um ressaibo na boca... Um suor frio tomou-lhe os membros, o calor começou a fugir e uma abençoada escuridão envolveu-a novamente.

Quando voltou a si, conseguiu abrir os olhos. Reconheceu as paredes de couro da tenda e pensou que tudo não passara de um sonho mau.

— Beba.

O desconhecido inclinou-se para ela, com uma taça na mão.

— Quem é você?

— Ninguém que possa interessá-la! — disse o homem hostilmente. — Não sei por que sou obrigado a perder meu tempo com alguém de sua raça ao invés de cuidar de nossos próprios feridos!

— Posso dispor de seu tempo de outra maneira! — ameaçou-o uma voz rude, que surgiu por detrás de Lívia. — Transferi-lo para um dos campos do oeste, por exemplo! — A voz fez uma pausa e depois, mais calma, perguntou: — Como está ela?

— Acordada, senhor. Mas acabei de ministrar-lhe mais uma dose de ópio.

— Saia!

O homem obedeceu, e o dono da voz rude colocou-se diante de Lívia. Ela deixou os olhos vaguearem por sua figura forte e musculosa e, quando ele tirou o elmo, murmurou, lembrando-se do centurião montado a cavalo:

— Adrianus!... Então era você...

— Como se sente?

Ela encolheu tristemente os ombros.

— Está tudo acabado?

— Sim, acabado.

— Onde estou?

— Na minha tenda, no campo de batalha. Paulinus só levantará acampamento daqui a uma semana.

Ela umedeceu os lábios, antes de balbuciar:

— Adrianus... Há algo que eu preciso fazer.

Ele entendeu a sua preocupação e antecipou-se:

— Os corpos já estão enterrados.

Diante da idéia de Cedric sendo sepultado numa vala comum, ela pôs-se a chorar baixinho. Ele merecia um enterro decente, de acordo com os seus costumes.

— Durma — disse Adrianus suavemente, sentindo o coração confranger-se, ao ver a dor que havia nos olhos dela. — Durma apenas.

Quando Livia voltou a acordar, a luz do sol entrava pela abertura da tenda. A dor de cabeça diminuía sensivelmente, e ela pôde sentir o cheiro dos bosques e ouvir o canto dos pássaros. E por um instante, apenas por um instante, ficou contente de estar ainda viva. Depois, as lembranças afloraram-lhe à mente com força aterradora, e ela voltou a cabeça para o outro lado.

— Livia?

Adrianus acabara de entrar com uma bandeja, que colocou no colo dela.

— Não quer comer alguma coisa?

Ela abanou a cabeça.

— Como está se sentindo?

— Minha cabeça ainda dói. O que aconteceu?

— Um dos guardas de Paulinus a viu. Felizmente, meu subordinado conseguiu desviar a espada. Ordenei que você fosse trazida à minha tenda e entreguei-a aos cuidados de um dos médicos assistentes.

Livia fitou-o, com o coração amargurado.

— Procurou o corpo de Cedric?

— Como você pode imaginar, há milhares de corpos. Quando voltei ao campo de batalha, os encarregados do sepultar já haviam começado o trabalho.

— Compreendo — disse ela com os olhos secos.

Uma expressão preocupada estampou-se no rosto de Adrianus. Havia algumas coisas que Livia devia saber e não fazia sentido adiar aquilo por mais tempo.

— O general Paulinus quer vê-la.

Um suspiro cansado escapou dos lábios de Livia.

— Está bem.

— Ele quer fazer-lhe algumas perguntas. Apesar de minhas explicações, julga você culpada de alta traição.

Livia ficou espantada.

— Traição? Pois diga ao general que estou à disposição dele!

Adrianus levantou-se.

— Vou providenciar algumas roupas para você.

Ela assentiu, exausta, e não perguntou onde ele as conseguiria. Podia imaginar que os soldados não estavam se ocupando apenas com o sepultamento dos corpos.

Quando Livia entrou na tenda de Suetonius Paulinus, encontrou o general sentado diante de uma ampla mesa de campanha, juntamente com seus oficiais.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ela ficou parada na entrada e, quando percebeu os olhares hostis que lhe eram dirigidos, soube instintivamente que estava sendo julgada. Como seu comandante, aqueles oficiais deviam considerá-la uma traidora.

— General — falou, erguendo altivamente o queixo. — Disseram-me que queria me ver.

Suetonius Paulinus enrolou o mapa que estava sobre a mesa e despediu seus oficiais com um gesto.

— Você também — disse ele a Adrianus.

Depois, com o rosto desprovido de qualquer expressão, olhou para Livia.

— Teve muita sorte, senhora. O centurião Tarpeius salvou sua vida.

— Adrianus e eu somos velhos amigos.

— Sim, foi o que ele disse.

Paulinus encostou-se no espaldar da cadeira e estudou a mulher que estava diante dele. Os cabelos, que ela usava soltos até a cintura, davam-lhe uma aparência bárbara que o desagradava.

— Por que não acompanhou o centurião quando ele escapou do campo icênio? Tarpeius disse que você sabe cavalgar.

— Sim, mas não acorrentada.

— Não estava acorrentada no dia da batalha. — A voz do general era fria e implacável. — Foi até capaz de correr pelo campo para jogar-se sobre um dos rebeldes mortos.

Livia ficou calada. Paulinus notou-lhe a extrema palidez e franziu os cenhos.

— Não sabe qual é seu dever de romana?

— Estou consciente de meus deveres, general.

— Sim? Então conte-me sua história desde a queda de Venta Icenorum.

Livia contou-lhe resumidamente o que acontecera, omitindo apenas detalhes de sua vida com os icênios. Mas o general não se mostrou satisfeito.

— O rebelde tirou-lhe as correntes?

— Sim.

"Em Beltane", pensou ela, guardando a lembrança dentro de seu coração como um tesouro. Paulinus levantou-se e fitou-a com severidade.

— Por que não fugiu no momento em que foi libertada?

— Para onde poderia ir? O senhor e sua legião estavam muito longe.

Ele percebeu a ironia e irritou-se.

— Eu estava em Mona!

— Exterminando sacerdotes, mulheres e crianças.

— Eram traidores do império!

— Assim como as crianças que acabam de ser assassinadas? E ousamos chamar os bretões de bárbaros! O senhor não é melhor do que Boadicea!

Suetonius Paulinus tornou a fitá-la com fúria nos olhos.

— E a senhora é uma traidora!

— Prove isso! — desafiou Livia.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Como ousa!...

— Nada mais me resta para ser tomado, a não ser a vida — disse ela, olhando-o apaticamente. — Posso retirar-me?

— Ainda não! Tenho de lhe fazer algumas perguntas a respeito dos rebeldes. Deve saber onde irão esconder-se. Estou particularmente interessado no destino de Boadicea.

— Não posso ajudá-lo.

— Não pode ou não quer?

— Não posso. Não sei que destino tomou Boadicea. Mas, mesmo que soubesse, não lhe diria.

A explosão de raiva de Paulinus foi interrompida pela inesperada aparição de seu ajudante-de-ordem.

— Perdoe-me general, mas um mensageiro acaba de chegar com notícias urgentes.

— Traga-o imediatamente a minha presença.

O general percorreu lentamente a distância que o separava Livia e postou-se diante dela com ar ameaçador.

— Nossa conversa ainda não terminou!

Livia baixou a cabeça e voltou-se. Fora da tenda, colidiu com o mensageiro coberto de pó que acabava de chegar e cambaleou. Quando o homem agarrou-a pelo braço para ampará-la ergueu os olhos.

— Desculpe, tribuno. Eu...

As palavras morreram-lhe na garganta quando encontrou par de olhos negros fixos nela. Sentiu o sangue fugir-lhe do rosto e caiu desmaiada aos pés de Lucius Quintus.

CAPÍTULO IX

A rebelião icênia terminara, deixando um saldo terrível: no curto espaço de quatro meses, três das maiores cidades da Britânia, assim como um sem-número de povoações, haviam sido destruídas. A população da ilha estava agora reduzida a sessenta mil habitantes, levando-se em conta romanos e bretões.

Mas o solo sangrado e saqueado cicatrizara-se e havia readquirido sua fecundidade. As ruínas estavam salpicadas de musgo fresco, e relvados novos cobriam as sepulturas, com o milagre cíclico do renascimento estendendo um manto verde também sobre as cinzas da rainha dos icênios.

Boadicea conseguira burlar Suetonius Paulinus e furtar-se à sua vingança. Protegida pela guarda real, ela havia escapado no final da batalha, antes de ser capturada. Então, num lugar secreto, a salvo da cólera dos romanos, proporcionara uma morte suave às suas filhas e depois as seguira para o reino de Annwn.

Alguns diziam que procurara uma morte rude e dramática no fio de sua própria espada, à maneira dos guerreiros. Outros, que tomara veneno. Fosse como fosse, a guarda real queimara os corpos antes de fugir para o norte de modo que Paulinus nunca pudesse encontrar o lugar do repouso final de sua rainha.

Sozinha no grande jardim iluminado por tochas, Livia Augusta Basilius olhou para a villa de seu pai, resplandecente de luzes. A razão daquela extravagância era que, naquela noite de fins de setembro, receberiam para jantar Suetonius Paulinus, o homem que pusera um fim na rebelião icênia.

Desde a vitória que obtivera sobre Boadicea, o governador geral tinha um só propósito: ver as tribos nativas de joelhos. Seu primeiro ato fora mandar queimar Venta Icenorum e proibir a recolonização num raio de trinta milhas ao redor da antiga capital. O segundo fora ordenar a todo legionário que percorresse a região, à procura dos sobreviventes da batalha final.

O general era impiedoso na vitória. Exatamente como Boadicea teria sido se tivesse vencido. Os rebeldes que haviam escapado eram capturados e vendidos como escravos. E o dinheiro arrecadado ia para os cofres do tesouro imperial.

Mas a sede de vingança de Paulinus não se aplacava. Todas as terras dos icênios haviam sido confiscadas e vendidas aos que se proclamavam cidadãos romanos. O objetivo do governador era eliminar os icênios da memória coletiva da Britânia e tudo levava a crer que ele teria êxito no seu propósito.

Livia suspirou tristemente. Como era estranho que ela estivesse vivendo num lugar tão luxuoso, quando sua pátria ia sendo tão sistematicamente destruída! A villa, poupada do saque, ficava a dez milhas de Londinium. Erguia-se em meio a um jardim luxuriante, cercado de altos muros, e fora magnificamente decorada por sua mãe.

Marcus Basilius podia proporcionar esse conforto à esposa. Ele estava agora

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

mais rico do que nunca. Seus negócios floresciam. Depois da revolta, a população necessitava de mantimentos e roupas, móveis e utensílios domésticos. Tudo enfim que sua casa de comércio importava. Para tanto, ele adquirira uma frota de navios e mandara construir depósitos ao longo das margens rio que banhava Londinium, tornando-se assim um dos comerciantes mais poderosos da região.

Para Livia, aquilo havia sido motivo de perplexidade. Jamais imaginara que seus familiares pudessem estar ainda vivos. Ela emocionara-se ao saber que, na noite da revolta, Cedric fornecera-lhes cavalos e um guia que os conduziu até a estrada pavimentada, de onde puderam alcançar a fortaleza de Lindum. E derramara lágrimas de felicidade no momento do reencontro.

Mas, apesar disso, sentia-se uma estranha no seio de sua família. A dor penetrara com ela aqueles portões, e ali permanecia apesar do conforto e do carinho com que era tratada.

Diante dessa lembrança, a vida pareceu escoar-se para ela, deixando-a subitamente lassa e fatigada. Levantou-se e pôs-se a caminhar com passos lentos rumo à villa. Da cozinha chegaram abafadas vozes célticas, e isso lhe provocou uma pontada no coração. Mas confortou-se ao lembrar que estava proporcionando ao menos algum alívio ao povo de Cedric.

Rememorou a primeira visita que fizera ao mercado de escravos. Fora lá quase por acaso. Estava se dirigindo ao escritório de seu pai, na cidade, quando, através das cortinas da liteira, vir um grupo de bretões acorrentados sendo conduzido pelas ruas. Não pudera tirar os olhos da terrível visão e sentira-se compelida a assistir ao leilão. Dera ordens para que a levassem à praça do mercado e, mais tarde, ao voltar para a villa, havia três escravos icênios na carroça que seguia atrás dela.

Foram necessárias duas semanas para fazê-los recuperar saúde. Então, Livia os libertara e os estimulara a partir para o norte, onde estariam a salvo da ira dos romanos.

Aqueles três escravos iniciais haviam sido substituídos por outros quatro e, com o passar do tempo, Livia ficara muito conhecida no mercado de escravos. Sabia que era objeto de especulação, mas não se importava. Pela primeira vez, desde o final da revolta, sentia-se útil, necessária. Salvar os remanescentes do povo de Cedric dava algum sentido a sua vida, e ela fazia isso com um afinho que beirava a obstinação!

Marcus Basilius, com seu espírito incisivo, fizera-lhe uma observação: como podia libertar o mesmo povo que a escravizara, quando as marcas dessa infâmia eram ainda visíveis em seus pulsos e tornozelos?

Livia não retrucara, mas persistira em seu intento. Nos meses decorridos desde então, dezenas de outros escravos apareceram e se foram. E, embora relutante, seu pai continuara a lhe fornecer os fundos.

— Senhora?

O tímido chamado arrancou-a de suas divagações.

— Sim?

— O governador já chegou, senhora.

— Obrigada.

Lívia dominou um estremecimento involuntário e dirigiu-se para a villa. No vestíbulo, onde parou para arrumar as pregas do peplo prateado, levou instintivamente a mão aos cabelos. Permitira que a escrava de Claudia a penteasse e, agora, a exuberante massa de ouro avermelhado, reunida em duas tranças que formavam uma coroa no alto da cabeça, estava entremeada de pérolas. Não era vaidade. Naquela noite, precisava apresentar-se em sua melhor forma para enfrentar o julgamento de Suetonius Paulinus.

Quando entrou no triclinium, seu pai acabava de apresentá-lo à família. Subiu os três degraus graciosamente e ficou parada diante dele.

— Naturalmente, já conhece minha filha mais velha. — Disse Marcus ao general. Paulinus baixou os olhos para ela e inspecionou-a dos pés à cabeça.

— Está muito diferente, senhora: Mais... Civilizada.

Lívia sorriu; não queria arriscar-se a desagradá-lo.

— Fez uma boa viagem, general?

— Bastante satisfatória, obrigado. Ah... Antes que me esqueça: seu amigo, o centurião Tarpeius, está em Londinium — disse ele, oferecendo-lhe o braço e conduzindo-a para um dos divãs arrumados em semicírculo no centro da sala.

Lívia reclinou-se nas almofadas e voltou-se para fitá-lo.

— Adrianus?

— O centurião se retirou da legião e está na cidade, à espera de um navio que o leve para Roma.

— Onde poderíamos encontrá-lo, general? — disse Augusta. — Gostaria que ele se hospedasse em nossa casa. Nós lhe devemos a vida de Lívia.

— Eu lhe darei o endereço. Mas será melhor que envie o mensageiro amanhã. E a primeira noite de liberdade de Tarpeius e sem dúvida, ele não retornará à hospedaria senão de madrugada.

— Claro, general.

Cláudia esboçou um sorriso sedutor.

— Ouvi dizer que o imperador enviou mais reforços à Britânia com o único intento de acabar com os rebeldes. É verdade, general?

Paulinus olhou-a e sorriu cordialmente. Como ela era diferente da irmã!

— É verdade. Dois mil legionários, mil cavalaria e oito coortes das auxiliares chegaram recentemente da Germânia. De agora em diante, os icênios não ousarão levantar um único dedo contra Roma! Mas uma criatura tão linda quanto você não pode realmente interessar-se por assuntos militares.

Cláudia ficou radiante com o elogio, e a conversa girou e torno de assuntos mais amenos. Os servos trouxeram as iguarias, encheram de vinho as taças ornamentadas e as distribuíram pelas mesas dispostas diante dos divãs. Os músicos fizeram vibrar docemente as cítaras e os alaúdes, e Lívia começou a prestar mais atenção à música do que à conversa.

Finalmente, servidos os doces e as frutas, Paulinus pretextou a hora tardia e

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

levantou-se.

— Teríamos muito prazer em que pernoitasse em nossa casa, general — disse Marcus com polidez.

— Infelizmente, sou obrigado a recusar seu generoso convite. Há assuntos em Londinium que pedem minha atenção. Mas sou-lhe grato da mesma forma.

Ele estendeu a mão a Lucius.

— No último relatório, Petilius Cerealis diz que seu tempo na Nona legião esgotou-se e que você está fazendo planos para voltar a Roma.

— É exato, general.

— Pretende trabalhar com seu pai, o senador?

Diante da confirmação do tribuno, Paulinus acrescentou:

— Quando o suceder no cargo, meu jovem, lembre-se da legião. Nós protegemos o império, mas não podemos fazer isso sem fundos.

— Eu me lembrarei, general.

— Cerealis me informou também que você pretende casar-se antes de deixar a Britânia. — Paulinus voltou-se para Livia e esboçou um sorriso frio. — Talvez você possa fazer da nossa jovem uma boa esposa romana.

— Tentarei, senhor — disse Lucius, lançando um olhar furtivo a Livia.

O general cumprimentou as senhoras, que permaneceram no triclinium, e deixou a sala em companhia de Marcus e Lucius. Quando os dois homens voltaram, as feições do tribuno estavam alteradas pela raiva.

— Percebeu que o governador geral, o representante do imperador na Britânia, foi muito frio com você? — disse ele a Livia.

Ela acenou com a cabeça, calmamente.

— Então pare com essa loucura de se envolver com escravos icênios!

— Não.

— Compreenda, Livia. Não estamos mais em Venta Icenorum, uma pequena cidade de fronteira. Em Londinium, tudo é notado e comentado. E já circulam muitos rumores a seu respeito.

— Pois que falem à vontade!

Lucius colocou as mãos nos ombros dela.

— Entenda, Livia. Você está libertando escravos icênios, e Paulinus odeia os icênios e todos os que se aliaram a Boadicea. Quer destruí-los, e a destruirá também, se você se atravessar em seu caminho. Sua vinda aqui, esta noite, foi uma advertência, e não um mero ato de cortesia.

Lucius fez uma pausa e suspirou fundo.

— Quero protegê-la, Livia. Mas não posso fazer isso, se você persistir nessa loucura.

— Você não pode me proteger sempre.

— Claro que sim. Você vai ser minha esposa!

Livia baixou os olhos.

— Talvez não.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Lucius olhou para Marcus e Augusta como a pedir-lhes apoio.

— Como posso convencer Livia da sinceridade de meus propósitos?

Augusta fitou a filha.

— Livia não duvida de suas intenções. Não é, minha filha?

Livia desvencilhou-se de Lucius e fitou-o com olhos calmos.

— Estou esperando um filho.

Houve um silêncio de perplexidade. Augusta fechou os olhos e cambaleou, apoiando-se no marido. Cláudia abriu a boca, mas não proferiu uma palavra.

— Que foi que disse? — perguntou Lucius, incrédulo.

— Estou esperando um filho.

Ele ficou zangado de repente.

— Um filho! Por Júpiter! Está querendo dizer que carrega um bastardo icênio em seu ventre?

Livia sufocou as palavras que estava pronta para dizer. Ninguém, nem mesmo seus pais, iria reconhecer a validade de seu casamento com Cedric.

— Que escândalo... — sussurrou Cláudia.

— Cale a boca! — interrompeu-a severamente Augusta, caminhando para junto de Livia.

— Há quanto tempo você sabe disso?

— Há um mês.

— Por que não contou que foi violada? — explodiu Lucius.

Como Livia nada respondesse, ele insistiu:

— Foi uma violação, não foi?

— Isso não importa — disse Augusta. — Precisamos pensar criança, agora. O que pretende fazer, filha?

— Livia vai se livrar do bastardo, é claro! — afirmou Lucius — Conheço médicos que poderão livrá-la disso e que ficarão boca fechada.

Ela perdeu a calma.

— Não me diga o que devo fazer!

— Está querendo dizer que pretende ter o bastardo? — gritou Lucius, fora de si.

— Claro que não — falou Cláudia, conciliadora. — Minha irmã tem coração mole, mas não iria querer um filho ilegítimo.

Livia respirou fundo e se controlou.

— Eu vou ter a criança.

Augusta lançou-lhe um olhar de compreensão.

— Foi isso mesmo que eu achei que você iria dizer. — Ela se voltou para o marido. — Marcus, vou levar Livia para seus aposentos. Nós duas precisamos ter uma conversa particular.

Quando ambas entraram no quarto, encontraram a empregada de Livia à espera.

— Edith — disse-lhe Augusta. — Livia teve uma noite muito difícil. Ajude-me a despi-la e a colocá-la na cama.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Edith tocou o rosto pálido de Lívia, e seus olhos verdes fitaram-na com simpatia. Depois, sem proferir palavra, ela ajudou Augusta a despi-la. Quando a viu confortavelmente acomodada entre as cobertas, retirou-se para um canto afastado do aposento e ficou aguardando novas ordens.

— Edith pode se retirar? — indagou então Augusta à filha.

Lívia voltou-se para a amiga.

— Não. Edith sabe de tudo. Quero que ela fique.

— Filha, embora eu deteste dizê-lo, é preciso que você saiba que o nascimento dessa criança vai provocar um escândalo terrível!

— E isso arruinaria a reputação da família — acrescentou Lívia. — Eu sei mamãe. Mas não posso permitir que me privem de meu filho. Se você soubesse...

— Compreendo... Mas você ficou muito visada, depois dessa história dos escravos. Imagine quando começarem a circular rumores de que está grávida!

— Não posso ir para um lugar sossegado e ter meu filho lá? — sugeriu Lívia. — Edith iria comigo.

Augusta suspirou.

— Não vou permitir que você fuja para ter essa criança. Se pretende mesmo tê-la, vai tê-la aqui, onde eu possa cuidar você.

Lívia lançou-lhe um olhar incerto, e Augusta tranqüilizou-a.

— Daremos um jeito, não tenha receio. Durma, agora. Discutiremos a situação amanhã, quando os ânimos estiverem mais serenos.

Augusta retirou-se, e Edith saiu então das sombras e sentou-se ao lado de Lívia.

— Parece que a novidade não foi bem recebida — foi seu comentário.

— Cláudia ficou chocada, e Lucius furioso.

— Ele ficou furioso porque sabe que você não o ama. — Edith suspirou. — Quanta confusão por causa de uma criança! Que diferença faz saber quem é o pai?

Lívia não pôde deixar de sorrir.

— Sei que é difícil entender, mas meu povo não vê com bons olhos uma criança nascida fora do casamento. Além disso, minha família suspeita que o pai de meu filho não seja romano e isso faz muita diferença.

— Têm razão nesse ponto. Meu povo também não aceitaria uma criança concebida pelo inimigo.

— O que vou fazer, Edith? Provavelmente, meus pais permitirão que eu tenha a criança. Mas, depois que ela nascer, o que acontecerá? Tenho certeza de que a darão, e eu não suportaria isso.

Edith olhou-a pensativamente.

— Falou com Clydach a esse respeito?

Lívia abanou a cabeça.

— Ele está muito fraco, e eu tenho medo de piorar o seu estado com mais problemas.

— São problemas dele também. Você tem aí dentro o fruto de Cedric.

— Você não o viu, Edith? Ele está tão abatido!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Clydach está fraco porque não quer se alimentar. Está ainda chorando a perda de Cedric e de Heall. Acho que todos os druidas são um pouco estranhos.

Lívia fitou-a. Temera que a morte de Rhys a deixasse ressentida, mas Edith a aceitara com naturalidade. "Ele era louco", dissera. "Se você não tivesse se defendido, ele a teria matado." Depois disso, haviam se tornado boas amigas, tomando o hábito de irem juntas ao mercado de escravos, à procura dos últimos remanescentes da aldeia de Cedric. Fora lá que haviam encontrado Clydach, transformado numa ruína humana.

— Sua mãe tem razão — disse a moça, levantando-se de repente. — Você precisa descansar. Até amanhã.

Augusta e Marcus permaneceram acordados boa parte da noite, discutindo o problema. No dia seguinte, na hora do café, comunicaram a Lívia e a Lucius a decisão que haviam tomado: iriam permitir que a filha tivesse a criança.

— Não podem estar falando sério! — gritou o tribuno. — Quero que Lívia faça um aborto sem perda de tempo!

— Você não está em posição de ditar ordens — lembrou Marcus. — Lívia não é ainda a sua esposa.

— Não pretendo criar um bastardo como se ele fosse me próprio filho!

— Não estamos lhe pedindo isso. Quando a criança estiver suficientemente forte, nós a entregaremos a uma boa família bretã.

— Não! — gritou Lívia, desesperada. — Não faça isso, pai!

Marcus olhou-a com severidade.

— O que aconteceu foi terrível, mas nem por isso vamos permitir que estrague seu futuro. A criança será dada a um bretão para ser criada como se fosse o filho deles.

— Eu lhe imploro, pai!

— Silêncio! — gritou Marcus, batendo na mesa com o punho fechado. — Tem idéia do que será sua vida, se conservar seu filho? As conseqüências seriam o mais desagradáveis possíveis: a boa sociedade lhe fecharia as portas, seriam ambos discriminados. E você não poderia continuar a morar em minha casa, já que o estigma atingiria também a nossa família. Quer que sua mãe e sua irmã sejam cobertas de ridículo?

— Não... — disse Lívia num sussurro.

— E o que seria da criança? Quais seriam suas chances? Você sabe como o mundo é cruel, Lívia. Seu filho ficaria marcado para sempre por ser um bastardo! — Ela abaixou a cabeça, e continuou com mais brandura. — Tenho vários empregados bretões. Encontrarei um bom lar para a criança.

— Sim, pai — disse Lívia, submissa.

— É para o seu bem. Você compreende, não é? — disse Augusta, com os olhos cheios de lágrimas.

Marcus voltou-se então para Lucius.

— Entenderemos seus escrúpulos se preferir romper o compromisso com Lívia.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Lucius considerou a noiva. Ela era linda, inteligente e muito rica: tudo o que desejava de uma esposa.

— Se nos casarmos, esse... incidente deverá permanecer segredo. Não quero que o escândalo atinja também a minha família.

Lívia murmurou baixinho:

— Talvez seja melhor você romper o compromisso, Lucius. Acho que não terei condições de me ajustar à vida romana.

— Quando estivermos longe desta ilha, tudo será diferente.

Ela ergueu os luminosos olhos de ametista, e Lucius sentiu sua raiva dissipar-se. Uma vez casados, ele a manteria ocupada com a casa e com os filhos. Desse modo, ela não teria tempo de se envolver em situações complicadas.

— Eu a amo, Lívia — disse com sinceridade. — E quero casar-me com você.

Lívia sabia que, se recusasse Lucius, seu pai lhe arrumaria outro candidato. A liberdade que conhecera ao lado de Cedric estava terminada para sempre.

"Perdoe-me, amor", pensou, enquanto assentia lentamente.

Lucius levantou-se, com as feições menos tensas.

— Escreverei a meu pai, anunciando-lhe que teremos de adiar a viagem. — Ele fez uma pausa. — Tem idéia de quando poderemos partir?

Lívia corou.

— A criança deverá nascer em fins de março.

— Nessas circunstancias, acredito que seja melhor que eu permaneça na cidade. Tenho certeza de que o general encontrará algo para eu fazer nos próximos seis meses.

Ao ficar a sós com seus pais, Lívia fitou-os com ar implorante.

— Gostaria de escolher eu mesma a família que irá criar meu filho.

Depois de trocar um longo olhar com Augusta, Marcus concordou.

— Mas lembre-se do que eu lhe disse. Nem uma palavra pode transpirar disso para não desonrar nossa família.

— Fique tranqüilo. As pessoas que tenho em mente saberão guardar sigilo. E agora, se me permite...

Lívia saiu da sala soluçando, e Augusta fitou o marido, consternada.

— Oh, Marcus... Que foi que fizemos?

— Era necessário — disse ele com voz trêmula. — Meu coração está ao lado dela, querida, mas não temos outra escolha. Lívia irá casar-se com Lucius, que está em condições de lhe proporcionar uma vida confortável. Com o tempo, ela esquecerá tudo.

Augusta abanou a cabeça tristemente.

— Não tenho muita certeza disso. Você me perdoou, anos atrás. Por que não pode perdoar Lívia?

— Não é questão de perdão. Amo minha filha e quero vê-la feliz. E se isso significa agir com mão de ferro, estou disposto a fazê-lo.

Marcus levantou-se e beijou-a na testa.

— Preciso ir à cidade. De agora em diante, Lívia não poderá mais sair. Durante o

confinamento, ensine-lhe como dirigir uma casa.

— As pessoas de nossas relações irão fazer comentários, se ela desaparecer repentinamente de circulação.

— Direi que ela deseja permanecer afastada por algum tempo, para se recuperar da terrível experiência por que passou. Todos irão entender.

O exílio forçado teve pouco impacto sobre a vida de Livia. Ela aceitou a decisão da família sem protestos, mas determinou uma condição: Edith iria ao mercado de escravos em seu lugar. Para espanto dela, seus pais concordaram.

E esse fato foi suficiente para fazê-la acreditar que também eles reprovavam o tratamento imposto aos prostrados icênios. Que a vingança, afinal, iria apenas aprofundar o abismo existente entre bretões e romanos.

Não houve dificuldades com Lucius. O tribuno integrou-se à equipe dos conselheiros de Paulinus e permaneceu longos períodos afastado de Londinium. Durante suas breves visitas a Livia revelava-se bem educado e discreto, não a atormentava com perguntas constrangedoras.

Nessa ocasião, ela teve dois grandes confortos. O primeiro foi a emocionada reação de Clydach, quando ela lhe revelou não só que estava grávida de Cedric mas também a decisão que tomara.

— Edith concordou em ficar com a criança e ir com ela para o norte, com a condição de que você vá também e ajude a criá-la. — Livia segurou a mão descarnada do druida entre as suas. Pense nisso, Clydach. Terá a felicidade de criar e educar o filho de Cedric. Poderá lhe falar de seu pai e de seus ancestrais. E terei o consolo de saber que meu filho é amado.

Ele levantou os olhos para Edith.

— Você está mesmo de acordo?

Ela ajoelhou-se ao lado da cama.

— Sim, druida. Quando Livia for para Roma, não terei razões para continuar aqui.

Clydach assentiu lentamente.

— Isso seria o coroamento do sonho de Cedric.

— Seria. — confirmou Livia. — De agora em diante você deve alimentar-se bem e ficar mais forte por causa da criança.

Essa idéia devolveu a Clydach a razão de viver. Sob os cuidados e incentivos de Edith e Livia, ele começou a se alimentar e, aos poucos, seu corpo enfraquecido foi recuperando as forças.

O segundo conforto foi o encontro com Adrianus. Ele aceitou a situação de Livia sem comentários, oferecendo-lhe conselhos, não sermões, concordando inclusive, diante da insistência dela, em hospedar-se na villa.

Depois de pouco tempo, o alto e severo centurião tornou para todos os efeitos, um membro da família. Um mês depois, quando Marcus o informou de que o navio que o levaria a havia aportado, Adrianus anunciou que não pretendia partir. Com esse

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

propósito, enviou uma carta ao primo, instruindo-o vender a fazenda que comprara para seu retiro e anunciando que decidira permanecer na Britânia para sempre.

Lívia não se surpreendeu. O centurião impressionara-se com Edith desde o primeiro instante em que a vira, e procurava sempre as mais absurdas razões para ficar ao lado da antiga guerreira, escoltando-a inclusive em suas idas diárias ao mercado de escravos.

Mas Edith, que perdera o marido na batalha final e estava ainda traumatizada, repelia a corte de Adrianus, temendo futuros dissabores. O centurião, no entanto, parecia imune à sua brusquidão e ao seu distanciamento, e perseverava. Decorrido algum tempo, Edith cedeu, aceitando suas gentilezas, e logo os dois tornaram-se inseparáveis.

Casaram-se no princípio de novembro, numa cerimônia civil, segundo as leis romanas. Era também o dia do Samh'in para os celtas. Assim, à noite, houve outra cerimônia privada, no alojamento dos escravos, quando os noivos repetiram os votos matrimoniais diante de Clydach.

Naquela mesma noite, ao se retirar para os seus aposentos, Lívia deixou extravasar as lágrimas que sufocara por tanto tempo. Quando ela se acalmou, sentiu pela primeira vez uma leve vibração em seu ventre que a fez sorrir, restituindo-lhe a fé e a coragem.

Heall foi resgatado no dia seguinte. Estava em péssimas condições físicas, e o coração de Lívia apertou-se, enquanto o fitava com espanto e piedade. Clydach achou-o muito doente e ordenou-lhe repouso total para se recuperar. Desse modo, às noites, o pequeno círculo de amigos, acrescido de Adrianus, tomou o hábito de reunir-se nos alojamentos do velho guerreiro para rememorar os dias melhores entre risos e lágrimas.

— Será ótimo criar um neto — disse Heall certa noite, com os olhos voltados para Lívia com amor.

Ela acariciou-lhe ternamente o braço.

— Você ajudou a criar Cedric, e é natural que considere o filho dele como seu neto. Isso me honra muito,

O breve outono deu lugar ao inverno. Agora, Lívia passava, a maior parte do tempo no interior da villa, evitando o perigo das alamedas cobertas de gelo. Seus amigos iam visitá-la quase todas as noites. E, enquanto os homens conversavam, contando suas experiências, ela e Edith costuravam as roupinhas do bebê.

Foi numa dessas noites, fria e ventosa, que Augusta entrou no quarto com uma bandeja de doces.

— Achei que você gostaria de experimentá-los. São muito bons. — Ela se interrompeu ao deparar com o grupo. — Desculpe, Lívia. Não sabia que tinha visitas.

Lívia tirou-lhe a bandeja das mãos e a levou para junto do divã.

— Venha, mamãe. Quero lhe apresentar meus amigos, Clydach e Heall. Eles foram muito bondosos comigo. Ambos me trataram como se eu fosse a filha deles,

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

durante o cativo.

Os dois homens levantaram-se, e Augusta esboçou um leve sorriso.

— Eu me lembro de Heall — disse ela com voz estranhamente emocionada.

— Naturalmente! Foi ele que os levou para fora dos muros de Venta Icenorum na noite da revolta. — Lívia beijou o rosto do guerreiro. — Obrigada por ter salvado a minha família.

Augusta virou-se repentinamente, e, balbuciando uma desculpa qualquer, deixou o quarto precipitadamente. Lívia observou sua retirada com ar intrigado. Depois, encolheu os ombros e começou a servir os doces, sem perceber o olhar que Clydach e Heall trocavam.

O Ano-Novo trouxe de volta Suetonius Paulinus. Mas dessa vez a visita do general limitou-se a uma breve passada pelo escritório de Marcus, no centro da cidade.

À tarde, Lívia foi convocada a comparecer nos aposentos do pai.

— Sente-se, Lívia — ordenou-lhe Marcus com voz cansada. O resgate dos escravos icênios terminou.

Ela empalideceu.

— Por quê?

— Porque Suetonius Paulinus, com a autoridade que seu cargo lhe concede, assim ordenou.

— E se eu não obedecer?

— Ele mandará prendê-la e confiscará nossos bens.

— Deuses!

— Eu a amo muito, Lívia, mas não pretendo chegar a esse extremo. Você libertou cerca de duzentos rebeldes. Conte-se com isso.

— Edith já foi ao mercado de escravos...

— Você a avisará, quando ela voltar. — Marcus a olhou atentamente. — Nunca lhe perguntei o que aconteceu durante período em que estive longe de nós. Mas é evidente que alimentava um grande afeto pelo homem que a seduziu. Esse homem morreu, ponha isso em sua mente. E, mesmo que estivesse vivo, não haveria futuro para vocês dois.

— Não acredito nisso.

— Pois acredite. Quanto tempo você acha que teria suportado sem o conforto a que está acostumada?

Lívia tinha os olhos rasos de lágrimas.

— Poderia viver para sempre sem esses confortos. Como Adrianus.

— Adrianus é homem. E você, além de mulher, é também minha filha. Quero o melhor para você.

Sem proferir palavra, ela deixou a sala. Estava no vestíbulo quando a porta da frente se abriu e Adrianus entrou, sacudindo o manto coberto de neve.

— Bom-dia, Adrianus. Voltou mais cedo hoje.

O centurião fitou-a, com a expressão estranhamente ansiosa.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Edith quer que você vá ao alojamento dos escravos.

— Quantos ela conseguiu resgatar?

— Dez.

Lívia suspirou.

— Alegra-me que sejam tantos. Paulinus ordenou que eu pusesse um ponto final em minhas atividades.

Adrianus pareceu não ouvi-la.

— Venha. Edith a espera.

— Não estou com vontade de sair de casa com esse tempo.

— Eu sei, mas é importante. Por favor, Lívia.

— Está bem. Espere um instante que eu vou buscar o manto.

Minutos depois, Lívia dirigia-se para o alojamento dos escravos, firmemente apoiada no braço do centurião.

— Eles estão muito mal?

— Um deles, apenas.

Ela suspirou. Clydach tinha capacidade para atender todos os feridos. Não entendia a insistência de Edith, pedindo a presença dela.

O braseiro que fora aceso no interior da última cabana não afastava o frio cortante. Lívia ergueu a gola do manto e aproximou-se do catre junto ao qual Heall, Clydach e Edith estavam reunidos.

— O que foi, Edith? — perguntou-lhe baixinho. — Encontrou alguém de sua aldeia?

Edith afastou-se do catre. Lívia pensou brevemente no motivo de sua amiga parecer tão agitada e então fixou os olhos no homem que jazia deitado de costas. Seu rosto estava coberto por uma espessa barba castanho-dourada, e seus cabelos caíam-lhe desordenadamente até os ombros.

Ela chegou mais perto.

— Ele está com febre — disse, tocando a testa do ferido. — E deve estar muito fraco...

Sua voz quebrou-se quando seus olhos deslizaram pelo pobre tórax jovem e magro, com todas as costelas aparecendo. E a sensação de mal-estar tornou-se um nó em sua garganta, ao deparar com a cicatriz púrpura que ia do ombro ao peito. Memórias dolorosas flutuaram em sua mente, lembrando-a de outra cicatriz semelhante. Não podia ser! Devia estar imaginando coisas. Era impossível, depois de tanto tempo...

Naquele instante, os olhos do ferido abriram-se, febris, mas reconhecíveis: olhos azuis, profundos como o céu noturno, olhos que haviam ficado gravados na sua memória para sempre.

— Cedric... — Sua voz não era mais do que um suspiro. Ele não a reconheceu, e Edith envolveu-a pelos ombros.

— Lamento muito, Lívia. Sei que foi um choque para você. Mas achei mais prudente chamá-la aqui. As paredes da villa têm ouvidos.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Bruscamente, Lívia recobrou o domínio de si mesma.

— Tirem-lhe as correntes. Prepare os remédios, Clydach. Heall, ponha água para ferver, vamos dar-lhe um banho. E você, Edith, vá buscar lençóis e toalhas em minha casa. Mas, por favor, aja com naturalidade. Se alguém suspeitar...

Minutos depois, enquanto banhavam o corpo coberto de ferimentos de Cedric, ela atormentava-se com questões que só ele poderia responder. Como sobrevivera? Onde estivera aqueles meses? Seu estado era grave?

— Ele está muito fraco — disse Clydach, depois de ministrar-lhe os remédios. — Mas vai sobreviver.

Depois dessas palavras, todos respiraram aliviados. Ao meio-dia, Adrianus levou Edith de volta à villa, para não levantar suspeitas. Ela voltou ao entardecer e encontrou Lívia ainda sentada ao lado do catre, dando beijos nas mãos maltratadas de Cedric.

— Você tem de ir para casa, Lívia. Lucius chegou.

— Não me importo.

— Edith tem razão, filha — disse Heall. — Você passou o dia aqui. Deve ir, antes que Lucius venha para cá, à sua procura.

Lívia olhou para os rostos familiares e leu a mesma coisa nos olhos dos três. Medo. Havia sido derrotados, batidos, escravizados. E, agora, mesmo livres, sua vida dependia da boa vontade dos romanos. Ela assentiu e, então, de repente, sentiu como lhe retirassem um peso dos ombros.

— Não sabem o que isso significa? Estou livre de Lucius! Como posso casar-me com ele se meu marido está vivo?

Heall e Clydach trocaram olhares preocupados.

— Não seria prudente contar a seus pais que Cedric está vivo. Seu pai poderia...

— Não vou dizer nada a ninguém — tranqüilizou-os Lívia: Mas, quando vocês partirem para o norte, irei com vocês, muito simples. Vou desaparecer!

Os três icênios ficaram mudos por um momento. Se desaparecesse, Marcus ou Lucius iriam atrás dela. Mas ninguém ousou espoliá-la de seu sonho. Após a pausa, Edith lembrou:

— Lucius está à sua espera.

A permanência de Lucius prolongou-se por uma semana, e Lívia teve de se mostrar cautelosa, permanecendo no interior da villa. Seu único consolo eram as notícias que Edith lhe levava: Cedric melhorava e já começava a alimentar-se e a conversar um pouco.

Certa noite, quando todos se retiraram para seus aposentos, ela foi ao alojamento dos escravos e deixou-se ficar um momento a contemplar, silenciosa, o doente que dormia.

— Quando é que acha que ele estará suficientemente forte para levantar-se? — perguntou por fim a Clydach.

— Não posso dizer com certeza. Daqui a dois dias, talvez.

— Você lhe falou de mim? Ele sabe que está em minha casa?

- Falei, mas não sei se ele entendeu.
- E a criança? Contou-lhe que estou esperando um filho?
- Ainda não.

Lívia debruçou-se sobre a cama e acariciou os cabelos revoltos de Cedric.

- Nesse caso, quero ter o prazer de contar-lhe eu mesma.

— Tenha cuidado. Se Lucius souber que Cedric está aqui, só os deuses sabem o que ele poderá, fazer.

- Lucius vai voltar para Londinium depois de amanhã.

Após uma pausa, Clydach observou, cauteloso;

- Não espere muito de Cedric, Lívia.

- Não espero nada, Clydach.

— Você sabe como ele é orgulhoso. Poderá não gostar de encontrar-se aqui nessas condições.

- Que condições? Estamos juntos, e isso é a única coisa que importa!

Clydach calou-se. Tinha boas razões para acreditar que seu filho não veria as coisas desse modo.

Dois dias depois, Lucius partiu para Londinium. Assim que ele deixou a villa, Lívia pediu a Edith que trouxesse Cedric à sua presença. Enquanto o esperava, ela sentou-se à mesa de trabalho e assinou o papel que o alforriava.

Quando ele entrou na sala, ela empalideceu. Notou o rosto magro e os olhos profundos cheios de sofrimento e seu coração confrangeu-se.

- Cedric... — murmurou com voz quase sumida.

Ele ficou parado junto à porta, a contemplá-la. Lívia nunca lhe parecera tão linda... Nem tão romana. Durante aqueles meses, ficara quase doido, acreditando que ela estivesse morta. E agora ela estava ali, à sua frente, e ele era seu escravo. Que destino cruel!

Lívia olhou-o nos olhos por um longo momento e então disse:

- Sente-se, Cedric.

- E uma ordem?

— Não — disse ela, chocada com seu tom irônico. — Sente-se, por favor. Temos muito que conversar.

Cedric tirou o manto e sentou-se diante dela.

- Por onde vamos começar? Por sua família milagrosamente ressuscitada?

- Eu devia estar zangada com você. Por que não me disse a verdade?

- Jamais menti a você, Lívia!

- Mas deixou que eu acreditasse que estavam todos mortos.

Ele nada disse.

— Sei por que fez isso. — continuou ela, com os olhos refletindo todo o amor que enchia seu coração. — Você queria que eu fosse sua sem os vínculos do passado.

Cedric deu de ombros.

- Que importam as razões de um escravo?

Lívia olhou-o, perplexa.

— Você não é meu escravo, Cedric.

— Você me comprou, não foi? Deu algumas moedas em troca de meu corpo. Isso me torna seu escravo... Senhora.

— Clydach e Heall não lhe explicaram o que estamos fazendo?

— Sim, explicaram. Faz bem à sua consciência libertar algumas pobres almas, o que restou de um povo orgulhoso?

— Por que está falando desse modo? — perguntou Lívia com voz entrecortada.

— Por que está me tratando como se eu fosse sua inimiga? Sou sua esposa, Cedric!

Cedric lançou-lhe um olhar tão duro que ela estremeceu.

— Minha esposa... Minha esposa não teria assumido um compromisso com outro homem sem perda de tempo. Não se me amasse sinceramente!

— Eu o amo, Cedric!

Ele fez que não a ouviu.

— Ah, sim... Tinha esquecido de que os magistrados romanos não reconhecem um matrimônio celebrado num bosque de carvalhos pelo sacerdote renegado de uma religião fora da lei. E, pelo visto, você também não! — Fitou-a com desapaixonada intensidade e então continuou: — Eu fui até o lugar combinado, Lívia. Tive de me arrastar penosamente, mas consegui chegar até o lugar onde você deveria estar à minha espera. Não encontrei ninguém. Você esperou até o fim ou refugiou-se no acampamento de Paulinus antes de a batalha terminar?

— Foi essa a conclusão que tirou?

— Que outra explicação poderia haver?

Lívia fechou os olhos, incapaz de acreditar que aquele homem frio e duro fora uma vez seu doce amor.

— Eu... Eu o vi cair. Pensei que tivesse morrido.

— Uma dedução muito conveniente para você!

Ela abriu lentamente os olhos e murmurou:

— Eu o amo, Cedric. Acredite.

Ele a fitou. Seu povo fora vencido, ele não era mais um guerreiro. Não era nada, enquanto ela tinha uma família atrás de si, a sustentá-la, uma villa esplêndida, dinheiro e posição social. O breve romance que tinham vivido acabara com a rebelião, sabia disso. Mas amava-a. Desejava-a com uma intensidade que o machucava por dentro e odiava-se por isso.

— Não precisa se esconder atrás dessas frases polidas, senhora. Se quer que eu vá para a sua cama, é só pedir!

Lívia empalideceu, mas nada disse.

— O que há, senhora? O seu educado noivo romano decepcionou-a, não a fez tão feliz na cama como seu bárbaro celta?

Lívia ergueu-se impetuosamente e, no mesmo instante, os olhos de Cedric fixaram-se em seu corpo de grávida.

— Deuses!

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Ela não o ouviu. Com as lágrimas escorrendo pelas faces, estendeu-lhe o documento que acabava de assinar.

— Você é um homem livre. Edith lhe explicará tudo depois.

— Você esta grávida...

Ela ignorou a observação e dirigiu-se para a porta.

— Não se dê mais ao trabalho de vir até aqui. Não é mais necessário. -Cedric agarrou-a rudemente pelo pulso.

— O filho é meu? — gritou ele, enterrando os dedos em seu braço. — Responda!

— Acho que isso é uma coisa que todos nós gostaríamos de saber!

Cedric voltou-se: Marcus e Lucius estavam parados no corredor. Atrás deles, olhando-os com preocupação, viu Edith e Adrianus.

— Vão embora! Todos! — gritou Cedric, esquecendo-se de onde estava.

Lucius levou a mão ao cabo da adaga, porém Marcus o deteve.

— Deixe minha filha em paz! — ordenou ele, voltando-se para Cedric.

Ele a soltou. Mas quando a viu cambalear, carregou-a para o divã e permaneceu ao seu lado. Marcus voltou a enfrentá-lo, tenso e furioso.

— Já disse para deixá-la em paz!

Dito isso, ele sentou-se ao lado da filha. Mas não havia nenhuma simpatia em sua voz quando falou:

— Lucius viu-a sair de casa, há dois dias, para ir à cabana desse homem. Por quê, Lívia?

— Eu... Eu...

— Você o conhece?

— Ele é filho de Clydach.

Lucius fitou Cedric atentamente.

— Agora me lembro... Ele estava na estrebaria na noite da revolta em Venta Icenorum.

Cedric olhou para Lucius, depois para Marcus, e disse então com voz firme:

— Sou o pai da criança. Lívia é... Era minha esposa.

Durante alguns momentos, houve silêncio. Então, quando todos começaram a falar ao mesmo tempo, uma abençoada escuridão envolveu Lívia. Ao recobrar a consciência, ela viu que Cedric tinha desaparecido.

— Para onde ele foi?

— Ordenei-lhe que se retirasse — contou Marcus asperamente. — Ele disse que quer o filho, e eu acho justo que o tenha. Dei-lhe permissão para permanecer na villa até o nascimento da criança. Quando ele a levar consigo, estaremos livres desses icênios para sempre!

Lívia empalideceu.

— Gostaria de ir para o meu quarto.

Seu pai fez um gesto vago com a mão e, então, ela correu para a porta. Encontrou Edith à sua espera, no corredor. Mal havia dado dois passos, Lucius alcançou-as.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Seu pai permitiu que esse bárbaro permanecesse aqui, e não vou interferir. — Mas, se você correr atrás dele, juro que matarei. Entendeu, Lívia?

Ela, muda, fez que sim com a cabeça, sem entender por que Lucius se preocupava tanto com aquilo. O amor que Cedric sentira por ela estava terminado. Ou, talvez, nem chegara a existir!

Depois daquele dia, Lívia não deixou mais o quarto. Decorridas duas semanas, Edith desesperou-se e foi procurar Cedric, irrompendo feito uma fúria em sua cabana.

— Que foi que você fez a ela?

Ele ignorou a pergunta e ordenou-lhe calmamente:

— Feche a porta.

— Vou arremessá-lo lá fora e deixar que congele, seu bastardo! Lívia não fala com ninguém, recusa-se a se alimentar, não quer mais sair da cama!

— Você não tem nada a ver com isso, Edith.

Ela deu um passo para frente e sacudiu-o pelos ombros.

— Lívia está morrendo por dentro, e tudo por culpa sua!

Cedric segurou-a pelos pulsos.

— Oh... Basta! Por que se importa tanto com uma romana?

— Lívia é minha amiga. Sabe o que ela fez por mim, por todos nós? Tem idéia dos riscos que ela correu para conseguir nossa liberdade, nosso bem-estar?

Edith desvencilhou-se e deixou-se cair sentada no chão, afundando o rosto nas mãos.

— Que foi que você fez com ela, Cedric?

Até aquele momento, ele se recusara a ouvir qualquer coisa que dissesse respeito a Lívia. Mas, agora, arrependia-se de sua intransigência.

— Conte-me tudo, Edith.

Quando ela deixou a cabana, Cedric pôs-se a considerar o que acabara de ouvir. A vergonha queimou-o por dentro, ao lembrar as palavras duras que havia dito a Lívia. Ela não era culpada pelo desespero em que estava mergulhado. Mas, fosse como fosse, não adiantava mais nada. O breve período de amor que haviam compartilhado estava perdido para sempre, tão morto quanto sua pátria devastada. Não havia mais nada que os ligasse agora, a não ser aquele filho que ele estava determinado a ter para si. Ele o criaria e, com o tempo, esqueceria a romana de olhos de ametista e a felicidade que havia conhecido a seu lado.

Lívia despertou com o ruído de alguém movendo-se no quarto. Virou-se cuidadosamente e abriu os olhos. Espantou-se, ao ver Cedric parado ao pé da cama.

— O que... O que você está fazendo aqui? — balbuciou ela, puxando o lençol até o queixo.

— Soube que você não está se alimentando bem.

— Saia já daqui!

— De maneira nenhuma.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

- Eu... Eu o odeio! E quero que saia já de meu quarto!
- Alimente-se primeiro — disse Cedric, passando-lhe a bandeja do café.
- "Qualquer coisa", pensou ela. "Farei qualquer coisa para livrar-me dele".
- Evitando olhá-lo, Livia pegou a bandeja e a colocou ao lado da cama.

- Pode ir agora.
- Só depois que você comer.

Vencida, ela passou uma camada de geléia na fatia de pão e pôs-se a mastigá-la lentamente. Conservava os olhos baixos, mas sentia o calor da presença de Cedric.

— Agora tome um pouco de leite. — disse ele, enchendo-lhe a taça. — E um pedacinho de queijo...

- Por que não vai embora?

Cedric não respondeu, apenas dirigiu o olhar para a camisola esticada sobre o busto cheio.

- Seus seios estão maiores...
- Vá embora! Por favor! — disse ela, com os dentes semicerrados.

Para sua surpresa, Cedric pegou a bandeja e deixou o quarto sem dizer mais nada. Quando teve certeza de que ele não voltaria, Livia saiu da cama e banhou-se. Depois, sentou-se na sua poltrona favorita e passou a manhã costurando. Mas não se surpreendeu tanto quando, ao meio-dia, a porta do quarto abriu-se e Cedric apareceu no limiar, murmurando:

- Trouxe o almoço.
- Não estou com fome. Mais tarde, se eu quiser alguma coisa, chamarei Edith.
- Edith não está. Foi para Londinium com Adrianus.
- Qual é o motivo de tudo isto? Você deixou bem claro quais são seus sentimentos a meu respeito.

Cedric encheu a taça de leite.

— Você carrega meu filho no ventre, Livia, e isso me preocupa. Quero essa criança mais do que qualquer outra coisa na vida.

Livia sentiu uma pontada no coração.

- Compreendo...

Ele deixou a bandeja ao lado dela e dirigiu-se para a porta. Antes de sair avisou-a:

- Coma. Depois eu a levarei para dar uma volta.
- Não quero sair.

No entanto, minutos depois, ela se viu, de repente, a caminhar ao lado de Cedric pelo pátio, a conversar com ele como se fosse a coisa mais natural do mundo. E chegou a sorrir, quando ele informou:

- Voltarei amanhã.

Nos dias que se seguiram, o ritual foi o mesmo. Cedric levava-lhe as refeições, levava-a para passear, fazia-lhe companhia enquanto ela costurava, mostrava-se gentil quando ela estava indisposta.

Quando Edith e Adrianus chegaram, ele recusou-se terminantemente a permitir

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

que a moça reassumisse suas tarefas. Em vista disso, o casal resolveu voltar para Londinium e iniciar os preparativos para a longa viagem rumo ao norte.

Após a partida deles, Livia perguntou a Cedric:

— Para onde exatamente vocês vão? Além de Venta Icenorum?

— Isso lhe interessa?

— Você vai levar meu filho! É natural que eu queira saber onde ele vai viver!

Ele se levantou, com a expressão fria e inflexível.

— Que diferença faz? Quando chegarmos a nosso destino, já estará a caminho de Roma... Com Lucius.

Sufocando um soluço, Livia deixou abruptamente a sala, que ele não visse seu rosto inundado de lágrimas.

Cedric avistou-a no jardim, no dia seguinte, passeando pelas alamedas cobertas de neve abraçada com Lucius. Ficou observando-a de longe por um longo momento. Ia retirar-se para o alojamento quando a viu deslizar no gelo escorregadio e perder o equilíbrio. Movido por incontável impulso, correu para junto dela e a ergueu nos braços de um só golpe.

— Largue-a — gritou Lucius, furioso.

— Por que não cuida melhor dela?

— Ora, seu...

Cedric deu-lhe as costas com desprezo e dirigiu-se para a villa com sua preciosa carga. Uma vez no quarto de Livia, ele a depositou gentilmente na cama e retirou-lhe o manto.

— Você está bem? — perguntou ansioso.

— Sim, estou.

— E o bebê?

— Também. Veja, ele esta se mexendo — disse ela, fazendo-o tocar-lhe o ventre.

Cedric sorriu.

— É assim o tempo todo?

— Não. Às vezes, ele fica muito impaciente.

— Não tinha idéia... — Olhou-a com ternura, depois inclinou-se para a frente e beijou-lhe o ventre...

E foi assim que Lucius os encontrou. Então, soltando um rugido de animal, o tribuno atirou-se sobre Cedric e começou a golpeá-lo desvairadamente.

Um medo gelado apertava-lhe o coração, e Livia gritou:

— Parem! Por favor!

Seus gritos atraíram Augusta, que perdeu a paciência ao ver os dois homens engalfinhados.

— Aqui não é nenhuma arena! Não vou tolerar esse tipo de conduta dentro de minha casa. Saiam os dois!

Depois, voltando-se para a filha, afagou-lhe os cabelos, murmurando:

— Querida... Sinto muito. Vou falar com seu pai a esse respeito.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Não foi culpa de Cedric — soluçou ela. — Lucius atacou primeiro.

— Não se aborreça mais. Logo, tudo estará terminado.

— E quando ele for embora, eu não o verei nunca mais! Oh, mamãe... Como irei suportar isso?

Augusta não respondeu e embalou-a até vê-la adormecida. Quanto mais ela pensava no assunto, mais se convencida de que haviam tomado a decisão errada. Mas seu marido recusava-se a ouvir qualquer proposta em contrário.

Cedric deixou de ir à villa por alguns dias. Mas a imagem de Lívia não saía de sua mente. Tinha de permanecer ao lado dela. Caso contrário, enlouqueceria. E assim, nas seis semanas que se seguiram, aproveitando a ausência de Lucius, ele não a deixou um só instante.

Mas, à medida que seu corpo lentamente se transformava, ela parecia distanciar-se cada vez mais do mundo que a rodeava. Por vezes, ele a via tomar uma expressão perdida e desesperada que o preocupava. Nessas ocasiões, retirava-se discretamente, percebendo que sua presença não era bem-vinda.

Certa tarde em que a encontrou mais nervosa do que de costume, observou calmamente:

— Sinto que minha presença aqui não tem propósito.

— Então saia! — disse ela, incapaz de controlar sua irritação. — Saia já. Não estou implorando que fique!

Atônito, diante daquela explosão inesperada, Cedric murmurou:

— Não quis ofendê-la.

— A única coisa que lhe interessa é a criança, sei disso. — Continuou ela, exaltada. — Meus sentimentos não contam nem um pouco!

— Acho que você deve descansar...

— Estou cansada de ouvir você dizer o que devo fazer! Oh!... — Ela empalideceu e agarrou-se com as duas mãos ao espaldar da cadeira.

Cedric correu para ela.

— Lívia! O quê...

— O bebê... Oh, Juno... Acho que ele está chegando. Ele a tomou nos braços e a depositou na cama.

— Vou chamar sua mãe.

— Clydach... — disse ela, ofegante. — Traga Clydach.

Cedric correu para fora do quarto e, instantes depois, voltava com Augusta e Clydach.

— Espere lá fora. - Ordenou-lhe o pai.

— Mas Lívia...

— Ela não precisa de você. Aproveite e vá avisar Heall.

Clydach fechou a porta e caminhou para Lívia.

— Então, resolveu presentear-me com um neto?

— Oh, Clydach... Não sei o que fazer.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Não há muito o que fazer. Tudo vai acontecer naturalmente. Relaxe e faça o que seu corpo lhe ordenar.

Quando Cedric e Heall chegaram à villa, encontraram Marcus no vestíbulo. Depois de cumprimentá-los, ele propôs:

— Por esta noite, vamos esquecer nossas diferenças e esperar juntos a chegada de meu primeiro neto.

— Um neto que irá afastar de seu convívio. - Observou Cedric mordazmente.

Marcus encolheu significativamente os ombros e acompanhou-os até a sala.

— Sentem-se. - Disse ele indicando o divã com um gesto. - Teremos uma noite longa a nossa frente.

— Lucius não foi avisado?

— Não teria propósito. Lucius não tem nada a ver com isso.

— Lívia não será feliz ao lado dele.

— Ela aprenderá a ser feliz e vai sê-lo. Irá morar em Roma, numa villa suntuosa, com todo conforto. Você poderia oferecer-lhe isso?

Cedric esboçou um sorriso irônico.

— Não tenho a intenção de levar sua filha comigo.

— Estou quase acreditando em você.

Marcus voltou-se para Heall.

— Você não diz nada?

— Não tenho nada a dizer.

Marcus pareceu satisfeito com a resposta e abriu uma ânfora de vinho. Quando Augusta desceu, encontrou os três bebendo e conversando.

— Desculpe interrompê-los. Mas Lívia gostaria que Cedric estivesse presente no momento do nascimento de seu filho.

Cedric assentiu e levantou-se imediatamente, seguindo-a até o andar superior. Ao entrar no quarto, seu pai ordenou:

— Fique junto a cabeceira de Lívia e sustente-a quando eu mandar.

Nesse instante, Lívia, cansada pelas contrações que se seguiam a intervalos curtos, acenou com a cabeça.

— Agora! - Gritou Clydach.

Quando o espasmo cessou, ele disse num tom encorajador:

— Ótimo, Lívia. Está quase acabado.

Mal tinha terminado de falar, um novo espasmo sacudiu-a, transformando seus gemidos num grito de agonia.

Clydach inclinou-se para ela e, instantes depois anunciava:

— Menino! Você tem um filho, Cedric!

Com as lágrimas escorrendo pelas faces, Cedric inclinou-se para Lívia e murmurou:

— Ouviu, coração? Temos um filho.

Ela sorriu debilmente.

- Já escolheu o nome?
- Artair. - Disse ela sem hesitar.

No dia seguinte, Edith voltou de Londinium para reassumir suas funções e, depois disso, Cedric foi impedido de entrar na villa. Lívia desesperava-se: se fora uma tortura vê-lo todos os dias, tortura maior era não vê-lo de vez.

— Por favor, não se aflija tanto. - Implorou-lhe a amiga certa noite. - Você sabe que é inútil.

Cedric não voltaria mais... Longos soluços abafados sacudiram Lívia tão profundamente que ela imaginava estar gritando. Afinal, esgotada a emoção, ela lamentou aquela fraqueza e retomou a posse da vontade.

Quando Lucius voltou, quatro semanas após o nascimento da criança, encontrou-a quase serena. Mas quando ele anunciou que o navio que os levaria a Roma aportaria dali a três semanas, ela não pode impedir que lágrimas lhe subissem aos olhos.

— Tão cedo? Não posso partir ainda. Artair é tão pequeno...

— Já avisei aquele rebelde que procurasse uma ama-de-leite para a criança. - Foi a resposta fria de Lucius.

Em vista disso, Lívia resolveu procurar Cedric às escondidas e implorar-lhe que a levasse com ele para o norte. Mas, quando pôde deixar o leito, soube que seu pai havia postado guardas no jardim para assegurar-se de que nem ela nem Cedric desobedecessem suas ordens.

Uma semana antes de sua partida, Edith foi buscar o pequeno Artair. Cedric encontrara uma ama-de-leite e reclamava a posse do filho.

Lívia mergulhou no vazo final do desespero: o filho que dera à luz ia ser levado para longe dela. Estava tudo acabado. Acabados os sonhos e as esperanças de vê-lo crescer ao seu lado. Não o veria nunca mais.

Depois disso, ela caiu numa apatia de que ninguém, salvo Augusta, parecia dar-se conta. À véspera de sua partida para Roma, Clydach foi vê-la, e seu coração oprimiu-se ao encontrá-la tão acabrunhada, tão prostrada.

— Lívia...

— Veio dizer-me adeus? - Perguntou ela com um pálido sorriso.

— Sim. Vou sentir muito a sua falta.

— É bom ouvir isso... Como está Artair?

— Está bem.

— Preciso pedir-lhe, um favor.

— Não peça nada, Lívia. Cedric não a levará para o norte.

— Eu sei. Meu pedido é bem mais simples: quero ver Artair pela última vez.

— Lívia...

— Não me negue isso — disse ela, agarrando-lhe o braço com força. — É uma coisa tão pequena... Não acredito que Cedric vá recusar.

Clydach assentiu lentamente, comovido por seu rosto entristecido.

— Vou falar com Cedric. Se ele concordar, mandarei alguém avisá-la.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

Lívia deixou-lhe o braço, caminhou até a balaustrada da colunata que rodeava a villa e ali permaneceu, imersa em pensamentos silenciosos. Clydach observou-a durante alguns minutos e depois afastou-se abanando a cabeça.

A resposta de Cedric chegou no final da tarde, por meio de um bilhete que Adrianus foi encarregado de levar. Nele havia o endereço de uma casa desocupada, situada a pequena distância do cais, onde, na manhã seguinte, Lívia poderia encontrar Artair. Ela o decorou e depois queimou o papel no braseiro.

O maior suplício foi a noite passar tão lentamente. Quando amanheceu, dirigiu-se para a casa de banhos. Enquanto permanecia no tepidarium, recordou o banho que compartilhara com Cedric, e essa lembrança deu-lhe um pouco de paz. De volta ao quarto, vestiu seu mais fino peplo e, com a ajuda da serva de Cláudia, penteou os cabelos em duas tranças que prendeu artisticamente no alto da cabeça.

A seguir, desceu para tomar a refeição matinal em companhia de sua família. Quando Cláudia deixou a sala, ela voltou-se para o pai:

— Tenho um compromisso em Londinium. Se não tiver nada em contrário, irei na frente e me reunirei a vocês no cais.

Marcus preocupou-se.

— Que compromisso é esse?

— Vou ver Artair pela última vez. Mas não se preocupe. Estarei no cais na hora combinada.

Descontente, seu pai perguntou-lhe:

— Com quem vai?

— Sozinha. — Ela lançou um olhar implorante à mãe. — Por favor...

— Então leve um empregado com você — disse Augusta, sufocando um soluço.

— Como quiser.

Meia hora depois, Lívia chegava ao lugar combinado. Assim que ela saltou da carreta, a porta da pequena casa abriu-se e Adrianus e Edith saíram do interior para recebê-la.

— Falaremos depois — disse-lhe a amiga, enquanto a abraçava. — Sei que está ansiosa para ver Artair.

Ela entrou e abaixou o capuz do manto. Quando seus olhos se ajustaram à obscuridade, viu seu filho deitado numa cesta colocada no centro da sala vazia. Sorrindo, ajoelhou-se diante dele e o tomou nos braços.

— Artair, meu filho... Como você cresceu!

Oculto nas sombras do quarto ao lado, Cedric observou-a brincar com a criança. Dois meses se passaram desde a última vez em que a vira, e ela nunca lhe parecera tão linda quanto naquele momento. Seu ar frágil dava-lhe vontade de tomá-la nos braços e embalá-la. Mas não teria propósito. Lívia partiria dali a algumas horas, e ele também. O destino os unira por um breve período de tempo e depois os separara. Ninguém podia mudar a vontade dos deuses.

Nesse instante, ela ergueu a cabeça e seus olhos se encontraram. Ela não pareceu surpresa. Mas apertou Artair contra o peito como se tivesse receio de que ele

o levasse embora.

— Bom-dia, senhora.

Lívia levantou-se e esboçou um leve sorriso.

— Bom-dia, Cedric. Obrigada por me deixar ver Artair.

— Você é a mãe dele.

— Sim, eu sei. Você lhe falará de mim quando ele tiver idade para entender?

A pergunta tomou-o de surpresa.

— Não tinha pensado nisso.

— Diga-lhe que morri. Por favor, não o deixe nunca saber que o abandonei!

Ele estremeceu ao ouvir aquelas palavras tão cheias de desespero.

— Pelos deuses, Lívia...

— Lucius nunca irá permitir que eu volte à Britânia. Por isso eu lhe imploro que diga a Artair que eu o amava muito.

— Está bem... — murmurou ele com voz quase inaudível. Ela o olhou com profunda tristeza.

— Sabe que enfaixaram meus seios quando você levou Artair embora? Não tenho mais leite. Assim, ainda que você concordasse em me levar como ama dele, eu não poderia amamentá-lo.

Cedric fechou os olhos, sentindo como se martelos de fogo lhe batessem no peito.

— Não diga mais nada, Lívia.

Ela tornou a olhar o homem que fora seu mundo e caminhou lentamente para ele.

— Pensei muito em nós, Cedric, procurando entender por que as coisas chegaram até esse ponto. Se os icênios tivessem vencido, você teria me rejeitado?

Ele abriu os olhos.

— Não.

— E se me tivesse encontrado na colina, no lugar combinado? Ele abanou a cabeça, sem falar.

— Então, por que me rejeita agora? Por quê?

— Seu pai...

— Você não tem medo de meu pai nem de suas ameaças!

Ficaram muito tempo silenciosos. Por fim, ela disse, espantada.

— Mas, então, o que tivemos um pelo outro... Foi inútil? O amor que você sentia por mim era mentira?

Cedric puxou-a para si e a beijou levemente na testa.

— Não era mentira. Mas olhe bem para mim, Lívia: eu era um guerreiro, e o que sou agora? Um escravo liberto! Minha aldeia não existe mais, minha nação não existe mais. Tudo o que eu tenho é meu filho e o meu orgulho. Pode entender isso?

— Não!

— Eu poderia levá-la para longe daqui, para um lugar onde nem seu pai nem Lucius a achariam. Mas de que adiantaria? Não tenho nada para lhe oferecer.

— Será que não entende? — gritou ela. — Eu preciso apenas de você! Leve-me

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

com você! Eu lhe suplico, meu amor, não mande embora.

Cedric contraiu os maxilares e murmurou:

— Não posso.

— Então, está tudo acabado?

Ele ficou calado. Sem dizer palavra, Lívia afastou-se com o filho para um canto da sala e ali ficou a embalá-lo e a murmurar-lhe palavras de carinho.

Cedric ficou parado no meio da sala, com o coração oprimido pela dor. Decorridos alguns minutos, caminhou para ela.

— Está na hora, Lívia.

Ela depositou o filho na cesta e levantou-se lentamente. Com os braços caídos, as mãos juntas, ergueu os olhos úmidos.

— Não vai me dar um beijo de despedida?

— Está querendo ver meu coração sangrar?

— E o meu? Não vê que estou morrendo por dentro? Morrendo...

Ele se esqueceu de tudo. E, no ardor de seu amor perdido, abraçou-a fortemente e cobriu-a de beijos. Depois, soltou-a bruscamente.

— Vá, agora.

Lívia ergueu o capuz e ajeitou o manto em volta dos ombros. Depois, sentindo que tudo estava acabado, caminhou lentamente para a porta, onde Adrianus e Edith estavam a sua espera.

— Sejam felizes — disse aos amigos.

Eles acompanharam-na até a carreta. Quando a viu acomodada, Adrianus deixou cair alguma coisa no seu colo.

— Não é um presente próprio para uma senhora. Mas poderá lhe ser útil um dia.

Lívia baixou os olhos. No seu colo havia uma adaga embainhada que ela tomou nas mãos e examinou.

— É a mesma que me deu em Camulodunum?

Adrianus assentiu.

— Obrigada. Você é um grande amigo.

O empregado afrouxou as rédeas dos cavalos, e a carreta lançou-se para frente. Minutos depois estacionava no cais. Como num sonho, Lívia viu Lucius aproximar-se dela e então conduzi-la para a alta prancha de embarque, onde seus pais a aguardavam.

Quando o capitão deu o sinal de partida, ela abraçou Marcus, dizendo:

— Eu o amo, pai.

— Fique descansada, querida. Logo estarei em Roma com vocês. Lívia não disse mais uma palavra. Ficou olhando seu pai descer a prancha e então voltou-se para Lucius.

— Estou cansada. Gostaria de ir para o meu camarote.

— Naturalmente, meu amor. Sua mãe disse que você não dormiu muito bem esta noite.

Sozinha no amplo camarote que ia dividir com Cláudia, ela tirou o manto e

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

caminhou até a vigia. A multidão ainda se comprimia no cais para assistir à partida do navio. Aguardou um momento, até ver o porto ficar lentamente para trás, e então retirou os grampos e os pentes que prendiam seus cabelos, deixando a pesada massa tombar sobre seus ombros.

Estava indo para Roma. Nunca mais voltaria à Britânia. Sabia que Lucius se valeria de qualquer pretexto para mantê-la longe de sua amada ilha. Teve um momento de desespero, mas, quando seus olhos se fixaram na adaga de Adrianus, a serenidade que sentira no banho, naquela manhã, retornou. Desprendeu-a da bainha e, com ela entre as mãos, contemplou-a por algum tempo. Não tivera coragem de usá-la na primeira vez, mas, agora, não tinha outro recurso.

Não haveria loucura naquele ato, o suicídio era uma morte honrosa. Os deuses iriam purificá-la porque sabiam que tinha de pôr um fim à agonia que a consumia lentamente. E Cedric estaria dizendo a verdade a Artair quando lhe contasse que sua mãe estava morta.

Ofereceu uma prece final a Juno, para que guiasse sua mão, e então virou a lâmina para baixo e deixou-a cair sobre seu pulso esquerdo.

Cedric nunca soube explicar o impulso que o levou a acompanhar Edith e Adrianus até o cais.

Quando chegaram, a galera, livre das amarras, estava sendo impulsionada para o meio do rio. Ele fitou a embarcação que se afastava lentamente, com os olhos ardendo. Lívia estava partindo... Podia ter evitado que isso acontecesse, simplesmente ignorando as ordens do pai dela e levando-a para o norte. Mas, por causa de seu orgulho, um orgulho tolo e fora de propósito, deixará-a ir embora para sempre.

— Oh, deuses... — murmurou, enquanto as imagens daquela despedida dolorosa repassava-lhe nos olhos. — Que fui fazer?

— Olhe, Cedric!

Edith apertou-lhe o braço, e ele olhou para o lugar indicado. A galera mudava lentamente de rumo para voltar ao cais. Teve um mau pressentimento. Não devia ser por um bom motivo.

Quando a embarcação estava a pouca distancia, ouviu o capitão gritar:

— Encostem a prancha de desembarque! Temos um ferido a bordo.

Vislumbrou Augusta e Cláudia na balaustrada do convés e, atrás delas, na sombra, Lucius. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, a galera atracou e, estarrecido, ele viu o tribuno descer a prancha com Lívia nos braços.

Os cabelos dela, soltos, caíam numa cascata que brilhava ao sol. O peplo branco estava manchado de vermelho, assim como as ataduras que lhe envolviam os pulsos frágeis.

— Ela precisa de um médico — ouviu Lucius dizer a Marcus, que correra a seu encontro.

Num movimento instintivo, abriu caminho por entre a multidão, avançou para o tribuno e arrebatou-lhe Lívia dos braços.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Vá buscar meu pai! — gritou a Adrianus, sabendo que Clydach e Heall já estavam na casa do cais, aguardando o momento da partida.

Em meio à confusão que se seguiu, ele ouvia Marcus pedir um médico romano em altos brados, Augusta implorar para que levassem sua filha à villa, Lucius ameaçá-lo. Mas permaneceu imóvel, fitando com ar perdido a mancha rubra que coloria as ataduras.

"O sangue de Livia", pensou. "Ela quis morrer". Sentiu que sua cabeça ia ficando vazia, vazia... De repente, como num passe de mágica, Clydach estava diante dele, rasgando tiras de sua própria túnica para atar mais fortemente os pulsos de Livia.

— Graças aos deuses! — suspirou.

Quando Marcus quis tomá-la de seus braços, apertou-a fortemente contra si, gritando:

— Nunca mais tomará Livia de mim! Nunca mais!

Ficou com ela durante a viagem à villa e manteve-a tão próxima de si que podia ouvir-lhe as débeis batidas do coração. Permaneceu no quarto dela enquanto Clydach e Marcus discutiam.

— Não podemos esperar mais — insistia seu pai. — Os pulsos de Livia devem ser fechados imediatamente.

— Não por você! — diria Marcus teimosamente. — Ela é romana!

Cedric perdeu a paciência. Avançou para Marcus, dominando com a sua estatura, e disse entre os dentes:

— Livia morrerá, se não agirmos depressa. Faça o que deve ser feito, pai. Matarei quem interferir!

Quando a porta se fechou atrás de Marcus, Clydach não perdeu tempo: tirou as ataduras que envolviam o pulso de Livia e cauterizou o ferimento com uma barra em brasa.

Durante o processo, ele manteve os olhos fixos no rosto dela. As têmporas haviam recuperado um pouco de cor, mas ela permanecia inconsciente. E assim continuou até o cair da tarde, quando Clydach o empurrou para a porta.

— Desça e vá esperar lá embaixo.

Ao entrar na sala, ouviu Lucius dizer:

— Não entendo por que ela fez isso.

— Não entende? — perguntou Heall, levantando-se de um pulo. — Ainda diz que não entende, depois de tudo o que aconteceu?

Cedric caminhou para ele e tomou-lhe a mão.

— Meu amigo, você não tem o direito...

— E você? — trovejou Heall, fitando-o nos olhos. — Será que a conhecia tão pouco que não percebeu o que significava para ela a perda do filho?

— Mas eu...

— Você fez o jogo deles, encurralou-a, não lhe deixou alternativa senão atentar contra a própria vida!

— Cedric nada tem a ver com isso — disse Augusta friamente. — A decisão foi

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

nossa. Fizemos o que achamos melhor para Livia.

Heall voltou-se para ela feito uma fúria.

— Exatamente como fez há dezoito anos! Ficou com minha filha, prometeu amá-la e protegê-la e veja o que aconteceu!

— Você jurou... — murmurou Augusta.

— Jurei nunca interferir — continuou Heall. — Jurei afastar-me da vida dela para que você a criasse à sua maneira. Fui embora e dediquei-me a meu próprio filho, mas nunca deixei de pensar em minha filha. A filha que concebi e que você tirou de mim!

De repente, tudo ficou claro para Cedric. A profunda afeição que Heall dedicava a Livia, o dote que lhe havia dado, os riscos que correria com Artair para protegê-la. Os sinais eram evidentes, mas ele estivera cego demais, para enxergá-los.

— Livia pode ter sido concebida por você — emendou Marcus. — Mas é minha filha!

— Então, por que a tratou desse modo? Era melhor que a tivesse deixado comigo!

Lucius olhava de um para o outro com ar perplexo.

— Livia é filha... Dele? — perguntou, apontando para Heall — E iam permitir que eu me casasse com ela sem me revelar a verdade?

Sua expressão de menosprezo irritou Cedric.

— Que diferença faz? — disse ele. — Livia continua a mesma de ontem ou de seis meses atrás.

O tribuno sorriu friamente.

— Faz muita diferença, bretão. Minha família descende de César, não vou permitir que a pureza da linhagem seja corrompida por...

Lucius não chegou a terminar a frase. O punho de Cedric atingiu-o no queixo e o jogou por terra. Quando ele quis se levantar, viu a fúria espelhada nos olhos do bretão e permaneceu onde estava, massageando o queixo dolorido.

— Não entendo por que você se ofendeu tanto. Esquece-se de que também você a rejeitou?

O rosto de Cedric anuviou-se. Naquele instante, ele não sabia se odiava o tribuno ou a si próprio. Mas disse calmamente:

— Está enganado, romano. Nunca deixei de querer Livia. — Virando-se para Marcus e Augusta, acrescentou: — Quando for embora, minha mulher irá comigo.

— Seu casamento não é válido! — disse Marcus impetuosamente. — Não vou permitir...

Cedric lançou-lhe um olhar duro.

— Eu levarei Livia comigo. Nada mudará esta minha decisão. — Ele saiu da sala abruptamente. Quando abriu a porta do quarto de Livia, ocorreu-lhe que era dia primeiro de maio. Beltane.

A luz que se filtrava pelas folhas do carvalho sagrado caía sobre os ombros, o

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

pescoço e o colo alvo da jovem ajoelhada junto ao arroio, envolvendo-a toda em dourada opalescência.

Ela estava com os braços mergulhados na água fresca, e os luminosos reflexos de tons rosados desciam-lhe ao longo dos pulsos. Parecia distraída. Mas, quando uma corça e sua cria aproximaram-se cautelosamente da margem relvosa, estendeu impulsivamente as mãos transbordantes e deu-lhes de beber.

Depois, ao sentir o contato macio do focinho dos animais, riu com a cabeça tombada para trás e, sob a carícia do sol, seus cabelos vermelho-dourados pareceram feitos de luz.

O homem que a observava, oculto pelos ramos das árvores, saiu das sombras e aproximou-se com o andar furtivo que herdara do pai. A jovem não o pressentiu até o instante em que ele mergulhou os dedos na massa de seus cabelos. Voltou-se então e começou a sorrir, murmurando com voz suave e musical:

— Bretão...

— Romana — disse Cedric, sentando-se ao lado dela. — É bom ouvir você rir de novo.

Lívia puxou a manga da estola para esconder os pulsos ainda envoltos em ataduras e o fitou.

— Sabe que Lucius partiu?

— Sim, eu sei. Tenho espiões que me mantêm informado de tudo.

— E eu sei quem são: seu pai... e o meu.

Cedric a fitou atentamente.

— Ficou frustrada quando soube que Heall é o seu verdadeiro pai?

— Não. Agora eu entendo qual é a origem da minha rebeldia.

— Isso me alegra — disse ele com brandura.

Lívia olhou-o com gratidão.

— Obrigada por ter me devolvido Artair. Isso me restituiu a paz.

Uma sombra velou os olhos de Cedric. Aquelas palavras lembraram-no do momento em que ela abria os olhos, após permanecer dias entre a vida e a morte, e lhe pedira: "Quero apenas um pouco de paz".

A partir de então, ele passara a levar-lhe Artair todos os dias, e ela começara a recobrar o gosto pela vida.

— Que pretende fazer de seu futuro?

— Ainda não sei.

— Tenho uma sugestão a fazer, agora que seus pais permitiram que você tome suas próprias decisões.

Lívia baixou os olhos. Vira Cedric poucas vezes durante sua convalescença. Nessas ocasiões, ele havia sido gentil, mas distante, quase um estranho. Tomara-se aparente que sentia somente pena dela.

— Agradeço qualquer conselho.

— Você... Dá muito valor a este lugar?

Ela considerou a pergunta por alguns instantes e depois respondeu tranqüila e

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

francamente;

— Se está querendo saber se sou apegada a esta villa e a Londinium, a resposta é não.

— O norte da ilha é pouco habitado e muito frio no inverno. Mas uma cabana bem construída pode oferecer calor e conforto.

Uma leve esperança cresceu no coração de Livia. Mas ela nada disse, apenas esperou, calmamente, que Cedric continuasse. Ele prosseguiu, com voz ansiosa:

— Não acredito que Paulinus vá levar sua vingança tão longe. Desse modo, seria mais seguro assentar bases no norte.

Seus olhos se encontraram e se prenderam por longo tempo.

— Segurança... Paz, isso é tudo de que precisamos. Quero que venha comigo, Livia.

— Está me propondo isso apenas porque tem pena de mim?

Cedric começou a sorrir, um sorriso que lhe iluminou os olhos.

— Oh, meu coração... Pena?

Ele inclinou a cabeça dela para trás e a beijou longamente.

— Eu a amo, Livia. E quero que venha comigo. Fui um doido em pensar que podia deixá-la ir embora, e um doido ainda maior em pensar que eu estava acabado só porque a rebelião fracassou. Meu orgulho quase nos destruiu, e peço que me perdoe pelas coisas duras que disse. Mas saiba que eu nunca deixei de amá-la. Acredite em mim.

— Cedric...

— Seja novamente minha mulher. Faça com que eu volte a me sentir inteiro.

Livia fechou os olhos por um momento, sentindo-se envolta numa indizível exaltação.

— Cedric... Eu o amo mais do que a própria vida.

Ele sentiu-se forte e capaz, como se suas raízes comesçassem a se cravar bem no fundo da terra. Ergueu-se e deu-lhe a mão.

— Feiticeira... Esperei demais.

— Eu também.

Tomaram a beijar-se, demoradamente. Quando se separaram, ouviram um pequeno grito que vinha de uma cesta colocada a pouca distância dali. Era Artair que acabava de acordar. Sorriram um para o outro e permaneceram ainda um momento de mãos dadas, antes de caminharem para seu filho.

EPÍLOGO

Oitenta homens, fortemente armados, marchavam ao longo da trilha que serpenteava pela floresta. Todos usavam, elmos e couraças. Tal precaução era necessária, a região que atravessavam era ainda hostil aos romanos. No sul, de onde vinham, o território icênio, que se recuperava lentamente da devastação ordenada pelo antigo governador geral, Suetonius Paulinus, era protegido por um sem-número de fortes. E os celtas que ali haviam se estabelecido permaneciam sob a vigilância constante dos militares. A memória romana era boa: não esquecia tão facilmente que eles haviam iniciado a revolta que quase livrara a Britânia da tutela de Roma.

Mas o sucessor de Paulinus, Pretronus Terpilianus, havia decretado que os dias de vingança estavam terminados. Para ser útil ao império, a Britânia tinha de exportar seus produtos, e isso não podia ser feito enquanto perdurasse um estado de guerra não-declarada. Terpilianus queria a paz, não só com os povos conquistados, mas também com os esquivos guerrilheiros rebeldes que ainda assolavam a região.

Agora, quinze anos após a revolta, uma trégua precária pairava por toda a ilha. Verulamium e Lindum estavam sendo reconstruídas, embora Venta Icenorum, foco inicial da revolta, não tivesse tido o mesmo destino e permanecesse o amontoado de escombros a que Paulinus a reduzira.

No entanto, não era isso o que preocupava os legionários naquele momento. Sua inquietação limitava-se às florestas que atravessavam, intermináveis e densas, barrando a luz do sol. Arregalavam os olhos, na tentativa de perscrutar as sombras, de onde vinha o inquietante som de sussurros. Tinham a impressão de que centenas de olhos hostis espionavam-nos através das folhagens cerradas e de que centenas de criaturas amoitadas aprontavam-se para saltar sobre eles a qualquer momento.

Lembravam-se das histórias que envolviam patrulhas desaparecidas sem deixar traço e murmuravam, descontentes. Por que tinham de ir tão longe para comprar quarenta cavalos, quando havia montarias à vontade nas zonas pacificadas pelos romanos? A paz podia existir nos relatórios que Terpilianus enviava a Roma. Mas ali, na Britânia, nenhum romano ousava viajar desarmado através do país.

O centurião que assumira o comando da tropa não desconhecia o temor que seus homens experimentavam. Ele próprio tinha a impressão de ouvir ruídos que não eram do vento perpassando pelas folhagens. Mas seguia em frente, sem aparentar temor, para dar o exemplo.

Porém, ao chegar no limiar de uma ampla clareira, estacou, incapaz de acreditar em seus olhos: diante dele erguia-se uma praça fortificada dotada de torres de vigia e protegida por uma paliçada, através da qual podiam-se entrever vastos campos cultivados e currais repletos de carneiros, gado e cavalos. Os grossos troncos que formavam a estacada defensiva tinham extremidades aguçadas, capazes de empalar o

temerário que ousasse escalá-la.

Estava perplexo. Esperava encontrar mais uma série de cabanas rústicas, e não aquela construção sólida e bem protegida. E foi com uma certa dose de nervosismo que deu ordem a seus homens para transporem a rampa de acesso ao portão, aberto de par em par, o que fazia supor que seriam bem-vindos. No entanto, por medida de prudência, ordenou também que desembainhassem suas adagas: não queria ser colhido de surpresa.

A medida que seguia pelas ruas daquela curiosa cidadela, experimentou uma sensação de familiaridade, como se já houvesse estado ali antes. E, de repente, compreendeu: o lugar assemelhava-se em tudo a um próspero campo legionário.

Tirou o elmo, fez um gesto a seus homens para que ficassem ali e seguiu por uma rua paralela à paliçada. Risos infantis e trechos de conversa chegaram até ele. O lugar não estava deserto, mas por que ainda não vira ninguém? Subitamente, como em resposta à sua muda interrogação, uma mulher com uma criança no colo dobrou a esquina. Ao vê-lo, ela colocou a criança no chão e foi ao seu encontro.

Quando chegou mais perto, disse com voz melodiosa e educada:

— Eu o saúdo, centurião.

— Salve — respondeu ele, à moda romana, e depois a olhou com curiosidade. — A senhora fala latim...

— Sim, falo — disse a mulher, erguendo os luminosos olhos cor de ametista. — Mas em que posso servi-lo, centurião?

— Viemos comprar cavalos.

— Vai ter de esperar meu marido e Adrianus. São eles que tratam disso.

Enquanto ele a observava, a jovem mulher fez um sinal com a mão e, no mesmo instante, a rua encheu-se de gente.

— Não vai precisar usar suas armas, centurião. Nenhum perigo os ameaça.

Ela voltou a sorrir, um sorriso amistoso que dissipou nele os últimos receios, e disse:

— Sou Livia. Venha, quero apresentá-lo a pessoas de minha estima.

O centurião seguiu-a e cumprimentou dois homens de idade, de rostos enrugados e cabelos grisalhos, e uma jovem mulher que aparentava ter a mesma idade de Livia.

— Quase não aparecem legionários por aqui — disse-lhe a mulher que lhe foi apresentada como Edith. — As crianças ficaram curiosas.

As crianças, que haviam rodeado os soldados da infantaria, falavam também latim e, quando ele comentou o fato, Livia riu:

— Aqui, quase todos falam as duas línguas.

O centurião fitou-a atentamente.

— A senhora não é celta.

— Mas eu sou, centurião... E também romana. Afinal, romana ou celta, que importa? Somos parte de um mesmo todo.

Ele assentiu e retirou alguns rolos de pergaminho lacrado do interior de uma

bolsa de couro, que passou à mão dela.

— São para Livia Basilius.

— Obrigada, centurião.

A surpresa dele não teve limites.

— A senhora é Livia Basilius? A filha... A filha de Marcus Basilius, o mercador?

Calmamente, ela fez com a cabeça um sinal afirmativo, mas não se deu ao trabalho de esclarecê-lo. Sua atenção estava concentrada no portão, onde uma coluna de homens acabava de aparecer.

— Aí vem meu marido — ouviu-a dizer, e em sua voz havia uma espécie de orgulho.

O centurião voltou-se e viu dois homens no comando. Eram ambos grandes e vigorosos, mas um deles claudicava ligeiramente. Ele se lembrou da sensação que experimentara no interior da floresta e percebeu que haviam sido vigiados o tempo todo. Felizmente, eram gente pacífica. Nenhum deles carregava qualquer tipo de arma.

Quando a coluna se dispersou, os dois líderes, acompanhados de um rapaz alto, aproximaram-se deles.

— Sou Adrianus — disse um deles, inclinando-se para beijar Edith. — Deve ter vindo por causa dos cavalos, não é, centurião?

— Exatamente.

Livia fez um gesto indicando o homem e o rapaz alto que estava a seu lado.

— Centurião, permita que lhe apresente meu marido Cedric e meu filho Artair.

Dito isso, ela passou o braço pelo de Edith.

— Venha, vamos deixar que os homens tratem de seus negócios.

Naquela noite, quando Cedric entrou no quarto, Livia olhou-o com ar preocupado.

— Por que demorou tanto, amor?

— Estive ocupado.

— Escondeu as armas?

— Claro, coração. Artair me ajudou — disse ele, sentando-se na cama, ao lado dela. — Quer que lhe escove os cabelos?

— Gostaria muito. Mas antes preciso ver como estão as crianças.

— Estão dormindo.

— Às seis? Inacreditável.

— A excitação cansou-as. — Cedric fitou-a com olhos subitamente sérios. — Que diz Marcus nas cartas?

— Ele quer nos ver.

— Nós... Ou você?

— Toda a família, desta vez — disse Livia com firmeza. — Se não acredita em mim, leia a carta.

— Então, os deuses realizaram um milagre! Que mais ele disse?

— Lucius e Cláudia tiveram outro filho... O oitavo. — Ela o olhou com malícia. — Acho que ficamos para trás, meu amor.

Lynn Bartlett

Domínio dos Deuses

— Venha cá, sua pequena feiticeira que não sabe me respeitar. Deixe que lhe prove que não ficamos absolutamente para trás!

Quando ela conseguiu respirar de novo, depois de um beijo ardente e sensual, murmurou-lhe ao ouvido:

— Alice tem quase três anos, meu amor. Não acha que está na hora de lhe darmos uma companheira de jogos?

Voltou a puxá-la para si

— Talvez... — sussurrou, pondo-se a beijá-la apaixonadamente.

*** Fim ****